

BESTSELLER INTERNACIONAL
MELHOR THRILLER DA AMAZON

A
MINHA
ADORÁVEL
ESPOSA

«Uma estreia obscura
e irresistível.»

PEOPLE

SAMANTHA
DOWNING

SUMA



Índice

1. Capa
2. Créditos
3. A Minha Adorável Esposa
4. Epílogo
5. Sobre este livro
6. Sobre Samantha Downing



Edição em formato digital: janeiro de 2022

A MINHA ADORÁVEL ESPOSA

Título original: *My Lovely Wife*

© 2019, Samantha Downing

Esta edição foi publicada por acordo com Berkley,
uma chancela de Penguin Publishing Group,
uma divisão de Penguin Random House LLC

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução total ou parcial em qualquer formato

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é mera coincidência

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Ester Cortegano

Revisão: Isabel Andrade

Capa: adaptação de Wonder Studio sobre *design* de Emily Osborne e Anthony Ramondo

Ilustração da capa © Oksana_Bondar/ISTock; Alexa Kan/Arcangel

Composição digital: **Simon and Sons ITES Services Private Limited**

Composição digital PRHGEP: Luís Gomes

ISBN: 978-989-784-965-7

Site: penguinlivros.pt
Twitter: [@PenguinLivros](https://twitter.com/PenguinLivros)
Facebook: [topseller.editora](https://www.facebook.com/topseller.editora)
Instagram: [topseller.editora](https://www.instagram.com/topseller.editora)

Índice

[Capa](#)

[Créditos](#)

[A Minha Adorável Esposa](#)

[Epílogo](#)

[Sobre este livro](#)

[Sobre Samantha Downing](#)

SAMANTHA DOWNING

**A MINHA
ADORÁVEL ESPOSA**

Tradução de
ESTER CORTEGANO



Um

Ela olha para mim. Com um pestanejo, os seus olhos azuis vítreos desviam-se para a sua bebida, para voltarem a erguer-se. Eu olho para o meu copo, mas sinto-a a observar-me, enquanto se pergunta se estarei tão interessado como ela. Depois, olho-a de novo e sorrio, para lhe mostrar que estou. Ela retribui-me o sorriso. A maior parte do seu batom desapareceu, sendo agora apenas uma mancha avermelhada no rebordo do copo. Aproximo-me e sento-me no banco ao seu lado.

Ela compõe o cabelo, que é absolutamente comum, tanto na cor como no comprimento. Os seus lábios mexem-se. Ela diz «olá», com os olhos mais brilhantes. Parecem ter luz própria.

Pareço-lhe fisicamente atraente, como pareceria à maior parte das mulheres neste bar. Tenho trinta e nove anos e estou em excelente forma, tenho uma cabeleira farta e covinhas nas faces, e o meu fato assenta-me melhor do que uma luva. Foi por isso que ela olhou para mim, que sorriu, que está feliz por me ter aproximado dela. Sou o homem que idealiza.

Empurro o meu telemóvel sobre o balcão na sua direção. O ecrã exibe uma mensagem.

Olá. Chamo-me Tobias.

Ela lê e franze o sobrolho, desviando os olhos de mim para o telefone. Escrevo outra mensagem.

Sou surdo.

Ela ergue as sobrancelhas e tapa a boca com uma mão, com a pele a ruborizar-se. O embaraço manifesta-se da mesma forma em toda a gente.

Depois, olha para mim e abana a cabeça. Muita, muita desculpa. Ela não sabia.

Claro que não. Como podias saber?

Ela sorri. É um meio-sorriso.

Já não sou a imagem que ela tinha em mente, já não sou o homem que tinha imaginado, agora, porém, não sabe muito bem o que fazer.

Pega no meu telemóvel e escreve uma resposta.

Chamo-me Petra.

Prazer em conhecer-te, Petra. És russa?

Os meus pais eram.

Anuo e sorrio. Ela assente e sorri. Consigo ver a sua mente agitada.

Sei que preferia não ficar comigo. Quer ir à procura de um homem que a ouça rir e que não tenha de escrever as próprias palavras.

Ao mesmo tempo, a sua consciência diz-lhe que não deve discriminar. Pedra não quer ser a mulher superficial que recusa um homem por ele ser surdo. Não quer rejeitar-me como tantas outras fizeram.

Ou, pelo menos, é o que calcula.

A sua batalha interior é como uma peça em três atos a desenrolar-se diante dos meus olhos, e sei como termina. Pelo menos, na maior parte das vezes.

Ela fica.

A primeira pergunta que me faz é sobre a minha audição, ou a falta dela. Sim, sou surdo de nascença. Não, nunca ouvi nada — nem uma gargalhada, nem uma voz, nem um cãozinho a ladrar, nem um avião a passar no céu.

Petra dirige-me uma expressão triste. Não percebe que isso é paternalista, mas também não lho digo, porque ela se está a esforçar. Porque ela fica.

Pergunta-me se consigo ler os lábios. Faço um aceno afirmativo. Ela começa a falar.

— Quando tinha doze anos, parti a perna em dois sítios. Num acidente de bicicleta. — A sua boca mexe-se da forma mais exagerada e grotesca. — Pronto, tive de usar um gesso que ia do pé à coxa. — Ela pára, desenha uma linha sobre a coxa, para o caso de eu ter dificuldade em perceber. Não tenho, mas agradeço o esforço. E a coxa.

Ela continua.

— Não consegui andar durante seis semanas. Na escola, tinha de andar de cadeira de rodas, porque o gesso era demasiado pesado para andar de muletas.

Sorrio, a tentar imaginar a pequena Petra com um gesso enorme. A tentar imaginar qual o objetivo desta história triste.

— Não estou a dizer que sei o que é viver numa cadeira de rodas, nem ter uma deficiência permanente. Mas sinto sempre... bem, é como se tivesse tido uma amostra do que seria, percebes?

Anuo.

Ela sorri, aliviada do receio de que a sua história me pudesse ter ofendido.

Escrevo:

És muito sensível.

Encolhe os ombros. Fica feliz com o elogio.

Bebemos outro copo.

Conto-lhe uma história que nada tem que ver com o facto de eu ser surdo. Falo-lhe num animal de estimação da minha infância, um sapo chamado *Sherman*. Costumava sentar-se na pedra maior do laguinho a comer todas as moscas. Nunca tentei apanhar o *Sherman*; ficava só a observá-lo, e, por vezes, ele também me observava. Gostávamos de ficar ali sentados juntos, e comecei a dizer que ele era o meu animal de estimação.

— O que lhe aconteceu? — pergunta Petra.

Encolho os ombros.

Um dia, a pedra estava vazia. Nunca mais o vi.

Petra diz que é triste. Eu digo-lhe que não. Triste teria sido encontrar o seu corpo sem vida e ser obrigado a enterrá-lo. Nunca tive de o fazer.

Imaginei apenas que ele tinha ido para um charco maior com mais moscas.

Ela gosta disto e diz-mo.

Não lhe conto tudo a respeito do *Sherman*. Por exemplo, que ele tinha uma língua muito comprida, que se projetava à sua volta tão depressa que mal a conseguia ver, mas queria sempre agarrá-la. Costumava sentar-me junto ao charco a perguntar-me se esse era um pensamento assim tão mau. Seria assim tão terrível tentar agarrar na língua de um sapo? Isso doer-lhe-ia? Se ele morresse, eu seria um assassino? Nunca tentei agarrar-lhe na língua e, se calhar, também não o teria conseguido fazer, mas pensei nisso. O que me fez sentir que não era um bom amigo para o *Sherman*.

Petra fala-me do seu gato, o *Lionel*, que tem o mesmo nome do gato da sua infância. Digo-lhe que é engraçado, embora não esteja muito convencido disso. Ela mostra-me fotografias. O *Lionel* é um gato malhado, com um focinho preto e branco. É demasiado carrancudo para ser fofo.

Ela continua a falar e muda de assunto para o seu trabalho de *marketing* em produtos e empresas, dizendo que é ao mesmo tempo a coisa mais fácil e mais difícil de se fazer. Difícil ao princípio, porque é muito trabalhoso fazer com que as pessoas se lembrem seja do que for, mas, à medida que mais gente começa a reconhecer uma marca, torna-se mais simples.

— A certa altura, já nem interessa o que estamos a vender. A marca torna-se mais importante do que o produto. — Aponta para o meu telemóvel e pergunta se o comprei por causa da marca ou por gostar do telemóvel.

As duas coisas?

Ela sorri.

— Estás a ver? Nem sequer tens a certeza.

Talvez seja verdade.

— Qual é a tua profissão?

Contabilista.

Ela anui. É a profissão menos excitante do mundo, mas é sólida, estável e algo que um tipo surdo pode fazer facilmente. Os números não têm voz.

O empregado aproxima-se. Aparentando ser um estudante universitário, vem aprumado e limpo. Petra encarrega-se dos pedidos, só porque sou surdo. As mulheres acham sempre que preciso que cuidem de mim. Gostam de fazer coisas para me ajudar, porque julgam que sou fraco.

Petra consegue que nos tragam mais duas bebidas e outra taça de aperitivos, depois, sorri como se estivesse orgulhosa de si própria. Isso faz-me rir. Em silêncio, mas rio-me.

Ela inclina-se mais para mim e põe uma mão sobre o meu braço. Deixa-a ficar. Esqueceu-se que não sou o seu homem ideal, e o curso da nossa história é agora previsível. Não demorará muito até irmos para sua casa. A decisão é mais fácil do que devia, mas não porque a considere particularmente atraente. É a escolha. Ela dá-me o poder de decidir, e, neste momento, sou um homem que diz «sim».

Petra vive na baixa, perto do bar, rodeada por todos aqueles grandes anúncios das marcas. A sua casa não está tão arrumada como eu esperava. Há uma confusão de coisas por todo o lado: papéis, roupas e pratos. Leva-me a pensar que deve perder as chaves muitas vezes.

— O *Lionel* anda algures por aí. Muito provavelmente, escondeu-se.

Não procuro o gato carrancudo.

Ela anda por ali às voltas, deixa a mala num sítio e descalça os sapatos noutro. Aparecem dois copos cheios de vinho tinto, e ela leva-me para o quarto. Vira o rosto para mim, sorridente. Petra tornou-se mais atraente — até o seu cabelo comum parece mais luzidio. É o álcool, sim, mas é também a sua felicidade. Fico com a sensação de que não era feliz há algum tempo, e não sei muito bem porquê. Petra é suficientemente atraente.

Ela encosta-se a mim, o corpo quente, o hálito ensopado de vinho. Tira-me o copo da mão e pousa-o.

Só acabo de o beber muito mais tarde, quando estamos no escuro, e a única luz vem do meu telemóvel. Trocamos mensagens, gozando de nós próprios e do facto de não nos conhecermos.

Pergunto:

Cor preferida?

Verde-lima. Gelado?

Pastilha elástica.

Pastilha elástica? Aquela coisa azul?

Sim.

Quem é que gosta disso?

Qual é o teu preferido?

Baunilha francesa. Ingrediente na piza?

Fiambre.

Acabou-se.

Acabou-se?

Espera, ainda estamos a falar de piza?

Não estamos a falar de piza.

A seguir, é ela a primeira a adormecer. Penso em ir-me embora, depois, penso em ficar, e a ideia fica tanto tempo às voltas na minha cabeça que adormeço.

Quando acordo, ainda está escuro. Deslizo para fora da cama sem acordar Petra, que dorme de barriga para baixo, com uma perna torcida e o cabelo sobre a almofada. Não consigo decidir se gosto dela, se não, por isso, não decido. Não tenho de o fazer.

Sobre a mesa de cabeceira estão os seus brincos. São feitos de vidro colorido, uma espiral de tons azuis, e parecem-se com os seus olhos. Depois de me vestir, enfio os brincos no bolso. Levo-os para me lembrar que não vou voltar a fazer isto. Quase acredito que funcionará.

Dirijo-me para a porta sem olhar para trás.

— És mesmo surdo?

Ela di-lo em voz alta, para as minhas costas.

Ouçó-a, porque não sou surdo.

Mas continuo a andar.

Finjo não a ouvir; dirijo-me para a porta e fecho-a atrás de mim, depois, continuo até estar no exterior do seu prédio, ao fundo do quarteirão, e contornar a esquina. Só nesse momento paro e me pergunto como terá ela percebido. Devo ter cometido um deslize.

Dois

Não me chamo Tobias. Só uso esse nome quando quero que alguém se lembre de mim. Neste caso, o empregado do bar. Apresentei-me, escrevendo o meu nome quando entrei e pedi um copo. Há de lembrar-se de mim. Há de lembrar-se que Tobias é o surdo que saiu do bar com uma mulher que acabou de conhecer. O nome foi para ele, não para Petra. Em todo o caso, ela também se vai lembrar de mim. Com quantos homens surdos teria ela dormido?

E, se eu não tivesse cometido um erro, teria sido uma estranha nota de rodapé na sua história sexual. Mas agora irá lembrar-se de mim como o «falso surdo» ou o «presumível falso surdo».

Quanto mais penso nisso, mais me pergunto se não terei cometido dois deslizes. Talvez tenha estacado quando ela me perguntou se era mesmo surdo. É possível, porque é isso que as pessoas fazem quando ouvem alguma coisa inesperada. E, se o fiz, provavelmente, ela viu-o. Provavelmente sabe que menti.

Na viagem de regresso a casa, tudo é desconfortável. O assento do meu carro parece-me áspero, e doem-me as costas. Tudo na rádio parece demasiado ruidoso, e quase toda a gente grita. Mas não posso dizer que é tudo por culpa da Petra. Já há algum tempo que tenho estado irritável.

Em casa, tudo está em silêncio. A minha mulher, Millicent, ainda está deitada. Somos casados há quinze anos, e ela não me chama Tobias. Temos dois filhos: Rory, de catorze anos, e Jenna, um ano mais nova.

O nosso quarto está às escuras, mas consigo distinguir a forma de Millicent debaixo das cobertas. Tiro os sapatos e dirijo-me para a casa de banho em bicos de pés.

— Então?

Millicent soa bem acordada.

Viro-me um pouco e vejo a sua sombra apoiada sobre um cotovelo.

Lá está outra vez. A escolha. Da parte de Millicent, é uma raridade.

— Não — respondo.

— Não?

— Não serve.

O ar entre nós torna-se gelado. Apenas derrete quando Millicent suspira e volta a deitar a cabeça.

Ela levanta-se antes de mim. Quando entro na cozinha, está a organizar o pequeno-almoço, os almoços para a escola, o dia, as nossas vidas.

Sei que lhe devia falar de Petra. Não do sexo — não falaria disso à minha mulher. Mas devia dizer-lhe que me enganei, e Petra nos serve. Devia fazê-lo, porque é um risco deixar Petra por aí à solta.

Em vez disso, não digo nada.

Millicent olha para mim, a sua desilusão atinge-me como uma força física. Tem olhos verdes, de muitos tons de verde, como um camuflado.

Não são nada como os de Petra. Millicent e Petra não têm nada em comum, exceto ambas terem dormido comigo. Ou com uma versão de mim.

Os miúdos descem as escadas depressa, já a gritar um com o outro, a discutir sobre quem disse o quê sobre não-sei-quê na escola ontem. Estão vestidos e prontos para a escola, como eu estou vestido para o trabalho, com a minha roupa branca de ténis. Não sou, nem nunca fui contabilista.

Enquanto os meus filhos estão na escola e a minha mulher anda a vender casas, eu fico ao ar livre, no campo, ao sol, a ensinar gente a jogar ténis. A maior parte dos meus clientes são pessoas de meia-idade e em pouca forma, com demasiado tempo e dinheiro. De vez em quando, sou contratado por pais que acreditam que o filho é um prodígio, um campeão, um futuro exemplo. Até agora, estiveram todos enganados.

Contudo, antes de poder sair para ensinar a alguém seja o que for, Millicent faz-nos sentar todos juntos uns cinco minutos. Chama-lhe pequeno-almoço.

Jenna revira os olhos, bate os pés, ansiosa por recuperar o telefone. Não são permitidos telemóveis à mesa. Rory é mais calmo do que a irmã. Aproveita ao máximo os nossos cinco minutos, comendo tudo o que consegue e enchendo os bolsos com o que não lhe cabe na boca.

Millicent está sentada à minha frente com uma chávena de café encostada aos lábios. Está vestida para o trabalho, com uma saia, uma blusa

e sapatos de salto alto; tem o cabelo ruivo puxado para trás. O sol da manhã fá-lo parecer de cobre. Somos da mesma idade, mas ela tem melhor aparência — sempre teve. Ela é a mulher que eu não devia ter conseguido conquistar.

A minha filha não pára de tamborilar no meu braço, como que ao ritmo de uma música, e continua a fazê-lo até eu lhe prestar atenção. Jenna não é parecida com a mãe. Os olhos, o cabelo e o formato do seu rosto vêm de mim, o que umas vezes me entristece. Outras, não.

— Pai, podes levar-me a comprar sapatos novos, hoje? — pergunta. Está a sorrir, porque sabe que vou dizer que sim.

— Sim — digo.

Millicent dá-me um pontapé por baixo da mesa.

— Esses sapatos têm um mês — diz ela a Jenna.

— Mas já me estão apertados.

Nem a minha mulher consegue rebater isto.

Rory pergunta se pode ir jogar uns minutos antes de ir para a escola.

— Não — rebate Millicent.

Ele olha para mim. Eu devia dizer «não», mas agora não posso, depois de ter dito «sim» à sua irmã. Ele sabe-o, porque Rory é o mais esperto. Também é o que se parece com Millicent.

— Vai lá — respondo.

Ele sai a correr.

Millicent bate com a chávena de café no pires.

Jenna pega no seu telefone.

O pequeno-almoço acabou.

Antes de se levantar da mesa, Millicent olha-me furiosa. Parece-se muito com a minha mulher e, ao mesmo tempo, não se parece nada com ela.

Foi num aeroporto que vi Millicent, pela primeira vez. Eu tinha vinte e dois anos e regressava do Camboja, onde fora passar o verão com três amigos. Andávamos todos os dias pedrados e todas as noites bêbados, e nunca fizemos a barba. Quando saí do país era um miúdo dos subúrbios, de cabelo e barba bem cortados. Quando regressei, era um homem desgrehado e de barba comprida, muito bronzeado e com algumas histórias fantásticas para contar. Nenhuma comparada com Millicent.

Eu estava a fazer escala, a primeira no regresso ao país. Passei pela alfândega e dirigia-me para o terminal doméstico quando a vi. Millicent estava sentada junto a uma porta de embarque vazia, sozinha, com os pés apoiados na sua mala. Tinha os olhos fixos nas janelas rasgadas do chão ao teto com vista para as pistas. O seu cabelo ruivo estava apanhado num carrapito solto e vestia uma *T-shirt*, calças de ganga e ténis. Parei para a estudar, enquanto ela observava os aviões.

Era a maneira como olhava pela janela.

Eu tinha feito a mesma coisa, quando partira em viagem. O meu sonho era viajar, ver lugares como a Tailândia, o Camboja e o Vietname, e foi o que fiz. Agora, estava de volta a território conhecido, de regresso ao lugar onde fora criado, mas os meus pais já lá não estavam. Embora não tenha a certeza de alguma vez terem estado realmente presentes. Para mim.

Quando regressei, o meu sonho de viajar tinha sido concretizado, mas não substituído por outro. Até ver Millicent. Ela parecia estar a começar o seu próprio sonho. Naquele momento, tive vontade de fazer parte dele.

Na altura, não pensei em nada disto. Foi mais tarde que me ocorreu, quando tentei explicar a Millicent, ou a outra pessoa, porque a achei tão atraente. Mas, naquele momento, continuei a dirigir-me para a porta de embarque seguinte. Depois de já ter viajado vinte horas e ainda ter mais algumas pela frente, nem consegui arranjar forças para falar com ela. A única coisa que consegui fazer foi admirá-la.

Acabámos por embarcar no mesmo voo. Vi isto como um sinal.

Ela ia num lugar à janela, e o meu era o do meio na fila central. Foi preciso algum esforço de persuasão, namoriscar com uma assistente de bordo e uma nota de vinte dólares, para conseguir passar para o lugar ao lado de Millicent, que nem levantou os olhos quando me sentei.

Quando passou o carrinho das bebidas, já eu tinha maquinado um plano. Pediria o que ela pedisse, e, como já tinha decidido que ela era especial, não a consegui imaginar a pedir nada tão banal como água. Seria qualquer coisa mais invulgar, como sumo de ananás com gelo, e, quando eu pedisse o mesmo, teríamos ali um momento de paralelismo, simbiose, feliz acaso — não importava o quê.

Tendo em conta que não dormia há muito tempo, este plano pareceu-me plausível até ao momento em que Millicent disse à assistente de bordo «não, obrigada». Ela não queria nenhuma bebida.

Eu disse o mesmo. Não teve o mesmo efeito.

Mas quando Millicent se virou para a assistente de bordo, vi os seus olhos, pela primeira vez. A sua cor lembrou-me os campos luxuriantes e abertos que tinha visto por todo o Camboja. Não eram tão escuros como agora parecem.

Ela virou-se de novo para a janela. E eu voltei a olhar para ela, embora fingisse não o fazer.

Disse a mim mesmo que estava a ser um idiota e devia limitar-me a falar com ela.

Disse a mim mesmo que devia passar-se qualquer coisa comigo, porque as pessoas normais não se comportavam daquela maneira por uma rapariga que nunca tinham visto na vida.

Disse a mim mesmo que parecia um tarado.

Disse a mim mesmo que ela era demasiado bonita para mim.

Quando faltavam trinta minutos para chegarmos, falei.

— Olá.

Ela virou-se. Olhou para mim.

— Olá.

Acho que foi nesse momento que deixei de suster a respiração.

Passaram-se anos até lhe perguntar porque estava sempre a olhar pela janela, tanto no aeroporto como no avião. Respondeu-me que era por nunca ter andado de avião. Só queria aterrar em segurança.

Três

Petra era a primeira da lista, mas, agora que tinha sido eliminada, passava para a segunda, uma mulher ainda jovem, chamada Naomi George. Ainda não tinha falado com ela.

À noite, dirijo-me para o Hotel Lancaster. Naomi trabalha lá como rececionista, um daqueles lugares do velho-mundo que sobrevivem por causa da glória passada. O edifício é enorme e com uma decoração tão luxuosa que nunca poderia ter sido construído hoje. Seria demasiado caro fazê-lo bem e piroso demais fazê-lo mal.

A fachada do hotel exhibe grandes portas de vidro com painéis laterais, oferecendo uma boa visão do balcão da receção. Naomi encontra-se no seu posto, vestida com a farda do Lancaster, uma saia e casaco azuis, ambos debruados com um entrançado dourado, e uma blusa branca. Tem cabelo comprido e escuro, e as sardas no nariz fazem-na parecer mais jovem do que é. Naomi tem vinte e sete anos. É provável que ainda lhe peçam a identificação nos bares, mas não é tão inocente como parece.

Ao fim da noite, já a vi mostrar-se demasiado amistosa com mais do que um hóspede. São sempre homens sós, mais velhos e muito bem vestidos, e ela nem sempre sai do hotel quando o seu turno termina. Ou Naomi anda a ganhar mais algum dinheiro em horas extraordinárias, ou costuma ter casos de uma noite com outras aspirações.

Graças às redes sociais, sei que a sua comida preferida é *sushi*, mas que não come carne vermelha. No secundário, jogou voleibol e teve um namorado, chamado Adam, pessoa a quem se refere agora como O Cretino. A relação com o seu último namorado, Jason, terminou há três meses, e, desde então, tem estado sozinha. Naomi tem andado a pensar em arranjar um animal de estimação, provavelmente um gato, mas ainda não o fez. Conta com mais de mil amigos na Internet, mas, tanto quanto consigo perceber, tem apenas dois amigos íntimos. Três, no máximo.

Ainda não tenho a certeza de que seja esta. Preciso de saber mais.

Millicent está farta de esperar.

Ontem à noite, fui encontrar Millicent na nossa casa de banho, parada em frente ao espelho, a tirar a maquilhagem. Estava vestida com umas calças de ganga e uma *T-shirt* que a declarava mãe de um aluno do sétimo ano de quadro de honra. Jenna, não Rory.

— Qual era o problema dela? — perguntou-me. Millicent não pronunciou o nome de Petra, porque não tinha de o fazer. Eu sabia a quem se referia.

— Não era a pessoa certa.

Millicent não me olhou pelo espelho. Aplicava loção no rosto.

— É a segunda que eliminaste.

— Tem de ser a pessoa certa. Sabes muito bem disso.

Ela tapou o frasco da loção com força. Fui para o quarto e sentei-me a descalçar os sapatos. Tinha tido um dia longo e precisava que ele chegasse ao fim, mas Millicent não o permitiria. Seguiu-me e parou à minha frente.

— Tens a certeza de que ainda queres fazer isto? — perguntou-me.

— Tenho.

Estava demasiado ocupado a sentir-me culpado por ter dormido com outra mulher, para mostrar um grande entusiasmo. Comecei a senti-lo à tarde, quando vi um casal idoso; deviam ter pelo menos noventa anos, mas iam de mãos dadas, enquanto desciam a rua. Casais como aquele não se traíam. Olhei para Millicent e desejei poder tornar-nos assim.

Millicent ajoelhou-se na minha frente e pôs uma mão sobre o meu joelho.

— Temos de fazer isto.

Os seus olhos brilharam, e o calor da sua mão foi irradiando à medida que ia subindo pela minha perna.

— Tens razão — respondi. — Temos de fazer isto.

Ela aproximou-se mais e beijou-me, longa e profundamente. Fez-me sentir ainda mais culpado, e querer fazer qualquer coisa para a deixar feliz.

Menos de vinte e quatro horas depois, estou sentado em frente ao Hotel Lancaster. O turno de Naomi só termina às onze, e não posso ficar sentado à porta do hotel durante as três próximas horas. Em vez de ir para casa, vou

comer qualquer coisa e depois sento-me num bar. É um sítio conveniente para se ir quando não há mais sítio nenhum.

O lugar que escolhi está meio cheio, sobretudo com homens sozinhos. Não é tão bom como o bar onde estive com a Petra. Os coquetéis também são a metade do preço, e qualquer pessoa que use fato está já de gravata desapertada. O chão de madeira está estampado de riscos dos bancos do bar, e círculos de copos molhados decoram o balcão. Este é um espaço para e de consumidores de bebidas alcoólicas, um sítio onde toda a gente está demasiado inebriada para reparar nos pormenores.

Peço uma cerveja e assisto a um jogo de basebol num ecrã e ao noticiário noutro.

O jogo vai na segunda parte da terceira entrada, duas eliminações. Chuva para amanhã, talvez, mas também pode fazer sol. Está sempre sol aqui em Woodview, na Florida, um suposto enclave do mundo real. Em cerca de uma hora podemos estar junto ao mar, num parque florestal ou num dos maiores parques de diversão do mundo. Estamos sempre a dizer a sorte que temos por viver aqui na Florida central, sobretudo nós, que vivemos na subdivisão de Hidden Oaks, um enclave no enclave.

Primeira parte da quarta entrada, uma eliminação. Ainda faltam duas horas para o turno da Naomi terminar e para eu poder segui-la.

E, depois, Lindsay.

O seu rosto sorridente olha-me do ecrã de televisão.

Lindsay, com os seus olhos castanhos muito juntos e o cabelo louro liso, o bronzeado de quem gosta de andar ao ar livre e os seus grandes dentes brancos.

Desapareceu há um ano. Foi notícia durante uma semana, depois, a história morreu. Sem família próxima para a manter na televisão, mais ninguém prestou atenção. Lindsay não era uma criança desaparecida; não era indefesa. Era uma mulher adulta, e, em menos de sete dias, estava esquecida.

Eu não a esqueci. Ainda me lembro do seu riso. Era suficientemente contagioso para me fazer rir também. Vê-la de novo recordou-me como gostei dela.

Quatro

Falei, pela primeira vez, com Lindsay numa caminhada. Num sábado de manhã, segui-a para os trilhos da montanha mesmo à saída da cidade. Ela começou por um trilho, eu comecei por outro, e uma hora mais tarde cruzámo-nos.

Assim que me viu, Lindsay dirigiu-me um aceno de cabeça e disse-me «olá» de uma forma que não convidava a mais conversas. Acenei e mimei um «olá» com os lábios. Inconscientemente, fez um olhar estranho, e passei-lhe o meu telefone para me apresentar.

Desculpe, isto deve ter parecido estranho! Olá, chamo-me Tobias. Sou surdo.

Vi as suas defesas baixarem.

Ela apresentou-se e conversámos, depois, sentámo-nos para beber água, e ela ofereceu-me um doce. *Pixy Stix*. Tinha uma mão cheia deles.

Lindsay revirou os olhos.

— Horrível, não é? Comer doce, enquanto faço exercício? Mas adoro isto.

Eu também.

Era verdade. Não comia *Pixy Stix* desde criança, mas adorava-os.

Ela falou-me de si, do seu emprego, da casa e dos passatempos, coisas que eu já sabia. Conte-lhe as mesmas histórias que contava a todas.

À medida que o sol matinal se erguia no céu, decidimos terminar aquela caminhada, juntos. Mantivemo-nos em silêncio a maior parte do caminho, mas gostei disso. A minha vida quase nunca era silenciosa.

Ela declinou o meu convite para almoçar, mas trocámos números de telefone. Dei-lhe o número do telefone que uso quando sou Tobias.

Lindsay enviou-me uma mensagem alguns dias depois da caminhada. Ter notícias dela fez-me sorrir.

Gostei de te conhecer na semana passada, espero que possamos voltar a caminhar juntos um dia destes.

E voltámos.

Um trilho diferente, desta vez, mais para norte, perto da floresta de Indian Lake. Ela voltou a levar *Pixy Stix*; eu levei uma manta. Parámos para descansar numa zona onde a entrada do sol era bloqueada pela densa vegetação. Quando nos sentámos, sorri para ela, com sinceridade.

— És giro — disse ela.

Não, tu é que és gira.

Ela enviou-me uma mensagem alguns dias depois, e ignorei-a. Por essa altura, Millicent e eu tínhamos concordado que Lindsay era a pessoa certa.

Agora, um ano mais tarde, Lindsay voltava à televisão. Tinham-na encontrado.

Do bar, vou diretamente para casa. Millicent já lá está, sentada no alpendre da frente. Continua vestida com as roupas do trabalho e os sapatos de pele que são a sua imagem de marca, do tom da sua tez. Ela diz que fazem as suas pernas parecer mais compridas, e concordo. Reparo sempre quando ela os calça, até neste momento.

Depois de ter trabalhado o dia inteiro e de ter ficado no carro a observar Naomi, percebo como preciso urgentemente de um banho. Millicent, porém, nem levanta o nariz quando me sento ao seu lado. Antes que eu tenha tempo de dizer alguma coisa, ela fala.

— Não há problema.

— Tens a certeza? — pergunto.

— Absoluta.

Não sei se isto é verdade. Devíamos ter tratado de Lindsay juntos, mas isso acabou por não acontecer. E não tenho forma de argumentar.

— Não compreendo como é que...

— Não há problema — diz ela de novo. Aponta para cima, para o segundo andar da nossa casa. Os miúdos estão em casa. Quero fazer-lhe mais perguntas, mas não posso.

— Vamos ter de adiar a próxima — digo. — Não devíamos fazer nada agora.

Ela não responde.

— Millicent?

— Eu ouvi.

Quero perguntar-lhe se ela compreende, mas sei que sim. Apenas não gosta do que lhe digo. Está aborrecida por Lindsay ter sido encontrada agora, no preciso momento em que estávamos a planear outra. É como se tivesse ficado viciada.

E não é a única.

Quando conheci Millicent no avião, não foi amor à primeira vista. Para ela. Não sentiu sequer um leve interesse. Depois de dizer «olá», desviou o olhar e continuou virada para a janela. Eu tinha voltado ao ponto de partida. Recostei-me no assento, fechei os olhos e censurei-me por não ter coragem para dizer mais nada.

— Se faz favor.

Os meus olhos abriram-se de imediato.

Ela estava a olhar para mim, com uns olhos verdes enormes e a testa franzida.

— Sente-se bem? — perguntou-me.

Anuí.

— Tem a certeza?

— Tenho. Não percebo porque...

— Porque estava a bater com a cabeça contra isso. — Ela apontou para o encosto de cabeça. — Está a abanar o assento.

Nem me tinha apercebido de que estava a fazer aquilo. Julgara que toda aquela repreensão mental era apenas isso: mental.

— Peço desculpa.

— De certeza que se sente bem?

Recompus-me o suficiente para perceber que a rapariga para a qual estivera a olhar, agora, olhava para mim. E parecia até preocupada.

Sorri.

— Está tudo bem, a sério. Estava só...

— A agredir-se. Eu faço o mesmo.

— Porquê?

Ela encolheu os ombros.

— Montes de coisas.

Tive vontade de saber tudo o que fazia aquela rapariga bater com a cabeça de frustração, mas o trem de aterragem acabara de descer, e não tivemos tempo.

— Diga-me uma delas — pedi.

Ela refletiu sobre a minha pergunta, levando mesmo o indicador aos lábios. Reprimi outro sorriso, não só por aquela imagem ser encantadora, mas porque tinha a atenção dela.

Depois de o avião aterrar, respondeu-me.

— Idiotas — disse. — Idiotas em aviões que se metem comigo quando só quero que me deixem em paz.

Sem pensar, sem sequer perceber que estava a falar de mim, disse-lhe:

— Posso protegê-la desses idiotas.

Ficou a olhar para mim, perplexa. Quando percebeu que estava a falar a sério, desatou a rir.

Quando percebi porque se ria, fiz o mesmo.

Ao sairmos do avião, não só já nos tínhamos apresentado como também tínhamos trocado números de telefone.

Antes de se ir embora, perguntou-me:

— Como?

— Como o quê?

— Como é que me ia defender de todos esses idiotas em aviões?

— Obrigava-os a ficar no assento do meio, baixava os apoios dos braços e fazia-lhes cortes nas mãos com a brochura informativa dos procedimentos de emergência.

Ela riu-se de novo, uma gargalhada mais longa e mais forte do que a anterior. Ainda não me cansei de a ouvir rir.

Aquela conversa tornou-se uma parte de nós. No primeiro Natal que passámos juntos, dei-lhe uma caixa enorme, suficientemente grande para poder conter uma televisão gigante, toda embrulhada e atada com um laço.

A única coisa que havia lá dentro era uma brochura informativa dos procedimentos de emergência.

Todos os Natais, desde então, temos tentado inventar a referência mais criativa para a nossa piada privada. Uma vez, dei-lhe um colete salva-vidas. Outra vez, ela redecorou a nossa árvore com máscaras de oxigénio penduradas.

Sempre que entro num avião e vejo aquela brochura informativa dos procedimentos de emergências, ainda sorrio.

O mais estranho é que, se tivesse de escolher o instante, o momento exato em que tudo se pôs em movimento e nos levou onde nos encontramos agora, teria de dizer que tudo se deveu a um corte com papel.

Aconteceu quando o Rory tinha oito anos. Ele tinha amigos, mas não muitos, era um miúdo que se situava a meio na escala de popularidade, por isso, foi uma surpresa quando um rapaz chamado Hunter lhe fez um corte com papel. De propósito. Tinham estado a discutir sobre qual dos super-heróis era mais forte, quando Hunter se irritou e cortou Rory. O corte foi na dobra entre o polegar e o indicador da sua mão direita. Suficientemente doloroso para fazer Rory gritar.

Hunter foi mandado para casa, e Rory para a enfermaria, onde lhe ligaram a mão e lhe deram um chupa-chupa sem açúcar. A dor já tinha sido esquecida.

Naquela noite, depois de os miúdos se irem deitar, Millicent e eu falámos do corte. Estávamos na cama. Ela tinha acabado de fechar o portátil, e eu desliguei a televisão. A escola ainda agora tinha começado, e o bronzeado estival de Millicent ainda não tinha desaparecido. Ela não jogava ténis, mas adorava nadar.

Millicent pegou-me na mão e esfregou a fina extensão de pele entre o meu polegar e o indicador.

— Alguma vez te cortaste aqui?

— Não. E tu?

— Sim. Dói como o raio.

— Como é que aconteceu?

— A Holly.

Eu sabia muito pouco de Holly. Millicent quase nunca falava da irmã mais velha.

— Ela cortou-te? — perguntei.

— Estávamos a fazer colagens com todas as nossas coisas preferidas, cortávamos fotografias de revistas e colávamo-las em grandes folhas de cartolina. Holly e eu fomos pegar na mesma cartolina ao mesmo tempo e — encolheu os ombros — cortei-me.

— Gritaste?

— Não me lembro. Mas chorei.

Peguei-lhe na mão e beijei o corte há muito curado.

— Que coisas preferidas? — quis saber.

— O quê?

— Disseste que estavam a cortar fotos das vossas coisas preferidas. Que coisas?

— Ah, não — disse ela, retirando a mão e desligando a luz. — Não vais transformar isto noutra coisa maluca para o Natal.

— Não gostas da nossa coisa maluca no Natal.

— Adoro. Mas não precisamos de mais.

Eu sabia que não precisávamos. Estava só a tentar evitar o tema da Holly, porque Millicent não gostava de falar dela. Foi por isso que a interroguei sobre as suas coisas preferidas.

Devia ter perguntado por Holly.

Cinco

Lindsay domina os noticiários. É a única que foi encontrada, e a primeira surpresa é o local onde o seu corpo foi descoberto.

A última vez que vi Lindsay, estávamos no meio do nada. Millicent e eu tínhamo-la levado para o pântano perto de uma reserva natural, esperando que a vida selvagem a encontrasse antes de qualquer pessoa. Lindsay ainda estava viva, e supostamente íamos matá-la juntos. Era esse o plano.

Era esse o objetivo.

Não aconteceu por causa de Jenna. Tínhamos combinado as coisas de forma a que as duas crianças passassem a noite com amigos; Rory estava com um amigo, entretidos com jogos de vídeo, e tínhamos deixado Jenna numa festa de pijama com meia dúzia de miúdas de doze anos. Quando o telefone de Millicent tocou, soou como um gatinho. Era o toque de Jenna. Millicent atendeu antes do segundo miau.

— Jenna? Está tudo bem?

Observei Millicent, enquanto escutava, sentindo o coração a bater um pouco mais depressa a cada aceno da sua cabeça.

Lindsay estava deitada no chão, com as pernas bronzeadas estendidas sobre a terra. A droga com que a tínhamos apagado estava a perder o efeito, e ela começava a mexer-se um pouco.

— Querida, podes passar o telefone à Senhora Sheehan? — pediu Millicent.

Mais acenos com a cabeça.

Quando Millicent voltou a falar, a sua voz tinha mudado.

— Compreendo. Muito obrigada. Já aí vou. — Desligou.

— O que...

— A Jenna vomitou. Alguma gastroenterite, ou talvez uma intoxicação alimentar. Passou a última hora na casa de banho. — Antes que eu pudesse responder, ela disse: — Eu vou lá.

Abanei a cabeça.

— Eu vou.

Millicent não protestou. Baixou o olhar para Lindsay e virou-se de novo para mim.

— Mas...

— Eu faço isso — disse-lhe. — Vou buscar a Jenna e levo-a para casa.

— Eu posso tratar dela. — Millicent olhava para Lindsay. Não estava a falar da nossa filha.

— Claro que podes. — Nunca tive a menor dúvida. Estava apenas desiludido por ter de perder aquilo.

Quando cheguei a casa dos Sheehan, Jenna continuava indisposta. No caminho de regresso a casa, parei duas vezes para ela vomitar. Passei quase toda a noite levantado junto dela.

Millicent regressou a casa pouco antes do nascer do Sol. Nunca lhe perguntei se tinha levado Lindsay para outro sítio, porque presumi que a tinha enterrado naquela área deserta. Não faço ideia de como acabou a rapariga no quarto número dezoito do Moonlite Motor Inn.

O Moonlite encerrou quando a nova autoestrada foi construída, há mais de vinte anos. O motel foi abandonado e deixado à mercê das intempéries, dos roedores, vagabundos e toxicodependentes. Ninguém lhe prestava atenção, porque ninguém por ali passava. Lindsay foi encontrada por uns adolescentes, que chamaram a polícia.

O motel é constituído por um único edifício comprido, térreo, com quartos de ambos os lados. O quarto dezoito fica nas traseiras, no recanto, e não é visível da estrada. Quando vejo imagens aéreas do motel na televisão, tento imaginar Millicent a dar a volta ao Moonlite e a estacionar, a sair do carro e a abrir o porta-bagagem.

A arrastar Lindsay pelo chão.

Pergunto-me se ela tem força suficiente para fazer isso. Lindsay era bem musculada, por todos aqueles desportos que praticava ao ar livre. Talvez Millicent tivesse usado alguma coisa para transportar Lindsay. Um carrinho de mão, qualquer coisa com rodas. É suficientemente esperta para fazer uma coisa dessas.

O jornalista é jovem e entusiasta; fala como se cada palavra fosse importante. Diz-me que Lindsay tinha sido enrolada em plástico, enfiada no roupeiro e tapada com uma manta. Os adolescentes descobriram-na, porque estavam bêbados e a jogar às escondidas. Não sei quanto tempo ela esteve

dentro do roupeiro, mas o jornalista diz que o corpo de Lindsay foi inicialmente identificado através dos registos dentários. Ainda se aguardam os resultados dos testes de ADN. A polícia não pôde usar as impressões digitais, porque as de Lindsay tinham sido apagadas.

Tento não imaginar como Millicent o fez, ou como não o fez de todo, mas essa torna-se a única coisa que *consigo* imaginar.

As imagens que me ocorrem custam a desaparecer. Instantâneos do rosto sorridente de Lindsay, dos seus dentes brancos. Da minha mulher a inutilizar-lhe as pontas dos dedos. A arrastar o corpo de Lindsay para dentro de um quarto de motel e a enfiá-lo no roupeiro. Todas elas perpassam a minha mente ao longo do dia, do serão e quando tento dormir.

Millicent, no entanto, parece normal. Parece igual a todos os dias quando chega do trabalho e prepara uma salada, quando tira a maquilhagem, quando trabalha no computador antes de ir dormir. Se tem andado a ouvir as notícias, não se nota. Uma meia dúzia de vezes, começo a tentar perguntar-lhe porque ou como foi Lindsay parar àquele motel.

Não o faço, porém, porque a única coisa em que consigo pensar é na razão pela qual precisarei de lhe perguntar. Porque não me diz ela?

No dia seguinte, liga-me a meio da tarde, e tenho a pergunta na ponta da língua. Também começo a perguntar-me se há mais alguma coisa que eu não saiba.

— Não te esqueceste? — pergunta-me. — Esta noite temos o jantar com os Preston.

— Não me esqueci.

Tinha-me esquecido. Ela sabe-o, e diz o nome do restaurante sem eu ter de perguntar.

— Sete horas — diz.

— Vou lá ter.

Andy e Trista Preston compraram a sua casa a Millicent. Embora Andy seja alguns anos mais velho do que eu, conheço-o desde sempre. Cresceu em Hidden Oaks, andámos nas mesmas escolas, e os nossos pais conheciam-se. Agora trabalha numa empresa de *software*, fazendo dinheiro suficiente para pagar aulas de ténis todos os dias. Mas não paga — é por isso que tem uma grande barriga.

A sua mulher, porém, tem aulas. Trista também cresceu nas redondezas, mas é de outra parte de Woodview, não de Oaks. Encontramo-nos duas vezes por semana, e o resto do tempo, ela está a trabalhar numa galeria de arte. Juntos, os Prestons ganham o dobro de nós.

Millicent sabe quanto ganham todos os seus clientes, e a maior parte deles ganha mais do que nós. Devo admitir que isso me incomoda mais a mim do que a ela. Millicent julga que é por ela ganhar mais do que eu. Está enganada. É porque o Andy ganha mais do que eu, embora não lho diga. Ela não percebe o que é crescer em Oaks e depois acabar por trabalhar aqui.

Vamos jantar num restaurante de luxo onde toda a gente come salada, frango ou salmão e bebe vinho tinto. Andy e Trista bebem a garrafa inteira. Millicent não bebe, e detesta quando o faço. Nunca bebo quando estou com ela.

— Invejo-te — diz-me Trista. — Adorava ter o teu emprego e estar ao ar livre o dia inteiro. Adoro jogar ténis.

Andy ri-se. Tem as faces congestionadas.

— Mas tu trabalhas numa galeria de arte. É quase a mesma coisa.

— Estar o dia inteiro ao ar livre e trabalhar ao ar livre são duas coisas diferentes — digo. — Eu adorava ir para a praia o dia inteiro, sem fazer nada.

Trista franze o nariz arrebitado.

— Acho que isso ia ser uma seca, só ficar para ali deitada. Eu preferia fazer qualquer coisa.

Apetece-me dizer-lhe que ter aulas de ténis e dar aulas de ténis são duas coisas diferentes. Enquanto trabalho, o belo ar livre é a última coisa em que reparo. A maior parte do meu tempo é passada a ensinar ténis a pessoas que preferiam estar ao telefone, a ver televisão, a embebedar-se ou a comer. Não preciso de um dedo sequer para contar o número de pessoas que querem realmente jogar ténis, quanto mais fazer exercício físico. Trista é uma delas. Ela não gosta verdadeiramente de jogar ténis; adora ter bom aspeto.

Contudo, não digo nada, porque é isso que fazem os amigos. Não apontamos os defeitos uns aos outros, a não ser que nos perguntem.

A conversa deriva para o emprego de Andy, e desligo, captando apenas palavras-chave, porque me distraio com o ruído dos talheres. Sempre que Millicent corta um pedaço do frango grelhado, imagino-a a matar Lindsay.

— Atenção — diz Andy. — Essa é a única coisa que interessa às empresas de *software*. Como conseguir a tua atenção, e como mantê-la?

Como vamos fazer-te sentar em frente ao teu computador o dia inteiro?

Reviro os olhos. Quando Andy bebe, tem tendência a doutrinar. Ou palestrar.

— Vá lá — insiste. — Responde à pergunta. O que é que te mantém em frente ao computador?

— Vídeos de gatos — respondo.

Trista ri-se.

— Não sejas parvo — diz Andy.

— Sexo — responde Millicent. — Tem de ser sexo ou violência.

— Ou as duas coisas — acrescento.

— Na verdade, não tem de conter sexo — replica Andy. — Sexo mesmo. O que é necessário é a promessa de sexo. Ou violência. Ou as duas coisas. E uma linha narrativa... tens de ter uma história. Não interessa se é verdadeira ou falsa, nem quem está a contá-la. Só precisas que as pessoas queiram saber o que acontece a seguir.

— E como é que fazem isso? — pergunta Millicent.

Ele sorri e desenha um círculo invisível com o indicador.

— Sexo e violência.

— Mas isso vale para tudo. Até as notícias são formatadas em torno do sexo e da violência — friso.

— O mundo inteiro excita-se com sexo e violência — diz Andy. Volta a desenhar o círculo com o dedo e vira-se para mim. — Tu sabes isso... tu és daqui.

— Sei mesmo. — Oficialmente, Oaks é uma das comunidades mais seguras deste estado, porque toda a violência tem lugar entre portas.

— Eu também sei — diz Trista ao marido. — Woodview não é assim tão diferente.

Claro que é, mas Andy não rebate. Em vez disso, inclina-se para o lado e dá um beijo nos lábios da mulher. Quando os seus lábios se tocam, ela envolve-lhe a face com a palma da mão.

Fico com inveja.

Inveja das suas conversas fáceis. Inveja por os ver beber juntos. Inveja dos seus preliminares, e do sexo que vão ter esta noite.

— Acho que todos percebemos — digo.

Andy pisca-me o olho. Olho de relance para Millicent, que está de olhos postos no seu prato. Considera detestáveis as demonstrações públicas de afeto.

Quando chega a conta, tanto Millicent como Trista se levantam da mesa e vão à casa de banho. Andy agarra na conta antes de eu lhe chegar.

— Nem vale a pena protestares. Eu pago — diz ele, olhando para a conta. — Vocês não ficam caros, de qualquer maneira. Não bebem álcool.

Encolho os ombros.

— Não bebemos muito, e então?

Andy abana a cabeça e sorri.

— O que foi? — pergunto.

— Se eu soubesse que ias acabar por te tornar um homem de família tão aborrecido, tinha-te obrigado a ficar no Camboja muito mais tempo.

Reviro os olhos.

— Agora és tu que estás a ser idiota — retruco.

— É para isso que aqui estou.

Antes de eu conseguir responder, as nossas mulheres regressam à mesa e paramos de falar de bebidas. E da conta.

Saímos os quatro juntos e despedimo-nos no parque de estacionamento. Trista diz que nos vemos na próxima aula. Andy acrescenta que também há de começar em breve. Trista está atrás dele a revirar os olhos e a sorrir. Vão-se embora no seu carro, deixando-me sozinho com Millicent. Estamos com dois carros, porque nos encontrámos no restaurante.

Ela vira-se para mim. Sob as luzes da rua, parece ter a idade com que a conheci.

— Estás bem? — pergunta.

Encolho os ombros.

— Estou. — Não tenho outra opção.

— Preocupas-te demasiado. — Ela tem os olhos fixos no mar de carros que está à sua frente. — Está tudo bem.

— Espero que sim.

— Confia em mim. — Millicent segura-me na mão. Aperta-a.

Faço um aceno de assentimento e dirijo-me para o meu carro, mas não vou diretamente para casa. Em vez disso, passo pelo Hotel Lancaster.

Naomi está ao balcão da receção. O cabelo escuro cai-lhe sobre os ombros, e, embora não consiga ver as suas sardas no nariz, penso que consigo. Fico aliviado por vê-la, por saber que continua a trabalhar naquela receção e provavelmente ainda a envolver-se nas suas atividades extracurriculares. Não tenho razão nenhuma para pensar que alguma coisa

lhe aconteceu, porque concordámos em esperar. Ir verificar como ela está é irracional, mas faço-o na mesma.

Esta não é a primeira vez que sou irracional. Desde que encontraram Lindsay que não durmo bem. Acordo a meio da noite, com o coração aos pulos, e é sempre por qualquer coisa irracional. Será que tranquei a porta? Aquelas contas foram pagas? Lembrei-me de fazer todas as pequenas coisas que tenho de fazer para a casa não arder, nem ser levada pelo banco, para o carro não chocar, porque os travões não foram verificados a tempo?

Todas essas pequenas coisas mantêm a minha mente distraída de Lindsay. E do facto de não poder fazer nada em relação a ela, neste momento.

Seis

Sábado de manhã, é o jogo de futebol da Jenna. Estou sozinho, porque a Millicent teve de ir mostrar uma casa. Sábado é o melhor dia da semana, tanto para o imobiliário como para as aulas de ténis. É também o dia da semana em que os miúdos têm mais atividades. Millicent e eu revezamo-nos com os miúdos todos os sábados, e a última vez que estivemos todos juntos foi há mais de um ano, quando Rory foi às finais de um torneio de golfe para pré-adolescentes. Agora joga golfe — fui deixá-lo esta manhã antes de o jogo da irmã começar — e está no mesmo clube em que ensino ténis. Ele joga golfe, porque não é ténis, e detesto isso tanto quanto ele deseja que eu reaja assim.

Até agora, Jenna não exibiu nenhuma dessa rebelião. Não tenta ser difícil. Jenna faz uma coisa, porque quer, não porque vai deixar alguém zangado, e admiro essa qualidade nela. Também sorri bastante, o que me faz sorrir-lhe também e dar-lhe o que ela quer. Nunca sei o que me está a escapar, e, por isso, Jenna assusta-me de morte.

O futebol não é comigo. Só aprendi as regras quando Jenna começou a jogar, por isso, não sirvo de grande ajuda. Não lhe posso dizer o que fazer, nem como fazê-lo melhor, como poderia se ela jogasse ténis. É só por uma questão de sorte que é guarda-redes, por isso, sei, ao menos, que o seu trabalho é impedir que a outra equipa marque. Para além disso, a única coisa que posso fazer é encorajá-la.

— Tu consegues!

— Bom trabalho!

— Bom esforço!

Muitas vezes, pergunto-me se a estou a envergonhar. Acho que sim, mas faço-o na mesma, porque a minha outra opção é assistir aos seus jogos em silêncio. Isso parece-me cruel. Prefiro envergonhá-la. Quando ela defende uma bola, fico louco. Ela sorri, mas acena-me com uma mão, dizendo-me

para me calar. Nesses momentos, não penso em nada senão na minha filha e no seu jogo de futebol.

Millicent interrompe com uma mensagem.

Não te preocupes.

É a única coisa que diz.

No campo, as miúdas estão aos gritos. A outra equipa tenta marcar, e a minha filha tem de defender de novo. Falha.

Jenna vira-se, ficando de costas para mim, de mãos nas ancas. Quero dizer-lhe que não faz mal, que toda a gente comete erros, mas isso seria exatamente a coisa errada. Todos os pais dizem o mesmo, e todos os miúdos detestam. Eu detestava.

Jenna está de olhos fixos na relva. Uma colega de equipa aproxima-se e dá-lhe uma palmadinha no ombro, dizendo-lhe qualquer coisa. Jenna anui e sorri, pergunto-me o que a colega lhe disse. Acho que é o mesmo que eu diria, mas tem mais significado.

O jogo recomeça. Baixo o olhar para o meu telefone. Millicent não disse mais nada.

Abro as notícias e arquejo.

O relatório da autópsia declara que Lindsay só morreu há poucas semanas.

Millicent manteve-a viva durante quase um ano. Não sei onde, não sei como.

Sinto o impulso de fugir. Para onde, não sei. Não importa. Para fazer o quê, não faço ideia. Só quero fugir para qualquer lado.

Mas não posso deixar Jenna ali sozinha num jogo de futebol sem ninguém a apoiá-la. Não posso deixar a minha filha. Nem o meu filho.

Quando o jogo termina, vou buscar Rory ao clube, e os três comemos a nossa habitual piza pós-desporto, seguida de gelado de iogurte. Tenho dificuldade em seguir a conversa. Eles reparam, porque são meus filhos — veem-me todos os dias e sabem quando algo se passa. Com isto, reflito no que pensarão eles de Millicent.

Só que nunca parece haver nada de errado com Millicent. Ao longo de um ano inteiro, estive sempre calma, mesmo para ela. Tinha dito para

procurarmos a próxima mulher há um mês.

Tudo está a encaixar-se. Ela só mencionou a seguinte quando matou Lindsay.

No meu caso, o último ano foi preenchido com trabalho, atividades dos miúdos, tarefas domésticas, discussões sobre contas e a lavagem do carro. Nada se destacou. Nenhum acontecimento, dia nem memória merece que o recorde daqui a vinte, trinta ou quarenta anos. A equipa de Jenna quase passou às finais municipais, mas não chegou lá. Millicent teve mais um bom ano no trabalho. O preço da gasolina subiu e desceu, uma eleição local teve lugar e foi esquecida, e a minha lavandaria preferida faliu, e tive de procurar outra.

Ou talvez a lavandaria tenha fechado há dois anos. Já estou a baralhar as coisas.

Ao longo de todo esse tempo, Millicent manteve Lindsay viva. Prisioneira.

As imagens que me passam pela cabeça vão alternando entre perturbadoras e atrozes. Ocorre-me o tipo de coisas de que já ouvi falar nas notícias, quando são encontradas mulheres depois de passarem anos cativas por algum louco. Nunca ouvi falar de uma mulher que tivesse feito o mesmo. E, como homem, também não consigo imaginá-lo.

Deixo os miúdos em casa e dirijo-me para a casa aberta onde Millicent está a trabalhar. Fica a poucos quarteirões da nossa, e a viagem demora alguns minutos. Estão dois carros estacionados à porta, o dela e um outro, um SUV.

Aguardo.

Vinte minutos mais tarde, ela sai da casa com um casal mais novo do que nós. A mulher vem de olhos arregalados. O homem sorri. Quando Millicent lhes aperta a mão, vê-me pelo canto do olho. Sinto os seus olhos verdes detetarem-me, mas ela não faz nenhuma pausa, não interrompe o seu movimento fluido.

O casal volta para o seu carro. Millicent fica parada em frente à casa, a vê-los partir. Hoje, está de azul-marinho, traz uma saia justa, uma blusa com listas finas e saltos altos. O seu cabelo ruivo está liso e com um corte a direito pelo queixo. Era bem mais comprido quando nos conhecemos, mas tem ficado mais curto a cada ano, como se estivesse decidida a cortar um centímetro regularmente. Não me surpreenderia se soubesse que é

exatamente isto que ela tem feito. Não sei se alguma coisa em Millicent já me conseguiria surpreender.

Ela aguarda que o SUV desapareça antes de se virar para mim. Saio do carro e dirijo-me para a casa.

— Estás zangado — diz ela.

Fico a olhá-la fixamente.

Ela acena para a casa.

— Vamos para dentro.

Entramos. O vestíbulo é enorme, os tetos com mais de seis metros de altura. É uma construção nova, como a nossa, só que esta é ainda maior. Tudo é amplo e arejado, e tudo conduz ao salão, que é para onde vamos.

— O que foi que lhe fizeste? Durante um ano, o que lhe fizeste?

Millicent abana a cabeça. O seu cabelo ondula para trás e para diante.

— Não podemos discutir isso agora.

— Temos de o fazer...

— Aqui não. Tenho uma marcação.

Afasta-se de mim, e eu sigo-a.

Alguns meses depois de casarmos, Millicent engravidou. Foi uma surpresa de certo modo, porque tínhamos falado em esperar, mas não de forma conclusiva. Nem sempre tínhamos tido o cuidado de usar proteção. Falávamos de vários métodos de contraceção, mas voltávamos sempre aos preservativos. Millicent não gostava de tomar coisas com hormonas. Deixavam-na demasiado emotiva.

Quando o período se atrasou, ambos desconfiámos que estaria grávida. Confirmámo-lo com um teste feito em casa e outro no consultório médico. Nessa noite, não consegui dormir. Ficámos juntos durante muito tempo, sentados no nosso sofá comprado em segunda mão na nossa decrépita casa arrendada. Enrosquei-me ao seu lado, com a cabeça na sua barriga, e comecei a preocupar-me com tudo.

— Então, e se fizermos porcaria? — perguntou.

— Não vamos fazer isso.

— Precisamos de dinheiro. Como é que vamos...

— Havemos de nos arranjar.

— Não quero que nos arranjemos. Quero prosperar. Quero...

— Vamos conseguir.

Ergui a cabeça para olhar para ela.

— Como é que tens tanta certeza?

— Porque estás tão inseguro?

— Não estou — respondi. — Estou só...

— Preocupado.

— Sim.

Ela suspirou e pressionou suavemente a minha cabeça contra a sua barriga.

— Deixa de ser tonto — disse ela. — Vamos ficar bem. Vamos ficar melhor do que bem.

Minutos antes, sentia-me mais como uma criança do que como um futuro pai.

Ela tornou-me mais forte.

Percorremos um longo caminho, desde aqueles primeiros tempos em que não tínhamos dinheiro. Eu tinha voltado a estudar para fazer o MBA, mas estava a meio, quando ela engravidou. Precisávamos de dinheiro, por isso, abandonei a faculdade e regressei ao que fazia de melhor: o ténis. Era o meu único talento, o que fazia melhor do que qualquer outra pessoa com quem tinha crescido. O *court* de ténis era onde eu brilhava. Não era suficientemente bom para me tornar profissional, mas era-o para começar a disponibilizar aulas particulares.

Quando conheci Millicent, ela tinha concluído um curso ligado ao setor imobiliário e estava a estudar para fazer a respetiva prova. Depois de a passar, demorou algum tempo até começar a vender, mas depois lá conseguiu, mesmo enquanto estava grávida e os miúdos eram bebés. E ela tinha razão — conseguimos que resultasse. Ficámos melhor do que bem. E, que eu saiba, ainda não fizemos porcaria com os miúdos.

Sete

Agora, nesta casa vazia que está a tentar vender, Millicent não me faz sentir mais forte. Faz-me sentir assustado.

— Não está nada bem — digo-lhe. — Nada disto está bem.

Ela eleva uma sobrancelha. O que costumava ser fofo.

— Estás a ficar com problemas de consciência, agora?

— Sempre os tive...

— Não. Não me parece que os tivesses.

Mais uma vez, ela tem razão. Nunca tenho problemas de consciência quando estou a tentar fazê-la feliz.

— O que foi que lhe fizeste? — pergunto.

— Não interessa. Desapareceu do mapa.

— Não, agora já não desapareceu do mapa.

— Preocupas-te demasiado. Estamos bem.

A campainha toca.

— O trabalho chama — anuncia.

Dirijo-me com ela para a porta. Millicent apresenta-me, falando das minhas competências no ténis. Este casal é tão jovem como o último e igualmente inocente.

Saio, passo por nossa casa, mas não paro.

Primeiro, vou ao Lancaster. Naomi está ali, atrás do balcão, ainda com muitas horas de trabalho pela frente.

A seguir, passo pelo *country club*. Penso em distrair-me no salão, a conversar com alguns dos meus clientes, enquanto assisto a jogos na televisão. Mais uma vez, não paro.

Ocorre-me uma série de outros sítios : um *pub*, um parque, a biblioteca, um cinema. Gasto quase meio depósito de combustível a andar às voltas, a tentar escolher um destino, antes de me dirigir para o inevitável.

Para casa.

É para onde vou sempre.

Quando abro a porta, ouço os sons da minha vida. A minha família. A única família verdadeira que alguma vez tive.

Rory está a jogar no computador, e tiros eletrónicos soam pela casa. Jenna tagarela e troca mensagens pelo telefone, enquanto põe a mesa. Os aromas do jantar pairam pela sala, frango e alho e qualquer coisa com canela. Millicent está atrás da ilha na cozinha a preparar tudo, e anda sempre a cantarolar baixinho, enquanto cozinha as refeições. Habitualmente, escolhe como música qualquer coisa ridícula — a melodia de uma série de televisão, uma ária, a última canção *pop* —, sendo essa outra das nossas piadas privadas.

Ela ergue o olhar e sorri, e é um sorriso verdadeiro. Vejo-o nos seus olhos.

Sentamo-nos todos juntos a comer. Jenna entretém a mãe e entedia o irmão com um relato pormenorizado do seu jogo de futebol. Rory gaba-se da pontuação que teve no golfe, que hoje foi melhor do que qualquer outra pessoa com menos de dezasseis anos. Na maior parte dos dias, as nossas refeições são assim. Enérgicas e ruidosas, preenchidas com as histórias do dia, e um escape para nós, que temos vivido juntos desde sempre.

Pergunto-me quantas vezes fizemos isto, enquanto Lindsay era mantida encarcerada.

Quando chego à cama, fico espantado por terem passado várias horas desde que pensei pela última vez em Lindsay, na polícia e no que a Millicent e eu fizemos. A minha casa, e tudo o que implica, tem esse poder sobre mim.

A minha infância não foi assim. Quando era pequeno e vivia na nossa bonita casa de Hidden Oaks, numa família com pai e mãe, dois carros, boas escolas e muitas atividades extracurriculares, não comíamos juntos como a minha própria família faz. E se, por acaso, comíamos todos ao mesmo tempo, ignorávamo-nos uns aos outros. O meu pai lia o jornal, a minha mãe fitava o vazio e eu comia o mais depressa possível.

Só me iam ver jogar ténis quando participava num torneio, e, mesmo assim, só quando chegava à última ronda. Nenhum dos meus pais teria abdicado de um sábado por nada. A casa era um sítio onde dormia, um sítio onde guardava as minhas coisas e de onde sairia o mais depressa que

conseguisse. E saí. Saí do país assim que me surgiu a oportunidade. Era impossível imaginar uma vida inteira a sentir-me uma decepção.

Embora não tenha a certeza de isso ter que ver comigo, pessoalmente. Pelo pouco que sei, dá-me a impressão de que devia ter salvo o casamento dos meus pais. Depois de passar anos a pensar nisto e a visitar toda a minha infância vezes sem conta, cheguei à conclusão de que os meus pais me tiveram para tentar consertar o seu casamento. Não resultou. E a desilusão deles tornou-se o meu fracasso.

Só voltei para Hidden Oaks, porque os meus pais faleceram. Um acidente estranho, impossível de evitar ou de prever. Seguiam na autoestrada quando um pneu de um carro que vinha à sua frente se soltou. Embateu no pára-brisas do carro de luxo do meu pai, e ambos morreram. Foram-se de um momento para outro. Ainda juntos, ainda indubitavelmente infelizes.

Nunca vi os seus corpos. A polícia disse-me que não devia querer vê-los.

Descobri que os meus pais tinham muito menos dinheiro do que fingiam ter, por isso, voltei para uma casa enterrada em hipotecas, e apenas com dinheiro suficiente para pagar a um advogado para vender tudo e livrar-me daquilo. Os meus pais nem sequer eram quem eu julgava, eram ambos uma fraude. Não tinham dinheiro para viver em Hidden Oaks, apenas fingiam ter. Não me restava família nenhuma, nem sabia o que era uma família.

Foi Millicent que construiu a nossa. Digo que foi ela, porque não poderia ter sido eu. Eu não fazia ideia de como se construía um lar, não sabia sequer como juntar toda a gente à volta de uma mesa para uma refeição. Ela sabia. A primeira vez que Rory se sentou numa cadeira alta, ela puxou-o para a mesa, e, desde então, fazemos as nossas refeições todos juntos. Apesar das crescentes queixas dos nossos filhos, ainda comemos juntos.

Quando Millicent engravidou de Jenna, criou as regras da nossa família. Eu chamo-lhes os Mandamentos da Millicent.

Pequeno-almoço e jantar juntos, sempre.

Nada de brinquedos nem telefones à mesa.

As mesadas têm de ser merecidas com a realização das tarefas em casa.

Temos uma noite de cinema por semana.

O açúcar estará limitado à fruta, não aos sumos de fruta, e só em ocasiões especiais.

Toda a comida deve ser biológica, na medida das possibilidades financeiras.

A atividade e o exercício físico são encorajados. Não, são obrigatórios.

Os trabalhos de casa devem ser feitos antes de darem atenção à televisão ou aos jogos de computador.

A lista fez-me rir, mas ela olhou para mim com um ar carrancudo, por isso, parei. Por essa altura, já sabia quando ela fingia estar zangada e quando a sua irritação era genuína.

Uma a uma, Millicent instituiu as suas regras. Em vez de transformar a casa numa prisão, deu estrutura à família. Os nossos filhos fazem desporto. Só lhes damos dinheiro se eles trabalharem para o ganhar. Juntamo-nos todos para ver um filme, uma vez por semana. Todos comemos alimentos maioritariamente biológicos e com muito pouco açúcar. Os trabalhos de casa estão sempre terminados quando chego do trabalho. Tudo isto se deve a Millicent.

A mesma Millicent que manteve Lindsay viva durante um ano, enquanto lhe fazia sabe Deus o quê.

*

Ainda não consigo dormir. Levanto-me e vou ver os miúdos. Rory está todo esparramado na cama, com a roupa da cama numa desordem. Quando fez catorze anos, deixou de querer dinossauros pintados nas paredes. Remodelámos o seu quarto, fizemos uma nova pintura, trocámos a mobília, e agora ele tem uma parede escura e três beges, alguns pósteres de bandas *rock*, móveis todos de madeira escura e cortinas opacas para quando dorme. Parece a ideia que uma criança tem do quarto de um adulto. O meu filho está a tornar-se um adolescente.

O quarto de Jenna continua a ser cor de laranja. Ela é obcecada por essa cor quase desde que nasceu. Acho que isso vem da cor do cabelo de Millicent. O cabelo de Jenna é como o meu, castanho-escuro, sem vestígios de ruivo. Ela tem pósteres de jogadoras de futebol nas paredes, juntamente com alguns de grupos musicais e um ou dois de atores. Não sei quem são,

mas, sempre que aparecem na televisão, Jenna e as amigas guincham. Agora que atingiu a desenvolvida idade dos treze, todas as suas bonecas foram enfiadas no roupeiro. Interessa-se por moda, joalheria e maquilhagem, que ainda não tem autorização para usar, juntamente com alguns peluches e jogos de vídeo.

Ando pela casa a verificar todas as portas e janelas. Vou à garagem à procura de sinais de roedores, bichos, ou infiltrações. Saio para o pátio das traseiras e verifico o portão lateral. Faço o mesmo no jardim da frente, depois, vou dar outra volta à casa e tranco de novo todas as portas.

Millicent costumava fazer isto, especialmente depois de Rory nascer. Vivíamos na decrepita casa alugada, e todas as noites ela andava a trancar todas as portas e janelas. Sentava-se por uns minutos, depois, levantava-se e fazia tudo de novo.

— Este bairro não é perigoso — dizia-lhe. — Ninguém vai aqui entrar.

— Eu sei. — Ela levantava-se novamente.

Com o tempo, decidi segui-la. Punha-me atrás dela e imitava cada gesto que fazia. Primeiro, recebi o seu olhar carrancudo, o verdadeiro.

Como não parei, ela esbofeteou-me.

— Não tens graça — vociferou.

Fiquei demasiado atónito para falar. Nunca fora esbofeteado por uma mulher. Nunca me tinham batido de todo, nem sequer na brincadeira. Mas como tinha acabado de gozar com a minha mulher, pus as mãos no ar e pedi desculpas.

— Só estás a pedir desculpa, porque levaste uma bofetada — disse Millicent. Ela deu meia-volta, foi para o quarto e trancou a porta.

Passei a noite a pensar que me ia deixar. Que ia pegar no meu filho e sair de casa, porque eu tinha estragado tudo. Radical, sim. Mas Millicent não pactuava com tretas de ninguém, ponto final. Uma vez, quando namorávamos, disse-lhe que lhe ia ligar a uma certa hora e não liguei. Não falou comigo durante mais de uma semana. Nem sequer atendia o telefone.

Daquela vez, ela voltou para mim. Contudo, não tive dúvidas de que se a chateasse até certo ponto, ela me deixaria. E, uma vez, fê-lo mesmo.

Rory tinha um ano e meio e Jenna, seis meses. Millicent e eu passávamos o dia inteiro, todos os dias, a tentar conciliar os miúdos com os nossos empregos. Um dia, acordei, novamente exausto, e percebi que tinha vinte e sete anos, mulher, dois filhos e uma nova hipoteca.

Só queria uma pausa. Um intervalo provisório de toda aquela responsabilidade. Fui sair com os meus amigos e fiquei tão bêbado que tiveram de carregar comigo para casa. Quando acordei no dia seguinte, Millicent tinha desaparecido.

Não atendeu o telefone. Não estava no escritório. Os pais disseram que ela não estava com eles. Millicent contava apenas com algumas amigas íntimas, mas nenhuma sabia dela. Tinha desaparecido, e levou os meus filhos com ela.

Passados três ou quatro dias, eu ligava-lhe a cada hora que passava. Enviava-lhe *mails*, mensagens, tornando-me a mais louca versão de mim próprio. Não por estar preocupado com ela. Sabia que estava bem, e sabia que os meus filhos estavam bem. Enlouqueci por julgar que ela, que eles, se tinham ido embora para sempre.

Passaram oito dias. Depois, ela voltou.

Eu tinha adormecido muito tarde, estendido na cama por fazer, juncada de caixas de piza e os mais variados pratos, copos e pacotes de comida diversa. Acordei numa cama sem lixo e com o cheiro a panquecas no ar.

Millicent estava na cozinha a fazer o pequeno-almoço. Rory estava à mesa, na sua cadeira alta, e Jenna estava no seu bercinho. Millicent virou-se para mim e sorriu. Era real.

— Mesmo a tempo — disse ela. — O pequeno-almoço está quase pronto.

Corri para Rory e peguei-lhe ao colo, erguendo-o bem alto no ar até ele gritar. Beije Jenna, que ficou a olhar para mim com os seus olhos escuros. Sentei-me à mesa, com medo de falar. Com medo que fosse um sonho, e eu não queria acordar.

Millicent trouxe uma grande pilha de panquecas para a mesa. Enquanto as pousava, debruçou-se sobre mim, de forma a aproximar a boca do meu ouvido, e sussurrou:

— Da próxima vez, não voltamos.

Passei todo o nosso casamento sem ter outra opção senão acreditar. Mesmo assim, dormi com Petra.

E com a outra.

Oito

Quando chego do trabalho, Millicent e os miúdos estão em casa. Rory está deitado no sofá, entretido com um jogo de vídeo. Millicent está de pé à sua frente, de mãos nas ancas e com uma expressão severa. Atrás dela, Jenna está a mover o telefone de um lado para o outro, a tentar tirar uma *selfie* diante da janela. O ecrã da televisão projeta uma luz sobre todos eles. Durante um segundo, ficam imóveis, um retrato da vida moderna.

O olhar de Millicent transfere-se de Rory para mim. Os seus olhos têm o mais escuro tom de verde.

— Sabes o que o nosso filho fez hoje? — pergunta-me.

Rory tem o boné de baseball puxado para baixo sobre os olhos e o rosto. O que não oculta por completo o seu sorriso trocista.

— O que foi que o nosso filho fez hoje?

— Diz ao teu pai o que fizeste.

Jenna responde por ele.

— Levou cábulas no telemóvel para o teste.

— Vai para o teu quarto — ordena-lhe Millicent.

A minha filha sai. Vai a rir baixinho pelas escadas acima e bate com a porta do quarto.

— Rory — começo —, o que aconteceu?

Silêncio.

— Responde ao teu pai.

Não gosto quando Millicent diz ao nosso filho como se comportar comigo, mas não digo nada.

Millicent arranca a consola da mão de Rory. Ele suspira e finalmente fala.

— É que eu não vou ser botânico. Se alguma vez quiser saber alguma coisa sobre a fotossíntese, posso pesquisar, como fiz hoje. — Ele olha para mim, com os olhos muito abertos, a dizer em silêncio «Não é?».

Quero concordar, porque ele até tem alguma razão, mas sou o pai.

— Ele levou três dias de suspensão — diz Millicent. — Tem sorte não ter sido expulso.

Se o expulsassem da escola particular, ia para uma escola pública. Não lembro Millicent disto, enquanto ela está a administrar o castigo ao nosso filho.

— ... sem telefone, sem jogos, sem Internet. Vens diretamente para casa depois da escola e, não te preocupes, porque eu vou verificar.

Ela dá meia-volta e marcha pelo corredor em direção à garagem. Está com os sapatos cor de carne.

Depois de ouvir o seu carro arrancar, sento-me ao lado do meu filho. Ele tem o cabelo ruivo de Millicent, mas os seus olhos verdes são mais claros. Abertos.

— Porquê?

Ele encolhe os ombros.

— Só porque era mais fácil.

Entendo. Por vezes é simplesmente mais fácil alinhar. É mais fácil do que acabar com tudo e começar do princípio.

— Não podes copiar — digo.

— Mas tu podes trair.¹

— Do que estás a falar?

— Eu ouço-te sair a meio da noite.

Ele tem razão. Tenho andado a sair sorrateiramente de casa, porque não consigo dormir.

— Às vezes, vou dar uma volta de carro.

Rory faz um risinho trocista.

— Eu tenho cara de idiota?

— Não.

— Pai, eu vi-te voltar para casa de fato. Quem é que veste um fato para ir dar uma volta de carro?

Eu não usava fato desde que tinha estado com Petra.

— Sabes que passo muitos serões no clube. Fazer contactos faz parte do meu trabalho.

— Fazer contactos — diz ele com uma ponta de ironia.

— Eu não ando a enganar a tua mãe — digo-lhe. E é quase verdade.

— És um mentiroso.

Começo a dizer a Rory que não sou, mas percebo que é inútil. Começo a negar que ando a traí-la, mas percebo que também é inútil. O meu filho é demasiado inteligente.

Gostava de lhe poder explicar, mas não posso. Por isso, torno-me o hipócrita.

— Não estamos a falar de mim — digo.

Ele revira os olhos e não diz nada.

— E eu nunca fiz cábulas na escola. Quero dizer, e se um dia houver um apocalipse *zombie*, e tu fugires para uma ilha para começares uma nova civilização e precisares de cultivar plantas? Achas que não vai ser útil conheceres a fotossíntese?

— Agradeço muito o esforço, pai. Em especial, o apocalipse *zombie*, e tudo. Mas deixa-me poupar-te algum tempo. — Ele retira uma coisa do bolso e pousa-a na minha frente.

O vidro azul brilhante faz-me abrir a boca de espanto. Um dos brincos de Petra.

— A Jenna não tem as orelhas furadas — diz. — E a mãe nunca usaria uma coisa tão pirosa.

Ele tem razão. Millicent usa pequenos brincos de diamante. Diamantes verdadeiros, não de vidro.

— Agora já não tens muito a dizer — diz Rory.

Dois a dois. Não tenho nada a dizer.

— Não te preocupes. A Jenna não sabe da tua namoradinha. — O sorrisinho trocista regressa. — Por enquanto.

Levo um segundo a perceber que o meu filho está a tentar chantagear-me. Com provas.

Estou impressionado, porque ele é muito esperto, e fico petrificado, porque a última coisa que desejo é que os meus filhos, especialmente a minha filha, cresçam com um filho da mãe de um pai traidor. Este é o tipo de coisas que os especialistas aconselham a evitar. Dizem que vai afetar para sempre a sua relação com os homens. Já ouvi isso em programas de televisão da tarde.

A Jenna não pode saber, não pode sequer desconfiar do que o Rory acredita ser verdade. Qualquer coisa tem de ser melhor do que isto.

Viro-me para o Rory.

— O que é que tu queres?

— O novo jogo do *Bloody Hell*.

— A tua mãe proibiu esses jogos cá em casa.

— Eu sei.

Se eu não concordar, Rory vai dizer a Jenna que ando a enganar a mãe deles. Vai fazer exatamente o que está a ameaçar fazer.

Se concordar, o meu filho de catorze anos vai chantagear-me com sucesso.

Tenho a sensação de que devia ter previsto o que está a acontecer. Devia tê-lo previsto no dia em que ele nasceu. No princípio, estava tão calado que toda a gente julgou que estava morto. Quando finalmente chorou, foi tão alto que me deixou os ouvidos a tinir.

Ou talvez o devesse ter previsto no dia em que a irmã nasceu, e ele vocalizou o mesmo nível de ruído, não para anunciar a sua chegada, mas para dar conta da falta de atenção a que era votado.

Depois, veio aquela altura em que Jenna e Rory foram juntos pedir doçura-ou-travessura, e ele a convenceu de que todas as barras de chocolate em miniatura tinham sido envenenadas pelo psicopata que trabalhava na nossa mercearia local. O psicopata era um homem enorme com corpo de lenhador, meigo como um hamster, mas que assustava as crianças sem querer. Jenna acreditou no irmão e deitou fora todos os doces supostamente envenenados. Nem Millicent, nem eu sabíamos o que tinha acontecido, até Jenna andar uma semana com pesadelos, e encontrarmos uma pilha de invólucros de barras de chocolate em miniatura no quarto de Rory.

Por isso, agora, enquanto sou chantageado pelo meu filho, consigo olhar para trás e dizer que devia ter sabido que ele ia fazer isto. Antes, porém, nunca isso me passou pela cabeça.

— Responde-me a uma pergunta — peço-lhe.

— *Ok.*

— Há quanto tempo sabes disto? — Tenho o cuidado de não usar a palavra trair. Como se isso importasse.

— Há uns meses. A primeira vez, tinha ido à garagem muito cedo para ir buscar a minha bola de futebol. O teu carro não estava lá. Depois, comecei a prestar atenção.

Anuo.

— Eu compro-te o jogo, amanhã. Não deixes a tua mãe ver.

— Não. Tu é que não a deixes ver-te regressar de madrugada.

— Nunca mais vou fazer isso.

Ele sorri, enquanto pega no brinco e volta a enfiá-lo no bolso. Rory não acredita em mim, mas é suficientemente inteligente para ficar de boca calada, enquanto está na mó de cima.

Devia contar a Millicent o que aconteceu com o nosso filho. Penso nisso durante o jantar, enquanto Jenna se esforça por gozar com Rory sem ser apanhada. Penso nisso depois do jantar, enquanto Millicent confisca o telefone de Rory o resto da noite. Até penso nisso quando estou sozinho com a minha mulher, no nosso quarto, na nossa rotina noturna. Era nessa altura que lhe devia contar o que o nosso filho anda a tramar, mas não o faço.

Não lhe digo, porque isso irá suscitar mais questões do que aquelas a que posso responder.

Só passaram duas semanas desde que passei a noite com Petra. Penso nela a meio da noite, quando já estou acordado sem conseguir voltar a adormecer. É nesse momento que me pergunto o que fiz para me denunciar. O que a fez perguntar-me se eu era mesmo surdo. Teria reagido a um som, tê-la-ia olhado nos olhos, não na boca, quando estava a falar, ou teria prestado demasiada atenção aos sons que ela fazia na cama? Não sei. Não sei se alguma vez vou voltar a fingir que sou surdo, mas isso continua a impedir-me de dormir à noite. Tornou-se uma ponta solta que tenho de prender.

A chantagem de Rory é a mesma coisa. Outro erro. Não devia ter deixado o meu filho perceber que andava a escapular-me durante a noite. Millicent não ia gostar disso.

Portanto, não digo nada. Rory e Petra são ambos segredos que não conto à minha mulher. Talvez porque ela tenha os seus próprios segredos, mais do que eu imaginava. Rory e Petra também são um risco, cada um à sua maneira, mas, mesmo assim, a minha boca não se abre.

Não quero que ela saiba a porcaria da grossa que fiz.

¹ Em inglês, o verbo «*to cheat*», aqui usado no sentido de «copiar» ou «fazer cábulas», significa também «trair». (N. da T.)

Nove

Aquilo não começou como uma coisa má. Ainda acredito nisso.

Há três anos, ao final de uma tarde de sábado em outubro, estava no jardim com Rory e Jenna. Eles ainda eram suficientemente novos para passarem tempo comigo sem terem vergonha, e estávamos os três a fazer as decorações do Halloween. Era o seu segundo feriado preferido, depois do Natal, e todos os anos cobríamos a casa com teias de aranha, esqueletos e bruxas. Se tivéssemos dinheiro para brinquedos animados, também os usávamos.

Millicent regressou a casa depois de uma visita. Vestida com as roupas de trabalho, parou no passeio e sorriu, a admirar a nossa obra. Os miúdos disseram que tinham fome. Revirando os olhos com um ar exageradamente dramático, Millicent disse que ia fazer umas sandes. Sorria quando disse isto. Acho que todos sorrimos.

Contudo, as coisas não corriam de feição. A casa que estávamos a decorar era nova para nós — só ali vivíamos há seis meses —, e a hipoteca era tremenda. Millicent sentia-se sob uma enorme pressão para vender mais casas. Eu vivia com a mesma pressão; por vezes, chegava a pensar em arranjar um segundo emprego.

Também tínhamos constantes problemas com a mãe de Millicent. O pai tinha falecido dois anos antes. Depois, fora diagnosticada Alzheimer à sua mãe, começando o longo e lento declínio que caracteriza a doença. Tínhamos passado muito tempo à procura de uma enfermeira interna. As duas primeiras não tinham resultado, porque nenhuma correspondia aos padrões de Millicent. Com a terceira, estava a correr tudo bem, por enquanto.

A nossa família tinha os seus problemas, montes deles — mas, naquele dia, todos sorríamos, até ao momento em que Millicent gritou.

Corri para dentro, com os miúdos logo atrás de mim. Chegámos à cozinha a tempo de ver Millicent atirar com o telefone para o outro lado da divisão, que bateu na parede, partindo-se em pedaços e deixando uma marca. Depois, ela enterrou o rosto nas mãos e começou a chorar.

Jenna gritou.

Rory foi apanhar os pedaços do telefone partido.

Pus os braços à volta de Millicent, cujo corpo se agitava ao compasso dos soluços.

As duas coisas mais horríveis passaram-me pela ideia.

Alguém tinha morrido. Talvez a sua mãe. Talvez uma amiga.

Ou alguém estava a morrer. Com uma doença terminal. Talvez fosse um dos miúdos. Talvez fosse a minha mulher.

Tinha de ser uma das duas coisas. Nada mais suscitaria aquele tipo de reação. Nem dinheiro, nem emprego, nem sequer a perda de um animal de estimação, que nem tínhamos. Alguém tinha de ter morrido ou de estar para morrer.

Foi um choque ficar a saber que não era nenhuma daquelas coisas. Ninguém tinha morrido, ninguém ia morrer. De facto, era justamente o contrário.

Alguns meses depois de começarmos a namorar, Millicent e eu tivemos aquilo a que chamámos uma noite de Trivia. Comprámos piza e levámo-la para o seu apartamento minúsculo. A sala era tão pequena que ela só tinha uma poltrona e uma mesa de centro, por isso, sentámo-nos no chão. Ela acendeu umas velas, colocou as fatias de *pepperoni* em pratos verdadeiros e serviu o vinho em copos de champanhe, porque eram os únicos que tinha.

Passámos toda a noite a fazer perguntas um ao outro. Sem limites, nada era proibido — tínhamos combinado assim. As primeiras perguntas foram bastante banais; ainda estávamos demasiado sóbrios para falar de sexo, por isso, falámos de tudo o resto. Filmes, música, pratos preferidos, cores favoritas. Até lhe perguntei se tinha algumas alergias. Tem. Gotas oculares.

— Gotas oculares? — perguntei.

Ela anuiu, bebendo outro gole de vinho.

— daquelas para aliviar a vermelhidão. Fazem os meus olhos inchar até mal conseguir ver.

— Como o Rocky.

— Exatamente, como o Rocky. Percebi isto quando tinha dezasseis anos e apanhei uma moça. Tentei esconder dos meus pais e acabei no hospital.

— Ah! — exclamei. — Então, eras uma miúda rebelde?

Ela encolheu os ombros.

— E tu? Tens alguma alergia?

— Só a mulheres que não se chamam Millicent.

Pisquei-lhe o olho para mostrar que estava a brincar. Ela deu-me um pequeno pontapé e revirou os olhos. Com o passar das horas, fomos ficando suficientemente inebriados para fazer as perguntas boas. A maior parte girava em torno de sexo e antigos relacionamentos.

Fui-me cansando de a ouvir falar do ex-namorado, por isso, perguntei-lhe pela família. Sabia de onde ela era e que os pais ainda eram casados, mas nada mais do que isso. Ela nunca mencionara irmãos.

— Tens irmãos ou irmãs?

Por essa altura, já estávamos bastante bêbados, ou, pelo menos, eu estava, e pus-me a brincar com a cera que tinha deslizado da vela posta à nossa frente. Tinha derretido sobre o pequeno prato que tinha por baixo, e esmaguei-a entre os dedos, rolei-a numa bola, depois, espalmei-a de novo. Millicent observou-me em vez de responder à minha pergunta.

— Alô? — chamei a sua atenção.

Ela bebeu um gole de vinho.

— Uma irmã. A Holly.

— Mais velha ou mais nova?

— Era mais velha. Já morreu.

Larguei a cera e virei-me para ela, pondo as mãos sobre as suas e prendendo-as contra o seu copo de champanhe.

— Peço muita desculpa — disse.

— Tudo bem.

Esperei para ver se ela dizia mais alguma coisa. Como não o fazia, perguntei:

— Como é que aconteceu?

Ela encostou-se à parede que tinha atrás de si. O álcool e a luz da vela faziam tudo cintilar, incluindo o seu cabelo ruivo. Numa fração de segundo, parecia emitir cinzas quentes.

Desviou o rosto, enquanto falava.

— Ela tinha quinze anos, era dois anos mais velha do que eu. O que a Holly mais queria no mundo era conduzir. Estava ansiosa por tirar a carta.

Depois, um dia, os nossos pais saíram. Tinham ido no carro do meu pai, e o da mãe ficou em casa. A Holly disse que devíamos ir dar um passeio. Só uma volta ao quarteirão... disse-me que ia muito devagar. — Millicent virou-se para mim e encolheu os ombros. — Não foi muito devagar. E ela morreu.

— Oh, meu Deus. Lamento muito.

— Está tudo bem. A Holly era minha irmã, mas... não era muito boa pessoa. Nunca foi.

Quis perguntar-lhe mais coisas, e podia tê-lo feito, porque era noite de Trivia, mas não o fiz. Em vez disso, perguntei-lhe quando se tinha embriagado pela primeira vez.

Holly não voltou a ser mencionada até eu ir jantar a casa dos pais delas. Já os tinha conhecido num restaurante numa ocasião em que eles tinham ido à nossa cidade, mas, desta vez, fizemos a viagem de três horas até casa deles. Os pais de Millicent viviam numa casa grande no norte, perto da fronteira com a Geórgia, no meio do nada. O pai, Stan, tinha inventado um isco de pesca, patenteara-o, e depois vendera-o a uma empresa de artigos desportivos. Não eram ricos, mas também não tinham de trabalhar. Stan passava agora o tempo a observar as aves, a pescar e a construir abrigos em madeira para os pássaros. A mãe de Millicent, Abby, tinha sido professora, e, quando não estava a cuidar da sua horta de plantas aromáticas, escrevia num blogue sobre educação. Eram quase como *hippies*, só que cultivavam coentros em vez de erva.

Millicent era parecida com o pai, sobretudo nos olhos de múltiplos matizes, mas a personalidade estava mais próxima da da mãe. Abby era ainda mais organizada do que Millicent.

Só vi a fotografia quando o jantar terminou. Ajudei a levantar a mesa e a levar os pratos para a cozinha. A fotografia estava no parapeito da janela por cima do lava-louça; era uma coisa minúscula, meio escondida atrás de uma planta. O cabelo ruivo na foto captou a minha atenção. Quando lhe peguei para a observar, percebi que era de Millicent e da irmã, Holly. Até àquele momento, não tinha reparado na ausência de fotografias pela casa. Havia fotografias dos pais de Millicent e dela própria, mas aquela era a única de Holly.

— Não a deixe ver isso.

Ergui o olhar. A mãe de Millicent estava na minha frente. Os seus olhos castanhos calorosos pareciam quase suplicantes.

— Sabe o que aconteceu à Holly?

— Sim. A Millicent contou-me.

— Então, sabe como o assunto a perturba. — Retirou-me a foto da mão e voltou a colocá-la atrás da planta. — Escondemos as fotografias quando ela cá vem. A Millicent não gosta que a recordem da irmã.

— O acidente perturba-a. Perder a Holly daquela maneira deve ter sido difícil.

Ela fez-me um olhar estranho.

Não compreendi aquele olhar até ao dia em que o telefone tocou, e Millicent gritou.

Dez

A caixa do *Bloody Hell VII* é tão gráfica que traz um enorme autocolante de aviso amarelo. Atrás, vê-se um autocolante de aviso vermelho relativamente ao próprio jogo.

Não tenho a certeza de isto dever estar em minha casa.

Mas comprei-o na mesma.

Rory, ainda no período de suspensão de três dias, está em casa. A mãe levou-lhe o computador, mudou a palavra-passe da Internet e tentou desligar a televisão por cabo, mas a meio desistiu. Rory está no sofá da sala a fazer *zapping*.

Atiro o jogo para o seu lado.

— Obrigado — agradece-me. — Mas precisas de melhorar essa atitude.

— Pára.

Ele faz um sorriso trocista e pega no jogo, arrancando o autocolante de aviso amarelo da frente. A imagem por baixo mostra dezenas de corpos empilhados uns em cima dos outros. Uma feia criatura com chifres, supostamente o diabo, posa no topo da pilha.

Rory ergue o olhar para mim com os seus olhos verdes animados. Pergunta onde está a consola de jogos. Hesito, depois, aponto para o louceiro na sala de jantar.

— Atrás da bandeja de prata. Não partas nada.

— Não parto.

— E depois põe-na no mesmo sítio.

— Sim.

— Não vais voltar a copiar, pois não? — pergunto-lhe.

Ele revira os olhos.

— Tal pai, tal filho.

Somos interrompidos pelo som da televisão. Um anúncio de uma notícia de última hora interrompe um *talk-show* diurno.

Aparece o logótipo de um noticiário local, a seguir ao qual surge aquele jovem e entusiástico repórter que está a seguir a história de Lindsay. Chama-se Josh, e tenho-o visto em ação desde o dia em que o corpo de Lindsay foi encontrado. Hoje, parece um pouco cansado, mas os seus olhos estão impacientes.

A polícia revelou finalmente como Lindsay foi morta.

— *Estamos aqui esta noite com o doutor Johannes Rollins, o antigo médico legista de DeKalb County, na Geórgia* — diz Josh. — *Obrigado por aceitar o nosso convite, doutor Rollins.*

— *Não tem de quê.* — O doutor Rollins parece mais velho do que toda a gente que conheço junta, e faz-me lembrar o Pai Natal, só que com as roupas erradas. Usa uma camisa de xadrez com uma gravata azul-pálida.

— *Doutor Rollins, viu o comunicado da polícia de hoje. Tendo em conta a sua experiência, o que nos pode dizer a respeito disso?*

— *Ela foi estrangulada.*

— *Sim, sim. É o que diz aqui. Asfixia devido a estrangulamento por ligadura.*

O Dr. Rollins faz um aceno de assentimento.

— *Foi o que eu disse. Ela foi estrangulada.*

— *Há mais alguma coisa que nos possa dizer?*

— *Ela perdeu a consciência em segundos e morreu numa questão de minutos.*

Josh espera para ver se o doutor Rollins tem mais alguma coisa a acrescentar. Não tem.

— *Então, muito bem. Muito obrigado, doutor Rollins. Agradecemos a sua disponibilidade.*

A câmara mostra Josh, que respira fundo. O seu relatório oficial é sempre seguido por outro não oficial, porque Josh é ambicioso e parece ter fontes em todo o lado.

— Mas ainda há mais. Como sempre, a News 9 tem mais informações do que os outros, e não as vai encontrar no comunicado da polícia, nem em nenhuma outra estação. As minhas fontes dizem-me que as marcas no pescoço de Lindsay indicam que ela terá sido estrangulada com uma corrente. O assassino colocou-se atrás dela e pressionou uma corrente contra a sua traqueia até ela morrer.

— Fixe — diz Rory.

Sinto-me demasiado agoniado para o admoestar, porque estou a imaginar a mãe dele, minha mulher, como o assassino que Josh descreve.

É tudo muito claro na minha cabeça, em parte, porque conheço, ou conhecia, as duas mulheres. Consigo ver o olhar de horror no rosto de Lindsay. Também consigo ver o rosto de Millicent, embora a expressão esteja sempre a mudar. Tanto está horrorizada, como aliviada, como orgástica. Ela sorri.

Rory começa a montar o seu jogo.

— Estás bem? — pergunta-me.

— Estou.

Ele não responde. O *Bloody Hell VII* está a começar.

Saio, porque tenho de ir dar uma aula de ténis. Já cancelei demasiadas, ultimamente.

No clube, uma mulher de meia-idade está à minha espera. Tem cabelo liso e escuro, sotaque e está muito bronzeada. Kekona é havaiana. Quando fica frustrada, pragueja em *pidgin*.

Kekona é uma viúva reformada, o que significa que tem muito tempo para prestar atenção ao que todas as outras pessoas fazem. E gosta de falar sobre isso. Por ela, sei quem anda a dormir com quem, que casais se estão a separar, quem está grávido e que miúdos se andam a portar mal. Por vezes, é mais do que o que quero saber. Por vezes, só quero ensinar ténis.

Hoje, sou informado de que uma das professoras de Rory pode estar a ter um caso com o pai de um aluno, o que é perturbador, mas ao menos ela não está a ter um caso com um aluno. Kekona também tem novidades sobre o divórcio dos McAllister, que já decorre há mais de um ano, associando-as a um novo rumor sobre uma possível reconciliação. Kekona é rápida a rotular este rumor como «provavelmente falso, mas nunca se sabe».

A meio da nossa sessão de uma hora, menciona Lindsay.

Isto é invulgar, porque Lindsay não foi encontrada dentro da nossa pequena comunidade de Hidden Oaks, nem é membro do clube. Lindsay vivia, trabalhava e foi encontrada a trinta quilómetros de distância, situando-se isso fora da zona de coscuvilhice de Kekona. Ela passa a maior parte do tempo em Oaks, bem no interior dos seus portões, onde é dona de uma das maiores casas. Vive a menos de um quarteirão de onde cresci, e conheço bem a sua casa. Ou conhecia. A minha primeira namorada vivia ali.

— Há qualquer coisa esquisita nesta história da rapariga no motel — diz Kekona.

— Não há qualquer coisa esquisita em todos os homicídios?

— Não acho. O homicídio é quase um passatempo nacional. Por outro lado, raparigas normais não aparecem sem mais nem menos em motéis abandonados.

Kekona diz o que tenho andado a pensar.

O motel ainda me deixa desconcertado. Não compreendo por que razão Millicent não a enterrou, nem levou o corpo de Lindsay para uma floresta a cento e cinquenta quilómetros, ou para outro sítio qualquer que não aqui, quase onde vivemos, num edifício onde ela seria certamente encontrada, mais tarde ou mais cedo. Não faz sentido.

A não ser que Millicent queira ser apanhada.

— Raparigas normais? — questiono Kekona. — O que é uma rapariga normal?

— Sabe o que quero dizer, não uma toxicodependente, nem uma prostituta. Alguém que viva à margem. Esta rapariga era normal. Tinha emprego, um apartamento e, presumivelmente, pagava os seus impostos. Normal.

— Costuma ver muitas dessas séries policiais, não costuma?

Kekona encolhe os ombros.

— Claro, quem é que não vê?

Millicent. Mas lê os livros.

Envio uma mensagem à minha mulher.

Precisamos de uma noite a dois.

Millicent e eu não temos verdadeiramente uma noite a dois há mais de dez anos. Esta frase é o nosso código, porque a certa altura sentámo-nos e inventámos um código. *Ter uma noite a dois* significa que precisamos de falar das nossas atividades extracurriculares. Uma conversa autêntica, não apenas sussurros no escuro.

Entre a mensagem e a noite a dois, decorre a suspensão de Rory. Ele tem estado todo o dia sozinho em casa, e, nas fantasias de Millicent, o seu filho tem estado a ler um livro para melhorar a sua mente. Em vez disso,

tem estado entretido com o jogo novo, cortesia do seu papá. Não há sinais do jogo quando transponho a porta. Rory está a pôr a mesa em silêncio.

Ele olha para mim e pisca-me o olho. Pela primeira vez, não gosto da pessoa em que o meu filho está a tornar-se. E a culpa é minha.

Subo as escadas para ir tomar um duche rápido antes do jantar. Quando volto a descer, Jenna já voltou. Está a gozar com Rory.

— Toda a gente falou de ti hoje — diz. Jenna escreve no seu telefone, enquanto fala. Faz sempre isto. — Dizem que és tão estúpido que tens de ir ver como se escreve o teu próprio nome. Era por isso que tinhas cábulas.

— Ah-ah! — responde Rory.

— Dizem que és demasiado estúpido para seres mais velho do que eu.

Rory revira os olhos.

Millicent está na cozinha. Já mudou a roupa de trabalho por umas calças de fato de treino, uma camisola comprida e meias às riscas. Tem o cabelo apanhado no alto da cabeça com um gancho gigante. Sorri e estende-me uma tigela de salada para levar para a mesa.

Os miúdos continuam a implicar um com o outro, enquanto eu e ela tratamos da comida.

— És tão estúpido — diz Jenna. — Toda a gente diz que eu fiquei com os miolos todos da família.

— Mas sem qualquer beleza — diz Rory.

— Mãe!

— Já chega — diz Millicent. — Sentem-se à mesa.

Rory e Jenna calam-se. Põem os guardanapos no colo.

Isto é tudo tão normal.

Quando acabamos de comer, Millicent pergunta se Jenna e eu podemos tratar da loiça. Ela quer ir rever os trabalhos de casa com Rory, para verificar se ele fez todas as tarefas do dia.

Vejo o pânico nos olhos dele.

Vai ser uma noite muito longa para Rory; ouço-a da cozinha, enquanto Jenna e eu a arrumamos. Eu enxaguo, ela enche a máquina, e conversamos um pouco.

Jenna tagarela sobre o futebol, entrando em pormenores que não consigo acompanhar. Sem ser pela primeira vez, pergunto-me se devia envolver-me mais e oferecer-me para ser treinador assistente, ou coisa do género. Depois, lembro-me que não tenho tempo para isso.

Ela continua a conversar, e a minha mente desvia-se para Millicent. Para a nossa noite a dois.

Quando a cozinha está arrumada, e Rory esgotou as desculpas, tudo se acalma para a noite. Ele vai para o quarto fazer os trabalhos de casa que não fez. Jenna tagarela, conversa ao telefone e manda mensagens, tudo ao mesmo tempo. Quando são horas de dormir, Millicent recolhe os computadores dos dois. Recolhe-os todas as noites para eles não ficarem acordados a conversar com desconhecidos na Internet depois de irmos para a cama. Eu acho que há desconhecidos na Internet a todas as horas do dia, mas não discuto com ela acerca disto.

Quando os miúdos estão deitados, Millicent e eu vamos para a garagem para a nossa noite a dois.

Onze

Sentamo-nos no carro de Millicent. Ela conduz o carro melhor, um *crossover* de luxo, porque muitas vezes tem de levar os clientes quando lhes vai mostrar as casas. Os assentos confortáveis são em pele, é um carro espaçoso, e, com as portas fechadas, os miúdos não nos conseguem ouvir.

A minha mão está posta entre nós, no painel central, e ela pousa nela a sua.

— Estás nervoso — observa.

— Tu não estás?

— Eles não vão descobrir nada que aponte para nós.

— Como podes ter tanta certeza disso? Achaste que a iam encontrar?

Ela encolhe os ombros.

— Talvez não tivesse querido saber.

Sinto que o que sei caberia na minha mão e tudo o que não sei encheria a casa. Tenho tantas perguntas, mas não quero saber as respostas.

— As outras nunca foram encontradas — digo. — Porquê a Lindsay?

— Lindsay. — Ela diz o nome devagar. Faz-me recordar de quando a encontrámos. Fizemo-lo juntos. Procurámos, escolhemos. Participei em todas as decisões.

Depois de ter ido caminhar com Lindsay uma segunda vez, disse a Millicent que era aquela. Foi nessa altura que inventámos o código, a nossa noite a dois, só que não nos encontrámos na garagem. Enquanto uma vizinha tomava conta dos miúdos, Millicent e eu saímos para ir comprar gelado de iogurte. Ela escolheu baunilha, eu, *pecan*, e andámos a passear pelo centro comercial, onde tudo estava fechado exceto o cinema. Parámos em frente a uma loja de cozinhas de luxo a olhar para a montra. Era uma das lojas preferidas de Millicent.

— Então, conta lá — pediu.

Olhei em volta. As pessoas mais próximas estavam pelo menos a uma centena de metros de distância, na fila para comprar bilhetes. Mesmo assim, baixei a voz.

— Acho que é perfeita.

Millicent ergueu as sobrancelhas, parecendo surpreendida. E feliz.

— A sério?

— Se vamos fazer isto, então, sim. É esta. — Ela não era a primeira; já era a terceira. Lindsay era diferente, porque era uma desconhecida que escolhemos pela Internet. Escolhemo-la entre um milhão de outras opções. As duas primeiras não escolhemos de todo. Tinham vindo ter connosco. Millicent comeu uma colherada de iogurte de baunilha e lambeu a colher.

— Achas que devíamos, então? Devíamos fazê-lo?

Algo nos seus olhos me fez desviar a cara. De vez em quando, Millicent deixa-me sem ar. Aconteceu naquele momento, quando estávamos no centro comercial a decidir o destino de Lindsay. Desviei o olhar de Millicent para a loja fechada. Todos aqueles eletrodomésticos novos e reluzentes me retribuíram o olhar, a troçar de mim com a sua inacessibilidade. Não podíamos comprar tudo o que queríamos. Não que alguém pudesse, mas isso não deixava de me incomodar.

— Sim — respondi a Millicent. — Devíamos definitivamente fazê-lo.

Ela debruçou-se para mim e deu-me um beijo frio de baunilha.

Nunca dissemos nada sobre fazer Lindsay prisioneira. Agora, estamos sentados na garagem a ter outra noite a dois. Sem gelado de iogurte, apenas um pequeno saco de *pretzels* que tenho no porta-luvas. Ofereço-os a Millicent, que franze o nariz.

Volto à razão para estarmos sentados no carro.

— Devias estar ciente de que a Lindsay seria encontrada...

— E estava.

— Mas porquê? Porque havias de querer que ela fosse encontrada?

Ela olha pela janela do carro para as pilhas de caixas de plástico cheias de brinquedos velhos e decorações de Natal. Quando se vira de novo para mim, tem a cabeça inclinada para um lado e faz um meio-sorriso.

— Porque é o nosso aniversário.

— O nosso aniversário foi há cinco meses.

— Não é esse.

Fico a pensar, sem querer estragar isto, porque supostamente eu devo saber. Tenho de me lembrar destas coisas.

De repente, lembro-me.

— Escolhemos a Lindsay há um ano. Decidimos.

Millicent faz um grande sorriso.

— Sim. Fez um ano no dia em que foi encontrada.

Fico a olhar para ela. Ainda não faz sentido.

— Porque havias de querer...

— Ouviste falar de Owen Riley? — pergunta-me ela.

— O quê?

— Owen Riley. Sabes quem é?

Primeiro, o nome não me diz nada. Depois, lembro-me.

— Referes-te a Owen Oliver? O assassino em série?

— Era isso que lhe chamavas?

— Owen Oliver Riley. Costumávamos dizer só Owen Oliver.

— Então, sabes o que ele fez?

— Claro que sei. Não podíamos viver aqui sem saber.

Ela sorri-me, e, como por vezes acontece, estou perdido.

— Não é só o nosso aniversário... também é o do Owen — explica.

Tento recordar-me, vasculhar na minha mente em busca de algum acontecimento ocorrido quando ainda mal era um adulto. Owen Oliver apareceu no Verão em que terminei o secundário. Ninguém prestou atenção quando uma mulher desapareceu, nem ninguém prestou atenção quando a segunda mulher desapareceu. Só repararam quando uma delas foi encontrada morta.

Lembro-me de estar num bar com a minha identificação falsa, rodeado de amigos da mesma idade. Bebíamos cerveja barata e bebidas brancas ainda mais baratas, enquanto víamos na televisão o primeiro corpo a ser encontrado. Nunca acontecia nada em Woodview. Nada, certamente, como o homicídio de uma mulher simpática, chamada Callie, que trabalhava como gerente de uma loja de vestuário. Foi encontrada dentro de uma bomba de gasolina abandonada, na interestadual, por um camionista.

No princípio, era apenas o sinistro homicídio de uma mulher. Passei aquele verão a ver, fascinado, os noticiários com a polícia e a comunidade a tentarem descobrir um motivo.

«Um vagabundo» tornou-se a resposta aceitável. Toda a gente se sentia melhor por acreditar que o assassino não era um residente, mesmo que isso significasse que um estranho tinha raptado Callie e a mantivera viva durante meses, antes de a assassinar. Nós acreditámos na mesma. Até eu acreditei.

Quando aquilo aconteceu uma segunda vez, todos nos sentimos traídos. Tinha de ser um de nós.

Ninguém sabia que tinha sido Owen Oliver Riley. Pelo menos, não nessa altura. Chamávamos-lhe apenas o Assassino de Woodview.

Depois de morrerem nove mulheres, ele foi apanhado. Owen Oliver Riley era um homem de trinta e tantos anos, com cabelo louro-palha, olhos azuis e uma pequena barriga proeminente. Conduzia um *sedan* prateado, frequentava bares desportivos e era voluntário na sua igreja. As pessoas conheciam-no, tinham falado com ele, tinham-lhe vendido bens e serviços e acenavam-lhe quando o viam passar. Fiquei a olhar para a sua fotografia na televisão e pensei que não podia ser ele. Parecia tão normal. E era-o, exceto ter assassinado nove mulheres.

Owen Oliver foi inicialmente acusado de um homicídio; as outras acusações foram retiradas, devido à falta de provas. Foi-lhe negada a liberdade sob caução. Owen Oliver ficou na cadeia três semanas, até ser libertado devido a um pormenor técnico. O mandado para a sua amostra de ADN não tinha sido ainda assinado no momento em que a polícia lhe passou o cotonete pelo interior da bochecha. Até o seu advogado, nomeado pelo tribunal, conseguiria apontar aquela inconformidade. E foi o que fez.

Com o ADN eliminado, a polícia ficava sem nada. Ainda andavam desesperados em busca de provas quando Owen Oliver saiu da prisão. Parecia tão normal que se fundiu de imediato com a sociedade e desapareceu.

No dia em que saiu em liberdade, eu estava fora do país, mas, mesmo assim, ouvi falar do assunto. Foi uma das poucas vezes em que tive notícias dos meus pais antes de morrerem. Quando isso aconteceu, regressei a casa, mas ainda não tinha planos para ficar, até conhecer Millicent. Quando ela aceitou sair comigo pela primeira vez, presumi que fosse por ser nova e não conhecer mais ninguém.

Às vezes, ainda penso o mesmo.

Por essa altura, Owen Oliver já estava longe. Contudo, todos os anos, no aniversário do dia em que fora libertado, o seu rosto regressava aos noticiários. Ao longo dos anos, Owen tornou-se o nosso monstro local, o bicho-papão, o assassino em série. Com o tempo, tornou-se um mito, maior do que a vida.

— Eu devia ter dezassete anos, a última vez que ele matou alguém — digo.

— Dezoito, por acaso. Foi há dezoito anos que a sua última vítima desapareceu.

Abano a cabeça, tentando encaixar as peças na minha mente. Como sempre, Millicent fá-lo por mim.

— Lembras-te de quando a Lindsay desapareceu? Quando as pessoas andavam à procura dela? — pergunta-me.

— Claro.

— Então, o que achas que vai acontecer quando desaparecer outra? Como uma das mulheres na nossa lista.

Uma a uma, as pontas soltas começam a unir-se. Se outra mulher desaparecer, a polícia vai começar a pensar que estamos perante um assassino em série. Millicent ressuscitou Owen para o culpar pelo que fazemos.

Ela está a preparar o nosso futuro.

— Foi por isso que mantiveste a Lindsay viva durante tanto tempo — digo. — Estavas a copiá-lo.

Millicent faz um aceno afirmativo.

— Sim.

— E ele estrangulou as suas vítimas, não foi?

— Sim.

Suspiro. É tanto físico como psicológico.

— Foi tudo uma montagem.

— Claro que foi. Quando a polícia começar a procurar, e é o que vai fazer, irá procurar o Owen.

— Mas porque não me disseste? Durante um *ano inteiro*?

— Queria fazer-te uma surpresa — diz ela. — Para o nosso aniversário.

Fico a olhar para ela. A minha adorável esposa.

— É uma loucura — digo.

Ela arqueia uma sobrancelha. Antes que consiga dizer alguma coisa, levo-lhe um dedo aos lábios.

— E é brilhante — termino.

Millicent inclina-se para mim e dá-me um beijo na ponta do nariz. O seu hálito cheira à sobremesa que comemos hoje. Desta vez, não foi de baunilha, mas de gelado de chocolate e cerejas.

Ela passa sobre o painel central e senta-se em cima de mim no banco do passageiro. Enquanto despe a camisola, o gancho do cabelo abre-se e os

cabelos soltam-se. Ela olha-me, e os seus olhos são escuros como um pântano.

— Não pensaste que íamos parar, pois não? — pergunta.

Não. Não podemos parar agora.

Nem quero.

Doze

Quando começou, teve tudo que ver com a Holly. E foi porque tivemos de o fazer.

Naquele frio dia de outono, quando o telefone tocou, o nosso mundo estilhaçou-se. A chamada estava relacionada com a Holly. Ela ia ter alta de um hospital psiquiátrico.

Eu não estava a ouvir bem. Foi o que me pareceu quando Millicent me disse que a irmã não tinha morrido num acidente quando tinha quinze anos, mas que a condenação aplicada fora ser internada num hospital psiquiátrico.

Naquele fim de noite de sábado, depois de termos acalmado os miúdos, lhes termos dado o jantar e os termos deitado, Millicent e eu sentámo-nos na sala, no sofá novo que ainda estávamos a pagar a crédito, e ela contou-me a verdadeira história de Holly.

A primeira vez foi o corte com o papel. Eu já sabia essa história, sabia que elas estavam a fazer colagens das suas coisas preferidas.

— Ela fez de propósito — disse Millicent. — Pegou-me na mão e cortou-a com o papel. Aqui. — Apontou para o ponto exato entre o polegar e o indicador. — Convenceu os nossos pais de que tinha sido um acidente.

Passou um mês, e Millicent, com seis anos, quase tinha esquecido o que se tinha passado. Até voltar a acontecer. Ela e Holly estavam no quarto dela a jogar aquilo a que chamavam Poço Roxo. Millicent e a irmã tinham criado o seu pequeno mundo, usando bonecas, peluches e cavalos de plástico, e chamavam-lhe Poço Roxo, por causa da cor do quarto de Holly. O seu era lavanda e o de Millicent era amarelo.

Enquanto estavam no Poço, Holly cortou-a de novo. Desta vez, usou um pedaço de plástico afiado e partido de outro brinquedo.

O corte foi na perna de Millicent, quase junto ao tornozelo. Ela gritou quando o sangue gotejou para o tapete. Holly ficou a olhar para aquilo até a mãe entrar no quarto. Depois, começou a chorar em coro com Millicent.

O caso foi visto como mais um acidente.

Ao longo dos anos, Millicent sofreu uma série de outros acidentes. O pai julgava-a desastrada. A mãe dizia-lhe para ter mais cuidado.

Holly ria-se dela.

Quanto mais Millicent me contava, mais horrorizado eu ia ficando. Algumas das coisas que tinha visto faziam agora sentido.

A marca de dentada no braço, de que culpa o cão. Duas pequenas marcas descoradas que nunca desapareciam.

Um dedo partido, entalado numa porta. Ainda estava um pouco torto.

Aquela minúscula falha no dente da frente, de quando tropeçara e caíra contra a ombreira da porta.

Aquele corte grande e profundo na barriga da perna, causado por um vidro partido na rua. A cicatriz ainda era visível, uma risca com quase quinze centímetros de comprimento.

A lista continuou pelo que pareceram horas. E, à medida que iam ficando mais velhas, a coisa foi piorando.

Quando Millicent tinha dez anos, Holly empurrou-a pelas escadas abaixo. Millicent partiu o braço. Seis meses mais tarde, Holly foi contra Millicent com a sua bicicleta. Depois disso, ela caiu de uma árvore no jardim.

Os pais acreditavam ser acidentes. Ou viam o que queriam ver. Nenhum pai quer acreditar que o filho é um monstro.

Uma parte de mim consegue acreditar, mas nada me faria acreditar que Rory ou Jenna conseguiriam comportar-se daquela maneira. Não era possível, não era plausível. E eu tinha a certeza de que os pais de Millicent sentiam o mesmo em relação a Holly.

O que não me deixava menos zangado. Enquanto estava ali sentado a ouvir o que Millicent tinha sofrido em criança, não havia nada que me permitisse conter a raiva.

O tratamento — não, a tortura — continuou no início da adolescência delas. Por essa altura, Millicent já tinha desistido de tentar ser simpática para a irmã, na esperança de que ela parasse. Em vez disso, tentou magoar Holly.

A primeira vez, e única, que tentou fazer mal a Holly, foi quando estavam ambas no terceiro ciclo. Ao final do dia, saíram para junto da fachada da escola com as restantes crianças, até à fila de pais que

esperavam pelos seus filhos. Caminhavam juntas, lado a lado, e Millicent estendeu o pé.

Holly caiu estatelada no chão.

Tudo aconteceu num segundo, mas foi testemunhado por metade da escola. Os miúdos riram, os professores apressaram-se a ajudar, e, por dentro, Millicent sorriu.

— Parece doentio — disse Millicent. — Mas julguei mesmo que tinha acabado. Pensei que magoá-la ia fazê-la parar de me magoar.

Estava enganada.

Horas mais tarde, Millicent acordou a meio da noite. Tinha os pulsos amarrados e presos à cabeceira da cama. Holly ainda lhe atara uma mordaça à volta da boca.

Holly não lhe disse uma única palavra. Limitou-se a sentar-se num canto e a olhar para ela até o Sol nascer. Pouco antes de os seus pais acordarem, Holly desatou-a e tirou-lhe a mordaça da boca.

— Nunca mais tentes fazer-me mal — avisou-a. — Da próxima vez, mato-te.

Millicent obedeceu. Continuou a sofrer os abusos, enquanto procurava uma forma de provar que não era desastrada e não se magoava por acidente. Holly era demasiado inteligente para ser apanhada numa câmara de filmar, demasiado esperta para ser apanhada por alguém.

Até hoje, Millicent está convencida de que aquilo teria continuado, se não fosse o carro.

O acidente de carro de que ela me falou aconteceu mesmo. Holly tinha quinze anos, Millicent treze, e Holly decidiu sair para dar uma volta com o carro da mãe. Ordenou a Millicent que fosse com ela, depois, atirou o carro de propósito contra uma cerca, do lado do passageiro.

Teria sido considerado um acidente, se não fosse o vídeo.

Duas câmaras de segurança diferentes registaram o acidente. A primeira mostrava o carro a seguir a direito pela rua quando uma súbita viragem o fez lançar-se contra a vedação. O segundo vídeo mostrava o lado do condutor do carro. Holly seguia ao volante, e pareceu virar o volante de propósito.

A polícia interrogou-a e concluiu que o acidente não era um acidente.

Depois de muitos interrogatórios a Millicent, a Holly e aos pais, percebeu-se que havia algo de muito errado com Holly. Também acabaram por se convencer de que ela tentara matar a irmã mais nova.

Em vez de deixarem que a filha fosse acusada de tentativa de homicídio, os pais delas concordaram em colocá-la em regime de hospitalização psiquiátrica de longa duração, onde os médicos a mantiveram.

Vinte e três anos mais tarde, ela foi libertada.

Holly foi a primeira.

Depois daquela noite a dois, pus-me a pesquisar Owen Oliver Riley. Se o plano é ressuscitar o nosso papão local, preciso de me recordar dos factos, especificamente o tipo de mulheres, seus alvos. Não me lembro de muito a esse respeito. O que me lembro é que ele assustou de morte todas as mulheres da região, o que tornava muito fácil ou muito difícil conhecer uma mulher. Ou olhavam para mim como se eu pudesse ser o Assassino de Woodview ou avaliavam as minhas hipóteses de as defender dele.

Estas eram raparigas que andavam pela minha idade, entre os dezoito e os vinte, embora, segundo parecia, Owen Oliver não lhes tivesse ligado nenhuma. Ele gostava de mulheres um pouco mais velhas, entre os vinte cinco e os trinta e cinco anos.

Louras ou morenas — não importava. Owen Oliver não tinha nenhuma preferência em relação a isso.

Mas tinha outras. As mulheres eram para o baixo; nenhuma tinha mais de um metro e sessenta. Eram mais fáceis de transportar. E muito mais fáceis para Millicent.

Todas viviam sozinhas.

Muitas trabalhavam à noite. Uma era mesmo prostituta.

O derradeiro requisito de Owen foi aquele que acabou por denunciá-lo. Num qualquer momento, todas as suas vítimas tinham sido doentes internadas no Saint Mary's Memorial Hospital. Ocasionalmente, isso tinha acontecido muitos anos antes. Uma delas extraíra as amígdalas no Saint Mary's; outra sofrera uma pneumonia e passara dois dias a soro. Owen tinha trabalhado no departamento de contabilidade. Sabia tudo sobre os seus tratamentos médicos, bem como a sua idade, estado civil e morada.

O Saint Mary's era a única coisa que ligava todas as vítimas. Durante muito tempo, o facto foi desvalorizado, porque toda a gente vai ao Saint Mary's. É o único hospital grande na nossa área. O segundo mais próximo fica a uma hora de distância.

Salto a maior parte dos pormenores do que ele fazia às suas vítimas, enquanto as mantinha prisioneiras. Demasiada informação de que não preciso, demasiadas imagens mentais que não desejo.

A única que capta a minha atenção são as impressões digitais. Owen limava as impressões digitais de todas as suas vítimas. Millicent fez o mesmo a Lindsay.

A seguir, percorro as fotografias das mulheres que ele matou. Eram jovens, radiantes e felizes. É assim que mostram sempre as fotos das vítimas. Ninguém quer ver a fotografia de uma jovem sombria, mesmo que esteja morta.

Reparo em mais algumas coisas. Todas as mulheres eram bastante comuns. Não usavam muita maquilhagem, nem roupas elegantes. A maior parte parecia simples: penteados comuns, calças de ganga e *T-shirts*, sem batom escuro, nem unhas pintadas. Lindsay adequava-se a este perfil e cumpria o requisito da altura pretendida por Owen.

Naomi era mais simples do que atraente, mas era demasiado alta.

Até agora, nunca tinha escolhido uma mulher com base neste tipo de perfil. Os meus critérios giravam em torno do número de pessoas do meio dela, da rapidez com que a polícia fosse notificada e do tempo que dedicariam à busca de uma mulher adulta.

Tudo o resto era arbitrário. Escolhi Lindsay, porque se adequava a todos os critérios importantes e porque Millicent não me largava, insistindo para que escolhêssemos a próxima.

Petra era diferente, porque dormi com ela, ou porque ela desconfiou que eu não era surdo. Talvez as duas coisas. Ela ainda anda por aí, ainda é um risco, mas não se adequa nada ao nosso novo perfil. Petra é demasiado alta e demasiado vistosa; usa saias e saltos altos, e até tem as unhas dos pés pintadas de vermelho.

Preciso de encontrar outra. A nossa quarta.

Era assim que Owen Oliver trabalhava. Escolhia sempre a vítima seguinte depois de a última ter sido encontrada.

Enquanto vasculho páginas de redes sociais, sinto a adrenalina a subir. Não é propriamente uma excitação, por enquanto, mas vai ser. Millicent e eu, juntos, vamos trazer Owen de volta.

E estou ansioso por isso.

Treze

Não escolhemos as duas primeiras mulheres. Lindsay foi a primeira que escolhemos, e encontrámo-la nas redes sociais. Mas isso era quando não tínhamos um perfil, nem o requisito da altura. A maior parte das pessoas não põe as características físicas nas redes sociais, nem existem categorias para a altura exata, o peso ou a cor dos olhos. Isto torna mais difícil a minha busca prévia pela quarta.

Encontrei, de facto, um local que apresentava a altura: os *sites* de encontros. Uma breve pesquisa por alguns deles, porém, foi pouco inspiradora. No dia seguinte, peço a Millicent que faça um intervalo a meio do dia para se encontrar comigo. Vamos buscar cafés e sentamo-nos no jardim do outro lado da rua. O dia está bonito, o céu, de um azul imaculado, e o parque é suficientemente próximo para se usar a Internet do café.

Explico-lhe os requisitos do nosso novo perfil e mostro-lhe o que encontrei. Ela vai percorrendo as páginas das mulheres no sítio de encontros, depois, olha para mim.

— Parecem todas tão... — Abana a cabeça, enquanto a sua voz se desvanece.

— Falsas?

— Sim. Como se estivessem a tentar ser quem os homens querem, em vez de serem quem são.

Aponto para uma, que diz que tem como passatempos o *windsurf* e ir a festas na praia.

— E talvez tenham demasiados amigos.

— Algumas têm, de certeza.

Ela continua a ver perfis, de testa franzida.

— Não podemos escolher de um sítio de encontros.

Não digo nada, e ela olha para mim. Estou a sorrir.

— O que foi? — pergunta.

— Tenho outra ideia.

Ela descontrai, já não está preocupada, e ergue uma sobrancelha.

— Ai tens?

— Tenho.

— Então, conta.

Olho em volta do parque, e os meus olhos detêm-se finalmente numa mulher que está sentada noutro banco a ler um livro. Aponto.

— Que tal aquela?

Millicent olha, estuda a mulher e sorri.

— Queres procurar alguém no mundo real.

— Para começar, sim. Para encontrarmos alguém que se adeque ao perfil físico. Depois, pesquisamo-la na Internet para comprovar que é a certa.

Os olhos de Millicent viram-se para mim. Estão tão brilhantes. Ela põe a mão sobre a minha. O seu toque irradia por todo o meu corpo; é como se estivesse a ser recarregado. Até o meu cérebro zumbe.

Ela faz um aceno de concordância, e as comissuras dos lábios elevam-se quando começa a sorrir. Só consigo pensar em beijá-la. Em deitá-la no chão no meio do parque e arrancar-lhe a roupa.

— Sabia que havia uma razão para ter casado contigo — diz, por fim.

— Porque sou incrivelmente brilhante?

— E humilde.

— E também não sou feio — acrescento.

— Se fizermos isto como deve ser — continua ela —, nunca vai ocorrer à polícia procurar um casal. Estaremos livres para fazer o que quisermos.

Algo nisto me deixa ainda mais excitado. O mundo está cheio de coisas que não posso fazer, nem tenho dinheiro para comprar, desde casas a carros e a cozinhas, mas isto, *isto*, é como podemos ser livres. Esta é a única coisa que é nossa, que controlamos. Graças à Millicent.

— Sim — respondo-lhe.

— Sim a quê?

— Sim a tudo.

Levo o carro até à estação de SunRail e apanho o comboio para Altamonte Springs, a direção oposta ao sítio onde Petra vive. Teoricamente,

a vila fica fora de Woodview, mas ainda fazia parte da zona de caça original de Owen.

Há mulheres em todo o lado. Novas, velhas, altas, baixas, magras, pesadas. Estão em todas as ruas, em todas as lojas, em todas as esquinas. Não vejo os homens, só as mulheres, e sempre foi assim. Quando era novo, não me conseguia imaginar a escolher apenas uma, quando havia tantas à disposição.

Como é evidente, isto foi antes de Millicent.

Eu é que estou diferente. Ainda avalio todas as mulheres, só que não o faço da mesma maneira. Não as vejo como possíveis companheiras, amantes ou conquistas. Avalio-as com base na adequação ao perfil de Owen. Primeiro, com base na sua altura, depois, na maquilhagem e nas roupas.

Observo uma mulher mais jovem a sair de uma lavandaria e a subir para o apartamento num andar de cima. De onde estou, não tenho a certeza se não é demasiado alta.

Uma segunda mulher sai de um edifício de escritórios. É bastante baixa, mas irritantemente brusca, e vejo-a entrar num carro melhor do que o meu. Não sei se me conseguiria aproximar daquela.

Vejo uma mulher num café e sento-me na mesa atrás dela. Tem um portátil à frente, e anda a ver sítios na Internet que encaixam em duas categorias: política e comida. Sei um pouco sobre os dois assuntos e pergunto-me que tipo de conversa teríamos. Isto deixa-me suficientemente curioso para a observar quando sai, e, depois, vou atrás dela para anotar a sua matrícula. Continuo pelo passeio até ver uma mulher baixinha que é fiscal da empresa de estacionamento. Está a passar uma multa. Tem as unhas cortadas rente; tal como o cabelo. Não lhe vejo os olhos, porque está de óculos de sol, mas não tem batom.

Passo suficientemente perto para ler a sua identificação.

A. Parson.

Talvez esta, talvez não. Ainda não decidi. Quando ela não está a olhar, tiro algumas fotografias.

Mais tarde, nessa noite, Millicent está deitada na cama a estudar uma folha de cálculo no computador. Os miúdos estão a dormir, ou, ao menos,

deviam. Pelo menos, estão em silêncio. Isso talvez seja o máximo que podemos esperar, hoje em dia.

Instalo-me na cama ao lado de Millicent.

— Olá — digo.

— Olá. — Ela afasta-se para me dar espaço, embora a nossa cama seja larga.

— Hoje fui às compras.

— Credo, espero que não tenhas gasto dinheiro. Estou a ver o nosso orçamento, neste momento, e não nos sobra nada. Precisamos de substituir a máquina de lavar a roupa.

Sorrio.

— Não são compras dessas. — Ponho o telefone à sua frente, com uma fotografia de A. Parson aberta.

— Ah! — exclama Millicent. Aumenta a imagem e observa-a, de olhos franzidos. — Que espécie de farda é essa?

— Fiscal da empresa de estacionamento.

— Bem, não me importava de me vingar um pouco numa dessas.

— Nem eu. — Rimo-nos juntos. — E adapta-se ao perfil do Owen.

— Pois é. — Millicent fecha o computador e roda o corpo todo para mim. — Bom trabalho.

— Obrigado.

Beijamo-nos, e todos os nossos problemas de liquidez desaparecem.

Catorze

Aquilo começou por não ser nada sensual. Foi aterrador.

Holly devia ter sido o fim, não o princípio. No dia em que saiu do hospital, Millicent abriu a porta e deparou-se com Holly no alpendre. Bateu com a porta na cara da irmã.

Holly escreveu uma carta e pô-la no correio. Millicent não respondeu.

Ela telefonou. Millicent deixou de atender o telefone.

Quando contactei o hospital psiquiátrico, não me disseram nada.

Holly começou a aparecer em público, mantendo-se, pelo menos, a uns trinta metros de distância, mas estava em todo o lado. Na mercearia quando Millicent ia fazer compras. No parque de estacionamento do centro comercial. No passeio contrário quando íamos jantar.

Nunca ficava em sítio nenhum tempo suficiente para chamarmos a polícia. E, sempre que tentávamos tirar-lhe uma fotografia para servir de prova, ela virava-se, afastava-se ou movia-se, para a imagem não ficar nítida.

Millicent não queria dizer nada à mãe. O Alzheimer já começara a fazê-la esquecer-se de quem era Holly, e Millicent queria que continuasse assim.

Pesquisei na Internet as leis de assédio e fiz uma lista de todas as vezes que Holly tinha aparecido até então. Quando a mostrei a Millicent, ela achou que era inútil.

— Isso não vai ajudar — disse.

— Mas, e se...

— Eu conheço as leis contra a perseguição. Ela não as quebrou, nem o vai fazer. A Holly é demasiado esperta para isso.

— Temos de fazer alguma coisa — disse-lhe.

Millicent olhou o meu bloco de apontamentos e abanou a cabeça.

— Acho que não estás a perceber. Ela tornou a minha infância num inferno.

— Eu sei.

— Então, devias saber que uma lista não vai ajudar.

Eu queria ir à polícia e dizer-lhes o que nos estava a acontecer, mas a outra prova física que tínhamos era a carta que Holly pusera no correio. Não era ameaçadora. Tal como Millicent dizia, Holly era demasiado esperta para isso.

M.

Não achas que devíamos falar? Eu acho.

H.

Em vez de ir à polícia, fui falar com a Holly. Disse-lhe que deixasse Millicent e a minha família em paz.

Ela não o fez. Quando voltei a vê-la, estava dentro de minha casa.

Era uma terça-feira, por volta da hora do almoço, e eu estava no clube a terminar uma aula e a pensar no que havia de comer. O meu telefone tilintou três vezes de seguida, quando entraram três mensagens de Millicent.

112

Vem para casa JÁ

Holly

Tinha passado menos de uma semana da visita que eu fizera à Holly.

Não parei para responder à minha mulher. Quando cheguei a casa, Millicent foi ter comigo à porta. Tinha os olhos húmidos, e as lágrimas ameaçavam escorrer-lhe pelas faces. A minha mulher não chora por qualquer coisa.

— O que raio...

Antes de conseguir terminar a frase, agarrou-me na mão e levou-me para a sala de estar. Holly estava ao fundo, sentada no sofá. Assim que me viu, levantou-se.

— A Holly estava aqui quando cheguei a casa — disse Millicent, com a voz trémula.

— O quê? — disse Holly.

— Ali mesmo, na nossa sala.

— Não, não foi assim que...

— Esqueci-me da minha máquina fotográfica — disse Millicent. — Ia fotografar a casa dos Sullivan, por isso, voltei a casa, e ela estava aqui.

— Espera...

— Encontrei-a *sentada no nosso sofá*. — As lágrimas finalmente chegaram, em força, e Millicent cobriu o rosto com as mãos. Pus o braço à sua volta.

Holly parecia-me uma comum mulher de trinta e poucos anos, vestida de calças de ganga, *T-shirt* e sandálias. Tinha o curto cabelo ruivo puxado para trás e usava batom vermelho. Respirou fundo e ergueu as mãos, como que para me mostrar que estavam vazias.

— Espera. Não é...

— Pára de mentir — gritou-lhe Millicent. — Estás sempre a mentir.

— Eu não estou a mentir!

— Esperem — intervim, dando um passo em frente. — Vamos todos acalmar-nos.

— Sim — disse Holly. — Vamos acalmar-nos.

— Não, eu não me vou acalmar. — Millicent apontou para a janela do recanto, contíguo à parte lateral da casa. A cortina estava corrida, mas havia estilhaços de vidro espalhados pelo chão. — Ela entrou por ali. Partiu um vidro para entrar em nossa casa.

— Não fiz nada disso!

— Então, como entraste?

— Eu não...

— Holly, pára. Pára. Não vais enganar o meu marido como enganavas a mãe e o pai.

Millicent tinha razão quanto a isso.

— Oh, meu Deus! — exclamou Holly. Levou as mãos à cabeça e fechou os olhos, como se estivesse a tentar bloquear o mundo exterior. — Ohmeudeusohmeudeusohmeudeusohmeudeus.

Millicent deu um passo atrás.

Eu dei um em frente.

— Holly — disse. — Estás bem?

Ela não parou. Era como se nem me estivesse a ouvir. Quando bateu na parte lateral da cabeça com uma mão aberta, olhei para Millicent. Ela

olhava para Holly e parecia demasiado assustada para se mexer. Millicent estava petrificada.

Ergui a voz.

— Holly.

Virou a cabeça.

Baixou as mãos.

O rosto de Holly contorcera-se num esgar zangado, quase feroz. Era como se me fosse dado ver aquilo de que Millicent tinha tanto medo.

— Devias ter morrido naquele acidente — disse ela a Millicent, soando um rugido.

Millicent aproximou-se mais, usando-me como escudo, e agarrou-me no braço. Comecei a virar-me para lhe dizer para chamar a polícia, mas ela falou primeiro. A sua voz era pouco mais de um sussurro.

— Ainda bem que os miúdos não estão aqui para ver isto.

Os miúdos. Uma imagem dos miúdos passou-me pela ideia. Vi Rory e Jenna na sala em vez de nós. Senti o seu medo, enquanto aquela mulher doente os confrontava.

— Holly — disse.

Ela não me ouvia. Não ouvia ninguém. Os seus olhos estavam fixos em Millicent, que tentava esconder-se atrás de mim.

— Sua cabra — disse Holly.

Precipitou-se para mim.

Para Millicent.

Naquele momento, não tomei nenhuma decisão. Não ponderei nas opções que tinha, pesando os prós e os contras, usando a lógica para chegar à melhor ação possível. Se tivesse feito tudo isso, Holly ainda estaria viva.

Em vez disso, não pensei, não decidi. O que fiz a seguir veio de um lugar muito mais profundo. Tratou-se muito simplesmente de biologia, autopreservação. Instinto.

Holly era uma ameaça para a minha família, por isso, era uma ameaça para mim. Peguei no que tinha mais à mão, que estava mesmo ao meu lado, encostada à parede.

Uma raqueta de ténis.

Quinze

Passaram alguns dias até alguém na televisão perguntar por Owen Oliver Riley.

Josh, o meu entusiástico e jovem Josh, mencionou o nome do assassino em série durante uma conferência de imprensa. Desde que Lindsay tinha sido encontrada, a polícia fazia conferências de imprensa dia sim, dia não, ao final da tarde, para que os destaques pudessem passar nos noticiários da noite.

A pergunta de Josh foi o destaque de hoje.

— *Já vos ocorreu que Owen Oliver Riley possa ter voltado?*

O inspetor principal, um homem calvo na casa dos cinquenta anos, não pareceu surpreendido com a pergunta.

Josh é demasiado novo para se lembrar de quaisquer pormenores do caso de Owen Oliver, mas é um repórter inteligente e ambicioso, capaz de surfar na Internet à velocidade da luz. Só precisava que alguém lhe desse um ponto de partida.

Para isso, voltei a alguns dos mais famosos assassinos em série. Alguns comunicaram com a imprensa, por vezes até com a polícia, e isso foi muito antes de o *email* ter sido inventado. Mas tendo em conta a facilidade em seguir o rasto a tudo o que era eletrónico, decidi não usar o *email*. Optei pela velha escola.

Owen nunca escreveu cartas a ninguém, por isso, tive apenas de criar qualquer coisa que fosse suficientemente plausível. Ao fim de várias tentativas, entre o texto longo e o curto, o poético e o loquaz, acabei com uma única linha:

É bom estar em casa.

Owen

Usei luvas cirúrgicas para tocar no papel, no envelope e no selo. Quando estava fechado e pronto para seguir, borrifei o sobrescrito com uma água-de-colónia barata, ficando a cheirar a *cowboy* almiscarado.

Só queria meter-me com o Josh.

A seguir, fui de carro até ao outro extremo da cidade e pus a carta no correio. Três dias depois, Josh falou de Owen na conferência de imprensa, mas não da carta. Talvez esteja a guardá-la só para si, ou talvez a polícia lhe tenha pedido para não a mencionar.

Por agora, contento-me em esperar para ver, porque há outra coisa que preciso de fazer. Ontem à noite, saí para ir vigiar o apartamento de Annabelle Parson. Finalmente. A fiscal da empresa de estacionamento que captou a minha atenção foi mais difícil de encontrar do que as outras. Para Lindsay e Petra, bastou-me procurar os seus nomes na Internet. Annabelle era mais esperta, sem dúvida, para se esconder de todas aquelas pessoas zangadas por terem recebido uma multa. Para descobrir onde vivia, tive de a seguir até casa num final de dia. Foi um pouco irritante.

Ontem à noite, esperei diante do seu apartamento para ver se regressava a casa ou andava a sair com alguém. Por volta da meia-noite, recebi uma mensagem do meu filho.

Outra vez fora? Vais ter de pagar.

O que queres?

Quanto quero, queres tu dizer.

Desta vez, ele não quer outro jogo. Quer dinheiro vivo.

No dia seguinte, encontrei-o em casa depois do trabalho. Já estava no sofá, a fazer *zapping*, a enviar mensagens e a jogar um jogo. Millicent ainda não tinha chegado. Jenna estava no andar de cima.

Sento-me ao seu lado.

Ele ergue o olhar, de sobrancelhas arqueadas.

Isto é um erro. Eu devia ter contado tudo a Millicent. Devíamos ter-nos sentado com Rory e Jenna e explicado que não estava a passar-se nada.

O papá só gosta de ir dar grandes passeios de carro a meio da noite. De vez em quando, vestido de fato.

Entreguei o dinheiro a Rory.

Ele está tão ocupado a contá-lo que não presta atenção à televisão, onde estão a passar de novo os destaques da conferência de imprensa no noticiário. Rory está alheado da verdadeira razão por que o pai está fora de casa à noite. Bastava-lhe erguer o olhar.

Comemos tacos ao jantar, feitos com restos de frango, mas estão deliciosos. A minha mulher é boa cozinheira e insiste em fazer o jantar todas as noites, mas quanto mais depressa faz qualquer coisa, melhor parece ficar a comida.

Não lhe digo isto.

A sobremesa são gomos de pêsego salpicados com açúcar mascavado, e cada um recebe uma bolacha de canela. Rory é o primeiro a revirar os olhos, embora Jenna o acompanhe nisso. Millicent sempre foi sovina com a sobremesa.

Comemo-la todos de forma diferente. Jenna lambe o açúcar mascavado dos pêsegos, depois, come a bolacha e termina o resto dos pêsegos. Rory come primeiro a bolacha, depois os pêsegos, embora tudo seja uma espécie de borrão, já que ele devora tudo muito depressa. Millicent alterna entre a fruta e a bolacha, uma dentadinha de uma coisa, depois, uma dentadinha da outra. Eu esmago os pêsegos juntamente com a bolacha e como tudo com uma colher.

Amanhã é noite de cinema, e discutimos o que vamos ver. Na semana passada, foi um filme com animais que falavam. Rory começa sempre por soltar um grunhido, mas adora-os tanto como qualquer um de nós. Os dois miúdos gostam de filmes sobre desporto, por isso, escolhemos um sobre uma liga de basebol juvenil que tenta chegar aos campeonatos mundiais. Votamos como se se tratasse de umas eleições a sério, e *Batter Up* vence por larga maioria.

— Chego a casa às cinco e meia — digo.

— O jantar é às seis — avisa Millicent.

— Terminámos? — quer saber Rory.

— Quem é o Owen Oliver Riley? — pergunta Jenna.

Tudo pára.

Millicent e eu olhamos para Jenna.

— Onde é que ouviste esse nome? — quer saber Millicent.

— Na televisão.

— O Owen é um homem horrível que fez mal a várias pessoas — respondo. — Mas nunca te vai fazer mal.

— Ah.

— Não te preocupes com o Owen.

— Mas porque é que andam a falar dele? — pergunta Jenna.

— Por causa daquela rapariga morta — diz Rory.

— Mulher — retifico. — Mulher morta.

— Ah. Essa. — Jenna encolhe os ombros e olha para o telefone. — Então, já podemos ir?

Millicent faz um aceno de concordância, e eles pegam nos seus telemóveis e vão levantando a mesa, enquanto enviam mensagens. Eu passo os pratos por água, Jenna ajuda a pô-los na máquina e Millicent trata do que resta dos tacos.

Enquanto nos preparamos para ir para a cama, Millicent acende a televisão num noticiário local. Vê os destaques da conferência de imprensa e depois vira-se para mim. Sem dizer nada, pergunta se tive alguma coisa que ver com aquilo.

Encolho os ombros.

Ela arqueia uma sobrancelha.

Pisco-lhe o olho.

Ela sorri.

Por vezes, não precisamos de dizer nada.

Nem sempre fomos assim. No início, passávamos noites inteiras a conversar, como fazem todos os jovens casais apaixonados. Conte-lhe todas as minhas histórias. Não as conseguia fazer sair suficientemente depressa, porque afinal tinha encontrado alguém que as julgava fascinantes. Que me achava fascinante.

Com o tempo, ela ficou a conhecer todas as minhas velhas histórias, por isso, trocávamos apenas histórias novas. Eu escrevia-lhe mensagens a meio do dia para lhe contar as mais pequenas coisas. Ela enviava-me uma fotografia engraçada que descrevesse o seu dia. Eu nunca tinha conhecido tão bem uma pessoa, nunca tinha partilhado tão completamente a minha vida. Isto continuou até nos casarmos, e mesmo depois, quando Millicent estava grávida de Rory.

Ainda me lembro do que comecei por não lhe contar. A primeira coisa de alguma importância, quero eu dizer. Foi o carro. Tínhamos dois; o dela era o mais novo, e o meu era uma velha carrinha amolgada onde cabia todo o meu equipamento de ténis. Quando Millicent estava grávida de oito meses, a minha carrinha avariou. A reparação ascendia a mil dólares, e não tínhamos esse dinheiro. Todo o dinheiro que íamos conseguindo tinha sido amealhado, aos poucos, para podermos comprar um berço, um carrinho e a montanha de fraldas de que íamos precisar.

Não queria inquietá-la, não queria que ficasse preocupada, por isso, tomei uma decisão. Disse-lhe que a carrinha se tinha avariado, mas não quanto custaria o arranjo. Portanto, arranjei um novo cartão de crédito só no meu nome.

Levei mais de um ano a pagá-lo e nunca contei à Millicent. Também nunca lhe falei das outras contas.

Esta foi a primeira coisa importante, mas ambos deixámos de falar das coisas pequenas. Tivemos um bebé, depois outro, e os seus dias tornaram-se mais extenuantes do que divertidos. Já não me falava de cada pequena coisa, e eu já não lhe contava todos os pormenores relacionados com os meus clientes.

Ambos deixámos de perguntar, deixámos de partilhar as insignificâncias, e, em vez disso, ficámo-nos pelos pontos altos. Ainda o fazemos.

Por vezes, um sorriso e um piscar de olho é tudo do que precisamos.

Dezasseis

Em vinte e quatro horas, Owen Oliver Riley está por todo o lado. O rosto dele está em todos os noticiários e sítios da Internet locais. Os meus clientes querem falar dele. Os que não são daqui querem mais pormenores. Os que são ainda não têm a certeza se ele está mesmo de regresso. Kekona, a coscuvilheira local, está entre ambos.

Embora tenha nascido no Havai, vive aqui há tempo suficiente para conhecer todas as nossas lendas, mitos e os residentes mais famosos. Não acredita que Owen Oliver esteja de volta. De todo.

Estamos no *court*, e a Kekona está a treinar o serviço. Outra vez. Acha que, se fizer um serviço perfeito, não precisa de jogar o resto do jogo. Em teoria, tem razão. Na prática, ninguém pode fazê-lo, a menos que o adversário tenha cinco anos.

— O Owen podia andar a matar mulheres em qualquer lado, mas eles acham que ele voltou para aqui? — troça.

— Se por «eles» se refere à polícia, então, não, eles não disseram nada sobre o Owen Oliver. Foi só uma pergunta de um jornalista.

— *Puf*.

— Não sei o que significa esse som.

— Significa que isso é ridículo. O Owen safou-se. Porque havia ele de voltar para aqui?

Encolho os ombros.

— Porque é a terra dele?

Kekona revira os olhos escuros.

— A vida não é um filme de terror.

Ela não é a única a pensar desta forma. Qualquer pessoa que não tenha passado por aquilo daquela primeira vez acha ridículo que Owen tivesse regressado. Vê a coisa como Kekona, como uma hipótese sem o menor sentido.

Mas os que aqui viviam e têm idade suficiente para se recordar acreditam que Owen voltou. Em especial, as mulheres.

Lembram-se de como era ter medo sempre que estavam sozinhas, dentro ou fora de casa, porque Owen atacava as suas vítimas quase em qualquer lado. Duas desapareceram de dentro das próprias casas. Uma foi numa biblioteca, outra, num parque, e, pelo menos, três estavam em parques de estacionamento. Duas destas tinham sido captadas por câmaras de vigilância. As imagens eram antigas e cheias de grão; Owen parecia uma grande mancha de roupa escura com um boné de basebol. Os vídeos tinham passado nas notícias durante todo o dia, de novo.

Hoje, tenho uma aula de ténis com Trista, a mulher do Andy, mas, quando percorro o clube, vejo-a no bar desportivo. Está a ver o noticiário num dos grandes ecrãs de televisão. Tal como o marido, conta com quarenta e poucos anos, e não consegue passar por mais jovem. Tem as pontas do cabelo demasiado loiras, os olhos sempre debruados a preto e um bronzeado profundo, perturbadoramente natural. Está sozinha a beber vinho tinto à uma da tarde. A garrafa está em cima da mesa.

Estou a ver que hoje não vamos ter aula.

Observo-a de longe, sem saber muito bem se devia envolver-me. Por vezes, os meus clientes contam-me mais do que o que quero saber. Sou como o cabeleireiro do exercício.

Mas, tenho de admitir, até pode ser interessante.

Dirijo-me para Trista.

— Oi.

Ela acena e aponta para uma cadeira vazia, sem retirar os olhos do televisor. Já a vi beber muitas vezes em festas e jantares, mas nunca a vi assim.

No intervalo para a publicidade, ela vira-se para mim.

— Hoje, não vou fazer a aula — diz.

— Obrigado por me avisares.

Ela sorri, mas isso não a faz parecer feliz. Ocorre-me que pode estar aborrecida com Andy. Talvez ele tenha feito alguma coisa errada, mas não quero intrometer-me. Começo a levantar-me da cadeira quando ela diz:

— Lembras-te de como foi naquela altura? — apontando para a televisão. — Quando ele andava a matá-las?

— O Owen?

— Quem havia de ser?

— Claro. Toda a gente daqui se lembra. — Encolho os ombros e volto a sentar-me. — Alguma vez foste ao The Hatch? Alguns de nós costumávamos lá ir beber uns copos ao sábado à noite, e todas as televisões estavam ligadas no noticiário. Acho que foi aí que...

Ela inspira fundo.

— Eu conhecia-o.

— Quem?

— O Owen Oliver. Conhecia-o. — Trista pega na garrafa e volta a encher o copo.

— Nunca me tinhas dito isso.

Ela revira os olhos.

— Não é propriamente uma coisa de que uma pessoa se possa orgulhar. Especialmente, porque namorei com ele.

— Não!

— Estou a falar a sério.

Fico de queixo caído. Não estou a exagerar.

— O Andy sabe?

— Não. Nem penso contar-lhe.

Abano a cabeça. Eu nunca lhe diria. Não quero ser o portador de uma notícia dessas.

— Mas como é que...

— Primeiro, bebe um pouco disto. — Trista empurra a garrafa na minha direção. — Vais precisar.

*

Trista tinha razão. O vinho suavizou o horror da história que me contou.

Conheceu Owen Oliver quando andava pelos trinta e poucos anos. Era uma década mais nova, formada em História de Arte e com um emprego numa empresa de cobranças. Foi assim que se conheceram. Owen trabalhava na faturação do Saint Mary. Quando as contas não eram pagas, passavam para a empresa de cobranças.

— Era um trabalho nojento — desabafou. A sua voz soava arrastada por causa do vinho. — Ligava a pessoas doentes e exigia-lhes o dinheiro. Eu era isso. Uma pessoa nojenta. O dia todo, sentia-me uma pessoa nojenta que fazia coisas nojentas.

Owen disse-lhe que não era nojenta. Falaram pela primeira vez sobre alguém chamado Leann, que devia ao hospital mais de dez mil dólares. Depois de ligar a Leann dezassete vezes, Trista convenceu-se de que o número estava errado. A única pessoa que atendia o telefone era um homem que parecia ter noventa anos e sofrer claramente de demência. Leann era uma mulher de vinte e oito anos que vivia sozinha. Trista ligou para o departamento de faturação do Saint Mary para verificar se o número estava correto. Não devia contactar o hospital diretamente, mas fê-lo na mesma. Foi Owen que atendeu o telefone.

— Claro que eu tinha o número correto. Owen disse-me que Leann era uma atriz. — Trista soltou um grande suspiro. — Fiquei tão envergonhada que nem lhe perguntei como sabia ele isso.

Conversaram. Ela gostou da voz dele, ele gostou da maneira como ela ria, e concordaram em encontrar-se. Trista namorou com Owen durante seis meses.

— Ambos gostávamos de comer e beber, e preferíamos ver desporto a praticá-lo. Exceto sexo. Muito sexo. Bom, mas não fantástico. Não era de me fazer ir à lua. Mas — Trista ergueu um dedo e agitou-o —, por outro lado, ele fazia uns bolinhos de canela de comer e chorar por mais. Caseiros. Estendia a massa, espalhava manteiga derretida por cima e, depois, juntava uma mistura de canela e açúcar... — Durante um segundo, o seu olhar pareceu vazio. Demorou algum tempo a regressar. — Seja como for. Os bolinhos de canela eram bons. Não havia nada de errado com os bolinhos de canela. E, na verdade, também não havia nada de errado com o Owen. Tirando o facto de ele estar no departamento de faturação de um hospital.

Trista baixou os olhos para a mesa e sorriu. Não era um sorriso sincero, mas cheio de aversão e dirigido para si própria. Ela ergueu a cabeça e olhou-me diretamente nos olhos.

— Acabei com ele, porque nunca me casaria com um funcionário da faturação de um hospital com trinta e três anos. Nunca na vida. E se isso faz de mim uma snobe, na boa, mas diabos me levassem se ia ser pobre a vida toda. — Ergueu as mãos, rendendo-se a quaisquer insultos que lhe quisesse lançar.

Não disse nada. Em vez disso, ergui o copo, fizemos um brinde e bebemos.

Trista falou de Owen Oliver Riley durante quase duas horas.

Ele gostava de ver desporto. O hóquei era um dos seus preferidos, embora a equipa profissional mais próxima estivesse a centenas de quilómetros de distância. Owen andava sempre de calças de ganga. Sempre, a não ser quando estava no duche, na cama, ou perto de uma piscina. Mas não sabia nadar. Trista desconfiava que ele tinha medo da água.

Vivia numa casa no lado norte da cidade, a mesma área em que Millicent e eu tínhamos vivido quando nos casámos. O lado norte não é uma má zona, mas é mais antiga e degradada do que o lado sudeste, onde se localiza Hidden Oaks. Owen herdara a casa pela morte da mãe, e Trista descreveu-a como «engraçadinha, mas quase uma barraca». Isso não era nada surpreendente. Muitas das casas do lado norte eram pequenas casinhas com alpendre, em madeira trabalhada, e com pequenas águas-furtadas. Por dentro, a maior parte é antiquada e está a degradar-se. A de Owen não era exceção.

A caldeira não funcionava, a janela do quarto estava emperrada, e a alcatifa era de um detestável verde-azulado. A casa de banho tinha uma banheira com pés, o que Trista gostava, mas a torneira pingava e dava com ela em louca. Quando passava lá a noite, fechava a porta da casa de banho; caso contrário, ouvia a torneira ao fundo do corredor. Quando comiam em casa de Owen, usavam os pratos que tinham sido da mãe dele, com um padrão floral amarelo no rebordo.

Passado algum tempo, Trista estava demasiado bêbada e cansada para continuar, por isso, pedi a um motorista do clube para a levar a casa. Disse-lhe que, se quisesse falar mais sobre o Owen, eu teria todo o gosto em a ouvir. Era verdade.

Ela dera-me exatamente o que eu precisava para a segunda carta dirigida ao Josh.

Dezassete

Fazer planos nunca fora o meu forte. Nem a minha viagem ao estrangeiro tinha sido planeada. Recebi uma chamada de um amigo, e, uma semana mais tarde, encontrei-me com ele no aeroporto de Orlando. Quando percebi que nunca seria suficientemente bom para jogar ténis profissional, não tinha nenhum plano. No dia em que Millicent me disse que estava grávida de Rory, não tinha nenhum plano para criar uma criança. Quando ela engravidou de Jenna, continuava a não ter um plano. Só o segredo que partilho com Millicent me faz planear.

O meu jogo é o ténis, não o xadrez. Eu jogo, e ensino, ténis de singulares, e normalmente é essa a única coisa que vejo: os dois lados da rede, duas forças opostas, um objetivo. Não é complicado. No entanto, aqui estou eu a conceber um plano que envolve múltiplas pessoas, como se tivesse alguma coisa a provar.

A versão atual do meu plano implica três pessoas: Owen, Josh e Annabelle. Com Millicent, são quatro, e eu podia até envolver Trista. Ou, pelo menos, a informação que ela me deu.

Primeiro, vou enviar outra carta a Josh. Não só vai incluir pormenores sobre a vida real de Owen — especificamente, a casa da mãe —, mas também vai incluir a data em que outra mulher vai desaparecer.

Isto é arriscado, sei-o bem. Talvez até desnecessário. Mas cumpre, de uma assentada, o nosso objetivo. Sim, Owen está de volta. Sim, é ele o responsável por Lindsay e pela próxima. Basta de conjeturas, basta de idas e voltas entre a polícia e os meios de comunicação, a pensar se ele está efetivamente de volta ou se se trata de alguém a imitá-lo. A informação que Trista me deu vai-lhes provar que é Owen. Ninguém terá a mínima dúvida quando a próxima desaparecer.

Será Annabelle Parson, embora eu não inclua o seu nome.

O lado negativo é que toda a polícia vai estar à espera que uma mulher desapareça nessa noite, e andar à sua procura assim que alguém dê conta do seu desaparecimento.

O lado positivo é que Annabelle tem muito poucos amigos. Ninguém vai dar conta do seu desaparecimento, enquanto ela não faltar ao trabalho. Facilmente teremos um avanço de dois dias.

Ainda vamos ter de perceber como apanhar Annabelle sem sermos vistos por ninguém, incluindo uma câmara, numa noite em que toda a gente está à espera que uma mulher desapareça. E enquanto a polícia andar à procura de Owen, Millicent vai passar completamente despercebida.

O plano é tão simples que podia ser brilhante.

Revejo-o, começando pela carta para Josh e terminando no desaparecimento de Annabelle. Enquanto o faço, apercebo-me de uma centena de lacunas, pontas soltas e potenciais problemas.

É por isto que não faço planos. É extenuante. E é também por isso que os faço. Tento ter tudo planeado antes de falar com Millicent. Mesmo passados todos estes anos, ela continua a tentar impressionar-me. Fê-lo quando decorou a nossa árvore de Natal com máscaras de oxigénio. No nosso quinto aniversário, pôs a mesma *lingerie* que tinha usado na nossa noite de núpcias. E, no nosso décimo aniversário, planeou umas pequenas férias.

Com dois filhos e uma casa maior na nossa lista de desejos, não tínhamos dinheiro para umas férias, nem sequer para um bom jantar. Millicent arranjou maneira de o termos.

Primeiro, apareceu nos *courts* de ténis. Millicent nunca lá vai. Se aparece no clube é para ir nadar ou almoçar com alguém, por isso, quando chegou ao *court*, julguei que tinha acontecido alguma coisa. Mas a minha mulher só queria raptar-me.

Millicent levou-nos para o meio do nada, parou e apontou para a floresta.

— Anda — disse.

E eu fui.

A algumas centenas de metros da estrada, chegámos a uma clareira. Uma tenda já estava ali montada, mesmo ao lado dos preparativos para uma fogueira. Uma pequena mesa de piquenique estava posta com pratos, copos e velas grossas.

Millicent levou-me a acampar. Não é amante do ar livre, mas, por uma noite, fingiu sê-lo.

Os insetos foram um problema, porque ela se esqueceu do repelente. As velas estavam protegidas, mas eram sempre apagadas pelo vento, e ela não se lembrou de levar mais água para lavar a loiça ou mesmo escovar os dentes. Nada disso importou. Sentámo-nos em frente à nossa fogueira e comemos sopa morna, bebemos cerveja rasca e fizemos sexo ainda mais rasca. Conversámos sobre o futuro, que parecia bastante diferente do que antes, por causa dos miúdos. Não diferente no sentido de mau, apenas em termos de prioridades.

Evitámos falar sobre as coisas que antes desejávamos, mas já não podíamos ter.

Na manhã seguinte, quando saí da tenda, vi Millicent ali parada, de mãos na boca. O nosso acampamento tinha sido saqueado.

Tudo tinha sido revirado, desarrumado, levado. A comida tinha sido levada ou aberta, e as nossas roupas extra estavam espalhadas pelo chão.

— Animais — disse eu. — Provavelmente guaxinins.

Ela não respondeu. Estava demasiado chateada para o fazer.

Millicent começou a reunir o que restava das nossas coisas.

— Ainda temos algum café — disse-lhe, erguendo um pequeno frasco de instantâneo. — Podíamos fazer...

— Acho que não foram guaxinins.

Fiquei a olhar para ela, enquanto apanhava o que restava de uma mochila.

— Então, o que...

— Foram pessoas que destruíram o nosso acampamento. Não animais.

— O que te faz dizer isso?

Ela apontou para onde tínhamos dormido.

— Não tocaram na tenda.

— Talvez só quisessem a comida. Talvez não se interessassem.

— Ou talvez fossem pessoas.

Parei de discutir. Voltámos a entrar na floresta e fizemos o caminho de regresso até ao carro.

Até hoje, quando aquela noite de campismo vem à baila, ela fala das pessoas horríveis que destruíram as nossas coisas. Continuo a achar que foi algum animal, não pessoas, mas não discuto. Millicent vê um motivo por detrás de tudo.

Mas o que mais recorde daquela viagem é muito diferente. O mais importante para mim é que Millicent planeou aquela viagem para me impressionar.

Annabelle Parson nunca faltou por doença nem chegou atrasada, nunca tirou mais do que dois dias seguidos de férias, e oferece-se sempre para substituir um colega doente. O que significa que não tem namorado. Qualquer uma que o tenha chega ocasionalmente atrasada. Os casais também tiram férias a sério, em especial, casais que não têm filhos, e Annabelle não tem. Ainda por cima, a perfeita cereja em cima do bolo, Annabelle foi considerada «Fiscal do Mês» cinco vezes, figurando nessa qualidade no sítio do município.

Mostro tudo isto a Millicent, que analisa o material e diz:

— Tens razão. Ela é perfeita.

— Também estou a trabalhar na próxima carta para o Josh, mas não ta vou mostrar.

— Não?

— Quero que seja uma surpresa.

Ela sorri um pouco.

— Confio em ti.

Esta é a melhor coisa que já ouvi esta semana.

Começo a observar Annabelle da mesma maneira que observei as outras. Com alguma cautela.

Hoje, apanho o comboio até ao local onde ela trabalha, só para o caso de começar a reconhecer o meu carro. É impossível segui-la quando está a trabalhar. Annabelle usa um todo-o-terreno do município para andar às voltas, à procura de parquímetros expirados e parqueamentos ilegais. Pára e recomeça ao acaso.

Durante algum tempo, sento-me num café na rua principal. A cada vinte ou trinta minutos, ela passa para verificar os parquímetros. Enquanto espero, esboço a minha próxima carta de Owen Oliver. Trabalho sob o pressuposto de que esta há de parecer tão convincente que será tornada pública. Josh e a estação onde trabalha não vão resistir.

A simples menção ao regresso de Owen está a deixar toda a gente perturbada. Os canais locais têm passado excertos de reportagens antigas, retrospectivas e perfis. Owen tem figurado na capa dos jornais nos últimos

dias. Rory e os amigos já transformaram o nome de Owen num verbo («Vou Owen Olivar-te») e o grupo feminino local anda a fazer lóbi para o homicídio de Lindsay ser declarado um crime de ódio.

Tento imaginar a escalada de tudo isto, se o rumor for confirmado. Ou mesmo se as pessoas julgarem que está confirmado. É só disso que precisamos. Crença. Se conseguir fazer com que a polícia acredite, ninguém vai andar à procura de outra pessoa que não de Owen.

Pode ter sido Millicent a começar tudo isto, mas serei eu a completar a tarefa. Ela vai ficar tão impressionada.

Dezoito

Se não tivesse sido Robin, nada disto teria acontecido. Não a procurámos; ela não foi escolhida, como Lindsay. Robin mudou tudo quando nos bateu à porta.

Aconteceu numa terça-feira. Eu tinha acabado de chegar. Era hora do almoço, não estava ninguém em casa, e tinha algumas horas antes da aula seguinte. Isto passou-se quase um ano depois de Holly, e a vida tinha regressado ao normal. O seu corpo desaparecera há muito, decompondo-se num pântano. Millicent e eu não falávamos dela. Eu já não estava à espera de ouvir as sirenes da polícia. O meu coração deixou de acelerar de cada vez que o telefone ou a campainha tocavam. Estava desprevenido quando abri a porta.

A mulher no alpendre era jovem, com vinte e poucos anos, e usava calças de ganga justas e uma *T-shirt* com o colarinho rasgado. Tinha as unhas vermelhas, o batom rosa, e o cabelo comprido era da cor de uma castanha torrada.

Atrás dela estava um carrinho vermelho, estacionado na rua. O carro era antigo, quase um clássico, sem que chegasse a sê-lo. Minutos antes, vira-o parado num semáforo não muito longe de casa. Ela tinha buzinado, mas não percebi que estava a fazê-lo para mim.

— Posso ajudar? — perguntei-lhe.

Inclinou a cabeça, olhando-me de lado, e sorriu.

— Bem me parecia que eras tu.

— Perdão?

— És amigo da Holly.

O nome provocou em mim uma descarga elétrica, como se tivesse enfiado um dedo numa tomada.

— A Holly?

— Eu vi-te com ela.

— Acho que me está a confundir com outra pessoa.

Ela não estava a confundir-me, claro. Agora reconhecia-a.

Quando o hospital dera alta a Holly, um dos médicos ajudou-a a conseguir emprego numa mercearia. Holly fazia reposição nas prateleiras em tempo parcial. Foi onde lhe disse para se manter longe, onde a confrontei por estar a assustar a nossa família.

Não tencionara que aquilo se descontrolasse.

Foi uma segunda-feira de manhã, enquanto a loja estava calma e tudo estava a ser reabastecido. Vi Holly num dos corredores, sozinha a repor caixas de barras de granola numa prateleira. Quando avancei pelo corredor na sua direção, ela virou-se para mim. Os seus límpidos olhos verdes fixaram-me até chegar ao seu lado.

— Sim? — interpelou-me.

— Acho que não fomos formalmente apresentados. — Estendi a mão e esperei que a apertasse. O que ela fez passado algum tempo.

Disse-lhe que lamentava termos tido de nos conhecer assim — que noutro local, noutro momento, talvez pudéssemos ser uma família. Mas agora isso não era possível, porque o seu comportamento estava a assustar a minha mulher e os meus filhos. As crianças nunca lhe tinham feito nada. Não mereciam aquilo.

— Estou a pedir-lhe — continuei. — Por favor, pode deixar a minha família em paz?

Ela riu-se de mim.

Holly riu-se até as lágrimas lhe correrem dos olhos, depois, riu-se um pouco mais. Quanto mais aquilo continuava, mais humilhado comecei a sentir-me. O que pode tê-la feito rir ainda mais. Comecei a compreender como ela fazia Millicent sentir-se, e isso deixou-me zangado.

— Sua cabra — insultei-a.

Ela parou de rir. Os seus olhos quase chispavam de raiva.

— Fora daqui.

— E se eu não for? E se ficar aqui e tornar a sua vida um inferno? — A minha voz soava muito mais alto do que devia.

— Fora daqui.

— Mantenha-se longe da minha família.

Holly ficou a olhar para mim, imóvel como uma estátua. Não se moveu.

Virei-me para sair, sentindo-me um pouco impotente. Não conseguia falar com Holly, não conseguia fazê-la compreender.

Robin estava ao fundo do corredor, observando tudo.

Também trabalhava na loja. Usava a mesma *T-shirt* amarela e o avental verde. Eu vi-a, passei por ela, e posso ter-lhe feito um aceno de cabeça. Ou talvez não. Mas ela estava ali, tinha-me visto, e agora estava à minha porta.

— Não estou enganada — disse ela. — És o tipo que vi naquele dia.

Não fiz nenhuma pausa.

— Lamento... está a confundir-me com outra pessoa. — Fechei a porta.

Ela bateu de novo.

Ignorei-a.

A voz de Robin transpôs a porta.

— Sabes que ela desapareceu, não sabes? Nem foi buscar o último cheque do ordenado.

Abri a porta.

— Ouça, tenho muita pena pela sua amiga, mas não faço ideia...

— Pois, pois. Pessoa errada. Não eras tu. Agora que já sei quem és, posso só deixar a polícia resolver as coisas.

Deu meia-volta e preparou-se para se ir embora.

Não a deixei.

Ninguém sabia que Holly estava desaparecida. Ninguém andava à procura dela, e eu não queria que comessem agora. Millicent e eu não éramos especialistas em Ciências Forenses, nem em ADN, nem em nada do género. Se alguém procurasse como devia, havia de descobrir todos os nossos erros.

Perguntei a Robin se queria entrar e conversar. Ela começou por hesitar. Tirou o telefone da mala e manteve-o na mão, enquanto entrava em minha casa. Fomos para a cozinha. Ofereci-lhe uma bebida, que recusou. Em vez disso, pegou numa laranja que estava em cima da mesa e começou a descascá-la. Sem admitir nada, sem sequer me apresentar, perguntei-lhe o que tinha acontecido. Ela começou a falar da mercearia, de Holly e de si própria.

Contou-me uma história de quando tinha começado a trabalhar na mercearia, quando conhecera Holly e como se tinham tornado amigas. Levantei-me da mesa e fui ao frigorífico buscar um refrigerante. Enquanto a porta estava aberta, enviei uma breve mensagem a Millicent. Usei a mesma linguagem que ela tinha usado quando Holly fora lá a casa.

Senti como se tivessem passado horas, antes de o carro dela parar à porta. Por essa altura, Robin perguntava-me o que devíamos fazer para resolver a nossa atual situação. Não queria justiça para a sua querida e velha amiga Holly. Ela queria dinheiro, muito dinheiro.

— Acho que pode ser uma situação vantajosa para os dois — dizia. A porta da rua abriu-se, e a cabeça de Robin virou-se. — Quem está ali?

— A minha mulher — respondi.

Millicent apareceu à porta, ofegante, como se tivesse vindo a correr. Vinha com a roupa do trabalho, saia, blusa e saltos altos. Tinha o casaco aberto; nem se dera ao trabalho de o abotoar. Olhou para mim, para Robin e novamente para mim.

— Esta é a Robin — disse-lhe. — Era colega de uma mulher chamada Holly.

Millicent ergueu uma sobrancelha para Robin, que anuiu.

— É isso mesmo. E vi o seu marido a falar com ela. Chamou-lhe cabra. A sobrancelha arqueada virou-se para mim.

Eu não disse nada.

Millicent despiu o casaco e lançou-o sobre uma cadeira.

— Robin — disse, avançando pela cozinha —, porque não me conta tudo o que aconteceu?

Robin dirigiu-me um sorriso triunfante e fez a sua narração, começando pela minha entrada na mercearia.

Atrás de mim, Millicent remexia em coisas na cozinha. Eu não conseguia ver o que andava a fazer. Ouvi os seus saltos a bater no chão quando se aproximou. Robin fez-lhe um olhar estranho, mas continuou a falar.

Não vi o ferro dos *waffles* na mão de Millicent até ouvir o estalar do crânio de Robin. Ela caiu no chão com um baque.

Millicent matou Robin da mesma maneira que eu tinha matado Holly. Sem a menor hesitação. Toda ela era instinto.

E foi sensual.

Dezanove

O telefonema chega quando saio do clube e estou a caminho, para ir vigiar Annabelle. Millicent diz-me que a nossa filha está doente.

— Fui buscá-la à escola.

— Febre? — pergunto.

— Não. Como está o teu horário?

— Posso ir já para casa.

Todos os pensamentos a respeito de Annabelle desaparecem. Dou meia-volta com o carro.

Em casa, Millicent anda às voltas pelo vestíbulo, enquanto fala ao telefone. Jenna está na sala deitada no sofá em frente à televisão, aninhada em mantas, com a cabeça pousada numa pilha de almofadas. Na mesa de apoio, um copo de *ginger ale*, uma pilha de bolachas de água e sal e um alguidar, pelo sim pelo não.

Sento-me no sofá ao seu lado.

— A mamã diz que estás doente.

Ela anui. Faz beicinho.

— Sim.

— Não estás a fingir?

— Não. — Jenna faz um pequeno sorriso.

Sei que não está a fingir. Ela odeia estar doente.

No infantário, teve pneumonia e faltou um mês à escola. Não estava suficientemente doente para ficar no hospital, mas estava-o para se lembrar de tudo. Tal como Millicent. Por vezes, comporta-se como se Jenna tivesse outra vez cinco anos. É um pouco excessivo, agora que a nossa filha tem treze, mas não discuto. Também me preocupo com Jenna.

— Vês comigo? — Jenna aponta para a televisão.

Descalço-me e elevo os pés. Vemos um concurso, gritando as respostas antes de serem reveladas.

Os saltos de Millicent ressoam pelo chão. Ela aproxima-se e põe-se em frente à televisão.

Jenna carrega no *mute*.

— Como estamos? Estamos bem? — pergunta Millicent.

Jenna faz um aceno afirmativo.

— Estamos bem.

Millicent vira-se para mim.

— Quanto tempo podes ficar?

— A tarde toda.

— Eu ligo-te mais tarde.

Millicent dirige-se para Jenna e leva uma mão à sua testa, primeiro com a mão e depois com os lábios.

— Continua sem febre. Liga, se precisares de alguma coisa.

Os seus saltos ressoam pelo corredor fora. Jenna mantém a televisão sem som até depois de a porta principal se fechar. Tornamos a ver o concurso. No intervalo, Jenna volta a carregar no *mute*.

— Estás bem? — pergunta.

— Eu? Não sou eu que estou doente.

— Não é a isso que me refiro.

Eu sei.

— Estou bem. Só ocupado.

— Demasiado ocupado.

Ela não volta a perguntar.

Millicent liga duas vezes, primeiro, interrompendo um *talk show* e a seguir uma telenovela para adolescentes. Rory chega a casa por volta das três e, depois de alguns resmungos iniciais, junta-se à nossa maratona televisiva.

Às cinco, torno-me de novo um pai.

— Trabalhos de casa — anuncio.

— Estou doente — diz Jenna.

— Rory, trabalhos de casa.

— Acabaste de te lembrar que eu ando na escola?

— Trabalhos de casa — repito. — Sabes as regras.

Ele revira os olhos e sobe as escadas.

Devia ter dito alguma coisa mais cedo. Não foi por me ter esquecido, foi por não me lembrar da última vez que passara algum tempo sozinho com os meus miúdos.

Millicent regressa quarenta e cinco minutos mais tarde. É rápida nos cumprimentos, depois, apressa-se na cozinha, pondo o jantar no forno antes mesmo de ter mudado de roupa. A energia na casa é diferente, quando ela está presente. Tudo se eleva, porque as expectativas são diferentes.

Esta noite, comemos canja de galinha com massa, e ninguém se queixa. É o que fazemos quando alguém está doente.

Outras regras também são relaxadas. Uma vez que Jenna está instalada no sofá, Millicent decide que é onde toda a gente vai comer. Comemos todos sentados em frente à televisão com os pratos em tabuleiros. Por esta altura, Millicent já vestiu roupa confortável, e Rory diz que já fez os trabalhos de casa. Vemos uma nova série para rir que é terrível, seguida de outra, policial, medíocre, e durante duas horas tudo parece normal.

Depois de os miúdos irem para a cama, Millicent e eu arrumamos a sala. Embora tenha passado o dia deitado no sofá, sinto-me exausto. Sento-me à mesa da cozinha e esfrego os olhos.

— Faltaste a muita coisa hoje? — pergunta-me Millicent.

Ela está a falar do meu verdadeiro emprego, a que teria faltado de qualquer maneira, porque havia planeado vigiar Annabelle.

Encolho os ombros.

Ela coloca-se atrás de mim e começa a esfregar-me os ombros. Sabe bem.

— Eu é que devia estar a massajar os *teus* ombros — digo. — Tu é que trabalhaste o dia todo.

— Cuidar de uma criança doente é mais stressante.

Millicent tem razão, embora Jenna estivesse mais abatida do que propriamente doente.

— Ela vai ficar bem — digo.

— Claro que vai.

Ela continua a massajar. Ao fim de um minuto, diz:

— Como está tudo o resto?

— A tua surpresa está quase pronta.

— Ótimo.

— Vai ser.

Millicent pára de me esfregar os ombros.

— Isso está a soar uma promessa.

— Talvez seja mesmo isso.

Ela segura-me numa mão e leva-me para o nosso quarto.

Depois de Robin, não falámos dela. Nem falámos de Holly. Millicent e eu voltámos às nossas vidas, ao nosso trabalho, aos nossos filhos. A ideia de Lindsay — de uma terceira — começou há um ano e meio. Na altura, eu não o sabia, não me imaginava a escolher, perseguir e matar uma mulher. Foi só uma pequena coisa que aconteceu no centro comercial.

Estava lá com Millicent, sozinhos. Tínhamos ido comprar prendas de Natal para os miúdos. O dinheiro era mais escasso do que de costume. Millicent tinha esperado fechar o negócio de duas casas, mas em ambas estava demorado por questões financeiras. Faltava uma semana para o Natal, e não tínhamos presentes, não tínhamos dinheiro nas contas, nem restava muito *plafond* nos cartões de crédito. Baixámos três vezes o nosso orçamento para aquela festividade; também tínhamos de comprar presentes para os nossos amigos, colegas e clientes.

No centro comercial, Millicent dizia sempre não. Tudo o que eu encontrava era demasiado caro.

— Vamos parecer sovinas — disse eu.

— Estás a ser dramático.

— Eu cresci com estas pessoas.

Millicent revirou os olhos.

— Outra vez essa conversa?

— O que queres dizer com isso?

— Nada. Esquece.

Levei uma mão ao seu braço. Ela tinha uma camisa de manga comprida, mas não era um casaco, porque, mesmo em dezembro, as nossas temperaturas andavam pelos dezoito graus.

— Não, o que querias dizer com aquilo?

— Queria dizer que estás sempre a falar «desta gente». A gente de Hidden Oaks. Tu insulta-las, mas depois gabas-te de ser uma delas.

— Não gabo nada.

Millicent não respondeu. Estava a olhar para uma prateleira de castiçais.

— Não faço nada disso — repeti.

— O que achas destes? — Ergueu um par de prata. Ou qualquer coisa que parecia prateada.

Levantei o nariz.

Ela devolveu os castiçais à prateleira com um baque.

Eu já estava irritado. A seguir, sobreveio a fadiga. Ultimamente, só falávamos de dinheiro. Estava farto de ouvir dizer que não tínhamos

dinheiro, que não podia comprar qualquer coisa, que tinha de escolher outra coisa mais barata. Nem conseguia comprar aos meus filhos o que eles queriam pelo Natal.

Millicent continuou a falar, sem parar, do orçamento e das contas do banco. Desliguei. Já não a conseguia ouvir, não conseguia pensar naquilo — e precisava de uma distração.

Por acaso, a distração passou por mim. Tinha o cabelo cor de castanha torrada.

— Alô? — Millicent estalou os dedos na frente da minha cara.

— Estou aqui.

— Tens a certeza? Porque...

— Aquela era um bocado parecida com a Robin — disse-lhe. — A amiga da Holly.

Millicent virou-se e observou a mulher que desaparecia na multidão. Quando se voltou de novo para mim, tinha uma sobrancelha arqueada.

— Achas?

— Sim.

— Que estranho.

Era estranho, de facto. Tal como a sensação que tivera quando me recordara do homicídio de Robin. Sempre que o fazia, pensava como aquele dia tinha sido fantástico, como nos tínhamos unido e feito o que precisava de ser feito para nos protegemos. Para proteger a nossa família. Tinha sido fantástico.

E tão sensual.

Comecei a dizer à minha mulher isto mesmo.

Vinte

O horário de trabalho de Annabelle nunca muda. De segunda a sexta, das oito às cinco, ela distribui multas, chama reboques e ouve gritos por fazer o seu trabalho. As pessoas rogam-lhe pragas, fazem-lhe gestos obscenos e insultam-na. Annabelle mantém-se calma, mas pergunto-me como o consegue. Será que não se importa mesmo ou terá a ajuda de uma ou duas substâncias? Pergunto-me qual será a taxa de dependência entre os fiscais de empresas de estacionamento.

As suas noites não são muito simples. Ela é uma mulher solteira que gosta de sair, mas não demasiado, e, como fiscal, não ganha muito. Às quartas-feiras, janta com os pais, mas, tirando isso, as suas noites não têm um padrão definido. Se tivesse de escolher uma noite em que ela saía mais do que as outras, diria a sexta-feira.

Daqui a duas semanas, será sexta-feira treze. Não podia ser mais ridiculamente perfeito do que isto. Na sexta-feira treze, Annabelle desaparecerá.

Sou finalmente capaz de terminar a segunda carta de Owen para Josh. É datilografada, como a primeira, só que muito mais extensa.

Caro Josh,

Não sei muito bem se acreditou que sou eu. Ou talvez tenha acreditado, mas a polícia não. Não sou um imitador nem um impostor. Sou eu, o mesmo Owen Oliver Riley que vivia no número 4233 de Cedar Crest Drive, naquela velha casinha com a carpete nojenta. Não fui eu que a pus lá, já agora. Foi uma má decisão da minha mãe.

Sinto que o que temos aqui é uma falta de confiança. Absolutamente compreensível, tendo em conta que ninguém me tem visto, nem tem falado comigo. Bem, exceto a Lindsay. Ela viu-me bastante. E falámos muitas, muitas vezes durante o ano em que foi minha.

Mas agora estou sozinho, embora você não acredite em mim. Por isso, vou garantir-lhe uma coisa. Daqui a duas semanas, vai desaparecer outra mulher. Até lhe digo a data precisa. Sexta-feira treze. Pirososo, não é? Ah, pois é. E também é fácil de decorar.

E, Josh, é possível que não confie em mim agora, mas vai aprender que cumpro sempre a minha palavra.

Josh receberá a carta na terça-feira. Mais uma vez, borrifo-a com a água-de-colônia de *cowboy* antes de a enviar. A carta será primeiro examinada pela polícia, e quem sabe quantas discussões terão de ter lugar até decidirem mostrá-la ao público. Ou, pelo menos, a parte sobre a sexta-feira treze.

Entretanto, estou de volta à minha vida real. Cancelei demasiadas aulas nas últimas semanas. Agora, o meu horário de trabalho está completo: o dia inteiro e todos os dias, para além de todas as pequenas coisas que têm de ser feitas. Ir buscar os miúdos, ir deixá-los, rápidas idas às compras adquirir o que falta. Enterrar-me nas minudências faz com que a minha vida pareça normal. Quase faz com que desapareça aquele nervoso miudinho que sinto sempre. E, se Millicent não estivesse sempre a olhar para mim, a fazer-me tantas perguntas com o olhar, ele poderia ter mesmo desaparecido.

As suas respostas chegam na quinta à noite.

Millicent e eu estamos no *country club*, numa festa em homenagem a alguém da direção que se vai reformar. Os eventos no clube são extravagantes, a rasar a vulgaridade. A comida abunda, o vinho é pesado, e todos se congratulam pelo sucesso alcançado.

Nós vamos, porque temos de ir; a criação de redes faz parte dos nossos trabalhos. Temos até um sistema. Depois de entrarmos juntos, dispersamos. Eu vou para a esquerda, ela vai para a direita, e circulamos pela sala até nos encontrarmos de novo ao centro. Trocamos de lado, voltamos a separar-nos e encontramos-nos de novo à entrada.

Millicent traz um vestido amarelo-vivo; com o cabelo ruivo, parece uma chama. Do meu lado da sala, vejo-a de relance a mover-se entre a multidão, e aquele vestido amarelo nunca se afasta muito do meu olhar. Vejo-a rir, sorrir, mostrar preocupação ou encanto. Quando os seus lábios se mexem, tento adivinhar o que diz. Tem um copo de champanhe na mão, mas nunca bebe. Ninguém reparou.

Esta noite, os seus olhos estão mais brilhantes do que há longo tempo, como uma folha jovem ao sol. Quando se viram para os meus, Millicent percebe que estou a olhar para ela.

Pisca-me o olho.

Suspiro e continuo o meu trabalho de relações públicas.

Andy e Trista estão aqui, ambos com copos cheios de vinho na mão. Andy dá uma palmadinha na barriga e diz que precisa mesmo de começar a fazer exercício, ou coisa do género. Trista não diz muita coisa, mas olha para mim um pouco mais de tempo do que de costume. Deve lembrar-se da nossa conversa sobre Owen, ou, pelo menos, de parte dela.

Kekona também está na festa. Trouxe consigo um homem mais novo, o seu novo acompanhante, e nem se dá ao trabalho de o apresentar. Em vez disso, fala sobre todos os outros — quem está com bom aspeto e quem não está, quem fez uma plástica e quem precisa de a fazer. Como um dos membros mais ricos do clube, Kekona pode dizer tudo o que quiser, que as pessoas continuam a aceitá-la.

Beth, uma empregada de mesa do clube, passa por nós com uma bandeja de bebidas e oferece-me uma. O seu sotaque do Alabama destaca-se, e fá-la parecer animada.

Abano a cabeça.

— Hoje, não.

— *Ok* — diz.

Dirijo-me para um novo casal, os Rhinehart. Lizzie e Max acabaram de se mudar para Hidden Oaks. A minha mulher vendeu-lhes a casa, e encontrei-me com eles uma vez. Max joga golfe, mas Lizzie diz que já jogou ténis. Acha que devia retomar a prática desportiva. O marido cansa-se do assunto e muda para o *marketing*, que é o seu trabalho. Max pensa que pode fazer grandes coisas pelo *Country Club* de Hidden Oaks, embora não tenha sido contratado oficialmente por ninguém.

Digo a Lizzie que ligue, se quiser voltar a jogar ténis. Ela promete que vai fazê-lo.

Millicent e eu encontramos-nos no meio do salão. O seu copo de champanhe continua cheio, e despeja metade num vaso.

— Estás bem? — pergunta.

— Estou.

— Então, mais uma ronda?

— Vamos.

Separamo-nos uma segunda vez, e eu avanço para o outro lado da sala, cumprimentando toda a gente com quem ainda não falei. Sinto-me como se me estivesse a mover em círculos, porque é mesmo o que faço. O anúncio chega antes das onze da noite. Não sei quem o viu primeiro, nem quem o

mencionou, mas vejo, de facto, pessoas a pegar nos seus telefones. Demasiadas, todas ao mesmo tempo.

Uma mulher ao meu lado sussurra:

— É ele.

É então que sei.

Alguém liga os ecrãs de televisão no bar. Ficamos cercados por Josh, que vai a meio do seu momento de glória. Não parece tão jovem, esta noite, mas pode ser dos óculos. São novos.

— *Recebi esta carta no início da semana. Depois de discutir o assunto com a polícia e com o dono do canal, decidimos que, no interesse da segurança pública, não temos outra opção senão torná-la pública.*

Aparece no ecrã uma fotografia da carta. Todos acompanhamos as palavras datilografadas, enquanto Josh as lê em voz alta. Quando chega à parte de uma mulher desaparecer na sexta-feira, dia treze, um arquejo coletivo irrompe dos convidados da festa.

Olho em volta e encontro o vestido amarelo.

Millicent está a olhar para mim, com um sorriso breve e uma sobranceira arqueada, como se me estivesse a fazer uma pergunta.

Pisco-lhe o olho.

— Brilhante — diz ela. — Tu és brilhante.

Millicent está deitada na cama, nua, com o vestido amarelo atirado sobre uma cadeira.

— Achas que agora toda a gente já acredita? — Eu sei que sim. Quero que ela o diga.

— Claro que acreditam. Todos acreditam.

Estou de pé ao fundo da cama, também nu, a sorrir, e a sentir-me como se tivesse vencido um jogo.

Millicent estica os braços para cima, agarrando-se à cabeceira da cama.

Volto a deitar-me na cama ao seu lado.

— Vão andar todos à procura do Owen.

— Sim.

— Não vão ver mais ninguém.

Millicent toca-me no nariz.

— Por tua causa.

— Pára.

— É verdade.
Abano a cabeça.
— Temos de parar de nos vangloriar.
— Amanhã.

Os dias seguintes são os melhores de sempre. A maneira como Millicent me sorri deixa-me exultante. Pareço até andar mais direito.

Ela também o sente. No dia seguinte à festa, envia-me uma mensagem e assina Penny. É a única alcunha por que alguma vez a tratei. Não a usava há anos.

Inventei-a numa noite em que tínhamos saído, antes de sermos oficialmente namorados, mas depois de termos ido para a cama juntos. Nenhum de nós tinha muito dinheiro, por isso, muitos dos nossos encontros eram simples. Fazíamos longas caminhadas, íamos a matinés com preços especiais e aproveitávamos os *buffets* nas *happy hours*. De vez em quando, tornávamo-nos mais criativos. Naquela noite, em particular, fizemos trinta quilómetros para comer piza barata e ir a um velho salão de jogos.

No lado contrário do salão, havia um pequeno parque e uma fonte. Ela tirou uma moeda de um *penny* da carteira, pediu um desejo e atirou-a lá para dentro. Ficámos a vê-la afundar-se, instalando-se em cima de tantas outras. A água estava tão límpida que eu ainda conseguia ver as letras inscritas na moeda.

Um cêntimo.

— Era assim que te devia chamar — disse-lhe. — *Penny*.

— Penny?

— *Millicent*.

— Oh, céus.

— Além disso, tens o cabelo ruivo — continuei.

— Penny? Estás a falar a sério?

Sorri.

— Penny.

Ela abanou a cabeça a olhar para mim.

Eu estava apaixonado, total e indubitavelmente, mas ainda não dissera as palavras em voz alta. Em vez disso, chamara-lhe Penny. Com o tempo, dissemos as palavras sentidas e deixei de lhe chamar Penny. Agora, ela recuperava aquele nome, e eu nunca mais quero descartá-lo.

Vinte e um

Segunda-feira, dia nove, Annabelle está a trabalhar. É um dia lindo — cheio de sol, mas não demasiado quente. Quase fresco. Annabelle estacionou ao fundo do quarteirão e percorre a rua a verificar as matrículas e os parquímetros. O seu cabelo curto escapa-se por debaixo do boné que usa para proteger os olhos. Tem um auricular na orelha direita, o fio branco a descer-lhe pelo peito, passando pela camisa e entrando no bolso direito das calças. A farda azul é decididamente unissexo.

Observo-a ao fundo da rua, à espera. Quando chega ao carro verde, começa a carregar em botões do seu aparelho manual. Corro pela rua abaixo, parando a alguns metros dela. Ergo as mãos como que a dizer-lhe para esperar.

Annabelle olha para mim, como se eu fosse louco.

Pego no meu telefone, escrevo e passo-lho.

Desculpe, não a queria assustar! Chamo-me Tobias. Sou surdo.

Ela lê a mensagem. Os seus ombros relaxam, e faz um aceno de assentimento.

Aponto para o carro e depois para mim.

Ela aponta para o parquímetro expirado.

Uno as mãos por baixo do queixo, como que numa súplica. Ou uma reza.

Ela ri-se. Annabelle tem um riso bonito.

Sorrio, mostrando-lhe as minhas covinhas.

Annabelle acena-me com um dedo indicador.

Passo-lhe o meu telefone.

Prometo que nunca mais volta a acontecer...

Ela suspira.

Ganhei. O carro verde não recebe uma multa.

Nem sequer é meu.

Nem sequer sei porque falei com Annabelle. Desta vez, não precisava de o fazer; não preciso de saber mais nada sobre a sua vida, nem onde vive, nem quem pode estar à sua espera. Já tenho todas as respostas, mas fi-lo na mesma. Tudo faz parte do meu processo.

Na quarta, vou voltar a vê-la. Ela não sabe.

A fotografia de Owen está em todo o lado. Os peritos envelheceram-no digitalmente, elucubrando sobre o seu aspeto atual. Fazem mesmo considerações sobre a maneira como ele pode disfarçar-se. Sou bombardeado por estas fotografias; estão em todos os noticiários, nos jornais, na Internet. São colados prospectos em postes telefónicos. Owen com barba, com bigode, cabelo escuro, careca, gordo e magro. Owen com cabelo curto e comprido, óculos e lentes de contacto, com patilhas e pera. Owen parece-se com todos os homens e com homem nenhum.

Fui eu que fiz isto.

Bem, foi Millicent que o fez. Ou que o começou. Mas eu também o fiz.

Não foi uma grande coisa — nada de especial, decerto —, mas, por minha causa, toda a gente anda à procura de Owen Oliver Riley.

Sempre quis estar acima da média.

Primeiro, foi o ténis. O meu pai jogava, a minha mãe fingia que jogava, e, quando tinha sete anos, bati a minha primeira bola. Foi o primeiro desporto por que me interessei, por isso, contrataram um treinador, compraram-me a minha primeira raqueta e ficaram despachados do assunto. Ao fim de alguns anos, eu era o melhor jovem jogador do clube. Mesmo assim, não consegui obter a atenção deles, pelo menos da maneira que desejava, mas isso só me tornou ainda melhor. Não fazia ideia de quanta fúria tinha dentro de mim até bater naquela pequena bola amarela.

Não estava na média, nessa altura, não era uma desilusão para ninguém senão para os meus pais. Era melhor do que todos os outros, até ao momento em que deixei de o ser. A seguir, já não sabia ser mediano, por isso, fui para fora, para longe dos meus pais, em busca de um lugar onde

pudesse estar acima da média, ser melhor do que uma desilusão. Com Millicent, sou-o.

É terrível dizer isto, mas a minha vida tem sido muito melhor desde que os meus pais morreram.

E desde que Millicent entrou na minha vida. Ela faz-me sentir melhor do que qualquer outra pessoa. Está tão impressionada com a minha carta. Na cama, fala-me disso.

— Quem me dera poder recortá-la e cortá-la no frigorífico.

Rio-me e esfrego-lhe a perna. Está pendurada sobre a minha naquela sua maneira ociosa.

— Os miúdos podiam achar esquisito.

— Nem sequer reparavam.

Ela tem razão. O nosso frigorífico é uma confusão de fotos coladas, montadas e reunidas numa espécie de álbum de família. Os pormenores são tão vagos que nada se destaca.

— Tens razão — digo. — Não reparavam.

Millicent vira-se para mim e aproxima o rosto do meu. Sussurra:

— Tenho um segredo.

O meu coração sobressalta-se um pouco, e não é de uma maneira boa.

— O quê? — pergunto. Não o faço num sussurro.

— Fui vê-la.

— Quem?

— A Annabelle. — Ela mimetiza o nome com os lábios, sem produzir um único som. O meu coração tranquiliza-se um pouco. Fizemos isto na última vez; observámos Lindsay e depois fizemos o relatório.

— E?

— Ela vai ficar perfeita na televisão.

As luzes do nosso quarto estão apagadas, mas a escuridão não é total. O quarto fica no andar de cima e voltado para a frente da casa. A luz do candeeiro da rua passa pelos lados das cortinas. Já fiquei a olhá-la muitas vezes desde que nos mudámos para esta casa. O quadrado de luz dourada parece tão pouco natural.

— Penny — digo.

Ela ri-se.

— O que é?

— Amo-te.

— E eu a ti.

Fecho os olhos.

Às vezes, digo-o primeiro; outras vezes, é ela. Gosto disto, porque sinto que é igual para ambos. Mas foi ela que disse primeiro. A primeira vez, quero eu dizer. Ela foi a primeira a dizer que me amava.

Demorou três meses. Três meses desde que nos conhecemos no avião até ao momento em que disse que me amava. Eu amava-a pelo menos há dois meses e meio, mas não o disse. Não o disse até ela mo dizer. Quando aconteceu, estávamos literalmente em cima de uma árvore. Éramos novos, estávamos tesos e andávamos à procura de alguma coisa para fazer, por isso, trepámos a uma árvore.

Como seria de esperar, Woodview tem árvores. Temos um parque cheio de carvalhos gigantes, perfeitos para se trepar. Mas, naquele dia, Millicent e eu estávamos num ácer. Eu devia ter sabido que, quando Millicent disse que queria trepar a uma árvore, ia escolher uma árvore que exigisse uma transgressão.

Ficava numa propriedade privada, defronte de uma casa que se erguia umas centenas de metros ao fundo. A única coisa entre a estrada e a porta principal era um relvado plano e aquele ácer gigante.

Estávamos a meio de agosto, no pico do calor do verão, e olhámos para a árvore do interior do meu carro com ar-condicionado. Tínhamos estacionado ao fundo do quarteirão, um local com boa visibilidade de tudo, e esperámos que todas as luzes da casa se apagassem. Apenas restava uma, no primeiro andar à direita. Millicent agarrou-me na mão, como se estivesse excitada.

— Queres mesmo subir àquela árvore? — perguntei.

Ela virou-se para mim, com os olhos brilhantes.

— Tu não queres?

— Nunca tinha pensado nisso.

— E agora?

— Agora, quero mesmo subir ao raio da árvore.

Ela sorriu. Eu sorri. A luz finalmente apagou-se.

Rodei a chave, desligando o ar-condicionado. O interior do carro ficou imediatamente mais quente. Millicent saiu primeiro. Segurou o puxador, enquanto fechava a porta atrás de si, fazendo o mínimo ruído possível. Eu saí e fiz o mesmo.

Olhei para a árvore, que de súbito parecia demasiado aberta, demasiado exposta, e perguntei-me se a punição pela violação de propriedade privada

incluía prisão.

Millicent desatou a correr. Disparou pela rua, atravessou o relvado e desapareceu atrás do tronco da árvore. Se fez algum ruído, não o ouvi.

Corri pelo mesmo caminho. Sentia os pés pesados, lentos, como se cada passo estivesse a ecoar pelo bairro. Continuei a correr até chegar junto a Millicent. Quando alcancei a árvore, ela puxou-me contra si e beijou-me. Com força. Tive de recuperar o fôlego quando terminou.

— Pronto para trepar? — perguntou-me.

Antes de eu conseguir responder, ela tinha-se içado, usando um grande nó do tronco. Dali, esticou-se para agarrar o ramo mais baixo e depois trepou para um mais alto. Observei-a, ficando à espera que se acendesse alguma luz na casa, ou que ela caísse para poder agarrá-la. Nenhuma dessas coisas aconteceu.

— Anda — sussurrou ela.

Millicent estava sentada num ramo alto e olhava para mim. O luar transformou-a numa silhueta. Via o seu cabelo comprido a ondular com a brisa, e os pés a balouçar de cada um dos lados do ramo da árvore. Tudo o resto parecia uma sombra.

Trepei à árvore, o que foi bem mais difícil do que estava à espera, e, mais uma vez, os meus grunhidos e respiração pesada pareceram suficientemente altos para acordar toda a gente num raio de quinze quilómetros. Ainda assim, a família na casa continuava a dormir. Os quartos continuavam às escuras.

Quando alcancei Millicent, estava todo suado. Era aquele calor. O ar era mais denso nas árvores. Cheirava a suor, a musgo e a casca de árvore.

Millicent agarrou na minha *T-shirt* e puxou-me contra si, colando a minha boca à sua. Juro que ela sabia a xarope de ácer. Depois, enterrou o rosto no meu pescoço, como se estivesse a tentar enterrar-se nele, e o seu hálito era quente na minha pele.

— Ei — disse eu.

Millicent levantou a cabeça e olhou para mim. Tinha um fio de cabelo húmido colado a uma face.

— Amo-te — disse ela.

— Amo-te.

— Amas? Amas mesmo?

— Claro que te amo.

Encostou a mão à minha face.

— Jura.

— Juro.

Vinte e dois

As máquinas de café automáticas são uma das invenções mais convenientes de sempre. Sem empregados de bar, sem leite gordo, em vez de magro, sem a falta do *shot* de sabor extra. Só preciso de fazer as minhas seleções, escolher o tipo de café, leite, sabor e até a temperatura e carregar no botão verde. E tenho o meu café. E é barato.

O lado negativo é que estas máquinas elaboradas, mas simples, só estão disponíveis nas lojas de conveniência das estações de serviço. Os cafés a sério não têm máquinas de venda livre.

A minha máquina preferida é a da loja de conveniência EZ-Go que fica na bomba de gasolina, a três quilómetros de Oaks. Mesmo quando não tenho tempo, vou lá. A empregada da caixa é uma rapariga simpática, chamada Jessica; é daquelas pessoas que sorriem sempre e têm uma palavra agradável para toda a gente. Talvez ela faça parte da razão por que faço aqueles três quilómetros até à EZ-Go. A questão é que a EZ-Go faz parte da minha rotina. E toda a gente tem uma rotina.

Annabelle tem uma rotina, de facto.

Todas as noites de quarta-feira, ela e os pais comem no mesmo restaurante italiano. Calculo que peçam os mesmos pratos, as mesmas bebidas, talvez até a mesma sobremesa. O jantar começa às seis e meia e termina às oito. Annabelle vai a pé, e leva onze minutos do restaurante ao seu apartamento, a não ser que pare numa loja, que receba uma chamada ou encontre alguém conhecido. Como eu.

Enquanto Annabelle está a olhar para o seu telefone, esbarro com ela.

Ela ergue o olhar para mim, surpreendida. Depois, o reconhecimento.

— Olá — diz.

Usa mais maquilhagem do que habitualmente durante o dia. O batom é mais escuro, os olhos estão delineados. O cabelo curto torna o seu rosto ainda mais atraente.

Tiro o telefone do bolso.

Olha a fiscal mais simpática da cidade 😊

Ela revira os olhos.

— Como está?

Faço um aceno afirmativo e aponto para ela.

Ela ergue-me um polegar.

O que anda a fazer aqui sozinha? Não sabe que há um assassino em série à solta?

Ela sorri, enquanto lê.

— Vou para casa.

Apetece-lhe uma bebida primeiro?

Ela hesita.

Aponto para um bar ao fundo da rua.

Annabelle olha para o relógio. Fico surpreendido quando a ouço dizer «sim». Devia dizer «não», em especial, com toda a história do Owen Oliver, mas Annabelle é ainda mais solitária do que eu pensava.

O empregado Eric cumprimenta-me com um aceno. Tenho ido ali várias vezes, sempre sozinho, sempre à espera que Annabelle passe a caminho de casa, depois de jantar com os pais. Eric conhece-me por Tobias. Ensinei-lhe toda a linguagem gestual que conheço. Ele consegue dizer em linguagem gestual o meu nome e a bebida que tomo, gim tónico.

Annabelle pede o mesmo.

— Com mais água tônica — instrui.

Ela não confia em mim, e não posso censurá-la. Não passo de um tipo que lhe suplicou que não me passasse uma multa. Um tipo surdo, provavelmente muito simpático e não ameaçador.

— Então, conhece-o? — pergunta Annabelle a Eric, enquanto aponta para mim.

— Sim. O Tobias bebe pouco e dá boas gorjetas. Agora, não fala muito.
— Pisca o olho, para a fazer perceber que está a brincar.

Ela ri-se, e é um som agradável. Começo a imaginar-me na cama com ela. O que me faz perguntar quanto tempo demorará até ela me convidar para ir a sua casa. Já sei que o fará, e que a casa não fica longe. O poder de saber tanto e de escolher o que vai acontecer a seguir — é disto que eu gosto.

— Então, são da mesma equipa — diz ela, acenando para Eric e para mim. Annabelle tem o cuidado de se virar para mim quando fala. Não se esquece de que sou surdo.

Depois do primeiro ou segundo golo das nossas bebidas, Eric afasta-se para a outra ponta do bar. Fico sozinho com Annabelle, e ela conta-me muitas coisas que já sei e outras que ainda desconheço. Por exemplo, não sabia que comeu *linguini* com cogumelos, mas agora sei que é isso que ela come, às quartas à noite.

Conto-lhe a minha história de Tobias. Sou contabilista, divorciado e sem filhos. Amava muito a minha mulher, mas conhecemo-nos no secundário e casámos demasiado cedo. Acontece.

Annabelle é uma boa ouvinte e acena em todas as alturas certas.

E a Annabelle? Namorado?

Ela abana a cabeça.

— Não tenho namorado há algum tempo.

Sei agora que não vai demorar muito tempo. Prevejo que aquele convite vá chegar depois da bebida número dois e antes da número três.

Porquê?

A pergunta não é feita só para fazer conversa. Estou genuinamente curioso.

Annabelle encolhe os ombros.

— Ainda não conheci ninguém?

Abano a cabeça.

Demasiado genérico.

Ela faz uma pausa. Presumo que me vá contar que o seu último namorado era um sacana. Que a enganou. Que estava sempre com os amigos. Que era um idiota egoísta.

— O meu anterior namorado foi morto — diz ela.

O choque quase me faz exclamar qualquer coisa em voz alta.

Que coisa horrível. Como aconteceu?

— Um condutor embriagado.

Recordo-me vagamente de Annabelle ter publicado qualquer coisa sobre uma angariação de fundos contra a condução sob o efeito de álcool. Não havia nenhuma indicação de que fosse algo pessoal.

Faço-lhe mais perguntas acerca dele. Chamava-se Ben, e Annabelle conhecera-o no trabalho. Ben era polícia. Estudava à noite justiça criminal e queria chegar a detetive e depois a sargento.

Ela já não tem a sua fotografia no telefone, porque achou que não era saudável ficar a olhar para ele.

Esta declaração é tão triste que tenho de desviar o olhar.

— Ei — diz Annabelle. Dá-me um toque no braço, dizendo-me para olhar para ela. — Desculpe. Isto é tudo demasiado sério.

Não, está tudo bem. Fui eu que perguntei.

— Estou farta de falar de mim. E o Tobias? Namorada?

Abano a cabeça com um sinal negativo.

— É a sua vez. Porque não?

Tem sido difícil voltar a sair com outras pessoas. Estive casado dez anos. E ser surdo... torna as coisas mais difíceis, acho eu.

— Bem, qualquer mulher que não queira sair consigo por ser surdo também não deve valer a pena.

Sorrio. As suas palavras são genéricas, mas, na sua boca, soam genuínas. O que me faz perguntar-me o que diria ela se lhe contasse a verdade.

Depois, decido. Não vou dormir com ela.

Em vez disso, mudo o rumo da conversa, e deixamos de falar de nós. Falamos de música, filmes e programação cultural. Nada de pessoal, apenas conversa casual que não provoque dor. Quando paro de a namoriscar, ela faz o mesmo. Nenhum de nós pede mais bebidas.

Ela não quer que a acompanhe a casa. É compreensível, mas insisto que Eric lhe chame um táxi. Annabelle aceita, e tenho a certeza de que é por causa de Owen Oliver. Antes de se ir embora, peço-lhe o número de telefone. Acede, e dou-lhe o número do telefone descartável.

Annabelle agradece-me a bebida com um aperto de mão. É ao mesmo tempo formal e encantador. Fico a vê-la sair do bar.

Não lhe vou enviar nenhuma mensagem. Disso tenho a certeza.

Também tenho a certeza de que Annabelle não é a próxima. Ela não vai desaparecer na sexta-feira à noite.

É por causa do namorado. Assim que ouvi a história, soube que não seria ela.

Talvez por ser demasiada tragédia para uma jovem vida. Perder um ente querido num acidente violento só para em seguida ser assassinada.

Nada disto é justo. O sistema pelo qual as escolhemos foi desenvolvido, em parte, por Owen, mas a forma como o fizemos foi arbitrária. Foi por acaso que vi Annabelle naquele dia. Podia ter sido outra pessoa qualquer.

Agora, estou de volta ao Hotel Lancaster, para vigiar Naomi. Ainda é um pouco alta de mais para o perfil de Owen. Só a conheço através da Internet e das portas de vidro do Lancaster. Nunca falei com ela, nunca ouvi o som da sua voz.

Mas quero. Quero ouvi-la rir, quero ver como age depois de um ou dois copos. Quero saber se tem mesmo um fraco por homens mais velhos ou se só precisa de dinheiro. Quero saber se gosto dela, se não gosto dela, se não sinto nada por ela. Mas não o vou fazer. Não posso correr o risco de alguma coisa me fazer querer que ela viva.

Por isso, não entro no hotel; não a abordo. Quando o seu turno termina, observo-a a sair. Trocou a farda por um par de calças de ganga e uma *T-shirt*. Fala ao telefone a caminho do carro, uma coisa minúscula cor de lima. Às onze e quinze de uma noite de quarta-feira, a sua única paragem é num ponto de recolha de refeições rápidas, previamente encomendadas,

sem sair do carro. Minutos mais tarde, está em casa, a entrar no apartamento com um saco de comida numa mão e a farda na outra. Naomi vive no primeiro andar de um edifício tranquilo onde vive gente que não ganha muito. O relvado à frente mostra falta de manutenção, com arbustos densos junto da porta da entrada.

Perfeito. Temos montes de opções para a sexta-feira treze, desde o parque de estacionamento do hotel até ao apartamento de Naomi.

Agora só tenho de dizer à Millicent que mudei de ideias.

Vinte e três

Às seis da manhã, a voz do locutor da rádio entra-me pelos ouvidos, e suficientemente alto para me fazer dar um pulo. Millicent gosta do seu radiodespertador. É antigo, com números que giram e uma estrutura em pretensa madeira, mas aborrece-me infinitamente. O rádio é a sua maneira de deixar o tampo da sanita levantado.

«Bom dia. É quinta-feira, doze de outubro, e têm mais um dia para se trancarem, minhas senhoras. O Owen Oliver vem a caminho para apanhar uma das lindas...»

O rádio cala-se. Abro os olhos e vejo Millicent parada à minha frente.

— Desculpa — diz. — Esqueci-me de o desligar.

Vira-se e dirige-se para a casa de banho. O seu cabelo ruivo, os calções de algodão e a blusa de alças dissolvem-se num longo rabo-de-cavalo escuro e numa farda azul debruada a dourado.

Estava a sonhar com a Naomi quando o alarme tocou. Ela estava ao balcão do Lancaster, a tagarelar com um homem tão velho que arfava enquanto falava. Naomi atirou a cabeça para trás e riu. Soava como o cacarejar de uma bruxa de um conto de fadas. Depois, virou-se para mim e piscou-me o olho. As sardas no seu nariz começaram a sangrar. Acho que estava prestes a dizer alguma coisa quando o alarme tocou.

Millicent mentiu; ela não se esqueceu de desligar o alarme. Ainda está um pouco chateada comigo. Não por termos de passar para a Naomi à última da hora, mas por ter tomado a decisão sem a consultar.

Ontem à noite, tivemos outra noite a dois. Ela achou que era uma sessão de planeamento final para revermos tudo antes do grande dia. E, no princípio, era para ser, pelo menos até lhe dizer que não podia ser a Annabelle.

— Não percebo — disse ela.

— Eu disse que devíamos voltar para a Naomi.

— A Naomi é alta demais. Não se enquadra no perfil.

— Eu sei, mas a Annabelle é...

— É o quê?

Tomei a decisão de mentir, numa fração de segundo.

— Começou a andar com uma pessoa.

— Um namorado?

— Se já não é namorado, vai ser. Ele vai ligar logo à polícia. — Este é o tipo de cenário que preferimos evitar.

Millicent abanou a cabeça. Pode até ter praguejado em surdina.

— Não acredito que só agora estamos a descobrir isto.

— Vigiamo-la sempre no trabalho.

— Nem sempre.

Não respondi. Não era a altura de interrogar Millicent a propósito do que ela não me contou. Não quando eu próprio estava a mentir.

— Então — digo. — A Naomi.

Millicent suspirou.

— A Naomi.

Não voltamos a falar na Annabelle.

Não quero trabalhar, mas não tenho opção. O meu dia está todo preenchido com aulas, e, quando finalmente terminam, vou buscar os miúdos à escola e levo-os ao dentista. Por acaso, a marcação calhou na quinta-feira, dia doze. Millicent marca as sessões com antecedência, de seis em seis meses certinhos.

Quando entramos no consultório, Jenna e Rory jogam à pedra-papel-ou-tesoura para ver quem vai primeiro. É uma das poucas situações em que falam em uníssono.

— Pedra, papel ou tesoura.

Rory perde, Jenna exulta, e escapa-lhes o principal. Ainda têm ambos a cadeira do dentista pela frente.

Na sala de espera, vejo as notícias no meu telefone e sou bombardeado com fotografias das anteriores vítimas de Owen. Estão na primeira página do nosso jornal, e todas as fotos foram tiradas quando ainda estavam vivas e sorridentes. A mensagem não é subtil. Se te pareces com estas mulheres, amanhã estarás em perigo. Owen pode ir apanhar-te. Não há indicação de que alguém consiga defender-se nem fugir, e a única maneira de sobreviver

é não ser escolhida. É um pouco ofensivo, penso, que as mulheres sejam tratadas como se fossem tão impotentes. O autor do artigo nunca conheceu a minha mulher.

Depois do dentista, há gelado. Millicent vem ter connosco nesta bizarra tradição familiar. Fui eu que lhe dei início, quando os miúdos eram muito mais novos e eu queria que parassem de gritar no dentista. A promessa do gelado funcionava, e agora eles não a queriam deixar morrer.

Todos temos o nosso favorito. Millicent pede baunilha, eu como chocolate, e Rory pede *rocky road*². Jenna é a mais experimental. Pede sempre o sabor especial do dia. Hoje é de mirtilos com pepitas de chocolate, que ela adora. Acho nojento.

Quando já estamos todos com os dentes a vibrar e o cérebro congelado, dividimo-nos de novo. Millicent leva os miúdos para casa, e eu volto para o trabalho. A caminho do clube, encontro Trista. Ela cancelou a nossa última aula, e mal a tenho visto desde o dia da embriaguez em que me contou a sua relação com Owen Oliver. Estou-lhe muito grato por isso, mas ela não o sabe. Não sabe muito de nada, neste momento; olha para mim com o olhar vazio de um bêbado, mas não é por causa do álcool. Toma comprimidos — muito provavelmente analgésicos, e muitos. Vejo-o com bastante frequência no *country club*.

Mas nunca nela.

— Então. — Toco-lhe num braço. — Estás bem?

— Perfeita. — Ela diz a palavra com dureza, como se estivesse tudo menos isso.

— Não me pareces bem. Queres que ligue ao Andy?

— Não, não quero que ligue ao Andy.

Acho que devia fazê-lo, porque eu havia de querer saber se a minha mulher estivesse pedrada até às sobancelhas. Pego no telefone.

Trista olha para mim.

— Uma mulher vai desaparecer amanhã. Depois, vai morrer.

Quero dizer-lhe que isso talvez não aconteça, talvez o apanhem, mas não o faço, porque é mentira. A polícia não nos vai apanhar. Nem sequer sabem que existimos.

— Sim — digo. — Provavelmente, amanhã vai desaparecer alguém.

— O Owen é um filho da mãe. — Trista parece perdida, mas não está. Por detrás dos comprimidos, há qualquer coisa que se recusa a adormecer. Alguma coisa furiosa.

— Ei, pára com isso. Não te podes culpar por esse idiota.

Ela solta um ronco de troça.

— Não vais estar sozinha amanhã, pois não? — Digo isto porque estou genuinamente preocupado com ela. Tudo o que Trista faz magoa-a apenas a ela.

— O Andy vai estar em casa. — Ela ergue o olhar para a televisão, onde estão a mostrar imagens de quando Owen foi preso, há quinze anos. Trista estremece. — Tenho de me ir embora.

— Espera... deixa-me dar-te boleia para casa.

— Eu não vou para casa.

— Trista.

— Até à próxima. Diz à Millicent que lhe hei de ligar. — Dirige-se para o balneário feminino, mas depois vira-se. — Não contes ao Andy, está bem?

Nunca lhe contei que tinha visto a Trista bêbada, nem lhe contei o passado da mulher com Owen Oliver. Outra omissão não vai tornar a traição pior do que já é.

— Não lhe vou contar — digo.

— Obrigada.

Ela desaparece no balneário, e fico de olhos fixos na porta, a perguntar-me o que foi que eu fiz. Trazer Owen de volta afetou-a mais do que a investigação da polícia.

O meu último cliente também fala do mesmo. É um bom homem, com três filhas, e duas estão na idade-alvo de Owen. Todas elas continuam a viver na região. Duas são solteiras e vivem sozinhas, e ele está tão preocupado que se ofereceu para lhes pagar um fim de semana fora dali. O homem não vivia na área quando Owen andava por ali, na primeira vez, mas o que ouviu foi mais do que suficiente.

Apesar do gelado da tarde, o jantar não deixa de ser às seis. Jenna diz que toda a gente na escola só falou de Owen a semana inteira. Uma das amigas tem uma irmã mais velha que está convencida de que Owen vem apanhá-la. Rory ri-se e diz que isso não vai acontecer, que são as duas demasiado feias, até para um assassino em série. Jenna atira um pãozinho ao irmão, e Millicent manda-os parar. Optam por chamar nomes um ao outro em surdina, à mesa.

— Eu disse para pararem.

Millicent não gosta de se repetir, por isso, eles param. Por um minuto. Jenna faz uma careta quando Rory lhe dá um pontapé por baixo da mesa. Tenho a certeza de que Millicent viu, mas não diz nada, porque, quando o jantar termina, anuncia uma noite de cinema. Por vezes, quando os nossos filhos discutem demasiado, ela fá-los passar mais tempo juntos. É a sua forma de garantir que resolvem a coisa, em vez de se afastarem.

Discutem durante vinte minutos sobre o filme que vamos ver. Nem Millicent, nem eu, interferimos; de facto, não prestamos atenção. Estamos na cozinha, a acabar de arrumá-la, quando ela pergunta se vou voltar a sair, naquela noite.

— Vou.

— Tens a certeza de que é uma boa ideia?

— Está tudo bem.

O meu tom soa mais áspero do que pretendia. Ouvir falar de Owen o dia todo não ajudou a baixar o meu nível de *stress*. Nem a visão de Trista. Alguma coisa nela, no que anda a fazer a si própria, começa a inquietar-me.

Tudo o que acontecer amanhã será por minha causa. Fui eu que escrevi a carta ao Josh, que escolhi a data, e que prometi que outra mulher ia desaparecer. E eu é que troquei Annabelle por Naomi, ontem à noite. Eu é que tenho de garantir que se trata da escolha certa.

É uma moeda ao ar que decide o filme da noite, e é acerca de um golfinho. Rory e Jenna sentam-se juntos no chão com uma tigela de pipocas, sem implicarem um com o outro. Millicent e eu sentamo-nos no sofá com as nossas próprias pipocas. Ela passa mais tempo a olhar para os nossos filhos do que a ver o filme, e os seus olhos parecem de um tom dez vezes mais claro. É o que acontece sempre que se viram para os miúdos.

Ela fica assim até o filme acabar, e os miúdos se arrastarem pelas escadas acima para irem dormir, a trocar galhardetes e cheios de golfinhos. Começo a levantar-me quando ela põe a mão em cima do meu joelho e o aperta.

— É melhor preparares-te — diz.

Fá-lo soar como se tivesse sido uma ideia sua, o que me irrita.

— Tens razão — digo. — Tenho de sair daqui.

— Estás bem?

Olho para ela, para a minha mulher com os olhos límpidos que são diferentes dos de Trista. Tudo em Millicent é o oposto da mulher de Andy.

Sorrio, grato por não me ter casado com Trista.

² Sabor de gelado, resultante da combinação de chocolate com nozes e *marshmallows*. (N. da T.)

Vinte e quatro

Não tinha intenção de vestir o fato, porque falar com Naomi não estava nos planos, mas, no último momento, visto o que Millicent mais gosta. É azul-escuro, com colarinho costurado à mão, e foi demasiado caro. Mas, já que o tenho, mais vale usá-lo.

Quando me coloco em frente ao espelho e ponho a gravata, Millicent aparece atrás de mim. Encosta-se à parede, de braços cruzados sobre o peito, e observa-me. Sei que quer perguntar-me porque nunca uso este fato senão quando saímos juntos. Foi ela que o comprou.

Continuo com a gravata, calço os sapatos, vou buscar a carteira, o telefone e as chaves. O meu telefone descartável não está em casa.

Quando ergo o olhar, ela ainda ali está, e continua na mesma posição.

— Acho que vou andando — digo.

Ela anui.

Espero que diga alguma coisa, mas continua em silêncio. Passo por ela e desço as escadas. Quando chego à porta da garagem, ouço-o.

— Pai.

Rory está à porta da cozinha com um copo de água na mão. Ergue a outra mão e esfrega o polegar e o indicador. Mais dinheiro.

Ele não está na cozinha por acaso. Estava à minha espera.

Anuo e saio.

Naomi está ao balcão a fazer o atendimento, a receber chamadas, a resolver problemas. Nessa noite, não me sento lá fora. Instalo-me no átrio da recepção.

É grande e luxuoso, com mobília escura e tecidos grossos. Cortinas de veludo pendem das paredes, debruadas com entrançados dourados, como as fardas do Lancaster. Há franjas e borlas por todo o lado.

Posso esconder-me neste átrio, entre a decoração luxuosa, só mais um hóspede desconhecido a trabalhar no computador, a tomar uma bebida, porque não aguento ficar no meu quarto de hotel nem mais um minuto. Isto é quase verdade. Não aguento ficar sentado no meu carro à porta do hotel nem mais um minuto. Se for Naomi, sinto-me compelido a aproximar-me um pouco mais.

Contudo, não é para falar com ela; decidi não o fazer. Não há tempo, simplesmente, depois da mudança de última hora. Estou demasiado tenso, demasiado preocupado. Ressuscitar Owen Oliver tornou-se mais complicado do que eu julgava. Talvez devido aos meios de comunicação social, talvez por causa de Trista, mas também é por os meus filhos não se calarem com ele.

Isto é tão diferente de Lindsay. Foi apenas Millicent e eu, mais ninguém, nem sequer em termos periféricos.

Passagem do Ano. Millicent e eu tínhamos ido a uma festa no *country club*. Jenna tinha doze anos, Rory mais um, e era a primeira vez que os deixávamos sozinhos num dia trinta e um de dezembro. Tinham ficado eufóricos com isso. E nós também. Entrar no Ano Novo com adultos não acontecia desde antes de os miúdos nascerem.

Menos de um mês antes, foi quando vi aquela mulher no centro comercial, a que se parecia com a Robin. Millicent e eu fizemos amor nessa noite. Não do tipo de sexo de casados vamos-lá-despachar-isto. Era do tipo que fazíamos quando começámos a sair juntos, quando nunca era demais. O sexo ótimo.

No dia seguinte, tudo acabara. O sexo, o ambiente, a sensação. Voltámos a discutir por causa do dinheiro — o que podíamos e não podíamos comprar. Isso incluía a gala da Passagem do Ano.

Era um baile de máscaras. Millicent e eu vestimo-nos como se fôssemos dos anos 1920, um *gangster* e a namorada. O meu fato tinha listinhas, e usava brogues lustrosos e um chapéu de veludo. Millicent usava um vestido violeta, uma fita com uma pena no cabelo e os lábios pintados de carmim.

Normalmente acho os bailes de máscaras deprimentes. Fazem-me sentir rodeado por pessoas que sonhavam ser outra pessoa qualquer.

Naquela noite, estávamos diferentes. Não como os outros, não como qualquer outro na festa. Millicent e eu falámos em voltar a fazê-lo. Matar uma mulher. Falámos do que lhe faríamos. Se o fizéssemos. Porque o faríamos.

— Que tal aquela? — perguntou Millicent, indicando uma mulher cujos seios eram tão grandes que roçavam o grotesco. Eram postiços, e todos sabiam, porque ela tinha dito a toda a gente quanto tinham custado.

Encolhi os ombros.

— Não a conseguiríamos afundar.

— Tens razão.

— E aquela? — Acenei na direção de uma loura com um acompanhante tão velho como o seu avô.

Millicent sorriu, com os dentes brancos a sobressaírem dos lábios cor de rubi.

— Uma morte piedosa. A julgar por aquele bronzeado, vai apanhar cancro de pele, de qualquer maneira.

Contive uma gargalhada. Millicent riu-se. Estávamos a ser horríveis, com aquela conversa distorcida, mas era só conversa. A maior parte da noite, falámos só um com o outro.

Tendo em conta que era a nossa primeira saída ao fim de muito tempo, eu estava preparado para ficar até tarde, e até tinha tomado uma bebida energética antes de sair de casa. Mas não ficámos até tarde. Cinco minutos depois da meia-noite, estávamos de regresso a casa.

Um quarto de hora depois, as nossas fantasias dos anos de 1920 tinham sido atiradas para o chão do quarto.

Eu não fazia ideia se estávamos a começar algo ou a continuá-lo, mas não queria que acabasse.

*

No átrio do Lancaster, olho para o relógio, consulto o telefone e navego na Internet. É tudo para fingir que não estou a vigiar Naomi. Ela não repara em mim. A noite está muito mais agitada do que o normal, em parte, porque no dia seguinte será sexta-feira treze. Há gente a chegar à cidade para ver o que Owen vai fazer, quem vai apanhar e matar. Algumas destas pessoas trabalham para meios de comunicação social a sério; outras são do tipo que seguem espetáculos ou eventos que podem ser registados e carregados *online*.

Um grupo senta-se perto de mim no átrio. São miúdos com ar de universitários que vêm tentar fazer dinheiro, e especulam sobre quanto

dinheiro conseguirão fazer. Tudo se baseia em quão gráfico será o seu vídeo, mas captar o verdadeiro rapto de uma mulher seria o *jackpot*. Desde que conseguissem manter a câmara firme.

Quando finalmente se vão embora em busca de potenciais locais frequentados por assassinos em série, posso voltar a focar-me em Naomi. Procuro alguma coisa para dizer a Millicent, alguma coisa que possamos partilhar. Quero que isto seja como dantes.

Naomi está a sorrir, como tem estado toda a noite. Isto é extraordinário, admirável, até. Muitas das pessoas que se dirigem ao balcão da receção estão aborrecidas, ou precisam de alguma coisa, mas ela nunca deixa de ser simpática. Sorri mesmo quando alguém lhe chama idiota.

Começo a pensar que é assim uma espécie de Pollyanna, alguém que é simpático e feliz, aconteça o que acontecer. Não gosto. Millicent e eu não podemos sussurrar no escuro acerca disso.

Depois, dou com ela — a fissura na armadura da *persona* doce de Naomi. Quando um hóspede particularmente grosseiro lhe vira as costas, Naomi mostra-lhe o dedo do meio.

Sorrio.

Hora de ir para casa e contar à Millicent.

Vinte e cinco

Acordo num mundo de silêncio. A aurora está à distância de uma hora, e o mundo está escuro como veludo.

É sábado, dia 14.

Millicent ainda não chegou a casa.

A nossa decisão de nos separarmos chegou ao fim da noite de quinta-feira, depois de regressar do Lancaster. O plano era manter Naomi viva durante algum tempo, tal como Lindsay. Tem de ser feito, porque é o que Owen fazia sempre.

Mas eu não gostei disso. Nem sequer queria ver.

Parte de mim sabe que devia fazê-lo, porque não é justo deixar Millicent fazer tudo sozinha. Tentei imaginar como seria trancar Naomi e mantê-la viva, alimentá-la, dar-lhe água e torturá-la. Deixou-me o estômago às voltas.

Não me parece que consiga ver isso, ao vivo e a cores.

Isto impede-me de conversar com Millicent sobre onde escondeu Lindsay e onde vai esconder Naomi. Pensei perguntar-lhe, mas nunca o fiz. De vez em quando, sinto-me um pouco mal com isso, mas não demasiado. Na maior do tempo, sinto-me apenas aliviado.

— Eu trato do assunto — declarou Millicent.

Estávamos em casa sozinhos, na sexta de manhã. Os miúdos já tinham saído para a escola. Sentámo-nos na cozinha a beber outra chávena de café e a discutir os nossos planos.

— Não devias ter de fazer tudo sozinha.

— Já o fiz antes. — Millicent levantou-se e levou a chávena de café para o lava-louça.

— Mesmo assim — insisti. Os meus protestos eram débeis, e eu sabia-o. Mas faziam-me sentir melhor.

— Mesmo assim nada — replicou Millicent. — Eu trato do assunto. Tu tratas daquele repórter.

— Sim. Vou ter de acabar por contactá-lo outra vez.

— Exato.

Ela virou-se para mim e sorriu, iluminada pelo sol matinal que entrava pela janela.

O nosso plano estava delineado. Era o mesmo que tínhamos usado com Lindsay.

Tínhamos preparado cada pormenor, como Millicent faz sempre. Primeiro, a droga. Lindsay, e agora Naomi, tinham de estar inconscientes para as levarmos para um sítio deserto. Parece que o clorofórmio não é a droga milagrosa para se apagar alguém, como se vê nos filmes. A nossa pesquisa leva-nos a alguns lugares lúgubres e assustadores da Internet, onde tudo está disponível ao preço certo. Moeda eletrónica, um *email* anónimo e uma caixa de correio privada conseguem comprar tudo, incluindo um tranquilizante suficientemente forte e rápido para fazer apagar um dinossauro.

Uma vez que só tínhamos de apagar uma mulher de sessenta quilos, não precisávamos de muito.

Millicent comprou um *notebook* conhecido apenas de nós os dois. Usávamo-lo para pesquisar as drogas. E usámo-lo para encontrar Lindsay.

E Petra.

E Naomi.

Na sexta-feira à noite, apanhámos Naomi juntos. Tal como tínhamos feito com Lindsay.

No parque de estacionamento atrás do hotel, Millicent acenou a Naomi, enquanto ela se ia embora no seu carro. Estavam fora do alcance das câmaras de segurança. Vi Millicent a debruçar-se para a janela do condutor, a falar rapidamente como se precisasse de ajuda, porque o seu carro tinha avariado. Depois, vi o denunciador movimento brusco do seu braço quando ela injetou Naomi com a droga. Millicent empurrou o corpo de Naomi para o lado, enquanto se instalava no banco do condutor e se ia embora.

Eu segui-as, a sorrir. Depois de tanta busca, planeamento e conversa, adorava ver tudo a desenrolar-se.

Separámo-nos na floresta. Levei o carro de Naomi e livreimei-me dele, enquanto Millicent se ia embora no meu carro com a nossa vítima ainda inconsciente. Quando cheguei finalmente junto ao carro de Millicent, estacionado a um quarteirão do Lancaster, e depois voltei para casa, já passava da meia-noite. Em Hidden Oaks, todos os alpendres tinham as luzes acesas, incluindo o nosso.

Os miúdos não estavam a dormir. Estavam a fazer exatamente o que eu teria feito com a sua idade: a ver filmes assustadores. Ambos estavam acampados na sala com os seus telefones, *tablets* e uma pilha de porcarias para comer. Juntei-me a eles.

Os meus filhos julgavam que eu tinha saído para patrulhar o bairro, ajudando a proteger Hidden Oaks de Owen Oliver. Temos a nossa própria segurança privada, mas ontem à noite um grupo de residentes decidiu ajudar na vigilância. Eu só não era um deles.

Os miúdos já sabiam que Millicent só chegaria na manhã seguinte. Dissemos-lhes que ia ficar com um grupo de amigas que não queriam ficar sozinhas. Nenhum deles se importou com isso. Não tenho a certeza de que Owen Oliver seja uma pessoa real para os meus filhos. Ele é o papão da TV, o psicopata dos filmes. Não lhes ocorre que uma qualquer mulher — uma professora, uma vizinha, ou até a própria mãe — possa estar em risco. Os meus sentimentos a respeito disto são conflitantes. Quero que os meus filhos se sintam seguros, mas também quero que saibam como o mundo é perigoso.

Ainda deitado, começo a perguntar-me para onde terá Millicent levado Naomi, e o que lhe irá acontecer. O que pode estar já a acontecer. Para interromper este círculo, levanto-me e acendo a televisão. No canal desportivo. Enquanto ouço os resultados do basebol da véspera, faço café. O jornal é atirado contra a porta da entrada, mas deixo-o lá ficar. Em vez de o ir buscar, bebo café e vejo desenhos animados até os miúdos se levantarem, depois, desligo a televisão antes de descerem. Rory é o primeiro a entrar na cozinha. Pega no comando e liga um canal de notícias.

— Então, quem é que foi despachado?

— Não digas despachado.

Ele revira os olhos.

— Está bem, quem é que foi assassinado?

Jenna aparece junto à ombreira da porta. Olha à vez para mim e para Rory.

— Aconteceu? O Owen voltou mesmo?

Rory aumenta o volume da televisão. O jornalista que mostram não é Josh. É uma jovem loura que parece ser o tipo de Owen.

«A polícia diz que ainda vão demorar algum tempo a saber alguma coisa. Tendo em conta a preocupação com a noite de ontem, receberam muitas chamadas sobre mulheres que não atendiam os telefones ou não davam notícias às famílias. Não sabemos se alguma destas mulheres desapareceu realmente, e é provável que ainda demore algum tempo até a polícia verificar tudo...»

— Os polícias são uns idiotas — atira Rory. Vira-se para Jenna e espeta um dedo no seu braço. — Como tu.

Ela revira os olhos.

— Está bem, está bem.

Deixam de falar em Owen. Não volto a ouvir o nome dele até estarmos no carro, a caminho do jogo de futebol de Jenna. Durante um intervalo na música, o locutor de rádio diz que a polícia recebeu mais de mil chamadas de pessoas que dizem ter visto Owen Oliver, na sexta-feira à noite.

Continuava a não ter notícias de Millicent, embora minta aos miúdos e lhes diga que ela está a tomar um *brunch* com as amigas. Nenhum deles parece interessar-se.

Durante o jogo, começo a consultar o meu telefone com maior frequência.

Alguns dos pais falam sobre as notícias, especulando a respeito de Owen e da carta de sexta-feira treze, e a interrogarem-se sobre se seria tudo uma brincadeira. Um dos pais disse que tinha de ser, mas as mulheres não tinham tanta certeza disso. Quando ele se riu, uma mulher perguntou-lhe qual era a graça de dizer que alguém ia ser assassinado numa sexta-feira, treze.

Consulto o meu telefone. Ainda nada.

A equipa de Jenna está a ganhar por um. Ergo-lhe um polegar. Ela sorri e revira os olhos ao mesmo tempo. Ocorre-me que, se calhar, o polegar não é um gesto fixe.

Depois, vejo-a. Está atrás de Jenna, perto do parque de estacionamento, e começa a dar a volta ao campo. O cabelo ruivo está solto e balança enquanto ela se mexe. Vem de calças de ganga, ténis e uma *T-shirt* com um leão, a mascote da escola, na frente. Ela tenta sempre parecer-se com todas as outras mães, mas nunca consegue. Millicent destaca-se sempre.

Quando se aproxima mais, sorri. É um sorriso grande, enorme, que lhe chega ao fundo dos olhos. O alívio percorre-me as veias. Só então percebo como tenho estado nervoso. Um disparate. Já devia saber que não preciso de duvidar de Millicent.

Estendo-lhe os braços. Ela envolve-me a cintura e beija-me. Os seus lábios estão quentes, e o seu hálito cheira a canela e a café.

— Como está a Jenna a sair-se? — pergunta Millicent, virando-se para o campo. Não consigo deixar de olhar para ela.

— A ganhar por um.

— Perfeito.

Solta-se de mim e cumprimenta alguns dos outros pais. Conversam sobre o jogo, sobre o lindo tempo e, finalmente, sobre Owen.

Quando o jogo termina, tenho de ir trabalhar. Este sábado é a vez de Millicent levar os miúdos a almoçar fora, e só temos um momento a sós no parque de estacionamento. Os miúdos estão dentro do carro, a apertar os cintos e a discutir. Juntamo-nos entre os nossos dois automóveis.

— Tudo bem?

— Perfeito — diz ela. — Não houve nenhum problema.

Cada um segue o seu caminho, e, enquanto conduzo até ao clube, sinto-me mais do que feliz. Extasiado, talvez. Como se flutuasse.

No clube, tenho uma aula de sábado rara com Kekona, a nossa coscuvilheira de Hidden Oaks. Penso que ela só a marcou, porque quer falar de Owen, do que pode ter acontecido na noite anterior, e a nossa aula confirma-o. Owen é o seu único tema de conversa.

— Cinquenta e três mulheres. Disseram nas notícias que cinquenta e três mulheres foram dadas como desaparecidas entre ontem à noite e esta manhã. — Ela abana a cabeça. O longo cabelo escuro de Kekona está enrolado num puxo na base do pescoço.

— O Owen não raptou cinquenta e três mulheres numa noite — rebato.

— Claro que não. Pode não ter raptado ninguém. Mas cinquenta e três famílias acreditam que sim.

Faço um aceno de assentimento, absorvendo as suas palavras e tentando assimilar tanta dor. Sinto-me distante, como se nada daquilo tivesse que ver comigo.

Vinte e seis

Esperamos que toda a gente perceba o que se passou. Enquanto ouvimos os noticiários, a Millicent pisca-me o olho. Quando alguém menciona Owen, dirijo-lhe um olhar que só ela entende. É um assunto só nosso, o que nos distingue de todos os outros.

Senti-o, pela primeira vez, depois de Holly. De novo, depois de Robin e a seguir a Lindsay. Após cada mulher, Millicent e eu partilhámos um momento em que éramos os únicos no mundo. Como quando subimos àquela árvore. Agora, sentimos o mesmo, depois de Naomi.

Millicent e eu estamos completamente despertos, enquanto todos os outros dormem.

Na segunda-feira, a polícia reduziu o número para duas mulheres. Todas as outras foram encontradas ou regressaram a casa. Ouço isto na rádio, enquanto me dirijo para o trabalho, e fico surpreendido. Não fazia ideia de que levaria tanto tempo até toda a gente perceber quem tinha desaparecido. Quase me faz enviar outra mensagem a Josh, para que fique a saber que foi Naomi.

Quase. Contudo, quanto mais tempo passar até perceberem quem está desaparecido, menos tempo andarão a tentar encontrá-la. A polícia nem sequer sabe quem deve procurar.

A meio do dia, recebo uma chamada da diretora da escola, o que é estranho, porque a escola liga sempre primeiro à Millicent, mas sou informado de que a minha mulher não atendeu o telefone. Ela também me diz que houve um incidente na escola, e tenho de lá ir imediatamente. Pergunto se foi com o Rory.

— É a sua filha — diz ela. — Houve um problema com a Jenna.

Quando chego à escola, Jenna está sentada num canto do gabinete da diretora. Nell Granger está na escola desde sempre e não mudou nem um bocadinho. Parece a mesma velha avozinha querida que nos belisca as bochechas até nos magoar.

Jenna tem os olhos postos no chão e não os levanta quando entro.

Nell faz-me sinal para me sentar, e é o que faço. Depois, vejo a faca.

Uma lâmina de quinze centímetros, de aço inoxidável. Cabo de madeira esculpida. Vem da nossa cozinha, e agora está em cima da secretária de Nell.

A diretora bate com a unha cor-de-rosa contra a faca.

— A sua filha trouxe isto para a escola, hoje.

— Não compreendo — digo. E não sei muito bem se quero compreender.

— Uma professora viu-a na sua mochila, quando Jenna estava a tirar um caderno.

Jenna está sentada encostada à parede, virada para nós, mas continua de cabeça baixa. Não diz nada.

— Porque trouxeste isto para a escola? — pergunto.

Ela abana a cabeça. Não diz nada.

Nell levanta-se e faz-me sinal para a seguir. Saímos do gabinete, e ela fecha a porta atrás de nós.

— A Jenna não disse uma palavra — diz Nell. — Tinha esperança de que o pai ou a mãe conseguissem que ela nos dissesse porque trouxe aquela faca.

— Eu próprio gostava de saber.

— Então, isto não é uma coisa que vocês...

— A Jenna nunca foi violenta — interrompo-a. — Ela não brinca com facas.

— No entanto... — Nell não termina a frase, nem precisa de o fazer.

Volto sozinho para o gabinete. Não me parece que Jenna se tenha mexido um milímetro sequer. Aproximo a cadeira da dela e sento-me.

— Jenna — chamo-a.

Nada.

— Podes falar-me da faca?

Ela encolhe os ombros. É um começo.

— Ias fazer mal a alguém?

— Não.

A voz dela soa firme, sem vacilar, o que me deixa sobressaltado.

— Muito bem — continuo. — Então, se não tencionavas fazer mal a ninguém, porque trouxeste uma faca para a escola?

Ela levanta a cabeça. O seu olhar não parece tão convicto como a sua voz.

— Para me proteger.

— Alguém anda a fazer *bullying* contigo?

— Não.

Tenho dificuldade em impedir-me de a agarrar pelos ombros e a abanar até lhe arrancar as respostas.

— Jenna, por favor, diz-me o que aconteceu. Alguém te ameaçou? Alguém te magoou?

— Não. Eu só queria...

— Querias o quê?

— Não queria que ele me magoasse.

— Quem?

Ela sussurra o nome dele.

— O Owen.

O soco que levo no estômago é tremendo. Doloroso. Nunca me ocorreu que Jenna tivesse medo de Owen.

Envolvo-a com os braços.

— O Owen nunca te vai fazer mal. Nunca, jamais, em tempo algum.

Ela ri-se um pouco.

— És parvo.

— Eu sei. Mas não com isto. Não com a ideia de o Owen te fazer mal.

Jenna afasta-se e olha para mim, com os olhos um pouco menos abertos.

— Foi por isso que trouxe a faca. Não queria fazer mal a ninguém.

— Eu sei.

Ela espera lá fora, enquanto falo com Nell, que acena com a cabeça e faz um sorriso breve quando lhe explico que Jenna tem medo de Owen Oliver. Digo que ele tem andado, nas últimas semanas, em todos os noticiários; que a sua cara está por toda a Internet e televisões, e até em panfletos colados à frente da mercearia.

— Uma coisa destas talvez fosse inevitável — digo, apontando para a faca. — Agora que penso nisto, não me surpreende nada. Os meios de comunicação social não deixaram de falar do Owen, desde que ele regressou.

Nell ergue uma sobrancelha.

— Acha que ele regressou?

Sinto-me como se tivesse treze anos e estivesse coberto de terra e nódoas negras e com um pouco de sangue no canto da boca. A minha luta com Danny Turnbull tinha corrido bem, pelo menos, na minha perspetiva, só que fui mandado para o gabinete da diretora. Quando lhe disse que o Danny é que tinha começado, ela fez-me o mesmo olhar que Nell Granger está a dirigir-me neste momento.

— Eu não sei se ele regressou — digo. — Mas é óbvio que a minha filha pensa que sim.

— É o que ela diz.

— Tem alguma razão para duvidar dela? Porque eu não tenho.

Nell abana a cabeça.

— Não, não tenho razão nenhuma. A Jenna sempre foi uma boa miúda. Não diz «por enquanto», mas não precisa de o dizer.

— Posso levá-la para casa?

— Pode. Mas tenho de ficar com a faca.

Não discuto.

Jenna teve dispensa o resto do dia, por isso, vamos almoçar. Levo-a a um restaurante de uma grande cadeia que tem uma ementa de dez páginas, que abrange tudo desde um gorduroso pequeno-almoço a costeletas no churrasco. Já estivemos neste restaurante uma centena de vezes, e Jenna pede sempre uma sanduíche de queijo com tomate, ou uma *club*. Hoje, pede uma salada com o molho à parte, e água, em vez de refrigerante.

Quando lhe pergunto se está bem, Jenna diz que sim.

Quero falar com Millicent. Quero falar-lhe da nossa filha, mas a minha mulher continua sem atender o telefone.

Deve estar com Naomi. Provavelmente estão nalguma casamata, ou numa sala forrada a cimento, como nos filmes, e é por isso que não tem atendido o telefone. O aparelho não toca debaixo da terra.

Ou talvez esteja apenas ocupada.

Envio-lhe uma mensagem a dizer que está tudo bem, embora não tenha a certeza de que esteja. Depois de a enviar, ouço o som conhecido de um alerta de notícia de última hora.

No outro lado da sala, há uma zona de bar com diversas televisões, e Naomi olha-me de todas elas. Parece maior do que a vida, nos ecrãs gigantes. O estandarte em fundo diz:

MULHER DA REGIÃO CONTINUA DESAPARECIDA

— É ela, não é? — Jenna também está a olhar para os ecrãs. — Foi aquela que o Owen levou.

— Não têm a certeza disso — respondo.

— Ela vai morrer, não vai?

Não respondo. Por dentro, estou a sorrir. Ou, pelo menos, parte de mim está a sorrir.

A outra parte está preocupada com a Jenna.

Vinte e sete

Naomi. Naomi com o cabelo solto, com o cabelo preso, sem maquilhagem, com os lábios pintados de rosa-pastilha-elástica. Naomi com a farda do trabalho, de calças de ganga, com um vestido de dama de honor de cetim verde. Naomi está em todo o lado, na televisão e na Internet e nas bocas do mundo. Numa questão de horas, os seus três amigos multiplicaram-se. De súbito, toda a gente a conhece e todos estão mais do que dispostos a contar aos jornalistas tudo sobre a sua querida amiga Naomi.

Estamos em casa na segunda à noite, e a televisão faz-se ouvir na sala. Millicent está aqui. Oferece apenas uma explicação vaga para a sua ausência durante a tarde. Eu, pelo contrário, dou-lhe uma explicação vaga sobre o que aconteceu a Jenna na escola. Faço-o soar muito menos alarmante do que foi na realidade.

— Basicamente, foi um grande mal-entendido — concluo.

Millicent encolhe os ombros.

— Tens a certeza?

— Tenho.

Está a passar o noticiário. Jenna parece obcecada, mas Rory aborrece-se, a menos que haja novas informações. Ordena-lhe que mude de canal. Ela recusa-se a fazê-lo.

Não tinha pensado como Owen Oliver afetaria os nossos filhos. Holly e Robin nunca tinham estado expostos a este tipo de publicidade. Agora, andam a falar de Owen há semanas. Jenna conseguia ficar a falar de Naomi para sempre.

Isto faz com que as boas sensações com que andava comecem a desaparecer.

Saio para o jardim das traseiras. Num dos recantos, temos um grande carvalho. O antigo parque infantil dos miúdos fica no outro recanto; está ali

a estragar-se há anos. Esqueci-me até da sua existência, mas agora só consigo ver como está sem cor, como o plástico está rachado e deve ser perigoso. Volto para casa, entro na garagem e vou buscar a minha caixa de ferramentas. É importante, é crucial retirar dali o parque infantil e livrar-me dele antes que alguém se magoe.

As cavilhas aguentam-se bem, mesmo que não passem de grandes peças de plástico à prova das crianças. Parto uma com o martelo.

— O que estás a fazer?

A voz de Millicent não me sobressalta. De facto, estou à espera dela.

— O que te parece?

— Parece-me que isso podia esperar até amanhã.

— Mas quero fazê-lo agora. — Não a ouço suspirar, mas sei que o faz. Ela continua atrás de mim, a ver-me partir outra cavilha de plástico. — Vais ficar a olhar para mim a noite toda? — pergunto-lhe.

Ela volta para dentro de casa. A porta de correr fecha-se com estrondo.

Menos de uma hora depois, estou a suar e tenho uma pilha de plástico. Deixo o jardim das traseiras com pior aspeto do que quando comecei a fazer aquilo.

Não está ninguém na sala. Ouço-os no andar de cima: alguém está na casa de banho, enquanto outra pessoa atravessa o corredor. Sento-me em frente à televisão. Está a dar uma série humorística, em que a família é como a minha, com os pais e dois filhos, mas são muito mais engraçados do que nós. Os seus problemas não envolvem raparigas de treze anos que levam facas para a escola, nem filhos que chantageiam os pais.

No intervalo, aparece uma antevisão do noticiário, e mudo de canal, depois, faço-o outra vez e outra vez ainda, não deixando de o fazer até Millicent entrar na sala e me tirar o comando da mão. Debruça-se sobre mim e sussurra-me ao ouvido.

— Deixa-te de merdas. Já. — Atira o comando para o outro lado do sofá e sai da sala.

Pode parecer que nunca faço frente a Millicent, mas não é verdade. Pode não acontecer muitas vezes, mas não é inaudito. Aconteceu uma vez, pelo menos, e lembro-me muito bem dela. Foi suficientemente importante para me impor.

Rory tinha seis anos, e Jenna, cinco, e Millicent e eu nem tínhamos tempo para respirar. Eu tinha dois empregos. Além de dar aulas particulares de ténis, também trabalhava num ginásio. Millicent tentava vender propriedades. Os miúdos frequentavam duas escolas diferentes — infantário e primeiro ano —, e era sempre preciso ir buscar ou levar algum deles. Havia dois carros, mas parecia que um ou outro estava sempre a avariar-se. Ainda assim, não nos faltava comida, um teto e todos os bens essenciais. Tudo o resto era simplesmente uma seca.

Um dia, tivemos uma sorte inesperada. Uma coisa estranha, com a qual eu nunca tinha contado. Tratava-se de um processo judicial conjunto contra um antigo empregador meu, de um sítio onde trabalhei durante o ensino secundário, e, passados mais de dez anos, chegou-se finalmente a um acordo. Talvez o grupo dos queixosos fosse pequeno, ou talvez os advogados fossem melhores do que a maioria, porque me coube uma indemnização de dez mil dólares. Era mais do que aquilo que alguma vez recebera de uma só vez.

Millicent e eu sentámo-nos à mesa da cozinha a olhar para aquele cheque. Os miúdos estavam na cama, a casa estava em silêncio, e por alguns momentos sonhámos com todas as coisas que podíamos fazer com ele. Uma semana no Havai ou um mês nas montanhas. Uma viagem à Europa. O anel de noivado que Millicent merecia. Bebemos um copo de vinho e os nossos sonhos tornaram-se mais ridículos. Roupas feitas à medida. Um sistema de cinema em casa. Elegantes jantes cromadas para os nossos carros velhos. Dez mil dólares não eram uma vasta fortuna, mas fingimos que era.

— Bom, agora a sério — disse ela, terminando o seu vinho. — Os miúdos. Faculdades.

— Muito prudente.

— Tem de ser.

Ela tinha razão. As universidades eram caras, e não fazia mal nenhum pouparmos para isso. Só que fazia. Fazia-nos mal a nós e ao nosso futuro, o que podia tornar tudo melhor para todos nós.

— Tenho uma ideia melhor — disse eu.

— Melhor do que a educação dos nossos filhos?

— Ouve-me.

Sugeri que usássemos o dinheiro para investirmos em nós mesmos. Desde que tínhamos casado e tido filhos, a nossa situação não melhorara

muito. Nem as nossas carreiras. Millicent estava encalhada na venda de apartamentos pequenos e económicos. Eram os agentes mais experientes que ficavam com todas as casas de luxo e as melhores vendas. As minhas aulas particulares eram dadas nos *courts* de ténis públicos do parque, e os clientes não eram regulares. Propus que fizéssemos alguma coisa a esse respeito.

No princípio, aquilo soou como um dos nossos sonhos ridículos. A gala de Natal que decorreria no *Country Club* de Hidden Oaks custava dois mil e quinhentos dólares. Só que aquela gala não era apenas mais uma festa; era um passe de acesso a pessoas que não conheceríamos em mais lado nenhum. Havia toda uma nova geração a viver em Oaks. A maior parte nunca me tinha conhecido, nem aos meus pais. Essas eram as pessoas que podiam pagar aulas de ténis particulares e casas caras. Elas é que pagariam a educação dos nossos filhos.

— Que loucura — disse Millicent.

— Não estás a prestar atenção.

— Não. — Ela recusou a minha ideia com um aceno da mão.

Isso fez-me teimar.

Discutimos durante uma semana. Ela chamou-me criança, e eu disse-lhe que ela tinha vistas curtas. Ela chamou-me alpinista social, e eu disse-lhe que ela não tinha imaginação. Ela deixou de me falar, e eu dormi no sofá. Mesmo assim, não desisti. Ela é que cedeu.

Millicent declarou que estava farta. Eu acho que ela ficou curiosa. Acho que quis ver se eu tinha razão.

Gastámos metade do dinheiro em bilhetes, depois, comprámos um vestido e sapatos para ela, um *smoking* e sapatos para mim, e alugámos um carro de luxo para essa noite. Millicent também foi ao cabeleireiro arranjar o cabelo, maquilhar-se e tratar das unhas. Quando pagámos à *babysitter*, já pouco do dinheiro restava.

Valeu a pena cada cêntimo. Seis meses depois da gala, recebi uma proposta de emprego como professor de ténis no clube. Millicent conheceu os seus primeiros clientes ricos naquela gala e começou a subir no mundo do imobiliário. Numa noite, tínhamos evitado uns bons cinco anos a rastejar penosamente para a nossa ascensão social. Era como saltar vários níveis num jogo de vídeo.

Não éramos ricos, não como os nossos clientes, mas aquela noite aproximou-nos mais desse estatuto.

E, até hoje, Millicent sabe que foi por minha causa, porque decidi o que fazer com aquele dinheiro. Todos os anos, quando vamos à gala anual, é recordada disso, embora, para ser honesto, não saiba muito bem se isso lhe interessa.

Vinte e oito

No princípio, foi impressionante a forma que Rory arranjou para me chantagear. Admito-o. Fiquei mais aborrecido comigo mesmo por ter sido apanhado do que com ele por me apanhar.

Mas agora o meu filho começa a chatear-me.

Estou no quarto dele. Ele está sentado à secretária. Tem o computador ligado, e Naomi olha para mim. Passaram quarenta e oito horas desde que o seu nome foi publicado como o da única mulher que continua desaparecida. O seu rosto está em todo o lado, em todos os meios de comunicação social e redes sociais.

— Porque é que andas a olhar para aquilo? — pergunto-lhe, acenando para o computador.

— Estás a mudar de assunto.

Ele tem razão. Estou a evitar o facto de ele ter acabado de me pedir centenas de dólares para continuar calado relativamente ao meu caso inexistente. Ou ao meu caso amoroso de uma noite, devo dizer, porque dormi, de facto, com Petra.

— Quanto tempo mais vais continuar com isto? — pergunto-lhe.

— Quanto tempo mais vais tu continuar com isto? Vi-te sair às escondidas ainda na semana passada.

É impossível pensar em Rory como uma criança quando fala desta maneira. Apesar do cabelo ruivo despenteado e das roupas largueironas, não parece um miúdo de catorze anos. Parece meu igual.

— Vamos fazer um acordo — proponho. — Eu dou-te o dinheiro, e ambos paramos. Nunca mais voltas a ver-me sair.

— E se saíres?

— Se eu voltar a sair, dou-te o dobro.

O rosto inexpressivo de Rory ganha vida quando as suas sobrancelhas se erguem para a testa. Ele quer esconder a surpresa, esfregando o queixo e

fingindo pensar na minha proposta.

— Vou estar atento — avisa.

— Eu sei que vais.

Ele anui, pensa e depois recusa a minha proposta.

— Tenho outra ideia.

Já estou a abanar a cabeça, lixado. Antes, estava quase a fazê-lo, mas de agora não passa.

— Não te vou dar mais...

— Eu não quero dinheiro.

— Então, queres o quê?

— Da próxima vez que saíres às escondidas, não quero dinheiro. Não quero nada — diz. — Mas vou dizer à Jenna.

— Eras mesmo capaz de contar à tua irmã?

Ele suspira. Não é um daqueles suspiros de um idoso, transbordantes de desgaste e fadiga. Este é um suspiro de criança, acompanhado de um lábio trémulo.

— Pára, pai — diz ele. — Pára de trair a mamã.

Agora, sou eu que estou surpreendido. Todo o impacto do que ele disse se vai alastrando por mim, poucos centímetros de cada vez, até ver a imagem completa.

Ele é uma criança. Ainda lhe faltam alguns anos para se tornar adulto, e nem pela aparência lá está perto. Agora, nunca me pareceu tão novo. Parece-me mais novo do que na primeira vez que lhe menti, mais novo do que na segunda e na terceira. Parece-me mais novo do que parecia quando o ensinei a pegar numa raqueta de ténis, e mais novo do que no dia em que a rejeitou e trocou pelo taco de golfe. Rory parece mais novo que ontem. Continua a ser um rapazinho.

Isto nunca teve nada que ver com dinheiro, nem com jogos de vídeo, nem sequer com chantagem.

Isto tem tudo que ver com o que ele pensa que estou a fazer. Ele julga que ando a sair às escondidas para trair a sua mãe. E quer que eu pare.

Quando percebo isto, é como se tivesse levado um tiro de caçadeira no estômago. Ou, pelo menos, é como imagino a sensação. É muito mais forte do que um soco. E não sei o que dizer, nem como dizê-lo.

Faço um aceno de assentimento e ofereço-lhe a mão.

Selamos o assunto com um aperto.

Escondendo tudo isto de Millicent, como tenho feito sempre. Nem sequer lhe digo que Rory tem andado a ler sobre Naomi na Internet. De qualquer modo, os miúdos veem tudo. Está por todo o lado.

Josh continua a cobrir a história e está todos os dias na televisão, quer nas notícias de última hora, quer nos resumos da noite. Ainda é muito jovem e ambicioso, mas agora parece cansado e precisa de um corte de cabelo.

Nos últimos dois dias, tem andado às voltas com a polícia, enquanto esta verifica áreas de serviço. Era aí que Owen mantinha as suas vítimas, numa área de serviço abandonada, cujo edifício tinha transformado em casamata. A polícia tem estado a revistá-las todas, bem como qualquer edifício que se assemelhe a uma casamata na região. Não encontraram nada.

Nessa noite, Josh está numa estrada vazia, com uma frota de carros da polícia atrás de si. Está agasalhado com blusão e boné de basebol, o que o faz parecer ainda mais jovem, e diz que estão a verificar outro possível local. Têm-no procurado cada vez mais longe, chegando até ao Parque Estadual de Goethe.

É porque Naomi ainda está viva.

Josh não diz isto. A polícia também não. Mas toda a gente sabe que se Owen ainda está vivo, Naomi também. Ele mantém sempre as mulheres vivas, e faz-lhes coisas horríveis. Coisas de que não falam na televisão. Coisas em que não penso, porque agora é Millicent que está a fazê-las.

Ou, pelo menos, assim calculo. Presumo que Naomi continue viva, embora não tenha perguntado, nem faça ideia de onde Millicent a manteria. As buscas da polícia fazem-me questionar.

Na manhã seguinte, quando estou a sair da garagem em marcha-atrás, Millicent sai de casa. Ergue uma mão, pedindo-me para esperar. Vejo-a encaminhar-se para o meu carro. Veste um par de calças largas e leves e uma blusa branca com pintas minúsculas.

Millicent debruça-se sobre a janela. O seu rosto está tão perto do meu que consigo ver-lhe as minúsculas linhas nos cantos dos olhos — não rugas profundas, mas quase isso. Quando põe a mão na porta, vejo arranhões no seu antebraço, como se tivesse estado a brincar com um gato.

Ela vê para onde estou a olhar e puxa a manga para baixo. Os meus olhos procuram os seus. Ao sol da manhã, quase parecem ser o que eram.

— Sim? — pergunto.

Enfia a mão no bolso e retira um sobrescrito branco.

— Pensei que isto pudesse ser útil.

O sobrescrito está selado.

— O que é?

Ela pisca-me o olho.

— Para a tua próxima carta.

Esta coisa insignificante anima-me. Não escrevo cartas, mas Owen escreve.

— Isto vai convencê-los — diz Millicent.

— Se tu o dizes.

Ela leva a mão à minha face e acaricia-a com o polegar. Julgo que me vai beijar, mas não o faz, não ali na parte da frente da casa, onde qualquer vizinho nos pode ver. Em vez disso, regressa para dentro de casa tão descontraidamente como saiu, como se tivesse acabado de me lembrar de comprar leite de amêndoa no regresso.

Introduzo o dedo sob a aba do sobrescrito e abro o canto.

Lá dentro, um anel do cabelo de Naomi.

Vinte e nove

Apesar do que Millicent disse, fico a pesar as vantagens e os inconvenientes de lhes enviar o anel de cabelo de Naomi. Pergunto-me se isso irá piorar ou melhorar as coisas. Embora Jenna já não ande com uma faca, tanto quanto sei, também não anda a comer muito. Vai debicando a comida, brincando com ela no prato. Não diz muito ao jantar. Não temos ouvido nenhuns dos seus relatos pormenorizados dos treinos de futebol, nem dos dias na escola.

Não gosto disso. Quero reaver a minha Jenna, a que me sorri, a que me pede coisas, para eu poder dizer «sim». A única coisa que ela pede agora é licença para sair da mesa.

Se enviar uma carta ao Josh, a confirmar que Naomi é a vítima de Owen, a busca só se intensificará. A polícia vai percorrer cada edifício num raio de oitenta quilómetros para a encontrar, e os meios de comunicação social vão cobrir cada momento dessa busca.

Contudo, talvez seja pior não enviar a carta. Talvez seja pior deixar toda a gente perguntar-se se Owen tem Naomi, quem sabe se para sempre. Porque, nessa altura, Jenna vai saber que as pessoas podem simplesmente desaparecer sem nunca serem encontradas. É a verdade, mas talvez ela não o devesse saber. Pelo menos, por enquanto.

Mais uma vez, Millicent tem razão. O cabelo é útil.

Faço vários rascunhos da carta. A primeira é demasiado elaborada; a segunda ainda é demasiado extensa. A terceira tem apenas um parágrafo. Depois, percebo que Owen não tem de dizer nada.

O cabelo vai dizer o suficiente.

Vão fazer um teste de ADN, e vão saber que é de Naomi. A única coisa que tenho de fazer é embrulhá-lo num pedaço de papel e assinar em baixo.

O toque final é a água-de-colónia barata.

Enfio o anel de cabelo na minha carta. Cinquenta fios, cem — não sei quantos são ao certo, mas têm alguns centímetros de comprimento. Numa ponta, o cabelo está escadeado em ligeiras diferenças de comprimento. A outra ponta foi cortada tão a direito que quase consigo ouvir as lâminas da tesoura.

Não me permito pensar mais no assunto. Não quero imaginar o olhar de Naomi quando vê a tesoura, não quero imaginar o alívio que sente quando é só o cabelo que é cortado.

Dobro o papel em volta do cabelo, ponho-o num novo sobrescrito e uso uma esponja para o fechar. Não tiro as luvas, enquanto a carta não está no posto dos correios.

Assim que a largo dentro da caixa, sinto uma onda de adrenalina.

O trabalho devia ser um escape, mas não é. Toda a gente fala de Naomi, de Owen, de onde ela pode estar escondida, e se alguma vez será encontrada. Kekona está no clube; não tem aula, mas está lá na mesma, a falar com um grupo de mulheres com idade suficiente para serem mães de Naomi. Os homens sentados no bar têm os olhos fixos no ecrã e na bonita mulher desaparecida que teriam gostado de conhecer. Ninguém diz nada sobre as atividades de Naomi no Lancaster. Ela tornou-se a filha, a irmã de qualquer pessoa, a vizinha do lado.

É assustadora a velocidade com que tudo isto aconteceu.

Com as outras não foi assim — especialmente com Holly. Nunca ninguém a procurou, porque ela nunca foi dada como desaparecida.

Millicent e eu tomámos essa decisão juntos. Nunca discutimos o caso, depois de Holly desaparecer; nunca me ocorreu. Estava demasiado ocupado a pensar em não ser apanhado para pensar no que vinha a seguir. Dias depois, a mãe de Millicent ligou. O seu Alzheimer não aumentara ao ponto de se ter esquecido de quantas filhas tinha. Nunca lhe dissemos que Holly tivera alta, mas ela sabia. Tinha ligado para o hospital.

Naquela noite, tivemos a nossa primeira noite a dois. Nunca o tínhamos feito antes. Costumávamos gozar com o termo até ele se tornar útil.

Quando disse a Millicent que a mãe tinha ligado, a sua expressão não se alterou. O jantar tinha terminado, os miúdos estavam a ver televisão, e ainda estávamos à mesa. Hambúrgueres vegetarianos com tomate e queijo

biológico, batata-doce frita e salada. Eu ainda estava a comer algumas batatas, a molhá-las na suposta maionese com especiarias.

— Pensei que isto ia acontecer — disse ela.

Olhei por cima do ombro, para verificar se os miúdos não estavam por perto. Naqueles dias, assustava-me com a minha própria sombra. Não estava habituado a quebrar a lei, quanto mais a matar alguém, por isso, o mais pequeno som significava que íamos ser apanhados. A cada dia, sentia que tinha envelhecido um ano.

— Não devíamos falar disto aqui — disse.

— Claro. Mais tarde, quando os miúdos estiverem a dormir.

Até isso me deixava nervoso.

— Devíamos ir lá para fora. Ou para a garagem. Podemos sentar-nos no carro, ou coisa assim.

— Perfeito. Combinado.

A nossa primeira noite a dois teve lugar depois de Rory, de onze anos, e Jenna, de dez, estarem a dormir. Millicent deixou a porta de acesso à casa entreaberta, só para o caso de eles precisarem de nós.

Presumi que íamos dizer à mãe dela que não tínhamos visto a Holly. Estava enganado.

— Não lhe podemos dizer que ela está desaparecida — disse Millicent.

— Vai pôr-se à procura dela.

— Mas não a vai encontrar...

— Pois não. Mas não vai parar de a procurar, enquanto não se esquecer de o fazer.

— Então, mentimos à tua mãe? Dizemos-lhe que a Holly está aqui e que está bem?

Ela abanou a cabeça. Millicent olhava para o painel de instrumentos, perdida em pensamentos. Finalmente, disse:

— Não há como contornar a coisa.

Esperei, com medo de dizer alguma coisa estúpida de novo.

Quando Millicent disse que queria fingir que Holly ainda estava viva, lembro-me de ter pensado que não ia funcionar. Depois de tudo o que tínhamos feito, e depois de tudo aquilo de que, aparentemente, nos tínhamos safado, era logo isto que nos ia destruir. Não tínhamos pensado em tudo como devia ser. Nunca tínhamos falado do assunto, sequer.

— Não vai funcionar — protestei. — Em algum momento, ela há de querer falar com a tua irmã, vê-la. Hão de vir cá, ou tentar contactar com

ela... — E continuei a elencar todas as razões para aquilo não poder funcionar. Não podíamos alegar ser as únicas pessoas que viam Holly ou falavam com ela.

— Acho que a Holly se quer ir embora — diz Millicent. — Provavelmente por minha causa, porque lhe lembro o que ela fez e porque foi internada.

Começo a perceber.

— Se fosse eu, e se quisesse começar de novo, podia até sair do país.

— Eu sairia, definitivamente, do país — concordou ela.

— Enviarias um *mail* à tua mãe?

— Uma carta. Uma longa carta, a dizer à minha mãe que estava bem, que só precisava de algum tempo para me recompor.

Enviou a carta quase uma semana depois de Holly morrer, a dizer que ia para a Europa para recuperar, para se encontrar, para encontrar o seu próprio caminho no mundo, mas que daria notícias regularmente. A mãe respondeu, dizendo que compreendia. Ela até incluiu uma fotografia. Veio do meu telefone, quando tirei uma foto a Holly em frente à escola dos miúdos. A carta completou depois o círculo quando ela a mostrou a Millicent durante uma visita.

Quando a minha sogra faleceu, já não se lembrava de nenhuma das filhas.

Trinta

Vejo pela primeira vez a notícia no meu telefone, quando estou sentado no carro à porta de um café. Estou a meio caminho entre a minha casa e o trabalho, de regresso ao clube depois de ter ido buscar os miúdos à escola, tendo parado para tomar um café. Soa o alerta de notícia de última hora no meu telefone.

OWEN VOLTA A CONTACTAR

No vídeo, Josh fala do último bilhete de Owen. Pela primeira vez desde há algum tempo, não parece cansado. Está em frente à esquadra da polícia. Tem as faces rosadas e os olhos muito abertos de excitação, não pela cafeína. Depois de passar uma semana a ver a polícia revistar áreas de serviço desativadas e barracões abandonados, parece um homem novo.

Uma imagem da carta passa brevemente pelo ecrã. O nome de Owen é claramente visível.

— *Este bilhete não foi a única coisa que recebi do homem que alega ser Owen Oliver Riley. Embrulhado num pedaço de papel estava uma madeixa de cabelo. Não sabemos a quem pertence. Nem sequer sabemos se o cabelo pertence a um homem ou a uma mulher. Os testes de ADN estão em curso, mas, assim que soubermos mais alguma coisa, dar-lhe-emos as notícias em primeira mão.*

Josh entrevista uma mulher jovem que diz ser amiga de Naomi, embora frisando mais uma vez que não sabemos o que aconteceu a Naomi. A amiga não me parece familiar; não me lembro de a ver com Naomi na vida real nem na Internet. Esta mulher tem uma voz nasalada e vibrante, e parece que estou trancado no carro com ela. Diz que Naomi é «querida, mas não tipo fofinha, uma grande amiga, mas também independente, esperta, mas não sabe-tudo», e não faço ideia do que isso significa.

Ela desaparece da imagem. A câmara volta para Josh, para depois abrir o ângulo. Está um homem ao lado dele. É um homem grande, com um bigode que o faz parecer uma morsa. Josh apresenta-o, como sendo o subgerente do hotel Lancaster, e diz que trabalhava com Naomi. Josh não lhe pede para descrever Naomi numa palavra, mas é o que ele faz.

— Se eu tivesse de descrever a Naomi numa palavra, diria «bondosa». Ela era bondosa para toda a gente, todos os hóspedes e todos os colegas. Sempre disposta a ajudar. Se um hóspede precisasse de alguma coisa no quarto, e o serviço de quartos estivesse ocupado, ela oferecia-se para o fazer. Quando alguém estava doente, fazia o seu turno. Nunca pedia nada. Pelo menos, a mim. Não posso falar por toda a gente.

Um toque na janela do carro faz-me dar um pulo.

Trista.

Vejo-a, a ela e ao seu reflexo, no vidro. A última vez que a vi, estava drogada ao ponto de entrar em coma. Como lhe prometi, nunca contei ao Andy.

Trista sorri, enquanto me faz sinal para baixar o vidro. Quando o faço, ela debruça-se para o interior para me dar um beijo na face. O seu batom cor de alperce é pegajoso.

— Então, olá — digo.

Ela ri-se. Isso fá-la parecer mais nova, tal como a viseira com um padrão de margaridas que tem na cabeça.

— Desculpa. Estou de bom humor.

— Estou a ver. — Saio do carro e encaro-a. Os olhos de Trista estão límpidos, com as pupilas nem demasiado grandes nem excessivamente pequenas. A pele tem um leve tom rosado, como se na véspera tivesse estado na praia.

— Pareces ótima.

— Estou ótima.

Sinto-me aliviado, o que me faz perceber como estava tenso com ela.

— Fico muito feliz por saber. Tenho estado preocupado contigo.

— Deixei o Andy — diz ela.

— Deixaste-o onde? — Olho para trás dela, pensando que ele está no café. A sério.

— Não, quero dizer que já não estamos juntos.

Não consigo esconder o choque. Andy e Trista casaram não muito depois de Millicent e eu o termos feito. Nós fomos ao seu casamento.

Nenhum deles deu sinais de haver problemas, nem para mim, nem para Millicent. Ela ter-me-ia dito alguma coisa.

— Ele não te contou? — pergunta Trista.

— Não.

— Bem, eu deixei-o.

Quero dizer-lhe que lamento que o seu casamento tenha acabado, porque lamento mesmo. Porque são meus amigos, mas ela parece tão feliz que não digo nada.

Trista revira os olhos.

— Está tudo bem. Não precisas de dizer nada. Mas... sabes que mais? Eu nunca o amei realmente. Não da maneira como tu amas a Millicent. — Ela sorri, nada embaraçada. — É verdade. Casei com o Andy, porque ele preenchia todos os requisitos. Isto soa horrivelmente, não é? Vá lá, podes dizer. Sou horrível.

— Eu nunca disse que eras horrível.

— Mas é o que estás a pensar. És obrigado a isso... és amigo do Andy.

— Também sou teu amigo.

Ela encolhe os ombros.

— As aulas vão ter de terminar. Lamento, mas não posso vir ao clube, com o Andy cá.

— Percebo.

— Ajudaste-me muito, sabes — continua Trista. — Aquele dia em que conversámos ajudou a clarificar as coisas.

Aquela conversa também me ajudou. Por causa de Trista, soube coisas sobre Owen que nunca teria sabido, e fui capaz de escrever uma carta convincente ao Josh. Mas não é a isto que ela se refere.

— Eu não fiz nada — digo. Talvez para me convencer a mim mesmo de que não destruí o casamento do meu amigo.

— Se não me tivesses ouvido daquela maneira, eu nunca teria falado sem parar sobre o Owen. Ninguém quer ouvir tudo aquilo. Só querem que ele seja um monstro.

— E não é?

Ela pensa um pouco, enquanto suga a sua palhinha.

— Sim. E não. Lembras-te de que te disse que o sexo com o Owen era bom? Não ótimo, mas bom?

Anuo.

— Eu menti. Era ótimo. Era fantástico, na verdade. O Owen era, ele era... — A sua voz apaga-se. Ela olha o parque de estacionamento do café, perdida numa memória que não consigo ver. Sinto-me desconfortável ali a olhar para ela, mas seria ainda mais estranho falar, por isso, não o faço.

— Eu amava-o — diz.

— Ao Owen?

Ela acena com a cabeça, primeiro, um aceno afirmativo, depois, negativo.

— Isto soa tão mal. Não quero dizer que vou fugir e ficar com ele, nem nada do género. Não que soubesse tão-pouco onde encontrá-lo. Oh, meu Deus, isto não saiu nada bem. — Ergue as mãos no ar, desistindo da explicação. — Desculpa. Isto é esquisito.

— Não, é... — não consigo pensar noutra palavra.

— Esquisito.

Encolho os ombros.

— Está bem, é esquisito. — E horrível.

— Amar um monstro não é mau?

— Não sabias quando te apaixonaste por ele, pois não?

— Não.

— E não te apaixonaste por ele, *porque* ele era um monstro, pois não?

Agora, ela encolhe os ombros. Sorri.

— Como havia de saber?

Não tenho resposta.

Trinta e um

Uma igreja chamada Irmandade da Esperança tornou-se um local de encontro para quem quisesse falar sobre Naomi, rezar ou acender uma vela por ela. Começou com os seus amigos e colegas, talvez aquele tipo com ar de morsa ou a rapariga de voz nasalada, e agora expandiu-se para a comunidade.

Não entrei na igreja, mas passei por lá a caminho do trabalho e vi as pessoas que entravam e saíam. Alguns ficam algum tempo; outros, apenas uns minutos. Reconheço algumas delas do clube, e aposto que nenhuma conheceu Naomi. Estas pessoas não convivem com rececionistas de hotel.

O passa-palavra chega a Millicent, talvez por meio de algum dos seus clientes, e ela decide achar que a nossa família deve ir à igreja na sexta-feira.

Naquela noite, estamos todos com pressa. Chego tarde a casa, depois de uma aula, e salto para o duche. Rory foi a casa de um amigo depois da escola, mas esqueceu-se das horas, e Millicent foi lá buscá-lo. Jenna está a arranjar-se no seu quarto. Não temos tempo para jantar em casa, por isso, vamos comer fora depois de irmos à igreja. Millicent abre uma mensagem de grupo a perguntar a que restaurante queremos ir. Rory quer comer italiano, Millicent, mexicano, para mim, tanto faz.

Quando o carro entra na garagem, chamo Jenna.

— Estamos no ir — grito. Jenna diz-me sempre que sou mesmo um pai quando digo isto.

Agora, não diz nada.

— Jenna?

Quando não responde pela segunda vez, subo as escadas e bato-lhe à porta, onde ela tem um pequeno quadro branco pendurado. Está decorado com fitas cor do arco-íris e as palavras *Não, Rory* escritas com a sua letra redonda.

No andar de baixo, a porta da garagem abre-se, e Millicent pergunta.

— Prontos?

— Quase — respondo, e bato de novo à porta.

Jenna não atende.

— O que se passa? — pergunta-me Millicent.

A porta está destrancada. Abro-a uns centímetros.

— Jenna? Estás bem?

— Sim. — Um som minúsculo vem da casa de banho.

Em nossa casa, ninguém tem apenas um quarto. Temos *suites*, com casa de banho privativa. Quatro quartos, quatro casas de banho e uma social — é assim que todas as casas são construídas em Hidden Oaks.

— Venham lá! — grita Rory.

Millicent sobe as escadas.

Percorro o quarto de Jenna, passando pelos seus brinquedos de infância e as roupas, sapatos e maquilhagem de uma adolescente a desabrochar. A porta para a casa de banho está aberta. No momento em que estou a espreitar lá para dentro, Millicent aparece na ombreira da porta.

— O que se passa? — quer saber.

Jenna está parada no chão de ladrilhos brancos com os pés envoltos em anéis de cabelo escuro. Olha para mim, e os seus olhos parecem maiores do que nunca. Jenna cortou o cabelo todo. Tosquiou-o até ao escalpe, não deixando mais de dois centímetros de comprimento.

Atrás de mim, Millicent contém audivelmente a respiração. Passa depressa por mim, aproximando-se de Jenna e segura-lhe na cabeça com as duas mãos.

— O que foi que foste fazer? — interpela-a.

Jenna olha-a fixamente, sem pestanejar.

Não digo nada, embora saiba a resposta. Sei o que Jenna fez. A compreensão de tudo aquilo faz-me gelar; o meu corpo enraíza-se bem fundo no tapete cor de diospiro posto no chão da casa de banho.

Jenna vira-se para mim e pergunta:

— Agora, ele não me vai levar, pois não?

— Jesus — diz Rory.

Não é o Jesus.

É o Owen.

Já não vamos à igreja. Nem saímos de casa.

— Um médico — diz Millicent. — A nossa filha precisa de um médico.

— Eu conheço um médico — digo. — É um cliente.

— Chama-o. Não, espera. Talvez não devêssemos usar um dos teus clientes... Se calhar, não queremos que saibam.

— Saibam o quê?

— Que a nossa filha precisa de ajuda.

Ficamos a olhar um para outro, sem sabermos o que fazer. Surreal não chega para adjetivar o que se passa.

Isto é um novo problema para nós. Há uma resposta para tudo nos livros sobre a educação dos filhos. Millicent tem-nos a todos. Fisicamente doente, ir ao médico. Não se sente bem, ir para a cama. Fingir que não se sente bem, ir para a escola. Problema com outra criança, ligar aos pais da outra criança. Fazer uma birra, dar-lhes algum tempo.

Contudo, não para este problema. Os livros não dizem o que fazer quando os nossos filhos têm medo de um assassino em série. Em especial, um assassino em série como este.

Estamos no nosso quarto, a falar em voz baixa. Jenna está no andar de baixo, a ver televisão no sofá com um boné de basebol enterrado na cabeça. Rory está com ela. Dissemos-lhe para estar atento à irmã. Também lhe dissemos para não gozar com ela. Por uma vez na vida, Rory faz o que lhe dizemos.

Millicent decide ligar ao nosso médico de família. O doutor Barrow não é nosso cliente. É apenas um médico de família que consultamos há anos. Trata das nossas gargantas inflamadas e dores de barriga, verifica se há ossos partidos ou traumatismos, mas não creio que possa ser útil nesta situação. É um homem muito mais velho que pode ou não acreditar que a doença mental existe.

— É tarde — digo a Millicent. — Ele não vai atender.

— O consultório liga-lhe. Há sempre maneira de se apanhar o médico.

— Talvez fosse melhor...

— Eu vou-lhe ligar — diz ela. — Temos de fazer alguma coisa.

— Sim. Suponho que sim.

Millicent faz-me uma expressão estranha, enquanto pega no telefone. É raro não conseguir decifrar o significado do seu olhar, mas esta é uma dessas vezes. Se tivesse de adivinhar, diria que parece estar um pouco em pânico.

Desço as escadas para ver como está Jenna. Tanto ela como Rory continuam no sofá. Estão a ver televisão, enquanto comem sanduíches com batatas fritas enfiadas no pão. Jenna ergue o olhar para mim. Sorrio para ela, tentando verificar se está tudo bem, se ela está bem, se o mundo está bem, e ninguém lhe vai fazer mal. A minha filha desvia o olhar e dá mais uma dentada na sanduíche.

Não consegui transmitir-lhe nada.

De volta ao andar de cima, Millicent está ao telefone. A sua voz é demasiado calma, demasiado firme, enquanto explica a um serviço de atendimento que sim, é uma emergência, e sim, precisa de falar com o doutor Barrow esta noite. Desliga, espera cinco minutos, e tenta de novo.

O doutor Barrow finalmente liga de volta. Millicent soa apressada, enquanto explica o que se passou, o que a nossa filha fez. Não consegue fazer sair as palavras suficientemente rápido.

Isto é uma crise para ela, para nós, para a nossa família. A minha parte fica no meio.

Jenna é que está em crise.

Millicent é a que está a fazer alguma coisa a esse respeito.

Rory, o que se mantém fora do caminho. Fora da linha de fogo.

Eu, o que sobe e desce as escadas, a ver como está toda a gente e sem decidir nada. Estou novamente a meio caminho.

Trinta e dois

O Dr. Barrow recomenda um psicólogo infantil, que aceita encontrar-se connosco no sábado pelo dobro dos seus honorários habituais. Tudo neste consultório é bege, desde a carpete até ao teto, e a sensação que dá é de que estamos numa taça de papas de aveia.

O psicólogo é especialista neste tipo de coisas, porque isto é real, e ele diz que Jenna não se sente segura. Desconfia que ela tem uma qualquer espécie de distúrbio de ansiedade induzida pelos *media*, embora o nome efetivo seja irrelevante. Como o são as razões que a fazem explodir, que não interessam, porque não fazem sentido. A razão não tem aqui lugar.

— Podem explicar à Jenna que está segura até ela o repetir enquanto dorme, mas não vai fazer a menor diferença.

Millicent está sentada em frente ao médico, tão perto quanto possível. Passou a noite no quarto de Jenna, mal dormiu e está um caco. Eu estou mais ou menos na mesma. Jenna dormiu bem na noite passada. Cortar o cabelo pareceu dar-lhe paz. Quando tento dizer isto ao médico, ele levanta a mão.

— Falso.

— Falso — repito. Tento imitar o seu tom, mas a arrogância é excessiva.

— A paz é provavelmente temporária, até outra notícia a desequilibrar de novo — argumenta. Ele passou a última hora com Jenna, parte da sessão de sábado de manhã arranjada pelo doutor Barrow. Nós pertencemos à segunda parte.

— O que fazemos? — pergunta Millicent.

Ele tem algumas ideias para ajudar Jenna a sentir-se segura. Primeira, duas consultas por semana no seu consultório. Por duzentos dólares cada, sem aceitar seguro, apenas com pagamento em dinheiro ou cartão de débito.

Segundo, fazer tudo o que dissermos que vamos fazer. Nunca desiludir Jenna. Nunca a deixar pensar que não estamos ao seu lado.

— Mas nós nunca... — digo. — Nós sempre...

— Sempre? — repete ele.

— Pelo menos, noventa por cento do tempo — diz Millicent. — Talvez noventa e cinco.

— Passem a cem.

Millicent anui, como se pudesse acenar uma varinha mágica para que isso acontecesse.

— Por último, mas, definitivamente, não menos importante — continua ele. — Afastem-na dos noticiários... deste assassino em série, de todas as histórias sobre a sua vítima. Percebo que estou a pedir o impossível, em especial, nos tempos que correm, mas tentem o mais possível. Não vejam as notícias em casa. Não falem de Owen, nem de nada a seu respeito. Tentem comportar-se como se ele não tivesse nada que ver com a vossa família.

— E não tem — digo.

— Claro que não.

Passamos um cheque chorudo e saímos. Jenna está na sala de espera. A televisão acesa passa desenhos animados. Ela está de olhos fixos no seu telefone.

Millicent franze o sobrolho.

Sorrio e esforço-me ao máximo.

— Quem quer tomar o pequeno-almoço?

O fim de semana é um turbilhão de conversas: com a família toda, só com Jenna, só com Rory, com ambos e apenas com Millicent. Tantas conversas com Millicent. Pela noite de domingo, estabelecemos um novo conjunto de regras, que giram em torno da eliminação dos noticiários das nossas vidas. Todos os programas de notícias ficam proibidos, tal como a leitura de jornais. Vamos ver filmes em *streaming* e evitar a televisão em direto, tanto quanto possível. Nada de rádio. Tudo isto é fácil em comparação com a Internet. Os miúdos usam-na para a escola, para se divertirem, para comunicarem.

Mesmo assim, Millicent tenta, começando pela palavra-passe. Ninguém vai poder ligar-se a não ser que ela o faça.

Motim.

— Então, não posso viver aqui. — Rory atira a matar na sua declaração de abertura.

Jenna anui, concordando com o irmão. Um raro momento de solidariedade.

Eu concordo com os miúdos. Millicent propôs algo que não é prático, nem viável. É um absurdo.

Contudo, não digo nada.

Rory olha para mim, depois para a mãe, sentindo fraqueza. Elenca todas as razões para a ideia da palavra-passe não funcionar, a começar pelos horários de trabalho de Millicent.

Jenna, finalmente, dá o seu contributo.

— Vou chumbar a Inglês.

O que é o fim da história.

Ela tem tido dificuldades a Inglês este ano. Tem trabalhado o dobro para se manter no quadro de honra, e a ideia de Jenna de lá sair faz Millicent mudar de ideias. Recua para um conjunto de regras menos duras.

Controlo parental, portáteis mudados para a sala, todas as novas aplicações removidas dos telefones. Mais psicológico do que prático, mas todos entendemos a ideia. Não imagino se Jenna vai seguir as novas regras.

Uma cabeleireira tenta dar forma ao que restou do seu cabelo. Agora que está bem cortado, não parece assim tão mau — apenas diferente. Millicent compra todos os tipos de chapéus e bonés, para o caso de ela querer escondê-lo. Dispõe-nos todos na mesa da sala de jantar, e Jenna vai andando em volta, a experimentar cada um. No fim, encolhe os ombros.

— São giros — diz.

— Tens algum preferido? — pergunta-lhe Millicent.

Jenna encolhe de novo os ombros.

— Não sei se preciso mesmo de um chapéu.

Os ombros de Millicent descaem um pouco. Está mais preocupada com o cabelo de Jenna do que com a própria filha.

— Tudo bem — cede, juntando os chapéus. — Eu deixo-os no teu quarto.

Antes da hora de deitar, vou ver Rory. Está na cama a ler uma banda desenhada. Enfia-a debaixo da almofada, e finjo não ver.

— O que foi? — pergunta. Irritação por todo o lado.

Sento-me na sua secretária. Livros, cadernos, carregadores. Um pacote de batatas fritas e um desenho de qualquer coisa que parece meio monstro,

meio herói.

— Não é justo — começo por dizer. — Nada disto é por culpa tua, mas tens de viver com isto na mesma.

— Fazer sacrifícios pela equipa. Percebo.

— O que é que achas? — pergunto.

— De quê?

— Da tua irmã.

Ele começa a dizer qualquer coisa. Percebo por aqueles olhos verdes que se vai armar em engraçadinho.

Todavia, interrompe-se. Faz uma pausa.

— Não sei — diz. — Ela tem andado um bocadinho obcecada com isto.

— O Owen.

— Sim. Tipo... mais obcecada do que é costume. Sabes como ela fica.

Refere-se à capacidade de Jenna se focar como um laser num assunto, seja no futebol, seja em fitas ou póneis. Rory chama-lhe obsessão, porque ele não é assim.

— Como é que ela tem estado na escola? — pergunto.

— Bem, pelo que me parece. Ainda é popular.

— Se alguma coisa mudar, avisas-me?

Ele reflete, talvez a ponderar pedir alguma coisa em troca.

— Sim — responde.

— E não sejas muito idiota com ela.

— Mas essa é a minha função. Sou irmão dela. — Rory sorri.

— Eu sei. Só não sejas demasiado bom nessa função.

Millicent e eu ficamos finalmente sozinhos, ao final da noite de domingo. Estou exausto. Preocupado. Temo a próxima notícia sobre Owen, Naomi ou Lindsay.

Naomi. Pela primeira vez em dois dias, ocorre-me que Millicent não saiu de junto de nós. Isso faz-me perguntar onde está Naomi, se ainda está viva. Tem de ter água. Não sobreviveria sem água.

Nunca quis pensar onde estaria Naomi, como estaria presa, nem o que a rodearia. Forcei-me a não pensar nisso. Ainda assim, ocorrem-me as imagens. Aquelas de que ouvi falar, a casamata subterrânea ou a cave, a sala insonorizada numa casa em que tudo o resto é normal. Algemas —

acho que também ouvi falar disso. Correntes e algemas, feitas de aço para não poderem ser quebradas.

Contudo, pode não ser nada disto. Talvez esteja apenas trancada num quarto e livre para andar de um lado para o outro. Pode ser um quarto normal, com uma cama, uma cómoda, uma casa de banho, talvez um frigorífico. Confortável e limpo. Não uma câmara de horrores, de tortura ou coisa assim. Talvez até tenha televisão.

Ou não.

Viro-me para Millicent, que está sentada na cama, com o *tablet*, a pesquisar crianças que têm medo do que ouvem na televisão.

Mais uma vez, penso em perguntar-lhe por Naomi. Quero saber onde e como está, mas tenho medo do que posso fazer com essa informação.

Não creio que consiga controlar-me.

Se souber onde ela está, irei vê-la. Tenho de ir. E se for a pior das hipóteses? E se ela estiver acorrentada a um radiador numa cave qualquer, coberta de terra e a sangrar pela tortura? Porque se for isso que eu veja, não sei o que vou fazer.

Não sei se a mataria. Se a deixaria sair.

Portanto, não pergunto.

Trinta e três

Fazer Owen ressuscitar cumpriu o seu objetivo. Ninguém duvida de que foi ele que raptou e assassinou Lindsay, que é ele quem tem agora Naomi. Está na altura de ele se desvanecer. A única forma é acabar com as notícias: chega de cartas, chega de anéis de cabelo. Chega de mulheres desaparecidas. Chega de cadáveres.

Precisamos de uma estratégia de saída. Jenna precisa disso.

No clube, ainda falam de Owen. Recuso-me a isso. Saio do clube, afasto-me das conversas, afasto-me até de Kekona. Ainda temos duas aulas por semana, mas ela está no clube todos os dias. Passo todo o dia no *court*, ou com um cliente ou à espera do cliente seguinte. Depois das últimas semanas, e do último fim de semana, o dia é quase demasiado normal. Alguma coisa tem de o quebrar.

Tenho uma aula com um casal que vive em Hidden Oaks desde a sua fundação. Mexem-se com lentidão, mas o facto de se mexerem já é alguma coisa.

Quando terminamos, vamos os três à loja. Quero beber um café e ver a minha agenda para a semana. O caminho mais curto para a loja é por dentro do bar, que é onde vejo Andy.

Vira-o ainda Trista não o tinha deixado. Na altura, estava com o aspeto de sempre: barriga proeminente, cabelo a ficar ralo, pele congestionada por todo aquele vinho.

Agora, parece errado em tudo. Está encostado ao bar, com calças de fato de treino que parecem ter cem anos. A camisola de algodão de Hidden Oaks é nova em folha, ainda com os vincos das dobras, como se a tivesse comprado ali na loja e vestido de imediato. Tem a barba feita, mas o cabelo parece sujo. A bebida que tem na mão é castanha e pura — sem água, sem gelo.

Dirijo-me para ele, porque é meu amigo. Ou era, até começar a esconder coisas dele.

— Olá — cumprimento-o.

Ele vira-se para mim, mas não parece satisfeito.

— Olha, aqui está o profissional. O profissional do ténis, quero eu dizer. A não ser que sejas outra espécie de profissional.

— O que se passa?

— Oh, acho que sabes o que se passa.

Abano a cabeça. Encolho os ombros. Finjo não fazer ideia do que se passa.

— Estás bem?

— Não, nem por isso. Mas talvez devesse perguntar à minha mulher. Conhece-la muito bem, não é?

Antes de ter hipótese de dizer mais alguma coisa, seguro-o pelo braço.

— Vamos apanhar um pouco de ar — digo-lhe. Felizmente, não protesta. Não diz nada que me possa deixar em sarilhos no emprego.

Atravessamos o clube e saímos pela porta principal. Paramos num passadiço com uma pérgula em arco coberta de hera. Para um lado, fica a loja, para o outro, o parque de estacionamento.

Paro e viro-me para Andy.

— Ouve, eu não sei...

— Andas a dormir com a minha mulher?

— Credo. Não.

Ele fica a olhar para mim, hesitante.

— Andy, eu nunca iria para a cama com a tua mulher. Nunca.

Os seus ombros descaem um pouco quando a fúria o abandona. Ele acredita em mim.

— Mas ela está apaixonada por outra pessoa.

— Não é por mim. — Não tenho a menor intenção de lhe dizer quem é.

— Mas tu estás sempre a vê-la. Duas vezes por semana, certo? Ela tem aulas de ténis contigo, não tem?

— Já há alguns anos. Tu sabes isso. Mas ela nunca mencionou ter um caso.

Andy olha para mim de olhos semicerrados.

— Isso é verdade?

— Há quanto tempo nos conhecemos?

— Desde miúdos.

— E achas que ia ser mais leal à Trista do que a ti?

Andy ergue as mãos no ar.

— Sei lá. Ela estava mesmo perturbada com aquelas raparigas desaparecidas. Já nem vê as notícias. — Ele baixa os olhos e raspa o pé na imitação de pedras roladas do chão. — Juras que não sabes de nada?

— Juro.

— Está bem. Desculpa — diz.

— Tudo bem. Queres ir almoçar, ou coisa do género? — Não lhe falo em irmos beber um copo.

— Agora não. Vou para casa.

— Tens a certeza?

Ele acena com a cabeça e vai-se embora. Andy não regressa ao clube; vai direito ao parque de estacionamento. Começo a dizer-lhe que não pode conduzir, mas não o faço. Os arrumadores vão impedi-lo. Responsabilização e tal.

As minhas aulas prosseguem. Sem novidades. Não há chamadas, nem mais perturbações. Pelo menos, enquanto não saio do trabalho e paro na lavagem automática, a caminho de casa.

Normalmente, verifico o meu telefone — o descartável — pelo menos, dia sim, dia não, mas quebro a minha própria regra. Estão demasiadas coisas a acontecer, há demasiadas coisas com que lidar.

O telefone está escondido no pneu sobresselente no meu porta-bagagens. Na lavagem automática, retiro tudo lá de dentro para ser aspirado, levando o telefone com o resto. Enquanto o carro passa pela lavagem, ligo o telefone. O som de uma mensagem nova sobressalta-me. Tanto o som como o telefone são antiquados. Nem sequer é um *smartphone*, apenas um telefone pré-pago que é mais pesado do que parece.

Comprei-o numa loja de pechinchas há uns anos. Levei algum tempo a decidir-me. Não com o telefone em si — na altura todos os pré-pagos pareciam iguais. Levei algum tempo a decidir se devia comprá-lo sequer. Uma simpática vendedora apareceu e perguntou se podia ajudar. Parecia demasiado velha para saber muito sobre eletrónica, mas afinal sabia tudo. E era tão paciente, tão simpática, e eu fiz-lhe tantas perguntas. As respostas não importavam. Não me interessavam os pormenores tecnológicos. Tentava decidir se queria um segundo telefone, agora, descartável, e penso

que acabei por comprá-lo, porque a certa altura já seria grosseiro não comprar nada. Tinha ocupado demasiado tempo da senhora.

Tenho-o desde essa altura. A Annabelle é apenas a última entrada.

Nunca mais pensei nela desde que decidi que não seria ela. Não tive mais nenhuma razão para pensar em Annabelle, até ela ligar. Ou enviar uma mensagem, quero dizer. De nada valia ligar a um surdo.

Olá, desconhecido, vamos beber outra vez um copo um destes dias? Ah, é a Annabelle ☺

Não faço ideia quando enviou a mensagem. Só chega ao meu telefone quando o ligo, mas ela pode tê-la enviado há uma semana. Já passou pelo menos uma semana desde que vi o telefone pela última vez.

Pondero responder à sua mensagem, pelo menos para dizer que não estou a ignorá-la de propósito.

O meu carro ainda está a ser lavado, por isso, vou percorrendo as mensagens no telefone. Antes da de Annabelle, há uma de Lindsay. A que ignorei. Tem agora quinze meses.

Diverti-me muito no outro dia, Tobias. Até breve!

Tobias. Ele nunca devia ter tido personalidade própria. E não era para dormir com ninguém.

Millicent e eu inventámo-lo juntos. Foi numa rara noite de frio na Florida, quando as temperaturas desceram abaixo dos cinco graus. Entre o chocolate quente e uma embalagem de gelado, nasceu o Tobias.

— Não podes mudar muito o teu aspeto — disse-me ela. — Quero dizer, a não ser que pusesses uma peruca, ou uma barba postiça.

— Eu não vou usar uma peruca.

— Então, precisas de outra coisa.

Fui eu que sugeri fingir-me de surdo. Uns dias antes, tinha dado uma aula a um adolescente que era surdo, e usámos telemóveis para comunicar. Ficara com isso na cabeça, portanto, sugeri-o.

— Brilhante — disse Millicent. Beijou-me como gosto.

A seguir, discutimos o meu nome. Tinha de ser memorável, mas não esquisito, tradicional, mas não vulgar. Reduzimos a lista a duas hipóteses:

Tobias e Quentin. Eu queria o último por causa do diminutivo. Quint era melhor do que Toby.

Debatemos as vantagens e os inconvenientes dos dois nomes. Millicent até foi à procura das respetivas origens.

— Tobias vem do nome hebraico Tobiah — disse, lendo na Internet. — Quentin vem do nome romano Quintus.

Encolhi os ombros. Nenhuma das origens significava nada para mim.

Millicent continuou.

— Quentin vem da palavra romana, que significa «quinto». Tobias é um nome bíblico.

— O que fez ele na Bíblia?

— Espera. — Millicent clicou, leu e disse: — Matou um demónio para salvar Sara e depois casou com ela.

— Quero ser o Tobias — declarei.

— Tens a certeza?

— Quem não quer ser o herói?

Naquela noite, Tobias nasceu.

Não há muitas pessoas que o tenham conhecido — só alguns empregados de bar e algumas mulheres. Nem Millicent o conheceu. Tobias é quase como o meu alter ego. Até tem os seus próprios segredos.

Não respondo à mensagem de Annabelle a convidar-me para ir beber um copo. Desligo o telefone e volto a pô-lo no meu porta-bagagem.

Trinta e quatro

Natal, seis anos antes. Rory com oito anos, Jenna com sete, e ambos tinham começado a perguntar porque tinham apenas um casal de avós. Eu nunca falava dos meus pais, nunca dizia nada sobre quem eram, nem como morreram. As suas perguntas fizeram-me pensar no que podia dizer. O que devia dizer.

Uma noite, desci à cozinha, com esperança de que, se enchesse o estômago, ficaria suficientemente ensonado para vencer a insónia. Comi as sobras de um guisado de feijão preto diretamente do tacho. Frio, mas não estava assim tão mau. Ainda estava a comer, quando Millicent entrou na cozinha. Pegou num garfo e sentou-se comigo.

— O que se passa? — perguntou. Millicent comeu uma grande garfada do guisado e ficou a olhar para mim, à espera. Eu nunca me levantava a meio da noite para comer. Ela sabia-o.

— Os miúdos andam a fazer perguntas sobre os meus pais.

Millicent ergueu as sobrancelhas, sem dizer nada.

— Se eu mentir e lhes disser que os avós eram maravilhosos, vão odiar-me se descobrirem a verdade, certo?

— Provavelmente.

— Mas podem odiar-me de qualquer maneira.

— Durante algum tempo — disse ela. — Acho que todos os miúdos passam por uma fase em que nos culpam por tudo.

— Quanto tempo dura isso?

Millicent encolhe os ombros.

— Vinte anos?

— Espero que as coisas estejam bastante sossegadas durante todo esse tempo.

Sorri. Ela sorriu.

Podia dizer-lhes que os meus pais me infligiram abusos. Mentais. Físicos. Até sexuais. Podia dizer-lhes que me bateram, amarraram, queimaram com beatas e me fizeram ir a pé para a escola e voltar. Não fizeram isso. Cresci numa boa casa, numa boa zona, e ninguém me tocou da forma errada. Os meus pais eram pessoas refinadas e polidas, que podiam recitar boas maneiras enquanto dormiam.

Também eram pessoas horríveis e frias, que nunca deviam ter sido pais. Deviam ter tido inteligência suficiente para saber que um bebé não ia resolver nada.

A última gota foi quando fui para fora. Quando lhes disse que queria fazer uma pausa na faculdade e viajar, eles deram-me algum dinheiro. Comprei um bilhete só de ida, uma grande mochila e bebi algumas dúzias de *shots*. Andy e dois outros amigos decidiram juntar-se a mim, por isso, traçámos um plano atabalhado e marcámos uma data. Não lhes disse, não disse a ninguém, que tinha medo.

Algumas horas antes do voo, ainda estava a fazer a mala, a tentar decidir que *T-shirts* devia levar ou se precisaria de um casaco grosso. Excitado, sim. Estava morto por sair de Hidden Oaks. Morto por fugir do quarto da minha infância, onde as paredes estavam pintadas de forma a parecer que estava no céu, rodeado de estrelas. Estava farto de sonhar com o que existia fora dali, e queria vê-lo por mim próprio.

Também não fazia ideia do que ia acontecer. Já tinha fracassado no ténis, depois, também não conseguira entrar numa boa universidade. Jogador de ténis mediano, notas medianas. O que aconteceria se eu também fosse um viajante mediano? Não fazia ideia. Mas sempre era melhor do que sentir que nunca devia ter nascido.

Esperava nunca mais voltar, nem nunca mais tornar a ver aquelas paredes pintadas de céu.

Os meus pais não me levaram ao aeroporto. Fui de táxi, porque tive demasiada vergonha de pedir boleia aos meus amigos que iam com os seus pais. Era uma manhã de quarta-feira, o meu voo era cedo e a madrugada começara a romper. A minha mãe com a sua chávena de café, o meu pai já vestido — todos nós no vestíbulo, sobre a tijoleira brilhante, rodeados por espelhos. O vaso na mesa de centro estava cheio com crisântemos cor de laranja. O sol nascente atingia o candelabro de cristal por cima de nós, projetando um arco-íris nas escadas.

O táxi buzinou. A minha mãe deu-me um beijo na face. O meu pai apertou-me a mão.

— Pai, eu quero...

— Boa sorte — disse ele.

Esqueci-me do que ia dizer, por isso, parti. Foi a última vez que os vi.

Acabei por não mentir aos miúdos. Disse-lhes que os avós tinham morrido num estúpido acidente de carro, há muitos anos.

Não lhes contei tudo, mas quase. Foi por causa de Millicent. Decidimos juntos o que iríamos dizer. Para o tornar o mais oficial possível, convocámos uma reunião de família. Rory e Jenna eram muito novos. Talvez não fosse justo, mas fizemo-lo na mesma.

Sentámo-nos na sala de estar. Jenna já estava com o seu pijama amarelo de balões. Adorava balões, e Rory adorava rebentá-los. O cabelo curto de Jenna estava cortado pela altura do queixo, com franja a direito na testa. Os olhos escuros a espreitar por baixo.

Rory estava de *T-shirt* azul e calças de fato de treino. Quando fez sete anos, declarou que já não tinha idade para usar pijama. Millicent e eu decidimos que podíamos viver com isso, e ela deixou de os comprar.

Era difícil olhar para as suas carinhas minúsculas e confiantes e dizer-lhes que por vezes era melhor que algumas pessoas não tivessem filhos.

— Nem toda a gente devia ter filhos — disse eu. — Tal como nem toda a gente é simpática.

Jenna foi a primeira a falar.

— Eu já sei isso em relação aos desconhecidos.

— Nem toda a gente na família é simpática. Ou era simpática.

Rostos franzidos. Confusão.

Falámos dez minutos. Foi o tempo que levou a dizer aos meus filhos que os avós não tinham sido bons pais.

A ironia do que tinha feito atingiu-me anos mais tarde, depois de Holly e as outras. Um dia, Rory e Jenna poderão ter uma conversa com os próprios filhos e dizer o mesmo de mim e de Millicent.

Trinta e cinco

Eu tinha presumido que os testes de ADN feitos ao cabelo de Naomi levariam mais de uma semana. Talvez por ser sempre tão rápido na televisão, calculei que tudo aquilo fosse falso. Que os verdadeiros testes de ADN deviam levar meses. E, aparentemente, levam, mas não os testes preliminares, nem quando a polícia está a tentar encontrar uma mulher que pode ainda estar viva.

Os testes indicam que existem mais de 99 por cento de hipótese de o cabelo pertencer a Naomi.

Kekona é uma das que me dizem tudo isto. A nossa aula regular torna-se um curso de ciência forense, porque o seu novo passatempo é ver programas sobre crimes reais e documentários. Mulheres desaparecidas ou mortas são comuns nesses programas.

— Sempre jovens, bonitas e basicamente inocentes — declara ela, referindo as qualidades uma a uma. Traz consigo uma chávena de café, e não me parece que seja a primeira. — Embora, de vez em quando, tenham um caso sobre uma prostituta, para servir de lição.

— E depois? — pergunto.

— Como assim?

— Depois de esta jovem bela e basicamente inocente desaparecer, o que é que acontece?

Kekona ergue as mãos ao ar, como que para tentar acalmar um público ruidoso.

— Opção número um: o namorado, porque é ciumento e possessivo. Ou o ex-namorado, porque é ciumento e possessivo.

— Isso era tudo a opção número um?

— Sim. Preste atenção. A opção dois é o desconhecido, ou muito provavelmente um desconhecido. Esta é a opção do

psicopata/perseguidor//sociopata/doente mental/assassino em série. Pelo menos, uma destas coisas, talvez mais.

Kekona não está a dizer nada de novo. Também vejo televisão. Embora não no último dia, porque os noticiários ainda estão banidos em nossa casa. Não vi o relato de Josh sobre os resultados do ADN, e tomo nota para ver na Internet mais tarde.

— Possíveis desfechos? — prossegue Kekona, como se lho tivesse perguntado. Não tinha. — Morte. Violação e morte. Tortura, violação e morte.

Não havia muito a dizer a esse respeito.

— De vez em quando, uma sobrevive — diz ela.

— Mas não muitas vezes.

Kekona abana a cabeça.

— Nem sequer na ficção.

Voltamos ao jogo. Com o tempo, tenho outra pergunta para lhe fazer.

— Porque acha que é tão popular a história da mulher desaparecida?

— Porque, quem consegue resistir a uma donzela em perigo?

A proibição das notícias em nossa casa sempre foi pouco real, porque todos temos Internet nos telemóveis. Toda a gente sabe os resultados do ADN. Depois do jantar, Millicent leva-me para a garagem. Uma inesperada noite a dois.

Ela quer conversar com a Jenna sobre os resultados. Passou menos de uma semana sobre o incidente do cabelo, mas Jenna parece bem desde aí. Até feliz. Millicent teme uma recaída. Não sei bem em quê. Começo a pensar que Jenna está a ser pró-ativa, não paranoica. Porque quem quer ser raptado por um psicopata/perseguidor/sociopata//doente mental/assassino em série? A minha filha não.

Sentados no carro, Millicent descreve o seu plano sobre a forma como devemos abordar o assunto. Não a queremos preocupar, mas não queremos que ignore as notícias. Não queremos falar de uma posição de autoridade, mas não podemos ser amigos dela. Queremos conversar, mas não dar um sermão, confortar, mas não mimar. Millicent diz sempre nós, como se o plano fosse nosso, não dela.

— Como é que ela está? — pergunto.

— Neste momento, parece-me bem. Mas, na semana passada, parecia bem, e depois...

— Não estou a falar da Jenna.

Ela inclina a cabeça, confusa. Aborrecida. Depois, percebe.

— Estamos a falar da Naomi — diz.

— Ainda está viva?

— Sim.

Quero retirar a pergunta. Quero dizer qualquer coisa que faça Millicent rir, que faça a minha adrenalina disparar, que nos faça a ambos sentir bem.

Tenho a mente em branco.

Ficamos a olhar um para o outro, os olhos dela estão tão escuros que parecem buracos. Olho-os até ter de parar ou perguntar onde está Naomi.

Desvio a cara.

Millicent respira fundo.

Sigo-a de regresso a casa. Na sala de estar, sentamo-nos no sofá, onde Jenna e Rory estão a ver televisão. Rory é o primeiro a reparar que estamos a olhar para eles, não para a TV. Não se deixa ficar ali para conversar.

Corre bem, penso. Jenna ouve, acena com a cabeça e sorri. Quando Millicent pergunta se ela tem alguma pergunta, Jenna abana a cabeça. Quando lhe pergunto como se sente, diz que está bem.

— Estás assustada? — pergunta-lhe Millicent.

Jenna leva a mão ao cabelo curto.

— Não.

— O Owen não te vai fazer mal.

— *Eu sei*.

O tom irritado tranquiliza-me. Soa normal, parece normal, exceto o cabelo.

Mais tarde, Millicent e eu estamos no nosso quarto. Ela anda em arrumações, entre o quarto e o armário, a organizar umas coisas e a tirar outras. Arruma tudo antes de ir para a cama, para as manhãs serem mais fáceis. O frenesi não é com ela, nem chegar atrasada.

Observo-a. Tem o cabelo ruivo solto, despenteado e está sempre a puxá-lo para trás com uma mão. Vestiu um pijama térmico, um tanto antiquado, e meias às riscas. A roupa com que dorme é o menos elegante nela, e já lhe

disse como é foleira. Mas não o digo esta noite. Em vez disso, vou ao corredor e vejo como está Jenna.

Está a dormir, aninhada entre os lençóis cor de laranja debaixo do edredão branco. Tem o rosto descontraído e pacífico. Sem medo.

De volta ao nosso quarto, Millicent acabou de se deitar, e instalo-me ao seu lado. Ela olha para mim, e penso que vai mencionar a nossa conversa na garagem. Em vez disso, apaga a luz, como se nada fosse.

Espero até a sua respiração abrandar, depois, levanto-me e vou ver Jenna de novo.

Na segunda vez que me levanto, não me dou ao trabalho de voltar para a cama. Ao longo da noite, vou vê-la outras três vezes. Entre cada uma delas, vejo televisão. Por volta das duas da manhã, adormeço a ver um filme antigo. Quando acordo, vejo a cara de Owen. Estão a passar um documentário sobre ele na televisão.

Vários destes programas foram feitos com diversos níveis de pormenor sobre os crimes de Owen. Tenho conseguido evitá-los, como evitei ler sobre o que Owen tinha feito às suas vítimas. Desta vez, não consigo, porque acordo exatamente no momento errado. Assim que vejo o rosto de Owen no ecrã, a imagem muda. O que vejo a seguir é o quarto onde ele encerrava cada uma das suas vítimas.

O vídeo tinha sido feito para o julgamento de Owen, que nunca aconteceu.

Já tem quinze anos e foi filmado com uma câmara portátil que treme demasiado. Owen tinha esventrado uma área de serviço abandonada, derrubando a parede entre as casas de banho dos homens e das mulheres. O chão de tijoleira devia ter sido branco, mas agora era de um castanho-acinzentado. Restava uma sanita, juntamente com um lavatório, um colchão e uma mesa. Havia canos a subir e a descer pelas paredes tombadas; brotavam do chão e percorriam o teto até ao outro lado da divisão, onde voltavam a entrar no chão de cimento. Tinham o tamanho perfeito para as algemas. Ainda está uma presa a um dos tubos.

A lente da câmara desvia-se bruscamente e foca-se no chão. O sangue não era visível no ângulo mais alargado. Agora, uma mancha de sangue aqui, algumas gotas ali. As manchas vermelhas estão por todo o lado, como se alguém tivesse atirado um pincel de tinta vermelha para o chão. A câmara move-se pelo chão até um canto. Uma maior quantidade de sangue

suja a parede, em baixo, a poucos centímetros do chão, como se a quem pertencesse o sangue se encontrasse agachado.

O ângulo desvia-se de novo, em direção ao colchão. Imagino Naomi ali deitada.

Mudo de canal.

Trinta e seis

Passam dois dias antes de ter notícias de Trista. É Millicent que me diz.

É sábado à noite. Rory está no andar de cima, e Jenna foi dormir em casa de uma amiga. Assim que estão ambos fora de vista, atiro-me para o sofá e ponho os pés em cima da mesa. Isto não é permitido — nem a mim nem aos miúdos —, mas, quando Millicent se senta ao meu lado, não o refere.

O que me faz tirar os pés sem que mo seja pedido. É tão esquisito quanto isto.

— O que se passa? — pergunto.

Ela põe uma mão sobre a minha, e agora estou preocupado. Em pânico, até.

— Millicent, diz só...

— É a Trista — diz ela.

— A Trista?

— A irmã dela ligou-me há pouco. O Andy está demasiado perturbado para falar com alguém.

— A irmã? Porque é que ela havia...

— Ela suicidou-se.

Abano a cabeça, como se os meus ouvidos não estivessem a ouvir bem. Como se ela não tivesse acabado de dizer que a Trista se tinha suicidado.

— Lamento muito — diz Millicent.

Percebo que isto é mesmo verdade, e fico sem ar.

— Não compreendo.

— Pelo que ela me disse, ninguém compreende. Em especial o Andy.

— Como? — quero saber.

— Enforcou-se no chuveiro.

— Oh, céus.

— Eu sabia que eles estavam a ter problemas, mas não fazia ideia de que ela estava tão perturbada.

Millicent não faz ideia da verdadeira razão, porque nunca lhe falei de Trista, nunca mencionei que ela tinha namorado com Owen. Que ainda estava apaixonada por ele.

O jantar que comi parece uma brasa a perfurar-me o estômago. Corro para a casa de banho e vomito tudo. Millicent está à porta e pergunta-me se estou bem. Digo que sim quando as náuseas começam.

Demasiada comida, digo-lhe.

Ela debruça-se sobre mim e toca-me na testa; não está quente. Sento-me no chão encostado à parede e aceno com uma mão, para a fazer saber que estou bem.

Ela afasta-se. Fecho os olhos, fico a ouvi-la na cozinha a mexer no frigorífico. À procura do que me pode ter deixado doente.

Quero dizer-lhe que o que me deixa doente somos nós. Temos uma filha que levou uma faca para a escola e cortou o cabelo todo. Agora, uma mulher está morta. Não Naomi, outra mulher.

Por causa de Owen. Por minha causa. Fui eu que escrevi aquelas cartas ao Josh.

Millicent regressa à casa de banho a correr com um frasco de um remédio cor-de-rosa.

Engulo-o e vomito tudo outra vez.

O funeral tem lugar na Casa Funerária de Alton, o mesmo sítio onde foi o de Lindsay. Não fui ao dela, mas li sobre isso. Lindsay tinha o caixão fechado, por aquilo que Millicent lhe tinha feito. O de Trista está aberto.

Andy continua a ser seu marido, e foi ele que tratou de tudo. A sala é grande, e todas as cadeiras estão ocupadas. Penso que Trista teria ficado satisfeita por saber que o seu funeral está cheio de gente. Todos vieram, todos vestidos com as suas melhores roupas pretas, para prestar as suas homenagens ou para ficar a olhar embasbacados. Estou presente, porque sou responsável.

Millicent está comigo, embora ainda não saiba porque Trista se matou. Mais ninguém sabe. Durante dias, as pessoas no clube falaram do fim do seu casamento, da depressão, de problemas de dinheiro. A um dado momento, ela podia ser toxicodependente, ou alcoólica, ou ninfomaníaca.

Estava grávida, ou tinha estado, mas perdera o bebé. Talvez estivesse a morrer, de qualquer maneira, uma doença terminal, um tumor cerebral.

Ninguém parecia lembrar-se, nem sequer saber, que ela tinha namorado com Owen Oliver Riley, uns vinte anos antes.

A irmã está no funeral. É uma versão mais pesada e morena de Trista. Diz que Trista costumava tomar conta dela, enquanto os pais delas trabalhavam; fazia o jantar e tratava da roupa.

— Nós crescemos no outro lado da cidade. Ela não viveu sempre em Hidden Oaks.

Soava como um insulto. A irmã mais nova de Trista ainda vive no outro lado da cidade.

Não menciona Andy.

A seguir, é uma das amigas mais recentes de Trista. É tão magra e loura como Trista, e conta uma longa história sobre como a amiga estava sempre disposta a ouvir, ajudar e contribuir em tudo o que podia.

O último a falar foi Andy. Cortou o cabelo desde a última vez que o vi, e está de fato escuro, em vez das calças de fato de treino. Conta como conheceu Trista, quando ela era estagiária não paga num museu, ainda à procura de um emprego em que desse utilidade ao seu curso de História de Arte. Ele estava ali num evento de solidariedade, e os seus caminhos cruzaram-se diante de uma escultura. Ela falou-lhe da peça.

— Fiquei encantado. Por ela, pela maneira como falava, pelo que dizia e até pelo tom da sua voz. Não consigo pensar numa palavra melhor. Trista era simplesmente encantadora.

Andy vai-se abaixo quando diz isto. Primeiro, lágrimas, depois, soluços. Ninguém se mexe.

Desvio o olhar. Isto faz-me sentir nauseado de novo.

O irmão de Andy dirige-se para ele e sussurra-lhe ao ouvido. Andy respira fundo e recompõe-se. Ele continua a falar. Não ouço. Estou a pensar naquela palavra.

Encantadora.

Quando termina, temos oportunidade de passar pelo caixão para fazer as nossas últimas despedidas a Trista. Quase toda a gente o faz. Apenas alguns se deixam ficar para trás. Não Millicent nem eu.

O caixão é de madeira tão escura que é quase preta, e o interior é de um pálido tom de pêssego. Não é tão mau como pode parecer. A cor combina

com o cabelo louro de Trista e aquele batom alperce. A cor ficava-lhe bem, e fico contente por alguém lho ter posto.

Agora, com a roupa é o contrário. É de um azul-escuro denso, com mangas compridas. Uma fileira de pérolas compõe-lhe o pescoço, e também tem brincos de pérolas nas orelhas. Nada disto se parece com Trista. Parece que alguém foi comprar aquela roupa na véspera, por pensar que ela devia ser enterrada com algo digno, em vez de algo de que teria gostado.

Isso aborrece-me de uma maneira pouco natural. Não gosto de pensar em Trista a passar a eternidade com uma roupa que detesta. Espero que não esteja lá em cima a ver este funeral.

— Está linda — comenta Millicent.

Se eu pudesse dizer algo a Trista, dir-lhe-ia que lamento. Lamento as roupas, ter-lhe feito perguntas sobre Owen, ter feito ressuscitar Owen.

Também lhe diria que Andy tem razão. Ela era encantadora. Sei isto porque compreendo exatamente o que Andy queria dizer.

Millicent é encantadora. É exatamente assim que a descreveria. Era encantadora quando a conheci, e é encantadora agora. E se ela morresse e eu tivesse de falar no seu funeral, diria o mesmo que o Andy. Se tivesse de descrever como ela era encantadora, sabendo ao mesmo tempo que nunca mais estaria com ela, agitaria o meu punho para o céu. Ou fosse para quem fosse que tivesse estragado tudo.

No caso de Andy, seria para mim. O seu amigo.

Trinta e sete

O homem na televisão tem excesso de peso e um ar pouco saudável, meio morto aos cinquenta anos. Tem uma barriga flácida e redonda, o início de um duplo-queixo e cabelo grisalho. Conheço o tipo. Os meus clientes são como ele, ou eram.

Josh está a entrevistá-lo diante do hotel Lancaster. Este homem é o primeiro a dizer, ou até insinuar, que a Naomi não é apenas aquilo que toda a gente diz.

— Não estou a dizer que ela fez alguma coisa de mal — diz. — Estou só a pensar que, se a queremos encontrar, temos de ser honestos em relação à pessoa que ela é.

Era um cliente frequente do Lancaster e vinha à cidade umas duas vezes por mês em trabalho. Tinha falado com Naomi várias vezes, bem como com alguns dos outros hóspedes habituais.

— Digamos apenas que ela nem sempre mantinha as coisas estritamente profissionais com alguns dos hóspedes.

— Pode concretizar? — pede Josh.

— Acho que não é preciso. As pessoas são suficientemente inteligentes para perceberem.

É a primeira vez que alguém menciona as atividades extracurriculares de Naomi. Não será a última.

Outros colegas chegam-se à frente, alegando saber a verdade sobre Naomi. Ela dormiu com uma série de homens. Alguns eram hóspedes do hotel. Ninguém mencionou dinheiro, apenas sexo. Ela não era prostituta. Naomi era uma mulher de vinte e sete anos que tinha tido sexo com mais de um hóspede do hotel.

O primeiro dos seus amantes a falar não revela a identidade. Na televisão, aparece com a imagem e a voz distorcidas.

— Alguma vez esteve hospedado no hotel Lancaster?

— Estive, sim.

— E conheceu uma rececionista, chamada Naomi?

— Conheci.

— E teve relações com ela?

— Envergonho-me de dizer que sim.

E depois diz que Naomi foi a agressora. Ela é que foi atrás dele.

Depois, vem outro homem. E outro. Mais sombreados, mais distorções. Todos se mantêm anónimos. Nenhum dos homens que dormiram com Naomi se revelará. Não por serem casados, porque pelo menos dois deles são identificados como solteiros ou divorciados. Só não querem admitir que foram um dos homens de Naomi.

Uma das suas conquistas. Alguém na televisão lhes chama isso mesmo.

No clube, a conversa começa a mudar de figura. As pessoas deixam de dizer que é uma pena. Algumas deixam mesmo de dizer que Owen é um monstro. Em vez disso, as pessoas começam a perguntar como Naomi podia ter evitado aquilo. Como podia ter evitado ser uma vítima.

Kekona é uma delas. As histórias sobre Naomi confirmam a sua crença de que os problemas acontecem às pessoas que os procuram. E, para ela, o sexo é um problema.

Na televisão, não param de falar da vida pessoal de Naomi. Josh está na linha da frente e no centro da história; todos quantos se apresentam falam com ele, em primeiro lugar. Quanto mais assisto, mais hipnotizado fico. Naomi é uma pessoa e, num piscar de olho, passa a ser outra.

A primeira vez que tenho oportunidade de discutir isto com Millicent é depois da consulta de Jenna com o psiquiatra. Levamo-la de novo à escola, onde se junta às amigas para decorar o ginásio para uma angariação de fundos. Depois, Millicent leva-me novamente ao clube, onde tenho o carro estacionado. Ela liga o rádio e lá estão as notícias. O locutor diz que mais um homem, que continua por identificar, como os outros, alegou ter dormido com Naomi quando ficou no Lancaster. Já são sete.

— Fantástico — diz Millicent.

— Fantástico?

— Enquanto estiverem a falar dela, ou do Owen, não temos nada com que nos preocupar.

Quero mencionar Jenna e como isto pode estar a afetá-la. Embora me agradasse mais do que tudo que a minha filha fosse sempre virgem, até eu consigo admitir que isso não seria saudável.

Millicent segura-me na mão e aperta-a.

— Tinhas razão em trocar. A Annabelle não teria sido a mesma coisa. Isto é verdade. Também me faz apertar-lhe a mão dela.

Subo ao quarto de Jenna para lhe desejar boa noite. Está deitada na cama a ler um livro a sério, porque o portátil está no andar de baixo. O seu cabelo está um bocadinho mais comprido, e começa a parecer bastante elegante, acho. Ela olha-me por cima do livro, perguntando sem o fazer o que quero.

Sento-me na beira da cama.

— Queres falar, não queres? — pergunta-me.

— Estás a ficar demasiado esperta para mim.

Jenna semicerra os olhos.

— Porque estás a dar-me graxa?

— Vês? Demasiado esperta.

Ela pousa o livro com um suspiro. Isso faz-me sentir estúpido, o que é bastante comum quando estou perto dos meus filhos.

— Como estás? — pergunto.

— Bem.

— A sério. Fala comigo.

Ela encolhe os ombros.

— Estou bem.

— Gostas do médico?

— Acho que sim.

— Não continuas com medo do Owen, pois não?

Outro encolher de ombros.

Nas últimas duas semanas, as nossas conversas têm sido assim. Dantes eram diferentes. A Jenna costumava contar-me tudo sobre os amigos e os professores — o que este tinha feito, ou o que aquela tinha dito. Tagarelava sem parar, se a deixasse.

Eu até sabia da sua primeira paixão. O rapaz sentava-se à sua frente em Inglês, e essa era parte da razão por que o Inglês se tornara a sua disciplina mais difícil.

Agora, não conta nada, e é por causa do psiquiatra. Acho que ela está cansada de falar.

Inclino-me e dou-lhe um beijo na testa. Quando o faço, vejo qualquer coisa cintilar pelo canto do olho. Entre a cama e a mesa de cabeceira, por baixo do colchão, há qualquer coisa a espreitar. Reconheço-a da nossa cozinha.

A minha filha pegou noutra faca da cozinha e escondeu-a debaixo do colchão.

Não digo nada.

Em vez disso, dou-lhe as boas-noites e saio, fechando a porta sem ruído. Ao percorrer o corredor, passo pelo quarto de Rory e ouço-o ao telefone. Estou prestes a entrar e a mandá-lo dormir, mas depois ouço-o falar de Naomi.

É impossível impedir que as notícias entrem nesta casa.

Trinta e oito

Tenho escondido algumas coisas de Millicent, como a carrinha avariada há tantos anos. E Trista. Não lhe contei que Trista tinha namorado com Owen Oliver Riley. Nunca mencionei que foi por isso que ela deixou Andy, que foi por isso que se suicidou.

Petra. Seria estúpido mencionar agora Petra, a mulher que desconfiou que eu não era surdo. Não há razão para falar dela.

E Rory. Não mencionei a chantagem de Rory, porque isso conduziria também a Petra.

Depois há Crystal.

Millicent nunca quis ter ajuda nenhuma em casa; não confiava que alguém conseguisse limpar a casa da maneira como ela queria, nem queria ter outra pessoa a criar os seus filhos. A única vez em que contratámos uma pessoa foi para transportar os miúdos para a escola e para as suas diversas atividades. Isso foi há alguns anos, quando Millicent e eu andávamos tão ocupados no trabalho que não conseguíamos chegar a tudo sem alguma ajuda.

Também foi logo a seguir à morte de Holly. Antes do resto.

Foi Crystal que contratámos para ajudar a transportar os miúdos. Era uma boa rapariga, que chegava sempre a horas e se dava bem com os miúdos. Trabalhou para nós até Millicent decidir que já não precisávamos dela.

Contudo, antes disso, ela beijou-me.

Foi quando Millicent estava em Miami numa conferência com um colega, chamado Cooper. Nunca gostei dele.

Durante os três dias em que Millicent esteve fora, Crystal esteve mais presente do que o costume. Ia buscar os miúdos à escola e fazia-lhes o jantar cá em casa. Uma tarde, demos por nós sozinhos, e foi quando aconteceu.

À hora de almoço, fui a casa almoçar, e ali estava ela, sozinha, porque os miúdos estavam na escola. Fez-nos umas sanduíches, que comemos juntos, enquanto falávamos da família dela. Nada de excitante, nada fora do comum. Nada que me fizesse pensar que me estava a seduzir. Quando acabámos de comer, chocámos um com o outro quando fui ao frigorífico, e ela se dirigia para o lava-louça.

Ela não recuou.

Nem eu, para ser sincero. Talvez quisesse ver o que ela faria.

Ela beijou-me.

Eu afastei-me. Nessa altura, nunca tinha enganado Millicent. Nem sequer pensava nisso. Pensava em Millicent em Miami com o colega.

Antes de ter tempo para dizer alguma coisa a Crystal, ela pediu desculpa e saiu da sala. Acho que nunca mais voltámos a ficar sozinhos.

Pensei em contar a Millicent assim que a fui buscar ao aeroporto de Orlando. Decidi não correr risco nenhum.

Estou a pensar nisto, porque não me parece que seja o único a não ser completamente verdadeiro. Acho que a Millicent tem estado a mentir-me. A ideia ocorreu-me quando Jenna adoeceu. Eu tinha acabado de chegar do trabalho, e estava atrasado; devíamos ir a uma festa organizada por uma associação de mediadores de financiamento imobiliário. Millicent andava a correr de um lado para o outro, a tentar preparar-se, Rory estava a jogar no computador, e Jenna estava a vomitar na casa de banho.

Millicent foi à festa sozinha, nessa noite. Eu fiquei em casa com Jenna.

Já antes levámos a nossa filha ao médico por causa do estômago. O nosso médico de família diz que me preocupo demasiado. Os miúdos estão sempre a ter problemas de estômago, diz ele. Só que agora os problemas dela são mais frequentes, mais graves desde que Owen foi ressuscitado. Isto faz-me pensar que o medo que ela tem dele não está a passar. Está a deixá-la fisicamente doente.

Faço um calendário no meu telefone para tentar perceber a frequência com que ela andava a vomitar. Uma das primeiras vezes que aconteceu foi na noite em que estivemos com Lindsay, quando deixei Millicent sozinha com ela para ficar com Jenna.

Desde que o corpo de Lindsay foi encontrado, questionei-me sobre essa noite, sobre o que teria acontecido, se Jenna não tivesse ficado doente. Teríamos avançado com o plano e matado Lindsay nessa noite? Ou teria Millicent dito que queria manter Lindsay viva?

E quando teria tratado dela? Quando devia estar no trabalho? Como é que vendera todas aquelas casas, ao mesmo tempo que mantivera Lindsay viva durante um ano?

Demasiadas perguntas a que não sei responder. Eu tenho segredos. Porque não os teria a minha mulher?

A minha primeira ideia foi estúpida. Pensei que podia seguir Millicent para descobrir o que anda a fazer, talvez até onde está a esconder Naomi. Mas, assim que penso em seguir Millicent, percebo porque é isso impossível. Ela conhece demasiado bem o meu carro; sabe a minha matrícula. Descobrir-me-ia num segundo.

Além disso, preciso de trabalhar. O meu trabalho é flexível, não opcional.

Todavia, não preciso de a seguir, porque a tecnologia pode fazer isso por mim. Cinto minutos de pesquisa na Internet diz-me que isto funciona exatamente como nos filmes. Compro um localizador por GPS com um revestimento magnético, carrego no botão para o ligar e prendo-o ao fundo do meu carro. A única coisa que preciso de fazer é ligá-lo à aplicação no meu telemóvel para ver onde está o carro dela. A aplicação regista as moradas onde ela parou, por isso, não tenho de a seguir em tempo real. Todo o equipamento é incrivelmente barato, mesmo com a tarifa da informação em tempo real. Espiar alguém nunca foi tão simples.

Dito assim parece tudo muito fácil, e em teoria é mesmo, mas o custo real é para a minha psique. E o meu casamento.

Mesmo depois de comprar o aparelho, não o instalo de imediato. Deixo-o no meu porta-bagagem, a abrir um buraco bem fundo na minha mente. Não quero estragar o meu casamento, nem a minha família, que é o que acontecerá se a Millicent descobrir que estou a espiá-la.

Não quero fazer isto, mas quero saber o que anda a fazer.

Quando chego a casa do trabalho, Millicent já lá está e põs o seu automóvel na garagem. Demoro apenas um segundo a fixar nele o dispositivo.

Mais tarde, nessa mesma noite, ocorre-me que talvez ela tenha maneira de saber que tem um localizador no carro. Toda a tecnologia tem o seu reverso — pelo menos é o que presumo —, por isso, passo uma hora no telemóvel à procura de todas as formas que podiam ajudar Millicent a

descobrir o que fiz. E tenho razão; ela pode descobri-lo. Contudo, primeiro teria de desconfiar que estava a ser seguida.

Olho para ela. Está com Rory, sentada à mesa da sala de jantar, onde estão a fazer resumos para a sua aula de História. Ele nunca foi grande aluno, porque, como os professores dizem, não se aplica. Millicent concorda, e, algumas vezes por semana, ajuda-o a fazer justamente isso. Sem telefones, sem distrações, nada a não ser os trabalhos de casa e a mãe. Nem eu interrompo quando Millicent está a trabalhar com Rory.

Passados alguns minutos, ela sente-me a observá-la. Ergue rapidamente o olhar e dirige-me uma piscadela de olho. Respondo-lhe com o mesmo gesto.

Mais tarde, ainda nessa noite, retiro o localizador do seu carro.

Na manhã seguinte, volto a colocá-lo.

Trinta e nove

Quando vigio alguém presencialmente, experimento uma sensação de intimidade. Como não faz ideia de que está a ser vigiada, a pessoa não é reservada nem inibida. Fico a saber como anda e se movimenta, os seus pequenos tiques e gestos. Por vezes, consigo até dizer o que vai fazer a seguir.

Usar um localizador é muito diferente, porque não estou a vigiar Millicent. Estou a vigiar uma pinta azul a mover-se num mapa.

A aplicação diz-me aonde ela vai — a morada, latitude e longitude. Sei quanto tempo lá fica, a que velocidade conduz, como estaciona. A aplicação cospe tabelas e gráficos que me dizem quanto tempo demora a chegar, a velocidade média e o tempo médio despendido em cada local. Tento imaginar Millicent ao volante, vestida para o trabalho, talvez a falar ao telefone ou a ouvir música. Pergunto-me se anda a fazer alguma coisa que eu não saiba. Talvez cante quando está sozinha. Ou fale consigo mesma. Nunca a vi fazer nada disto, mas ela deve fazer alguma coisa. Toda a gente o faz quando está sozinha.

No primeiro dia, ela deixa os miúdos na escola e vai para o escritório. Trabalha para uma agência imobiliária, mas não passa muito tempo sentada a uma secretária. A seguir, vai a Lark Circle, a uma residência em Hidden Oaks. Nas oito ou nove horas seguintes, ela vai a onze casas, todas à venda. Verifico-as todas. Depois, vai buscar os miúdos, pára numa loja e regressa a casa.

Surpreendente é onde ela parou para almoçar. Em vez de comer uma salada, uma sanduíche, ou até *fast-food*, Millicent foi a uma geladaria.

O resto da tarde, fico a perguntar-me se comeu um cone ou um copo.

O nosso jantar é peru assado com chouriço e batata-doce. Rory encobre a nota que teve no teste de História, contando um episódio empolgante sobre um miúdo que foi apanhado a fumar e fugiu antes que alguém

pudesse identificá-lo. Jenna tinha ouvido a mesma história, mas um amigo de um amigo disse-lhe que o tipo era o filho do vice-diretor, e que foi por isso que fugiu.

— Falso — diz Rory. — Eu ouvi dizer que foi o Chet.

Jenna faz uma careta.

— Esse idiota.

— O Chet Allison? — certifica-se Millicent. — Fui eu que vendi a casa aos Allison.

— Não. Chet Madigan.

— Têm dois Chet na vossa escola? — pergunta-lhes.

— Três — replica Jenna.

Há uma pausa na conversa. Pondero na abundância de Chet, enquanto lanço um olhar para o prato de Millicent. Tem uma grossa fatia de peru, uma dose de chouriço e uma batata-doce minúscula. Para ela, é uma dose normal. A seguir há fruta e bolachas de gengibre. Nada de gelado.

De súbito, dou por mim fascinado com os hábitos alimentares da minha mulher. Pergunto-me se o seu almoço determina sempre o que comemos ao jantar, como sobremesa ou ambos.

No dia seguinte, volto a observar a pinta azul.

Millicent vai levar os miúdos à escola, mas sou eu que vou buscá-los, porque entretanto ela está numa casa do condomínio de Willow Park. Hoje, ela vai ao escritório, mas não faz uma pausa para o almoço. Mais uma vez, mantém-se num pequeno raio de ação, concentrando-se nas áreas e subdivisões onde vende a maior parte das casas.

Em contrapartida, a polícia alargou as buscas. À noite, depois de Millicent adormecer, vejo as notícias no meu telefone na casa de banho, porque, se for à garagem, o meu filho vai pensar que estou a enganar a mãe.

Josh começa agora as suas reportagens com o número de dias que passou desde o desaparecimento de Naomi. Chama-lhe «A Contagem», e já vai no vigésimo segundo. Vinte e dois dias passaram desde aquela sexta-feira treze, e Josh continua a seguir a polícia pelos edifícios abandonados, barracões e casamatas. Um especialista garante que talvez isto seja inútil, porque Owen está a ver as notícias, e, por conseguinte, Naomi não seria mantida num edifício vazio, num barracão nem numa casamata. Além disso, pode-se esconder uma mulher em qualquer lado. Num quarto, num contentor de armazenamento. Num armário.

A reportagem está terminada em poucos minutos. Costumava ocupar metade das notícias da noite. A história está a começar a dissipar-se, porque não aconteceu nada de novo, e Naomi já não é a rapariga normal do início. Está marcada. Os espectadores começaram a desinteressar-se.

E eu fiquei hipnotizado com a pinta azul. Durante todos os anos de casamento, nunca me perguntei quanto tempo Millicent demorava a mostrar uma casa, nem quanto tempo costumava demorar a almoçar, nem quantas casas visitava por dia. Agora que estou a segui-la, tudo isto se tornou fascinante.

Verifico todas as possibilidades que a aplicação me disponibiliza. Antes e depois das aulas de ténis, quando estou no carro, no clube, nos balneários. Não há sinal de Naomi. Millicent não visita nenhum edifício estranho, nem lojas abandonadas, e as casas estão todas no mercado. Ela vai às lojas, à escola e ao banco fazer uma escritura. Passados quatro dias, começo a perguntar-me se Naomi já estará morta.

Por mais perturbador que isso seja, penso que talvez seja o melhor.

Se morreu, para nunca mais ser encontrada, Owen pode desaparecer com ela. Quando ele desaparecer dos noticiários, será como se nunca tivesse regressado.

Trista continuará morta. Não se pode fazer nada em relação a isso. Mas Jenna vai deixar de ter medo. Vai parar de pensar em Owen Oliver.

Depois, daqui a um ano, Owen voltará aos noticiários. O aniversário do sucedido será marcado por documentários, edições especiais e dramáticas recriações, mas não haverá nada de novo a relatar. Ouviremos falar de Naomi e ouviremos os homens com a imagem desfocada e a voz distorcida.

Mais uma vez, Owen desaparecerá e Naomi com ele.

Jenna será um ano mais velha e andará a falar de rapazes. Já terá novamente o cabelo comprido, e não guardará uma faca debaixo do colchão.

À medida que os dias passam, começo a pensar que está tudo a acontecer. Naomi já não vive, e Millicent não está a torturá-la, nem a visitá-la. A polícia ainda não tem nada. Tudo o que fizemos dissipar-se-á até toda a gente ter esquecido o ocorrido.

Com um sorriso, observo a pinta azul. Millicent vai a casa durante a tarde, deixa lá os miúdos e volta a sair. Pára num café, e sei que vai comprar um *vanilla latte*. Talvez com uma dose extra de café, mas é difícil saber só pela pinta no mapa.

Estou tão ocupado a observar Millicent que perco a notícia de última hora. Uma mulher alega que Owen Oliver Riley a atacou.

Quarenta

A primeira vez que ouço falar desta mulher, estou na EZ-Go. Um ecrã de televisão instalado por cima da máquina dos refrigerantes está visível para toda a gente na loja, incluindo os espelhos de segurança. O anúncio da notícia de última hora está por todo o lado, mas não presto atenção até Josh aparecer no ecrã e dizer que uma mulher se queixou de ter sido atacada por Owen Oliver Riley.

Ela não aparece na televisão, nem sequer com a imagem desfocada. Por agora, não passa de um depoimento feito na polícia. O texto aparece no ecrã, e é lido por uma jornalista.

Na terça-feira à noite, tornei-me a última vítima de Owen Oliver Riley, mas, pela graça de Deus, consegui fugir. Sou cabeleireira, e depois do trabalho fomos todas beber um copo ao bar do outro lado da rua. Mais tarde, nessa noite, estava num bar na Mercer Road, mas decidi ir embora, porque tinha de trabalhar no dia seguinte. Isto foi por volta das onze; lembro-me, porque alguém disse isso e eu achei que era melhor ir para casa, por isso, decidi ir embora. Estava estacionada no parque das traseiras, onde nem sequer estava escuro por causa das luzes, e a lua estava mesmo brilhante — talvez fosse lua cheia, mas não verifiquei. Estava luz suficiente para ir sozinha, por isso fui. Sinceramente, nem pensei no Owen. Nunca me passou pela cabeça.

Estava a uns metros do meu carro quando senti um puxão. Pensei que a minha mala tinha ficado presa em qualquer coisa, a alça. Não foi forte, não me assustei. Só parei e puxei, e estava definitivamente presa em qualquer coisa. Por isso, virei-me.

Ele estava ali, a agarrar-me a alça da mala. Foi aí que ficou presa. Na mão do Owen.

Eu sabia que era ele, embora tivesse um boné tão enterrado que lhe cobria metade da cara. Ainda lhe via a boca. O sorriso. Toda a gente conhece aquele sorriso — está nos noticiários todos, porque ele estava a sorrir naquela antiga fotografia da polícia, e é por isso que sei que era ele, definitivamente. E foi por isso que larguei a mala e fugi.

Não avancei muito antes de ele cair em cima de mim. Foi aí que fiquei toda arranhada, a tentar sair de debaixo dele. Mas não conseguia, porque ele era muito forte, e, sempre que tentava mexer-me, apertava-me com mais força.

Só estou viva por causa do meu telefone. O meu irmão ligou, e eu sabia que era ele por causa do toque. Personalizo todos os meus toques, porque gosto de saber quem está a ligar, não é? O toque do meu irmão é o barulho de uma explosão, porque ele é assim — uma grande explosão. A vida dele parece estar sempre a ir pelos ares, e, nessa altura, ele liga-me.

Mas já não me posso queixar, porque a vida dele e aquele toque são a razão por que ainda aqui estou. O som da explosão foi tão forte que fez o Owen saltar. Ele virou a cabeça, e acho que acreditou que tinha mesmo explodido alguma coisa.

Conseguí levantar-me e corri de volta ao bar, sem que ele me tivesse seguido.

Não sei se ele percebeu que não tinha explodido nada. Talvez ainda ache que sim.

E assim termina o depoimento, ou, pelo menos, a parte lida nas notícias. As palavras emudecem, e Josh regressa. Está no parque de estacionamento atrás daquele bar na Mercer. Não vou a esse bar desde que tinha uns vinte anos. Nessa altura, eram conhecidos por não pedir a identificação.

Josh parece sério. Triste. Está a melhorar, porque já não parece excitado com uma coisa horrível. Chama Jane Doe à mulher que foi atacada.

— Perdão.

Uma mulher mais velha choca comigo ao passar. Ainda estou parado na loja de conveniência, mesmo ao lado da máquina dos refrigerantes, de olhos postos no ecrã. A única outra pessoa além de mim a ver aquilo é o empregado da caixa. Jessica, a empregada que costumo encontrar, não está. Este tipo tem a cabeça calva a brilhar sob as luzes fluorescentes.

Ele olha para mim e abana a cabeça, como que a dizer «Não é horrível? Não é uma pena?».

Anuo, enquanto compro o meu café habitual e um saco de batatas fritas com sabor a churrasco.

É assim que tem sido sempre a vida com Millicent. A vida continua como devia, com um ocasional sobressalto pelo caminho, de resto, é um percurso bastante tranquilo. Depois, de repente, o chão abre-se num abismo suficientemente grande para engolir tudo. Umas vezes, o que está lá dentro é bom, ou mesmo ótimo; outras vezes, não.

Aconteceu quando ela me disse que a Holly estava viva. Aconteceu quando atingiu Robin na cabeça com um ferro de *waffles*. E de novo quando ressuscitou o Owen.

Estes são acontecimentos gigantescos, quando o abismo se torna mais vasto do que a própria terra. Nem todos têm sido assim tão grandes. Por vezes, tem apenas o tamanho suficiente para me engolir, como quando ela se foi embora com os miúdos e ficou desaparecida durante oito dias, depois de eu voltar para casa bêbado.

Depois, também há as rachas. Quando o chão se abre e provoca rachas. Há umas maiores do que outras, como Jenna ter uma grande faca debaixo do colchão. Ou Trista se suicidar. Têm todas diferentes tamanhos — longas, curtas, uma variedade de larguras —, mas têm origem no mesmo abismo.

A primeira abriu-se logo no dia do nosso casamento.

Millicent e eu casámo-nos em casa dos pais dela, num terreno rodeado por coentros, rosmaninho e orégãos. Ela usava um diáfano vestido branco que lhe chegava aos tornozelos e tinha uma tiara artesanal na cabeça, feita com narcisos e alfazema. Eu usava calças caqui enroladas nos tornozelos e uma camisa branca, deixada para fora das calças, e ambos estávamos descalços. Foi perfeito, até deixar de o ser.

Foram oito pessoas ao nosso casamento. Os três tipos com quem fui para o estrangeiro estavam presentes, incluindo Andy. Trista ainda não. Já namoravam, mas não estavam casados, e o Andy não estava pronto para lhe dar ideias. Abby e Stan, os pais de Millicent, estavam presentes, e também um amigo de Millicent do tempo do secundário. Os dois últimos eram vizinhos.

A cerimónia foi apenas isso: um ato, um ritual. Não éramos religiosos, nem Millicent nem eu; íamos casar oficialmente na segunda-feira seguinte, na câmara de Woodview. Entretanto, fingimos casar, com o pai de Millicent a fazer o papel de sacerdote. Stan tinha um ar muito oficial, com uma camisa de xadrez abotoada até ao pescoço, e o fino cabelo grisalho alisado com gel. De pé em frente ao seu terreno de ervas aromáticas, com um livro nas mãos. Não a Bíblia, apenas um livro, e até quase disse as palavras certas.

— Senhoras e senhores, este jovem quer casar com a minha filha hoje, mas julgo que ele tem de dar provas disso. — Stan fingiu fazer-me um olhar ameaçador. — Portanto, veja se cumpre!

Eu tinha escrito e reescrito os meus votos uma dúzia de vezes, sabendo que teria de os dizer em voz alta. As outras pessoas não me incomodavam nada. Estava nervoso por ter de as dizer a Millicent. Respirei fundo.

— Millicent, não te posso prometer o mundo. Não posso prometer que te vou comprar uma casa grande, nem um carro chique, nem um anel de diamantes gigante. Nem sequer te posso prometer que teremos sempre comida na mesa.

Ela ficou a olhar para mim, sem pestanejar. À luz brilhante do Sol, os seus olhos pareciam cristais.

— Espero poder dar-te todas estas coisas, mas não faço ideia se vai ser possível. Não sei o que vai ser o nosso futuro, mas sei que vamos estar juntos. É isso o que posso prometer-te sem hesitação, sem qualquer receio de estar a mentir. Estarei sempre presente, contigo, ao teu lado. — Sorri um pouco, porque vi uma pequena lágrima. — E, com esperança, vamos conseguir ter comida.

Oito pessoas riram-se. Millicent acenou com a cabeça.

— Bom, então — disse Stan, virando-se para a filha. — Parece que é a tua vez. Convince-nos de que este é o homem certo para ti.

Millicent ergueu a mão e encostou-a à minha face. Depois, levou os lábios ao meu ouvido e sussurrou.

— Vamos a isto.

Quarenta e um

Ao jantar, ninguém menciona as notícias, nem Jane Doe. Ela está aqui connosco, mas ignoramo-la. Em vez disso, falamos de uma celebridade que começou a fazer reabilitação. Outra vez.

Falamos de um jogo de futebol que não vi.

Falamos do que vamos ver na noite de cinema. Rory quer ver uma comédia passada na universidade, mas Jenna prefere ver uma comédia romântica.

O único acontecimento da atualidade que discutimos é um tiroteio ocorrido num centro comercial no estado vizinho.

— Psicopatas — diz Rory.

Jenna aponta para ele com o garfo.

— Tu é que gostas de jogos de tiros.

— Sendo que a palavra-chave aqui é «jogos».

— Mas tu gostas.

— Cala-te.

— Cala-te tu.

— Já chega — diz Millicent.

Silêncio.

Quando o jantar termina, ambos sobem as escadas e recolhem aos seus quartos.

Millicent e eu ficamos a olhar um para o outro. Aponta para mim, mimando com os lábios:

— Foste tu?

Está a perguntar se fui eu que ataquei a Jane Doe. Abano a cabeça e aponto para a garagem.

Quando a cozinha está arrumada, e os miúdos estão a dormir, vamos sentar-nos no carro. Millicent leva os doces que sobraram do Halloween e partilhamos uma garrafa de água com gás. Ela veste uma blusa de manga

curta, de um azul-vivo. Acho que é nova, porque durante o dia vi o carro dela parar no centro comercial.

— Não tiveste nada que ver com esta mulher? — pergunta-me.

— Absolutamente nada. Não faria uma coisa destas sem te dizer. — Pelo menos, acho que não.

— Espero que não.

— E não faria nada que pudesse provocar mais medo na Jenna.

Millicent anui.

— Eu devia saber isso.

— Talvez a Jane Doe esteja a mentir — sugiro.

— Possivelmente. Ou talvez tenha sido um tipo qualquer a atacá-la, e a mulher pense que foi o Owen. Não sabemos o que ela viu.

— Há uma terceira hipótese — digo.

— Há?

Desembrulho um pedaço de chocolate, parto-o em dois e dou-lhe metade.

— E se ele tiver mesmo voltado?

— O Owen?

— Claro. E se foi mesmo ele?

— Não foi.

— Como podes ter tanta certeza disso?

— Porque seria estúpido. Porque é que havia de regressar justamente quando anda toda a gente à procura dele?

— Bem visto.

Estou de volta ao escritório bege, à espera que Jenna termine a consulta com o psiquiatra. O médico ligou depois de ouvir falar da Jane Doe, dizendo que queria uma sessão suplementar. Tem receio que este novo ataque provoque uma recaída nela. Não tenho a certeza de que ela tenha progredido o suficiente para poder regredir, mas levo-a na mesma. Millicent diz que não consegue lá chegar a tempo, por isso, sento-me na sala de espera e olho para a sua pinta azul. A minha mulher está numa casa em Danner Drive; está à venda por quase meio milhão de dólares.

Depois, vai a uma charcutaria.

Por vezes, almoça com clientes, mas nunca a ouvi dizer que os levava a uma charcutaria.

Millicent está a poucos minutos do consultório, mas não vem cá. Vai a uma charcutaria, e ainda lá está quando a porta do gabinete se abre, e Jenna sai. A minha filha não parece feliz, nem triste, o que é praticamente igual a quando entrou.

É a sua vez de esperar, enquanto falo com o médico. O doutor Bege. Para mim será sempre o doutor Bege. O nome não é justo nem adequado, porque apenas o seu escritório é bege. A personalidade não o é. O médico é um colorido e arrogante imbecil. Nunca conheci um médico que não o fosse.

— Ainda bem que lhe pedi que trouxesse a Jenna — anuncia. — Este novo ataque foi uma grande surpresa.

O doutor Bege não diz que Jenna ficou surpreendida, mas é isso o que quer dizer. É assim que ele contorna a confidencialidade médico-paciente.

— Foi uma surpresa, de facto — anuo.

— O mais importante é fazer-lhe saber que nada mudou. Que ela está em segurança.

— Ela *está mesmo* em segurança.

— Claro.

Ficamos a olhar um para o outro.

— Reparou nalguma mudança no comportamento da Jenna? — quer saber. — Qualquer tipo de mudança.

— Na verdade, queria perguntar-lhe uma coisa. A Jenna tem tido alguns problemas de estômago. Náuseas.

— E quando é que isso começou?

— Não há muito tempo, mas tem piorado. É possível que as coisas estejam relacionadas?

— Ah, com certeza. O *stress* mental pode manifestar-se em problemas físicos. Houve mais alguma coisa?

Finjo pensar e depois abano a cabeça.

— Não, não me parece.

Pergunto-me se ele percebe que estou a mentir. Ninguém sabe da faca debaixo da cama.

A nossa conversa termina quando o meu telefone vibra. Millicent.

Desculpa não ter conseguido, como correu?

Vejo a sua pinta azul a sair da mercearia de luxo.

Jenna está na sala de espera a escrevinhar num caderno, enquanto assiste a um *talk-show* diurno. O cabelo curto faz com que os seus olhos pareçam enormes, e usa uma *T-shirt* comprida com calças de ganga e ténis. Digo-lhe que vamos comer qualquer coisa, antes de irmos buscar o irmão. Ela sorri.

A charcutaria Joe's fica a sete minutos, pelo meu relógio. Quando chego ao parque de estacionamento, Millicent já saiu há muito. O espaço já viu melhores dias, talvez por causa da localização. Fica na parte mais antiga da cidade, que tem estado a perder a batalha contra o lado mais novo e mais cintilante.

Lá dentro, há luz suficiente para ver os riscos no balcão e na vitrina. As carnes, queijos e saladas preparadas parecem um tanto fora de prazo. Somos os únicos clientes, e está tudo em silêncio até Jenna girar o expositor das batatas fritas, que range, talvez da ferrugem. Uma mulher aparece, como se tivesse estado sentada e se levantasse de repente. É roliça e loura e parece cansada, mas quando sorri todo o seu rosto se ilumina.

— Bem-vindos à charcutaria Joe's — diz. — O meu nome é Denise.

— Muito gosto, Denise — retribuo a simpatia. — Nunca aqui estivemos. Qual é a vossa especialidade?

Ela ergue um dedo, dizendo-me para esperar, e desaparece atrás do balcão. As suas mãos introduzem-se numa das vitrinas, e pega numa travessa de carne fatiada. Pousa-a na nossa frente.

— Peru agri-doce com especiarias. Um pouco picante, um pouco doce. Nenhuma das coisas com exageros.

Olho para Jenna.

— Fixe — diz ela.

Compramos duas sanduíches, a dela, em pão de sete cereais, e a minha, numa bolinha branca, ambas apenas com alface e tomate.

— Assim, conseguem sentir o gosto do peru — diz a mulher.

A charcutaria Joe's tem um pátio lateral, que não se vê do parque de estacionamento. Estão algumas mesas espalhadas por uma área delimitada por muros; é limpo e bonito, mas sem carácter nenhum. Um minuto passado, isso não importa, porque o peru é mesmo bom. Até Jenna o está a comer.

— Encontrei este sítio na Net? — pergunta-me Jenna.

— Não. Porquê?

— Parece-me o tipo de coisa que farias. Pesquisar sítios de sanduíches esquisitas.

— Não é esquisita. É boa.

— A mãe ia detestar — diz ela. — Não é bio.

— Não lhe digas que viemos cá.

— Queres que eu minta?

Ignoro a questão.

— O que achas do teu médico? Ajuda?

Ela encolhe os ombros.

— Acho que sim.

— Ainda estás assustada?

Jenna aponta. Pela porta lateral da mercearia, ela consegue ver a televisão por cima do balcão de vidro. A mulher loura está sentada numa cadeira perto da caixa registadora a ver as notícias. Uma legenda diz que Jane Doe vai falar numa conferência de imprensa amanhã à noite.

Quarenta e dois

Millicent e eu estamos no parque de estacionamento deserto do centro comercial de Ferndale. O único barulho vem da autoestrada atrás de nós. É noite de sexta-feira, e Jenna tem uma festa de pijama, enquanto Rory foi passar a noite com um amigo para jogar videojogos.

A conferência de imprensa de Jane Doe terminou há uma hora. Millicent e eu vimo-la num popular restaurante com bar desportivo junto ao centro comercial. A conferência de imprensa foi transmitida em todos os canais. A última mudança no nosso drama de assassinos em série tornou-se um programa social de sexta à noite, acompanhado de asas de frango e cerveja. Assistimos a ela com outro casal, os Rhinehart, que acreditaram em cada uma das palavras de Jane Doe.

Millicent está encostada ao carro, com os braços cruzados sobre o peito, e um fio de cabelo solto agitado com a brisa. Veste sempre alguma coisa apropriada para a ocasião, mesmo para este momento sério num bar desportivo. As suas calças de ganga preta foram combinadas com uma *T-shirt* onde se lê WOODVIEW UNIDA, um *slogan* que surgiu desde o desaparecimento de Naomi. O seu cabelo está preso numa trança que lhe cai pelas costas, exceto aquele único fio de cabelo.

Ela abana a cabeça.

— Não gosto dela — comenta. — Não gosto da história dela.

Penso em Lindsay a ser feita prisioneira. Talvez Millicent também não tivesse gostado dela.

— Não importa — digo.

— Não sabemos isso.

— Então o...

— Só precisamos de saber mais — replica.

— Não estás a pensar...

— Não estou a pensar em nada.

Ficamos em silêncio durante alguns momentos antes de Millicent se virar e abrir a porta. Vejo-a entrar no lado do passageiro do meu carro. Fecha a porta e olha para mim. Não me mexi. Quase a ouço suspirar quando abre a porta e volta a sair. Está com sapatos de sola de borracha que não fazem barulho, enquanto se aproxima de mim.

Pousando as palmas das mãos no meu peito, olha para mim.

— Olha — chama-me.

— Olho.

— Estás bem?

Encolho os ombros.

— Isso significa não — traduz ela.

É a minha vez de suspirar. Ou bufar. Respirar ruidosamente. Qualquer coisa.

— Fizemos merda, sabes isso — digo-lhe.

— Fizemos?

— Acho que sim.

— Então, explica-me.

Não sei por onde começar; está tudo tão lixado, e não quero mencionar aquilo que está mais errado. Como Petra, que nunca mencionei. Ou a chantagem de Rory. Ela sabe de Jenna, mas não tudo. O suicídio de Trista. O localizador no carro. A charcutaria Joe's.

Há tanto que Millicent não sabe. E, ainda assim, sinto que ainda há muito mais para descobrir.

— Isto do Owen — digo, por fim. — Está fora de controlo.

— Não me parece.

— E a Jenna?

— Devia ter previsto isso.

A sua resposta surpreende-me. Não são muitas as vezes que ela comete um erro, quanto mais admiti-lo. Por isso, decido não lhe contar o que o doutor Bege disse. Não me parece uma boa altura para lhe dizer que toda esta história está a deixar Jenna fisicamente doente.

Somos atingidos por faróis quando um carro dobra a esquina do centro comercial. Quando se aproxima, vejo que não é um carro. Os veículos da segurança do centro são carrinhos de golfe, e este é conduzido por uma mulher de meia-idade. Ela pára e pergunta-nos se está tudo bem.

Millicent acena-lhe.

— Tudo. Eu e o meu marido estamos só a discutir as notas do nosso filho.

— Ah, compreendo. Também tenho três.

— Então, sabe como é.

A guarda faz um aceno afirmativo. Ela e a minha mulher sorriem uma para a outra trocando olhares de compreensão materna.

— Mas é melhor irem andando. O centro já está fechado.

— Obrigada. Vamos andando — diz Millicent.

A guarda espera que entremos no carro e saiamos dali. Quando paramos num sinal vermelho, Millicent põe a mão no meu braço.

— Estava a pensar que devíamos inscrever a Jenna numa turma de autodefesa. Acho que ia ajudá-la a ter mais confiança.

— Isso é uma boa ideia. — E é.

A paragem de Millicent na charcutaria Joe's não acontece uma vez isolada. Ela vai lá no dia seguinte, à hora de almoço, onde fica quarenta minutos, antes de ir mostrar outra casa. Nenhuma das suas outras paragens são fora do comum. Ela até procura duas escolas de artes marciais diferentes para a Jenna e fala-me a esse respeito depois do jantar, quando estamos sozinhos no quarto.

— Uma das escolas ensina *taekwondo* de competição. Têm equipas e competem em torneios. Mas há outra na baixa com Krav Maga. É um pouco mais cara, mas mais orientada para a autodefesa.

— Ela podia experimentar as duas e depois escolher a que gostasse mais.

Millicent aproxima-se e dá-me um beijo no nariz.

— És tão esperto.

Reviro os olhos. Ela ri-se.

Não menciona a loja de sanduíches, nem a loura roliça com o grande sorriso. Tento pensar numa maneira de abordar o que ela comeu ao almoço, sem lhe perguntar «O que comeste ao almoço», assim sem mais nem menos. Mas não sou tão esperto como Millicent diz, porque, quando começo a divagar sobre como o meu almoço foi bom, ela não reage. Limita-se a anuir e a sorrir, enquanto se prepara para se deitar, fingindo-se interessada no meu longo monólogo sobre um almoço fictício. Vamos para a cama sem falar da charcutaria Joe's.

A meio da noite, levanto-me e desço à biblioteca. Chamamos-lhe biblioteca, porque a divisão está cheia de prateleiras com livros e uma grande secretária de mogno, mas a única altura em que é usada é quando precisamos de fazer chamadas telefónicas privadas. Também comecei a usá-la para navegar na Internet em privado.

A charcutaria Joe's abriu há vinte e dois anos. A loja já teve dois proprietários, não relacionados entre si, e sempre operou no mesmo edifício, que é arrendado. Não teve nenhum problema, para além de um processo posto por um homem que escorregou e caiu, alegando que o chão estava molhado. Foi resolvido através de um acordo extrajudicial. Não houve nenhum outro crime, processo, nem violação grave das normas higiénicas. A charcutaria Joe's é exatamente aquilo que parece: uma vulgar charcutaria. O facto de ser tão normal torna tudo aquilo suspeito. Millicent não tinha razão nenhuma para lá ir uma vez, quanto mais duas.

Os mapas de satélite da zona mostram um edifício isolado numa estrada que já foi muito mais movimentada. Do outro lado da rua, há um pequeno *stand* de carros usados, ao lado, uma loja de ferragens e a seguir uma oficina de reparação de relógios.

Se ela tivesse parado ali apenas uma vez, podia ter sido um acaso. Um sítio diferente de que alguém lhe tivesse falado e ela quisesse experimentar, percebendo de imediato que não era o seu género. Eu estaria até disposto a acreditar que ela parou ali por estar com sede, e Joe's ser o único sítio próximo, embora ficasse a vários quilómetros da sua zona habitual. Teria acreditado num motivo qualquer para ela ir parar na Joe's. Só que, dois dias depois, voltou lá.

Ela tem outra razão para lá ir. Começo por pensar que é Naomi — talvez estivesse escondida naquela zona —, mas Millicent não parou em mais lado nenhum. Não há edifícios vazios, nem lojas entaipadas por ali, nenhum lugar aonde pudesse ter ido a pé desde o parque de estacionamento da Joe's.

Não faz qualquer sentido. A não ser que ela tenha desenvolvido o gosto por sanduíches não saudáveis, nem biológicas.

E sei que isso não aconteceu.

Quarenta e três

Depois de Holly, nunca me ocorreu que haveria outra. Até Robin aparecer à nossa porta a ameaçar destruir tudo, a menos que lhe pagássemos.

Depois de Robin, nunca me ocorreu que haveria outra. Até eu querer fazê-lo outra vez.

A ideia andara a pairar há algum tempo, primeiro, na festa da Passagem de Ano, quando Millicent e eu falámos sobre as outras mulheres. A conversa prolongou-se pelos meses seguintes, ao ponto de procurarmos mulheres na Internet. Aquela atividade tornou-se o nosso afrodisíaco.

Conversámos sobre como as mataríamos sem sermos apanhados, e aquelas noites acabavam sempre com sexo fantástico. Sexo selvagem. Em todos os lugares que conseguíamos, desde que os miúdos não estivessem por perto. Quando eles estavam em casa, esforçávamo-nos por não fazer barulho.

Era quase como se estivéssemos a subir uma escada. Fizemos piadas sobre o assunto, conversámos sobre o assunto, escolhemos mulheres e planeámos. Sempre que subíamos um degrau, púnhamos o pé no seguinte. Depois, um de nós sugeriu que o fizéssemos a sério. Fui eu.

Disse-o quando estávamos na cozinha. Era o final de uma manhã, e estávamos nus sobre os ladrilhos frios. Tínhamos acabado de encontrar Lindsay na Internet. Ambos concordámos que era perfeita.

— Devíamos fazê-lo — sugeri.

Millicent riu-se.

— Acho que acabámos de fazer.

— Não é isso. Bem, sim, mas não é a isso que me refiro.

— Referes-te a matar Lindsay.

Fiz uma pausa.

— Sim. Sim, é isso.

Millicent olhou para mim com um misto de surpresa e outra coisa. Na altura, não tive a certeza. Agora, penso que era interesse. Ou surpresa. Mas não aversão.

— Será que casei com um psicopata? — perguntou.

Ri-me. Ela também.

A decisão estava tomada.

Millicent nunca me lembrou dessa noite, nunca disse que a ideia foi minha. Nunca disse que a culpa foi minha. Mas sei que foi. Se não fosse por minha causa, não haveria Lindsay, nem Naomi, nem Owen estaria de volta. A nossa filha ainda teria um cabelo comprido e brilhante, e não manteria uma faca debaixo do colchão.

Ou talvez tivesse sido Millicent. Talvez ela me tivesse estado a conduzir àquele ponto.

Já não sei.

Contudo, alguns dias mais tarde, sou novamente lembrado daquela decisão. E das suas consequências irrefletidas.

Os estúdios de artes marciais deixaram Jenna assistir a uma aula de iniciados, para ver se gostava. Primeiro, fomos ao Taekwondo. Meia hora mais tarde, Jenna olhou para mim, abanou a cabeça e saímos. Não quer participar em competições, nem quer ganhar troféus. Jenna quer defender-se de Owen.

Na tarde seguinte, fomos ao Krav Maga. Ao contrário do Taekwondo, a escola de Krav Maga não exige uniformes nem cintos, o que Jenna gostou muito mais do que o quimono branco que toda a gente tinha de usar no Taekwondo. Jenna preferia usar as suas calças de fato de treino e uma *T-shirt*.

Nunca me ocorreu que iria magoar o rapaz que estava a tentar ensinar-lhe qualquer coisa, muito menos que tentaria deixá-lo inconsciente.

Tudo aconteceu tão depressa que ninguém viu. Nem eu, que estava a observar Jenna de uma fila de cadeiras para os pais. Num minuto, estavam ambos de pé, e o rapaz mostrava a Jenna como devia executar um soco corretamente. No minuto seguinte, ele caiu no chão a gritar de dor.

Algumas gotas de sangue caíram no tapete, e toda a gente ficou de cabeça perdida.

— O que...

— Como é que...

— Aquilo é uma pedra?

Uma mãe de camisola turquesa apontou para Jenna.

— Foi ela. Ela bateu-lhe com uma pedra.

Seguiu-se um pandemónio, com muito mais gritos e grandes acusações.

Foram necessárias algumas horas para resolver o assunto, em parte, porque a mãe do rapaz chegou e começou a gritar por ninguém ter chamado uma ambulância. Alguém chamou uma ambulância. E a polícia.

Dois agentes fardados apareceram e perguntaram o que tinha acontecido. A mãe do rapaz apontou para Jenna e disse:

— Ela bateu no meu filho.

Compreensivelmente, os agentes ficaram confusos, porque estávamos num estúdio de Krav Maga, onde as pessoas se batem com regularidade. Também acharam alguma graça ao facto de o rapaz ter apanhado de uma rapariga. O dono do estúdio é que não achou graça nenhuma.

No fim, o rapaz estava bem. O sangue vinha de um pequeno corte no lábio, e foram só algumas gotas, na verdade. Ninguém foi ao hospital, nem ninguém foi preso, mas Jenna e eu fomos desencorajados a voltar ao estúdio de Krav Maga.

Ao longo da tarde, a mãe do rapaz jurou mais de uma vez que nos ia processar. E, ainda por cima, vi-me obrigado a cancelar várias aulas de ténis, deixando lixado pelo menos um cliente.

Uma vez sozinhos no carro, perguntei porquê.

Jenna ficou de olhos fixos na janela.

— Tens de ter tido uma razão — insisti.

Ela encolheu os ombros.

— Sei lá. Talvez para ver se conseguia.

— Se conseguias bater no miúdo com uma pedra?

— Se conseguia deixá-lo inconsciente.

Não comento o óbvio. Ela não o deixou inconsciente. A única coisa que fez foi abrir-lhe o lábio.

— Vais contar à mãe? — perguntou Jenna.

— Vou.

— A sério?

Na verdade, não fazia ideia. Naquele momento, nem conseguia olhar para Jenna.

Ela nunca me fizera lembrar Millicent. Quando Rory nasceu, já tinha pequenos tufo de cabelo ruivo. Jenna nasceu careca. Quando o cabelo começou finalmente a crescer, era da mesma cor que o meu: castanho-

escuro, sem vestígios de ruivo. Os seus olhos também eram iguais aos meus.

Fiquei tão desiludido.

Não era nada de pessoal. Não era nada que Jenna tivesse ou não feito. Eu só queria uma menina ruiva, para combinar com o meu menino e a minha mulher de cabelos cor de fogo. Era esta a figura que eu tinha em mente, a imagem que tinha quando pensava na minha família. A Jenna verdadeira não se lhe adequava, porque se parecia com a minha mãe, não com a mãe dela.

A primeira vez que ela me fez lembrar Millicent foi quando bateu naquele miúdo com uma pedra. Foi exatamente como quando Millicent bateu em Robin na nossa cozinha.

O que achei sensual na minha mulher era horrível na minha filha.

Quarenta e quatro

A noite vai avançada. Millicent e eu estamos no escritório dela. A minha mulher trabalha para a Abbott Realty, um pequeno negócio onde ela é, há anos, a melhor vendedora. O escritório fica num centro comercial, ensanduichado entre um ginásio e um restaurante chinês. O interior está deserto, porque ninguém vai procurar casas àquela hora. O lado negativo é a montra de vidro, o que significa que qualquer pessoa pode ver o que se passa lá dentro. As secretárias abertas não oferecem a menor cobertura, por isso, deixamos as luzes apagadas e sentamo-nos ao fundo. Se as circunstâncias fossem outras, até podia ser romântico.

Millicent sabe de Jenna. Uma amiga contou-lhe antes de eu o fazer, lançando-a num completo estado de fúria. Ela ligou-me e gritou suficientemente alto para fazer o meu tímpano vibrar, dizendo-me que eu lhe devia ter ligado quando ainda estávamos no estúdio. Tem razão.

Agora, Jenna está sã e salva em casa, a dormir na sua cama, não a atirar pedras. Nem a vomitar. Nem a cortar o que resta do seu cabelo. Millicent está calma. Até trouxe uma sobremesa, um único *éclair* de chocolate. Corta-o ao meio, obtendo duas metades perfeitamente iguais. Dou uma dentada na minha, e ela dá uma dentada na sua, depois, limpo-lhe o chocolate do lábio superior.

— Ela não está bem — diz Millicent.

— Não.

— Temos de falar com o pediatra. Posso ligar...

— Ela é como a Holly? — pergunto.

Millicent pousa o *éclair* como se estivesse prestes a explodir.

— Como a Holly?

— Talvez seja a mesma coisa. A mesma doença.

— Não.

— Mas...

— Não. A Holly começou a torturar bichinhos quando tinha dois anos. A Jenna não é nada como ela.

Por esse exemplo, Millicent tem razão. Jenna grita sempre que vê um inseto. Nem consegue matar uma aranha, quanto mais torturá-la.

— Então, a culpa é nossa — continuo. — Temos de nos livrar do Owen.

— Temos estado a tentar fazer isso.

— Acho que a busca pela Naomi devia terminar — digo. — Devíamos deixar que a encontrassem.

— Como é que isso vai aju...

— Para nos podermos livrar do Owen de vez. — Quando Millicent começa a apontar o óbvio, levanto a mão. — Eu sei, eu sei. É difícil livrarmo-nos de alguém que nem está cá, certo?

— Essa seria uma maneira de colocar a questão.

— Lembrarmo-nos dele foi uma ótima ideia... não estou a negá-lo. Mas causámos tantos problemas.

— Tantos problemas?

— À Jenna. Às pessoas da nossa cidade. As mulheres estão mesmo assustadas. — Tenho o cuidado de omitir o que ela não sabe, como Trista, por exemplo.

Millicent faz um aceno de concordância.

— Nunca quis magoar a Jenna.

— Eu sei. — Inclino-me para a frente na minha cadeira, aproximando-me de Millicent, para ela não perder nada do que lhe estou a dizer. — Seria difícil, senão impossível, simular a morte dele sem um corpo. Na verdade, a única forma é se ele se afogar no mar ou num lago e nunca mais for visto. Mas permaneceria a dúvida. E, para o tornar mais plausível, precisaríamos que alguém credível contasse a história.

— Como a Naomi — diz Millicent.

— E quais são as hipóteses de a Naomi fazer isso?

— Aproximam-se do zero.

— Então, talvez o Owen não morra. Talvez se vá só embora. — Aqui faço uma pausa, à espera de uma reação. Quando ela não diz nada, prossigo. — O Owen tem um ego tão grande que escreveu a um jornalista para toda a gente saber que ele tinha voltado e sabia exatamente quando ia apanhar a vítima seguinte. Então, porque não havia de dizer que se ia embora? É o tipo de pessoa que se gaba de tudo o que faz. Ele diria: «Disse-vos

exatamente o que ia fazer e quando ia fazê-lo, e mesmo assim não me apanharam. Agora nunca mais me vão encontrar.»

Millicent faz um pequeno aceno de concordância, como se estivesse a pensar naquilo.

— Sei que não é o ideal — prossigo. — Mas, se o Owen desaparecer, toda a gente vai deixar de falar dele, e é possível que a Jenna deixe de ter medo.

— O momento tem de ser o certo — observa ela. — Têm de encontrar a Naomi antes de enviareis outra carta.

— Ah, claro.

— Vou tratar disso primeiro.

— Se calhar, devíamos tratar do assunto juntos.

Ela olha para mim, com a cabeça inclinada para um lado. Por um instante, penso que vai sorrir, mas não o faz. Isto agora é demasiado sério. Já não se trata de algo que usamos como preliminares.

— Eu posso tratar da Naomi — replica. — Tu concentras-te na carta. Tens de fazer com que toda a gente acredite que o Owen se foi embora.

Quero discutir o assunto e levar a minha proposta adiante, mas, em vez disso, faço um aceno de concordância. A ideia dela faz sentido.

A minha mulher suspira um pouco.

— Espero que isto resulte.

— Eu também.

Uno a minha mão à sua. Ficamos sentados desta maneira até ela pegar no que resta do meu *éclair* e lhe dar uma dentada. Pego no dela e faço o mesmo. Um minúsculo sorriso aparece-lhe no rosto. Aperto-lhe a mão.

— Vamos ficar bem — prometo.

Millicent já tinha dito isto antes. Disse-o quando éramos jovens e estávamos falidos, com um bebé e outro a caminho. Disse-o quando comprámos a nossa primeira casa, e depois, a segunda, maior.

Também o disse depois de Holly, quando o seu corpo jazia na nossa sala de estar, com a cabeça esmagada pela raqueta de ténis.

*

Enquanto fiquei especado diante de Holly, a tentar perceber o que tinha acabado de fazer, Millicent deitou logo mãos à obra.

— Ainda temos aquela lona na garagem? — perguntou.

Levei um segundo a processar.

— Lona?

— De quando tivemos aquela fuga.

— Acho que sim.

— Vai lá buscá-la.

Fiz uma pausa, para pensar se devíamos chamar a polícia. Porque é isso que se faz quando se mata alguém em autodefesa. Chama-se a polícia e explica-se o que aconteceu, porque não se fez nada de errado.

Millicent leu-me a mente.

— Achas que a polícia vai acreditar que a Holly era uma ameaça para ti? — perguntou.

Eu, o atleta. Eu, com a raqueta de ténis partida.

Holly, sem nenhuma arma.

Não discuti. Fui à garagem e remexi nas prateleiras e nos caixotes de plástico até encontrar a lona azul enrolada. Quando regressei à sala, o corpo de Holly tinha acabado de ser composto; estava de pernas estendidas e os braços unidos ao corpo.

Estendemos a lona no chão, e Millicent e eu enrolámos o cadáver como uma múmia.

— Vamos levá-la para a garagem — instruiu Millicent.

Era quase como se eu não precisasse de pensar.

Fiz o que ela me disse, e Holly acabou na bagageira do meu carro. Levei-a para a floresta e enterrei-a, enquanto Millicent limpava o sangue. Quando os miúdos chegaram da escola, todos os sinais da presença de Holly tinham desaparecido.

Fizemos o mesmo com Robin, só que ela não foi enterrada na terra. O seu corpo e o carrinho vermelho acabaram no fundo de um lago.

Millicent tem razão. Sempre estivemos bem.

Agora é a minha vez de garantir isso mesmo.

*

As duas metades do *éclair* desapareceram, e Millicent varre as migalhas para um cesto de papéis. Levantamo-nos, saímos do escritório às escuras e vamos para o carro. É tarde. Até o restaurante chinês está fechado, embora

o ginásio esteja aberto vinte e quatro horas. Ergue-se como uma única estrela de halogénio num céu escuro.

Antes de ligar o motor, viro-me para Millicent, que está a consultar o seu telefone. Encosto uma mão ao seu rosto, como ela me tocou tantas vezes. Isso fá-la erguer o olhar, surpreendida.

— Então, estamos combinados? — pergunto.

Ela sorri até com os olhos.

— Definitivamente.

Quarenta e cinco

O ruído desaparece. Pela primeira vez, por mais improvável que pareça, a lucidez chega de repente. Até ver Jenna bater naquele rapaz, nunca tinha percebido que Millicent e eu estávamos a fazer mais do que tínhamos percebido. Estávamos a destruir a nossa própria família.

Esta última carta de Owen é a mais fácil de escrever. Agora, tenho um objetivo — livrar-me de Owen — e sinto que sei como atingi-lo.

Embora vá enviá-la a Josh, como sempre, na verdade, a carta é dirigida ao público. Vou dizer-lhes que são estúpidos.

Eu dei-vos isto. Tentei ajudar-vos a apanhar-me, disse-vos quando, o dia exato, em que ia apanhar a minha vítima seguinte. Até vos dei duas semanas para se prepararem, para fazerem planos. Mesmo assim, falharam. Não me impediram, não me apanharam, e, por vossa causa, a Naomi está morta. Que não haja dúvidas, não sou o culpado pela morte dela, vocês é que são.

Ela sabia. A Naomi tinha visto as mesmas notícias, tinha lido a minha carta anterior, mas mesmo assim saiu sozinha naquela sexta-feira treze. A Naomi sabia que tinha sido estúpida. Mas tinha fé. Acreditava que andavam à procura dela, que a iam encontrar. Em parte, estava certa.

Se tivesse tempo, contava-vos tudo o que lhe fiz. Cada marca, cada corte, cada nódoa negra. Mas isso seria redundante. Já têm o corpo dela.

Na verdade, não há mais nada a dizer. Jogámos um jogo, e vocês perderam. A Naomi perdeu. Toda a gente perdeu, menos eu. E agora acabou. Voltei e cumpri o meu desígnio. Já não tenho mais nada a provar. Nem a vocês, nem a mim mesmo.

Adeus.

Finalmente.

Quando ultimo a versão final, aviso Millicent. Ela foi ao clube buscar Rory, que esteve a jogar golfe depois da escola e termina antes de mim. Millicent passa pelo *court* de ténis, onde estou à espera da minha cliente seguinte. Os seus saltos cor de pele batem contra o cimento, enquanto se aproxima de mim com um sorriso.

Passaram vários dias sobre a nossa última conversa. Agora que Jane Doe se tornou conhecida do público, tem dado entrevistas a quem quer que lho peça. Tornou-se uma pessoa impossível de evitar até aparecer a Jane Doe Número Dois, na noite passada.

Em vez de fazer uma conferência de imprensa, transmitiu a sua história pela Internet, e os noticiários locais retransmitiram-na. A mulher é mais nova do que as outras, talvez ainda esteja na faculdade, e tem o cabelo preto, a tez pálida e os lábios parecem pintados com sangue. A Jane Dois é quase o oposto das vítimas habituais de Owen, mas contou quase a mesma história que a Jane Um. Só o parque de estacionamento era diferente, além de algumas variações dramáticas. Esta Jane alega que Owen lhe bateu na cara, e mostrou uma mancha arroxeadada na bochecha.

Assim que a transmissão terminou, o meu velho amigo Josh apareceu na televisão. Ultimamente, Josh tem andado muito sério, mas ontem à noite soava quase sarcástico. Não disse abertamente que julgava que a Jane Doe Número Dois era uma mentirosa, mas foi como se o fizesse. Não consigo imaginar ninguém a acreditar nela. Eu sei que não acreditei.

O problema é que mulheres como ela fazem com que Owen continue a ser a história principal nos noticiários. Não tenho de recordar Millicent disto, quando ela entra no *court* de ténis.

— Estou pronto, quando estiveres — digo.

Os óculos escuros escondem-lhe os olhos, tanto do sol como de mim, mas ela anui.

— Olá para ti também.

— Desculpa. — Dou-lhe um beijo na face. Ela cheira a citrinos. — Olá.

— Olá. A carta está pronta?

— Queres lê-la? — Quero que ela diga que sim, quero olhar para ela enquanto lê, mas Millicent abana a cabeça, negativamente.

— Não preciso. Confio em ti.

— Oh, eu sei. Era só para saber.

Ela sorri e beija-me na face.

— Vemo-nos em casa. O jantar é às seis.

— Sempre.

Vejo-a ir-se embora.

Hoje, não vai à Joe's. Hoje é só trabalho, no escritório ou em casas abertas.

Ainda observo o localizador, ainda verifico aonde ela vai, mas não é porque queira saber de Naomi. Já sei. Se não está morta, estará dentro em breve.

Observo o localizador, porque gosto de vigiar Millicent.

Passa mais um dia, depois outro, e Josh volta à contagem dos dias que passaram desde que Naomi desapareceu. Vejo-o no meu telemóvel o dia todo, à espera da notícia de última hora com o anúncio do cadáver. Até quando acordo a meio da noite, sinto um impulso de ir ver se aconteceu alguma coisa. Na Internet, pode haver notícias de última hora em qualquer altura. Normalmente, isso não é um problema. Mas agora que estou à espera da notícia, é exasperante. E inoportuno.

Desço as escadas e saio para o pátio das traseiras, onde verifico o meu telefone. As notícias são as mesmas de quando me fui deitar. Nada está a acontecer de novo; é como uma aborrecida reposição do mesmo.

Contudo, não estou cansado. Às duas da manhã, reina a tranquilidade, e a nossa rua está em silêncio. Ninguém em Hidden Oaks faz festas pela noite dentro, nem põe música a tocar alto. Não vejo uma única luz acesa em nenhuma das nossas quase mansões.

Quem me dera poder dizer que esta era a nossa casa de sonho, que nos bastou olhar para ela e soubemos que era o lugar onde queríamos estar, o lugar que tínhamos trabalhado tanto para conseguir. Não é verdade. A nossa casa de sonho fica um pouco mais no interior de Hidden Oaks, onde as casas se transformam em mansões autênticas. O círculo restrito que as habita é composto por corretores e cirurgiões.

Vivemos no círculo médio, mas apenas por causa de um divórcio feio, que conduziu a bens congelados e a uma execução bancária. Como Millicent tinha encaminhado para aquele banco bastantes negócios de hipotecas, conseguimos comprar uma casa que não devia estar ao nosso alcance. É por isso que vivemos no meio de Hidden Oaks. Devíamos estar no círculo exterior, mas, mais uma vez, consegui abrir caminho para o meio.

O som de um restolho no meio dos arbustos faz-me dar um pulo. Não há vento, esta noite.

O ruído vem do lado da casa. Se tivéssemos um cão, calculava que tinha sido ele, mas não temos. Nem temos veados nesta zona.

O ruído ouve-se de novo, seguido de qualquer coisa a ranger.

Com o telefone na mão, levanto-me para investigar. O nosso alpendre das traseiras tem cerca de metade da largura da casa, desde a cozinha até à esquina. Às escuras, avanço até ao corrimão do fundo. O caminho que contorna o lado da casa fica parcialmente iluminado por um candeeiro público, e está vazio. Sem animais, sem assaltantes, sem assassinos em série.

Capto um som suave vindo de cima. Ergo o olhar mesmo a tempo de ver Rory entrar às escondidas em casa.

Eu não fazia ideia de que ele tinha saído.

Quarenta e seis

Festas, drogas, raparigas. Ou só porque sim.

São estas as razões por que Rory sai às escondidas de casa. São as mesmas de todos os rapazes daquela idade. Saí às escondidas, pela primeira vez, para fumar erva. A seguir saí, porque da primeira vez resultou. Com o tempo, saí por causa da Lily. Os meus pais nunca souberam. Ou, mais provável ainda, nunca quiseram saber.

No entanto, quando Rory me viu *a mim* a sair às escondidas, continuou sem me ocorrer que ele poderia andar a fazer o mesmo. Só mostra como tenho andado desatento.

Em vez de confrontar Rory quando o vejo, espero até ao dia seguinte. Isto dá-me a oportunidade de ver se falta alguma coisa, se há mais alguma coisa que eu deva saber, antes de ter esta conversa com ele.

O quarto dele está desarrumado, como sempre, exceto a secretária. É quase obsessivo-compulsivo, mas não oficialmente, porque não é esquisitinho com mais nada. Não se importa que as roupas estejam empilhadas, ou que os livros estejam espalhados pelo chão, mas a secretária está sempre arrumada. Talvez porque nunca a usa.

Normalmente, não revistaria o seu quarto. Nunca o fiz antes. Mas também nunca o tinha visto sair às escondidas. O meu filho tem segredos, e, na minha opinião, isto legitima uma busca.

Rory está na escola. Tem o telefone consigo e não pode ter um computador no quarto, por isso, a minha busca tem lugar no mundo analógico. Começo pela mesa de cabeceira, depois, vou para a secretária, a cómoda e o roupeiro. Até procuro debaixo da cama, debaixo da cómoda e ao fundo da gaveta das meias.

É a busca mais dececionante.

Nada de pornografia, porque ele procura-a na Internet. Nenhum bilhete de nenhuma miúda, porque eles enviam mensagens por telefone. Nada de

fotografias, porque estão todas no seu telefone. Nada de drogas nem álcool, porque, se os usa, não é estúpido ao ponto de os esconder no quarto. Já é alguma coisa, suponho. O meu filho não é nenhum idiota.

Não digo nada à Millicent, porque ela já tem bastante que fazer.

Ela não sabe. Se soubesse, o Rory já estaria de castigo para a vida inteira. Mas não sabe, porque nunca o ouviria. Millicent dorme como uma pedra. Nem sei se o alarme de incêndio a acordaria.

São quase horas do almoço quando termino aquela busca inútil, por isso, vou à escola. O funcionário dos serviços envia uma mensagem ao professor dele, que o manda para o gabinete dos serviços. Embora Rory e Jenna frequentem uma escola particular, não usam farda. Mas existe um traje recomendado, portanto, todos os dias Rory usa calças de caqui e uma camisa. Hoje, veio de camisa branca. Traz a mochila pendurada num ombro, e o cabelo ruivo precisa de ser cortado. Assim que me vê, afasta a franja da cara.

— Está tudo bem? — pergunta.

— Tudo. Só pensei que podíamos passar a tarde juntos.

Ele arqueia as sobrancelhas, mas não discute. Por enquanto, estar comigo continua a ser melhor do que ir às aulas da tarde.

Almoçamos no seu restaurante preferido, onde pede o bife que Millicent nunca cozinha. Não pergunta nada até a empregada lhe trazer um refrigerante, que também nunca temos em casa. Ele sabe que alguma coisa se passa, por isso, não me surpreendo quando o ouço perguntar-me: «O que foi, pai?» Mas é um choque quando segue aquela pergunta com outra: «Tu e a mãe vão-se divorciar?»

— Divorciar? Porque estás a perguntar-me uma coisa dessas?

Ele encolhe os ombros.

— Porque isto é o tipo de coisas que se faz quando se tem de dizer coisas assim.

— A sério?

— Sim. — Ele diz isto como se toda a gente o soubesse.

— Eu e a tua mãe não nos vamos divorciar.

— Ok.

— A sério, não vamos.

— Já ouvi.

Bebo um longo gole do meu chá gelado, e ele faz o mesmo com o refrigerante. Não diz nada, obrigando-me a começar.

— Como está tudo?

— Bem, pai. E contigo?

— Ótimo. Há alguma coisa de diferente a acontecer?

Rory hesita. A nossa comida chega, dando-lhe mais tempo para pensar no que estou realmente a perguntar.

Quando a empregada se vai embora, ele abana a cabeça.

— Nem por isso.

— Nem por isso?

— Pai.

— Hummm? — Provo o meu bife.

— Diz-me de uma vez por todas porque estamos aqui.

— Só quero saber que coisas novas e excitantes estão a acontecer na tua vida — continuo. — Porque tem de ser qualquer coisa nova e excitante, se te está a fazer sair de casa a meio da noite.

As mãos de Rory imobilizam-se a meio do gesto de cortar o bife. Quase consigo ver as opções a percorrer-lhe a mente.

— Foi só uma vez — diz ele.

Não digo nada.

Rory suspira e pousa os talheres.

— Fui eu e o Daniel. Só queríamos ver se conseguíamos.

— E ele conseguiu?

— Tanto quanto sei.

— E o que é que fizeste?

— Nada, na verdade. Fui lá abaixo ao campo, dei uns toques na bola. Dei umas voltas.

Plausível. Aos catorze anos, era excitante o mero facto de estar fora de casa à meia-noite. Mas não parecia ser a primeira vez que ele tinha subido por aquela janela.

Ele não se escapa de casa naquela noite, nem na seguinte. Não admira, agora que foi apanhado. Mas não é só à noite que estou atento, mas a tudo o que tem sido ignorado.

À noite, observo-o quando está a trocar mensagens, quando o seu telefone vibra e ele vai ver quem é, e quando está ao computador. Na noite de cinema, observo a forma como ele mantém o telefone escondido, mas o verifica muitas vezes. Uma vez, o telefone toca, mas o som não é de música

rock, nem um *bip* do videogame. É uma canção que não reconheço, mas a voz é feminina e rouca, e canta como se estivesse parada na beira de um penhasco.

Quando vou buscar os miúdos à escola, chego suficientemente cedo para ficar de frente para as portas. É quando vejo a rapariga que anda obviamente a enlouquecer o meu filho.

É baixinha e loura, com lábios rosados, pele leitosa e o cabelo a dar-lhe pelo queixo. Ela puxa-o para trás, enquanto falam, e vai mudando o peso do corpo de um pé para o outro. A rapariga está tão nervosa como ele.

Há quanto tempo, pergunto-me. Há quanto tempo terá ele esta namorada, ou quase-namorada? Se não o tivesse apanhado na outra noite, ter-me-ia escapado por completo. Talvez tivesse de viver a vida toda sem saber desta rapariguinha loura de quem o meu filho gosta.

Terá havido outras raparigas — louras, morenas ou ruivas — que deixaram o meu filho tão apaixonado como esta? Terei perdido a primeira, a segunda e a terceira? Neste ponto, não tenho forma de saber.

Ele não me teria contado, se lhe perguntasse. Nem sequer me fala da atual.

E eu não tinha reparado, não fazia a menor ideia, até me esforçar por isso. Caso contrário, ter-me-ia passado completamente ao lado.

Pergunto-me se foi isto o que aconteceu com os meus pais. Nunca fizeram nenhum esforço, e eu passei-lhes completamente ao lado.

Quarenta e sete

Durante o jantar, todos os nossos telefones estão alinhados na bancada atrás de Millicent. Estamos a comer *risotto* de cogumelos com acompanhamento de alho francês e cenouras *baby*, quando do meu telefone se ouve o som de uma buzina.

Notícia de última hora.

Millicent vira-se e põe o meu telefone no silêncio.

— Desculpem — digo. — Aplicação desportiva.

Ela dirige-me um olhar duro. Os telefones devem estar no silêncio durante o jantar.

A notícia de última hora pode ser qualquer coisa, mas sei que não é. A minha aplicação de notícias tem filtros com os nomes de Naomi e Owen Oliver e as palavras *cadáver foi encontrado*. A tecnologia é uma coisa fantástica.

Também é uma coisa horrível, porque agora tenho de ficar ali sentado o jantar inteiro até poder saber mais. Isto é pior do que continuar na mais completa ignorância durante vinte minutos.

Quando finalmente acabamos, pego no meu telefone, enquanto os miúdos levantam a mesa.

CADÁVER DE MULHER ENCONTRADO

Olho para Millicent. Ela está em frente ao lava-louça, vestida com uma camisola velha, *leggings* pretas e um par de meias minhas. O nosso olhar cruza-se, e aponto para o meu telefone.

Ela faz-me um minúsculo sorriso e anui.

Não vejo o resto da história, enquanto a loiça não está toda lavada e os miúdos se sentam a ver televisão. Nesta altura, vou ao andar de cima, à casa de banho, e vejo as notícias.

É perfeito.

O corpo de Naomi foi encontrado dentro de um contentor do lixo, atrás do hotel Lancaster. A última vez que tinha sido vista foi no parque de estacionamento, não muito longe do mesmo contentor, quando saiu do trabalho naquela sexta-feira treze. A última imagem de Naomi veio de uma câmara de segurança, enquanto atravessava o parque na direção do seu carro. As câmaras só cobriam parte do parque. O carro de Naomi e o contentor ficavam em ângulos mortos.

Josh está na rua em frente ao hotel, no preciso local onde eu costumava estacionar para observar Naomi. Parece excitado com cafeína, adrenalina ou ambas, e é bom voltar a vê-lo assim. Aquelas Janes Does, em especial a segunda, pareciam tê-lo deprimido.

Agora está enérgico, cheio de insinuações e especulação, porque não há muitos factos verdadeiros para divulgar. A única coisa que sabemos realmente é que uma mulher morta, que se parece com a desaparecida Naomi, foi encontrada num contentor quando este estava a ser despejado por uma empresa de recolha de lixo. Foi chamada a polícia, toda a zona foi vedada e uma conferência de imprensa pode ou não acontecer ainda esta noite, embora ele julgue que sim.

A única coisa que não é referida é o passado de Naomi. Agora que está morta em vez de desaparecida, seria pouco caridoso dizer coisas más a seu respeito.

Josh comenta que passaram semanas desde a última vez que teve notícias de Owen Oliver Riley.

Sorrio.

A carta é dirigida à estação de televisão, e tem a seguinte nota: *Para Josh, Pessoal e Confidencial*. Imagino que, quando chegar, a expressão dele se torne orgásmica, embora não vá ficar feliz quando souber que aquela é a última carta que receberá de Owen. As cartas fizeram dele uma estrela, pelo menos a nível local, e correm boatos de que foi abordado por uma estação de cabo. Ele sair-se-ia bem numa estação dessas. É tão sério e dedicado que é difícil não acreditar nele.

Josh é um dos poucos que terão uma vida melhor por causa disto.

Trista não.

A pobre e querida Trista nunca será sequer reconhecida como uma vítima. E foi uma vítima, mesmo que tenha sido ela a terminar com a própria vida. Sinto-me mal por ela, principalmente porque ela se sentia tão mal pelas outras. É difícil não gostar de quem é tão empático.

O melhor que podemos fazer agora é impedir que isto volte a acontecer.

Desço as escadas, onde os miúdos estão a discutir sobre o que ver a seguir. Millicent ameaça mandá-los para os quartos para irem ler, se não conseguem concordar com nada, e, de repente, a sala fica em silêncio. A música de abertura de uma série para adolescentes faz-se ouvir; é a preferida da Jenna, e, de alguma forma, Rory consegue não gemer. Desconfio que também isto seja por causa da lourinha. Provavelmente, ela vê a mesma série que Jenna.

Millicent faz-me sinal, e atravessamos a cozinha para a sala de jantar que usamos apenas nos dias de festa e para jantares com convidados.

— Encontraram-na? — sussurra.

Faço um aceno afirmativo.

— Sim. Estão à espera da confirmação oficial.

— Agora vais...

— Segue amanhã.

— Perfeito.

Sorrio. Ela beija-me a ponta do nariz.

Voltamos para a sala de estar e juntamo-nos aos miúdos, mas como estamos a ver televisão em direto não podemos deixar de ouvir falar de Naomi. A notícia é anunciada durante um intervalo comercial, e é tão rápida que não há tempo para mudar de canal.

O telefone de Rory ilumina-se. Ele pega-lhe e começa a escrever.

Jenna não reage. Fica a olhar para a televisão como se ainda estivesse a ver a sua série, não a notícia da morte de uma mulher.

— Quem quer gelado? — pergunta Millicent.

Rory levanta um dedo.

— Eu.

— Jenna?

— Sim.

— Uma bola?

— Três.

— Sim, querida — digo, levantando-me do sofá.

Millicent ergue as sobrancelhas e segue-me até à cozinha. Pego em quatro tigelas, e toda a gente ganha três bolas. Ela começa a dizer qualquer coisa, mas interrompo-a.

— Não vamos falar de contenção de açúcar esta noite. As coisas vão piorar antes de melhorarem. — E é verdade. Naomi estará nas notícias durante toda a noite, e vão repetir todos os pormenores de como foi encontrada e como morreu. Ficaré ainda pior quando Josh receber a minha carta, porque depois vão passar horas a debater se Owen se foi realmente embora, ou se está só à espera que nos tornemos todos complacentes de novo.

Com o tempo, há de desaparecer. Outra coisa qualquer ocupará o seu lugar, e Owen terá desaparecido de vez.

Agora, até lá, três bolas de gelado.

Voltamos para a sala de estar, e a série para adolescentes acabou. Rory muda de canal, e vemos o final de um programa antes de começar o seguinte. Pelo meio, há um intervalo noticioso. Antes de Millicent conseguir pegar no comando, Josh está na nossa televisão. Repete a mesma informação que ouvimos no outro canal.

Quando ele acaba de contar a descoberta do corpo de Naomi, Rory vira-se para a irmã.

— Achas que ela foi torturada?

— Sim.

— Mais ou menos do que a última?

— Ei — aviso. Porque não sei que mais hei de dizer.

— Mais — diz Jenna.

— Queres apostar?

Ela encolhe os ombros. Apertam as mãos.

Millicent levanta-se e sai da sala.

Levo a minha tigela de gelado para a cozinha. O meu telefone está quase a morrer, e revisto a nossa gaveta da tralha à procura de um carregador. Andam sempre espalhados por todo o lado, mas nunca quando preciso deles, e não encontro nenhum na gaveta. A seguir, tento na despensa, porque há sempre coisas estranhas a acabar ali dentro. Quando Jenna era mais nova, eu costumava encontrar os seus animais de peluche junto às bolachas, a protegê-las. Agora, encontro dispositivos eletrónicos.

Esta noite, não encontro. Mas, na prateleira de baixo, atrás de umas latas de sopa, encontro um pequeno frasco de gotas oculares.

Aquelas a que Millicent é alérgica.

Quarenta e oito

Quando vejo o colírio, penso em Rory. Se Millicent o usava para esconder o facto de estar pedrada, então de certeza que outros adolescentes terão tido a mesma ideia. Talvez seja isso que ele faz quando se escapa à noite. Talvez ele e a namoradinha fumem erva.

Há coisas piores. Coisas muito piores.

A despensa não é um sítio lógico para se ter um colírio oftalmológico, mas imagino que ele apenas o esconda ali. Talvez tenha chegado a casa pedrado e o tenha posto à última da hora. Ou talvez pensasse que ninguém o ia procurar na última prateleira atrás da sopa.

Contudo, por outro lado, podia ser Jenna. Talvez seja ela que anda a fumar.

Não, isso não me parece. Jenna não ia estragar os pulmões. O futebol é demasiado importante para ela.

Pego no frasco. A caminho do clube, pergunto-me o que poderá causar vermelhidão nos olhos para além de fumo, pó ou qualquer outra matéria irritante. Alergias e fadiga, embora nenhuma delas seja algo para esconder. Talvez ressacas. Talvez alguma nova droga de que nem sequer ouvi falar.

Quando Kekona chega para a sua aula, estou sentado num banco de olhos fixos naquele frasco de um colírio oftalmológico.

Kekona sente-se tão energizada pelos mexericos que saltita sobre os calcanhares, como se tivesse seis anos, em vez de sessenta. Assim que entra no *court*, começa a falar, porque precisa de deixar sair aquilo tudo antes de partir. Todos os anos, Kekona volta ao Havai durante um mês, e a sua viagem aproxima-se depressa. Tem medo de tudo o que vai perder, agora que o corpo de Naomi foi encontrado.

— Estrangulada — diz. — Como as outras.

— Eu sei.

— E a tortura. Todos aqueles malditos cortes com papel.

O meu coração pára.

— Cortes com papel?

— A polícia diz que ela estava coberta de cortes. Até nas pálpebras. —
Arrepiava-se, como se estivesse frio.

Cortes de papel.

Fecho os olhos, tentando não imaginar Millicent a fazer aquilo, tentando apagar a ideia de que ela transformou a nossa piada privada numa coisa tão doentia.

São só onze da manhã. Há pouco, diziam que as impressões digitais da rapariga tinham sido limadas, mas a polícia tinha os registos dentários de Naomi a postos. Era ela.

— A polícia falou disso, dos cortes? — pergunto.

— Não, oficialmente. Só fontes não nomeadas — diz Kekona. — Mas, se me perguntarem, a coisa mais estranha aqui é a escolha do momento. —
Ela faz uma pausa.

Por isso, pergunto:

— O que tem?

— Bem, a última mulher ficou presa durante um ano. Mas a Naomi?
Um mês e meio.

— Se calhar, o Owen fartou-se de ficar à espera que a polícia o encontrasse.

Kekona sorri para mim.

— Estamos engraçadinhos, hoje, não estamos?

Encolho os ombros e ergo a bola de ténis, indicando que devíamos jogar, já que é para isso que ela me paga. Kekona faz uns estiramentos e gira a raqueta.

— Se isto fosse um filme, a diferença nos tempos teria algum significado — comenta.

Ela está certa, mas por todas as razões erradas.

— Não é a Kekona que diz que a vida não é um filme de terror?

Kekona não responde.

— Serviço — digo.

Ela serve a bola duas vezes. Eu não devolvo os seus serviços, porque ela ainda não quer responder. Quer servir na perfeição.

— Também dizem que ela estava queimada — continua Kekona.

— Queimada?

— Foi o que disseram. Que tinha queimaduras no corpo todo, como se tivesse sido escaldada.

Estremeço com a ideia de ser escaldado acidentalmente. Mas Millicent fê-lo de propósito.

— Eu sei, também fico doente só de pensar — diz Kekona. Ela volta a servir e pára. — Esta manhã, disseram que ele pode estar a recriar os seus crimes antigos. Ele tinha queimado outra das suas vítimas, uma Bianca, ou Brianna. Uma coisa do género. Mostraram uma fotografia dela esta manhã, e parece-se bastante com a Naomi.

Eu perdi isto tudo. Não poder ver as notícias em casa pode ser um problema.

— É estranho — respondo. — Serviço.

Ela serve, e conto nove serviços antes de haver outra pausa, só que, desta vez, ela não fala do Owen.

Fala de Jenna.

— Soube da sua filha — observa.

Não me surpreende que Kekona tenha sabido do incidente no Krav Maga. Este costumava ser justamente o tipo de coisas sobre o qual trocávamos mexericos. Só que não costumavam envolver a minha família.

— Pois — digo, tentando pensar como posso explicar, como posso desculpar a minha filha por ter batido num miúdo com uma pedra. Teve um dia mau, teve negativa num teste, esqueceu-se de tomar a medicação? Tudo soava mal. Tudo soava como se a minha filha não se conseguisse controlar.

Kekona aproxima-se de mim e dá-me uma palmadinha no braço.

— Não se preocupe — diz. — A sua filha vai ser dura de roer.

Rio-me. E espero que ela tenha razão. Prefiro que Jenna seja dura de roer do que qualquer outra das opções.

*

Quando a aula de Kekona termina, vou finalmente ler as notícias. Ela tem razão a respeito daquela vítima anterior. Bianca e Naomi são parecidas, de facto; ambas tinham cabelo escuro e aquele ar de rapariga normal. Bianca também tinha sido escaldada, mas não com água.

Com óleo.

Esta semelhança faz com que os meios de comunicação voltem atrás e olhem novamente para Lindsay, e agora lembram-se também de uma vítima ainda anterior que também tinha cabelo louro liso.

Acho que tudo isto é rebuscado. Os *media* só precisam de ter algo de que falar, e, sem qualquer informação real, criaram ligações que não existem. Se Millicent quisesse recriar um crime, os pormenores não seriam parecidos. Seriam iguais.

Estas notícias perturbam-me um pouco. A caminho do trabalho, enviei a carta para o Josh. Era suficientemente cedo para o posto dos correios do parque de estacionamento estar vazio, por isso, ninguém viu as luvas cirúrgicas nas minhas mãos quando enfiei a carta na ranhura do marco do correio. Todavia, se eu tivesse visto as notícias, teria mudado a carta. Teria dito ao Josh que os *media* estão errados e, como de costume, estão só a inventar. As antigas vítimas não estão a ser recriadas, portanto, parem de falar de todas as diversas maneiras em que elas foram torturadas.

A minha filha não precisa de ouvir isto.

No entanto, eu não tinha ouvido as notícias, não sabia da Bianca, e agora era demasiado tarde.

No bar do clube, o Josh está em múltiplos ecrãs, parecendo exausto, mas excitado. Continua em frente ao hotel Lancaster. A luz do dia faz com que o edifício pareça quase espalhafatoso.

«Embora saibamos que Naomi George foi a mulher encontrada num contentor atrás deste hotel, nenhum dos outros relatos que circulam foram confirmados. No entanto, dizem-nos as nossas fontes que Naomi só estava morta há um dia, quando foi encontrada...»

Os dados de GPS para Millicent não mostram nada de invulgar naquele dia. Ela nem sequer foi à charcutaria Joe's — apenas passou pela escola para deixar os miúdos, foi ao escritório, a várias casas que estavam à venda, à mercearia e a uma bomba de gasolina. Não havia nenhuma indicação de onde Naomi pudesse ter ficado escondida. A não ser que ela estivesse dentro de uma das casas que estavam à venda. Isso parece-me improvável, dado que há pessoas a entrar e a sair dessas casas o dia inteiro.

Não que isso interesse, por esta altura, porque Naomi já foi encontrada. E, amanhã, Josh vai receber a minha carta.

Não vai ter de esperar para a pôr no ar. Na última vez, eu tinha esperado que a polícia passasse mais tempo a examiná-la, mas a notícia surgiu quase de imediato. Com esta deve ser igual. É exatamente igual, cheira ao mesmo

e até o papel vem da mesma resma. Não haverá dúvida de que vem da mesma pessoa. Se fosse homem de apostar, diria que a carta vai estar em todos os noticiários antes mesmo de eu chegar do trabalho.

Mas não sou homem de apostas. Em trinta e nove anos, transformei-me num homem de planeamento. Talvez até seja bastante bom nisso.

Quarenta e nove

É difícil dizer se ganhei, se perdi a minha aposta imaginária. É uma questão de graus, ou, neste caso, uma questão de horas.

Tinha pensado que Josh entraria em direto com a carta mesmo antes do noticiário da noite, de forma a estar em todos os canais quando as pessoas se sentassem para jantar. Em vez disso, entra em direto horas antes, enquanto Jenna e eu estamos no consultório do doutor Bege. Ele pensa que ela precisa de terapia com mais frequência. Eu penso que ela precisa de um novo médico. Desde que Jenna começou a consultá-lo, cortou o cabelo, vomitou e bateu numa pessoa com uma pedra.

Millicent e eu dividimos agora as consultas. Nenhum de nós pode sair do trabalho três vezes por semana, que é o que o doutor Bege recomenda depois do incidente do Krav Maga. Hoje é a minha vez de aguardar na sala de espera, onde as minhas opções são bandas desenhadas terapêuticas, revistas educativas ou a televisão. Não está mais ninguém na sala, exceto uma rececionista de ar severo que usa uma peruca preta e ignora toda a gente. Assisto a um concurso e vou jogando mentalmente.

A história chega cerca de dez minutos depois de Jenna entrar. Josh aparece no ecrã e, após uma breve introdução, começa a ler a carta de Owen em voz alta.

A rececionista ergue o olhar.

Enquanto Josh lê aquelas palavras, um arrepio percorre-me a espinha. Quando chega ao fim, à despedida de Owen, tenho de fazer um esforço para não sorrir. Owen soa mesmo como um filho da mãe convencido, naquela carta.

Adeus.

Finalmente.

Josh relê a carta mais duas vezes, antes de Jenna sair do gabinete do doutor Bege. Parece entediada.

O médico vem atrás dela. Parece satisfeito.

— Troca — anuncia ela. É a minha vez de entrar no gabinete, para o doutor Bege me poder servir uma tigela dos seus disparates cor de papas de aveia.

Hoje, recuso.

— Peço desculpa, mas não temos tempo. Estaria disponível para uma chamada mais tarde?

O bom do doutor não parece satisfeito comigo.

Não me interessa.

— Tudo bem — responde. — Se eu não puder atender a chamada, pode deixar uma...

— Ótimo. Muito obrigado.

Estendo a mão, e ele leva um segundo a reagir.

— Então, pronto. Adeus.

— Adeus.

Assim que chegamos ao parque de estacionamento, Jenna olha-me de lado.

— Estás estranho — comenta.

— Pensava que era sempre estranho.

— Mais estranho do que o normal.

— Isso é bastante estranho.

— Pai. — Ela cruza os braços sobre o peito e fica a olhar para mim.

— Queres um cachorro quente?

Jenna olha para mim como se eu tivesse sugerido que fôssemos beber um copo.

— Um *cachorro quente*?

— Sim. Sabes o que é, um tubinho de carne, ou lá o que é, dentro de um pão com mostarda e...

— A mãe não nos deixa comer cachorros quentes.

— Eu digo-lhe para vir ter connosco.

Creio que a cabeça de Jenna implode um pouco com esta ideia, mas ela entra no carro sem dizer nem mais uma palavra.

O Top Dog serve trinta e cinco variedades de cachorros quentes, incluindo de tofu. É isto que Millicent pede. E não diz uma palavra quando Rory pede dois cachorros de chili de carne de vaca. Parece uma celebração, porque o é. Owen desapareceu de vez. A notícia está em todos os ecrãs de televisão pendurados por cima das nossas cabeças. Hoje, tudo correu conforme o plano, e toda a gente parece senti-lo.

— Agora, já podemos voltar ao normal lá em casa? — pergunta Rory.

Millicent sorri.

— Define «normal».

— Sem o *blackout*. De volta à civilização.

— Queres ver as notícias, é? — pergunto.

— Não quero ser proibido de ver as notícias.

Jenna revira os olhos.

— Só queres impressionar a Faith.

E, sem mais nem menos, fico a saber que a amiga louca de Rory se chama Faith.

— Quem é a Faith? — quer saber Millicent.

— Ninguém — replica Rory.

Jenna ri-se. Rory belisca-a, e ela dá um gritinho.

— Parem — adverte a mãe.

— Cala-te.

— Cala-te tu.

— Esperem, estão a falar da Faith Hammond? — pergunta Millicent.

Rory não responde, o que significa que sim. Também significa que Millicent conhece os pais dela, provavelmente porque lhes vendeu a casa.

— Porque é que não o apanharam? — pergunta Jenna a olhar para a televisão.

Talvez não estejamos exatamente de volta ao normal.

— Já o apanharam antes — diz Rory. — E ele safou-se.

— Então, não o podem apanhar outra vez?

— Vão apanhar. Pessoas como ele não ficam à solta para sempre — digo.

Rory abre a boca para dizer qualquer coisa, e Millicent cala-o com um olhar.

Tudo o que penso dizer soa estúpido na minha cabeça, por isso não digo nada. Nem sequer Rory fala. Ninguém fala até Jenna dizer alguma coisa.

— Não me sinto muito bem. — Esfrega a barriga. Jenna comeu o cachorro *barbecue* com cebola, que é quase tão grande como o meu de chili com queijo. Não penso que seja o *stress* que lhe revolveu o estômago, hoje.

Millicent faz-me aquele olhar.

Anuo. Sim, a culpa é minha por ter sugerido o cachorro quente.

Millicent pega na mala e faz-nos sinal para sair. Tem estado calma a propósito daquilo dos cachorros, tendo em conta que não o discutimos previamente, e dou-lhe a mão. Seguimos os miúdos para o parque de estacionamento.

— E como está a tua barriga? — pergunta-me.

— Perfeita. E a tua?

— Nunca esteve melhor.

Inclino-me para ela e tento beijá-la. Ela desvia-se.

— Estás com um hálito horrível.

— E o teu cheira a tofu.

Ela ri-se, e eu rio-me, e a minha barriga não está tão boa como aleguei. Quando chegamos a casa, tanto eu como Jenna estamos maldispostos. Ela sobe para ir à casa de banho, mas eu não consigo lá chegar. Acabo por usar a casa de banho do vestíbulo.

Millicent anda a correr entre os dois, levando-nos *ginger ale* e compressas frias.

— A vomitar como cães! — grita Rory. Ri-se, e, por dentro, estou a rir-me como ele.

Esta noite, tudo tem graça, mesmo enquanto estou nauseado no chão da casa de banho. Esta noite, sinto-me como se respirasse fundo.

Nem me tinha apercebido de que estava a conter a respiração.

Cinquenta

Aquele cachorro quente não me deixou dormir a noite toda, por isso, durmo até um pouco mais tarde na manhã seguinte. Quando saio de casa, é demasiado tarde para parar no EZ-Go. Em vez disso, vou a um café mesmo à saída de Hidden Oaks. É do género com café a cinco dólares, um empregado do bar com uma barba repugnante e os olhos cravados na televisão. Ele abana a cabeça, enquanto me serve uma chávena de café simples.

— Tenho de deixar de ver as notícias — resmunga.

Faço um aceno compreensivo, percebendo-o melhor do que imagina.

— Só deixam uma pessoa deprimida.

— Palavra de honra.

Não sabia que as pessoas ainda diziam «Palavra de honra» sem ser a brincar, mas este grandalhão de barbas disse-o como se fosse a sério.

Saio sem perguntar pelas novidades. Ainda estão a conjecturar se Owen terá realmente ido embora ou não, mas não há notícias verdadeiras. Nenhuma atualização. Apenas novas formas de repetir o que já é antigo.

E Owen começa já a desvanecer. Continua a ser a história principal, mas já não domina toda a linha editorial.

Tal como eu tinha pensado.

Agora, os meus pensamentos focam-se na minha família, nos meus filhos. Na namorada de Rory, que ainda não conheci. Mas percebi que os Hammond vivem no quarteirão a seguir ao nosso. Rory levaria sessenta segundos a chegar da nossa casa à deles, se cortasse caminho pelo meio do bairro. Eu já devia ter percebido isto, devia ter percebido que Rory andava a sair às escondidas, mas andava demasiado ocupado a fazer o mesmo. Agora, estou a compensar o tempo perdido.

Jenna parece agora andar fascinada com a maquilhagem. Isto começou há uma semana, talvez porque já não está a tentar esconder-se do Owen.

Apanhei-a a pôr batom antes de sairmos para a escola, uma manhã, e Millicent disse que parecia que alguém tinha estado na nossa casa de banho.

E ela ainda tem aquela faca debaixo do colchão. Começo a perguntar-me se se terá esquecido de que ali está.

Estas são todas as coisas que eu teria perdido se ainda estivesse distraído com o Owen, a Naomi, a Annabelle e a Petra. Não me lembro da última vez que carreguei o telefone descartável.

E Millicent. Temos falado de uma verdadeira noite a dois. Ainda não aconteceu, mas quando acontecer não vamos falar de Holly, nem de Owen, nem de nada do género. Entretanto, ela começou uma cruzada contra os cachorros quentes na Internet.

Tirei o localizador do seu carro. Agora, quero olhar para a minha mulher, não para a pinta azul que representa a minha mulher.

Até o trabalho tem estado a evoluir, tenho dois novos clientes, porque o meu horário já não é tão errático. Passo a maior parte do dia no clube, por isso, quando não estou a dar aulas, tenho tempo para conhecer pessoas.

Andy. Ainda não falei com ele desde que saiu de Hidden Oaks. Partiu logo depois de Trista morrer; pôs a casa à venda, e não o vi desde então. Já não aparece no clube. Não me parece correto tê-lo deixado desaparecer da minha vida. Em parte, tem sido por causa dos meus próprios horários. Mas também é por causa de Trista.

Ligo-lhe para saber como está. Andy não atende, nem devolve a chamada. Faço uma débil tentativa para o encontrar *online*, para tentar perceber onde vive agora, mas desisto passados alguns minutos.

Ainda tenho aquele frasco de colírio oftalmológico, embora não tenha visto indício nenhum de que Rory, ou qualquer outra pessoa, esteja a usar drogas de tipo nenhum. Não faz sentido que estivessem ali em casa, muito menos, na despensa. As gotas oftalmológicas não precisam de ser escondidas.

Kekona regressou ao Havai durante um mês, por isso, a minha primeira cliente é a senhora Leland. Ela não gosta de falar de crimes, nem do Owen, nem de nada do género. A senhora Leland é uma jogadora séria, que só conversa sobre ténis.

Quando a sua lição acaba, tenho um minuto entre clientes, apenas o tempo suficiente para ver uma mensagem de Millicent.

?

Não sei o que significa, nem o que me está a perguntar, por isso, respondo-lhe:

O quê?

A meio da minha aula com um reformado, chamado Arthur, Millicent envia-me um *link* para um artigo de jornal. O cabeçalho não faz sentido.

OWEN ESTÁ MORTO

Leio o artigo uma vez, depois outra, e à terceira torna-se mais inacreditável do que da primeira.

Há quinze anos, Owen Oliver Riley foi acusado de homicídio e deixado em liberdade devido a um pormenor técnico. Desapareceu sem deixar rasto até recentemente, quando o corpo de uma mulher jovem foi encontrado e alguém, alegando ser Riley, enviou uma carta a um repórter local, assumindo a responsabilidade pelo homicídio e prometendo matar outra mulher, dizendo até o dia em que ela iria desaparecer. Quando o corpo de uma segunda mulher foi encontrado, parecia que ele tinha cumprido a promessa. A carta seguinte anunciava que ele estava farto e ia desaparecer de vez. Mas alguma vez terá estado aqui, de facto?

«Não», diz Jennifer Riley. A irmã de Owen contactou a polícia local na semana passada e, na sequência disso, prestou um depoimento.

Numa reviravolta tão chocante que quase não parece real, ela alega que há quinze anos, depois de Owen Riley sair em liberdade, os dois irmãos mudaram-se para a Europa. Nenhum deles regressou aos Estados Unidos, nem sequer em visita, diz no seu depoimento, e mudaram os nomes próprios para viverem no anonimato.

Há cinco anos, foi diagnosticado ao irmão um cancro no pâncreas, disse ela à polícia, e após várias sessões de radioterapia, acabou por sucumbir à doença, tendo falecido. O seu corpo foi cremado, diz o depoimento.

O obituário de Owen Riley não apareceu em nenhum jornal nos EUA. Foi anunciado apenas num jornal britânico sob o seu pseudónimo, diz Jennifer Riley. Ela forneceu uma cópia à polícia, juntamente com uma certidão de óbito. As autoridades estão neste momento a verificar toda a informação.

Até recentemente, disse Jennifer Riley à polícia, ela não fazia ideia de que o irmão tinha «regressado» à região onde tinham crescido. «Não queria ter nada que ver com isto», disse ela. «Depois de deixar a região há tantos anos, não queria ter nada que ver com isto. No entanto, uma pessoa amiga entrou em contacto comigo e convenceu-me a dizer alguma coisa, porque a polícia estava convencida de que era o Owen.

»Vou afirmar isto o mais claramente possível: os recentes homicídios das duas jovens são trágicos e desoladores. Mas tenho de deixar bem claro que o meu irmão não teve nada que

ver com esse assunto.»

Cinquenta e um

O meu telefone jazia no *court* de cimento, com o ecrã partido. Não me lembro de o ter deixado cair. Talvez o tenha atirado ao chão.

Sinto uma mão no braço. Arthur, o meu cliente, está a olhar para mim. Tem os olhos ocultos sob umas espessas sobrancelhas grisalhas que agora estão franzidas. De preocupação.

— Sente-se bem?

Não. Não estou bem.

— Desculpe. Tenho de ir. A família...

— Claro. Vá.

Pego no telefone e no saco e saio do *court*. A caminho do parque de estacionamento, ouço pessoas a cumprimentarem-me, mas não lhes vejo as caras. A única coisa que vejo é aquele título:

OWEN ESTÁ MORTO

No carro, com o motor ligado, ocorre-me que não faço ideia de onde está Millicent. Não sem aquele localizador no carro.

Com o ecrã partido, envio-lhe uma mensagem.

Noite a dois.

A sua resposta:

Almoço a dois. Já.

Já estou a sair do parque de estacionamento.

Os miúdos estão na escola, por isso, encontramos-nos em casa. O carro dela está parado em frente à porta, e ela encontra-se lá dentro, a andar de um lado para o outro na sala. Hoje, os seus sapatos são azul-marinho, e não fazem ruído quando caminha. O cabelo está mais curto, um pouco acima dos ombros, porque não quis que a Jenna fosse a única menina da família com o cabelo curto.

Quando entro, pára de andar e olhamos um para o outro. Não há nada para dizer.

Além de estarmos lixados.

Ela sorri um pouco. Não é um sorriso feliz.

— Não estava à espera disto.

— Nem podíamos.

Estendo-lhe os braços, e ela vem para mim, para os meus braços. O meu coração bate mais depressa do que o habitual, e ela encosta a cabeça junto a ele.

— Vão começar a procurar o verdadeiro assassino — digo.

— Sim. — Ela inclina a cabeça para trás e olha para mim.

— Podíamos ir embora.

— Embora?

— Mudar-nos. Não temos de viver aqui. Nem sequer temos de viver neste estado. Posso ensinar ténis em qualquer lado. Podes vender casas em qualquer sítio. — A ideia acabou de me ocorrer, enquanto estou ali com Millicent. — Escolhe um sítio.

— Não estás a falar a sério.

— Porque não?

Ela afasta-se e recomeça a andar de um lado para o outro. Vejo-a construir listas mentalmente, tentando pensar em tudo o que tem de ser feito.

— Estamos a meio do ano escolar.

— Eu sei.

— Nem saberia para onde poderíamos ir.

— Podemos descobrir isso juntos.

Ela fica em silêncio.

Repito o óbvio.

— Eles vão procurar o verdadeiro assassino.

Isto nunca tinha sido um problema antes. Não tinham sido encontrados quaisquer corpos, até Lindsay. Até agora, ninguém sabia sequer que havia

um assassino. Não andavam à procura de ninguém.

Agora andam. E sabem que é alguém a fazer-se passar pelo Owen.

— Nunca vão saber que fomos nós — declara.

— Nunca?

Millicent abana a cabeça.

— Não sei como. Nós basicamente dividimos tudo. Eu nunca toquei nas cartas...

— Mas onde quer que tenhas escondido a Naomi...

— Tu nunca sequer viste o sítio. E tu? Alguém te viu com...

— Não. Nunca falei com a Naomi — asseguro.

— Nunca? — Millicent fica em silêncio por um momento. — Isso é bom. Nunca ninguém te viu com ela.

— Não.

— E com a Lindsay?

Abano a cabeça. Lindsay e eu falámos, enquanto caminhávamos.

— Ninguém nos viu.

— Ótimo.

— A Jenna — digo. — Quase penso que nos devíamos mudar por causa...

— Vamos ao menos esperar e verificar se isto é efetivo. Se não é alguma espécie de fraude.

Sorrio. A ironia é enorme para não o fazermos.

— Como as cartas do Owen. Uma fraude.

— Sim. Como isso.

O meu telemóvel assinala a chegada de um lembrete. O meu próximo cliente é dali a quinze minutos. Ou saio agora ou desmarco.

— Vai — diz ela. — Não há nada que possamos fazer senão esperar.

— Se for verdade...

— Voltamos a falar.

Aproximo-me dela e beijo-a na testa.

Ela pousa uma mão na minha face.

— Vamos ficar bem.

— Ficamos sempre.

— Sim.

Os miúdos já souberam da notícia. Tínhamos planeado contar-lhes juntos nessa noite ao jantar, mas eles já souberam. A Internet e os amigos foram mais rápidos do que nós.

Se Rory se interessa, não o demonstra. Tem a mão bem fechada em volta do telefone, a sua ligação à namorada.

O rosto de Jenna está imóvel como uma rocha. Os olhos, normalmente tão expressivos, parecem trespassar-nos. Não está a ouvir, nem sequer está aqui na sala connosco. Não sei onde possa estar. Não fala até Millicent e eu lhe dizermos o que já lhe dizemos há semanas: Estás em segurança.

Não me parece que ela acredite em nós. Nem sequer tenho a certeza de eu próprio acreditar. Tudo o que ela julgava ser verdade está a provar ser errado. Owen nunca esteve aqui. Era outra pessoa, e ninguém faz a mínima ideia de quem seja.

Não a posso culpar por se fechar dentro de si mesma. Eu quero fazer o mesmo.

Quando acabamos a conversa, Rory levanta-se de um pulo e dirige-se para as escadas. Já a enviar mensagens.

Jenna continua de olhos fixos no vazio.

— Querida? — Seguro-lhe na mão. — Estás bem?

Ela vira-se para mim, e vejo os seus olhos focarem-se.

— Então, é tudo mentira. O assassino pode não se ter ido embora.

— Ainda não sabemos isso — responde-lhe Millicent.

— Mas... talvez.

Anuo.

— Talvez.

Passou um minuto, depois, outro.

— Está bem — diz ela, soltando a mão de debaixo da minha. Levanta-se. — Vou para cima.

— Estás a sentir-te...

— Eu estou bem.

Millicent e eu vemo-la sair.

O resto do meu serão é passado na Internet, a pesquisar um novo lugar para irmos viver. Vou saltitando entre sítios de meteorologia, escolas, custo de vida e as notícias.

Parece estranho não saber o que vem a seguir. Desde que escrevi aquela primeira carta ao Josh, a maior parte das notícias não me surpreendeu. Sabia sempre o que as cartas diriam e podia adivinhar como os especialistas

as analisariam. Nem sequer o corpo de Naomi foi uma surpresa. Não sabia os pormenores, mas sabia que seria encontrado.

A única coisa que me surpreendeu foram os cortes com papel.

Agora, nada é familiar, nada é esperado. Não gosto disto.

Cinquenta e dois

Vejo a história desenrolar-se na televisão, como se não estivesse envolvido. Como se fosse apenas mais um espectador. E, porque não tenho poder para alterar o curso desta história, tenho esperança. Sempre que acendo a televisão, espero que a irmã de Owen seja mentirosa. Uma noite, porém, estou no alpendre das traseiras a assistir ao noticiário das onze, e não é isso o que o Josh diz.

Esta noite está no estúdio, de casaco e gravata, e o seu rosto parece ter sido barbeado minutos antes de o programa começar. Josh soa como um jornalista sério quando diz que Jennifer Riley vai regressar ao país. Ela quer limpar o nome do irmão.

O impulso de voltar a atirar com o telemóvel é detido por um som ao lado da casa. Levanto-me e olho.

Rory.

Apenas ele para continuar a sair às escondidas depois de ser apanhado a sair às escondidas.

Ou antes, apenas ele para continuar a safar-se com aquelas saídas depois de ser apanhado. Pergunto-me quantas outras vezes o terei deixado escapar.

Vê-me assim que os seus pés atingem o chão. Rory estava a sair, não a entrar.

— Oh! — exclama. — Olá.

— Vais apanhar um pouco de ar?

Ele encolhe os ombros, sem admitir nada.

— Anda sentar-te aqui — ordeno-lhe.

Em vez de nos sentarmos no alpendre, saímos para o jardim. Temos uma mesa de piquenique com um chapéu de sol ao fundo, entre o grande carvalho e o parque desmantelado.

Rory diz:

— Não tens grande moral para falar, pois não?

Dias antes, quando Owen, supostamente, devia ter partido para sempre, aquele comentário poderia não me ter incomodado. Eu só queria ter uma oportunidade para conversar com o meu filho sobre a sua primeira namorada. Agora, parece-me um fardo muito pesado.

Aponto para um dos bancos.

— Senta-te. Já.

Ele obedece.

— Primeiro — começo —, já deves ter reparado que a tua irmã está a passar por um mau momento. E, de certeza que tu, o seu único irmão, não a quer fazer sentir-se pior, pois não?

Ele abana a cabeça.

— Claro que não. Por isso, sei que não lhe vais contar esta tua teoriuzinha sobre eu andar a trair a vossa mãe.

— Teoria?

Fico a olhar para ele.

Abana a cabeça de novo.

— Não. Não vou dizer nada.

— E sei que não me vais comparar contigo em relação ao facto de andares a sair de casa a meio da noite. Porque tu tens metade da minha idade. Não estás sequer prestes a tornar-te um adulto. Não podes sair de casa a meio da noite.

Ele faz um aceno afirmativo.

— O quê? — pergunto.

— Não. Não nos ia comparar.

— E também sei que se te perguntar porque andavas a sair, não me vais dizer que é para ir ter com o Daniel. Porque não é isso que andas a fazer, pois não?

— Não.

— Andas a sair de casa para ir ter com a Faith Hammond.

— Sim.

— Perfeito. Ainda bem que esclarecemos as coisas.

O telefone de Rory vibra. Os seus olhos disparam de mim para o dispositivo, mas ele não vai ver quem é.

— Força — incito-o.

— Não é preciso.

— Não deixes a Faith à espera.

Ele pega no telefone e envia uma mensagem, enquanto afasta aquele cabelo ruivo dos olhos. Faith responde de imediato, e ele envia outra. A conversa continua, e espero até ele voltar a pousar o telefone sobre a mesa, virado para cima.

— Desculpa — diz.

Suspiro.

Não estou zangado com o Rory. Não passa de um miúdo que descobriu que as raparigas não são assim tão más, afinal. Ele costumava dizer que as raparigas eram «odiosas e falsas e, muito especialmente, feias». A citação é de um livro que leu, e sempre me fez rir. Eu virava-me para a Millicent e dizia: «Eras tu que os levavas à biblioteca todas as semanas.» Se estivéssemos na cozinha, ela batia-me com um pano. Uma vez, bateu-me com ele com tanta força que me cortou o braço. O ferimento foi superficial, mal rompendo a pele, mas Rory ficou mais impressionado com a mãe do que comigo.

E agora sai a meio da noite para ir ver uma lourinha, chamada Faith.

— Ela também sai às escondidas? — pergunto. — Encontram-se nalgum lado?

— Às vezes. Mas também posso subir para o quarto dela.

Quero proibi-lo de fazer isso, pôr-lhe uma tranca na janela, e ligar aos pais da Faith a dizer que são demasiado novos, e é demasiado perigoso. Owen está morto, e anda um assassino à solta.

Só que isto não é verdade, mas tenho de fingir que é. Tal como tenho de fingir que não me recordo da minha primeira namorada.

— Tens de parar com isto — digo-lhe. — Tens visto as notícias. É demasiado perigoso para ambos andarem sozinhos à noite.

— Sim, eu sei, mas...

— E nem devias sequer sair de casa. Se eu contasse à tua mãe, ela trancava-te a janela e punha câmaras pela casa toda.

As sobancelhas de Rory arqueiam-se.

— Ela não sabe?

— Se soubesse, ficarias de castigo até ires para a faculdade. E a tua namorada também.

— Está bem. Vamos parar.

Respiro fundo. Só porque estou zangado, não significa que seja irresponsável.

— E já que tens uma namorada, tens protec...

— Pai, eu sei comprar preservativos.

— Muito bem, muito bem. Passas só a falar com ela por mensagens à noite, está bem? E vê-la durante o dia?

Ele anui e levanta-se rapidamente, como se estivesse com medo de que eu mudasse de ideias.

— Só mais uma coisa — detenho-o. — E responde-me sem rodeios.

— Está bem.

— Andas a tomar alguma droga?

— Não.

— Não fumas erva?

Ele abana a cabeça.

— Juro que não.

Deixo-o ir. Neste momento, não tenho tempo para tentar perceber se está a mentir.

Quando não estou a ver as notícias, a única coisa em que consigo pensar é no que mais nos poderá ter escapado. Todas as maneiras como podemos ser apanhados, todos os elementos forenses que aprendi na televisão. O ADN, os vestígios forenses, as fibras — tudo me ocorre como se fizesse sentido para mim, coisa que não faz, mas sei que nada vai apontar para mim. Nunca disse uma palavra à Naomi, muito menos lhe toquei. Qualquer prova que encontrem vai conduzir à Millicent.

*

A primeira vez que vejo a irmã do Owen é na televisão. Ele andava pelos trinta quando era um assassino; agora, devia andar pelos cinquenta. Jennifer parece um pouco mais nova, andarás pelo meio da sua quarta década de vida. Tem os mesmos olhos azuis, mas o cabelo é de um louro mais sujo. É tão magra que as clavículas se lhe espetam na pele, bem como as veias do pescoço. Dizem que a câmara engorda uns cinco quilos, e, a ser verdade, Jennifer deve parecer mesmo uma pessoa doente, pessoalmente.

Está em todos os ecrãs no bar do clube, onde a clientela que veio almoçar se deixou ficar para mais um *cocktail*, só para poder assistir à conferência de imprensa. É a primeira vez que o público vê a irmã de Owen.

O chefe da polícia está num dos lados; o patologista, no outro. Um tem cabelo, o outro não, mas as barrigas são do mesmo tamanho.

Jennifer diz que é irmã de Owen Oliver Riley e que estamos enganados quanto a estes homicídios.

— Posso provar que o Owen não assassinou ninguém nos últimos cinco anos. Vim até aqui para garantir que toda a gente compreende que o meu irmão está morto. — Jennifer levanta um papel e diz que é a certidão de óbito de Owen, assinada por um médico legista na Grã-Bretanha e carimbado com um selo oficial. — *Morto* — repete.

O patologista dirige-se para o microfone e confirma o que Jennifer disse.

Morto.

A seguir, vem o chefe da polícia, que fala sem parar sobre como era inevitável que a sua esquadra de polícia se tivesse focado em Owen, mas que tinham sido enganados. Também confirma a alegação de Jennifer.

Morto.

Estamos todos esclarecidos. Acreditamos nela. Owen está morto, e a polícia vai voltar às provas para ver o que lhe escapou.

Mas, primeiro, Jennifer tem mais uma coisa a dizer. «Lamento pelas famílias. Lamento que se tenha desperdiçado tanto tempo com toda a gente focada no meu irmão, em vez de se procurar o verdadeiro assassino. Uma velha amiga contactou-me para me dizer o que se estava a passar, aqui em Woodview. Quando ela me suplicou que voltasse, soube que tinha de fazer o que estava certo.»

Jennifer faz sinal a alguém atrás dela, e o patologista desvia-se para o lado. A câmara foca a amiga.

A minha cabeça roda tão depressa que quase perco a consciência.

A mulher que ligou a Jennifer Riley é roliça e loura, e tem um sorriso que ilumina o ecrã.

Denise. A mulher que está ao balcão da charcutaria Joe's.

Cinquenta e três

O localizador de GPS encontra-se sobre o painel de instrumentos do meu carro. Viro-o para um lado, depois, para o outro, e recomeço. É o mesmo que tenho andado a fazer na minha mente, depois de a mulher da charcutaria Joe's, o novo sítio preferido de Millicent para almoçar, ter aparecido na televisão.

Denise. A mesma mulher que nos serviu quando lá fui com Jenna.

Isto é uma coincidência. Tem de ser. O facto de Owen estar morto não nos ajuda. Prejudica-nos.

E se a Joe's fosse um pequeno restaurante de comida natural, que servisse vaca criada ao ar livre em erva biológica, nunca me teria ocorrido que isto não fosse uma coincidência. Mas não é. É uma charcutaria onde *biológico* é uma palavra estrangeira.

Se pudesse perguntar a Millicent por esta nova afeição por sanduíches baratas, perguntaria. Mas, supostamente, eu não devia saber. Esta é uma informação que adquiri por espiar a minha mulher.

Nunca tinha feito isto antes. Pensei nisso, mas nunca o fiz. Nem mesmo quando Millicent trabalhava com um homem que gostava dela mais do que como colega. Foi óbvio desde o momento em que o conheci. Cooper. Um antigo membro de uma fraternidade que nunca tinha casado nem queria. O que ele queria era ir para a cama com Millicent.

Cooper, que foi com Millicent à conferência em Miami. No fim de semana em que Crystal me beijou.

Eu estava convencido de que Cooper tinha feito o mesmo a Millicent.

Quando regressei, essa crença quase me fez espiá-los. Não o fiz. Pelo menos, não espiei Millicent. Mas vigiei Cooper por tempo suficiente para perceber que ele queria dormir com qualquer mulher. Não era apenas com Millicent.

E, tanto quanto conseguia perceber, eles não tinham dormido juntos.

Agora que já espiei a minha mulher, percebo o problema disso. Não posso fazer nada com a informação que recolho. O localizador está sobre o meu painel de instrumentos, e estou sentado no parque de estacionamento do clube a olhar para o aparelho, porque espiar só conduz a mais necessidade de espiar. Se eu soubesse que era um círculo vicioso, nunca o teria feito.

Enquanto penso no assunto, Millicent envia-me uma mensagem.

Pho de galinha para o jantar.

Parece-me bem.

Espero por outra mensagem, uma que diga noite a dois ou tenha qualquer referência às notícias de hoje, mas o telefone mantém-se às escuras.

Quando chego a casa, o carro de Millicent já está na garagem. Penso em voltar a instalar o localizador, mas não o faço.

Ela está a fazer *pho* de galinha na cozinha. Começo a ajudá-la, partindo os legumes, enquanto ela junta cebola e gengibre ao caldo.

Os miúdos não estão por ali.

— Lá em cima — informa-me, antes de eu ter tempo de perguntar. — Trabalhos de casa.

— Viste as notícias?

Ela franze os lábios e acena com a cabeça.

— Ele está morto.

— Só o disseram umas mil vezes.

Sorrio um pouco. Ela também. Não podemos mudar o facto de Owen estar morto.

Ficamos em silêncio por uns minutos, a fazer o jantar, e tento arranjar uma maneira de mencionar Denise. Os miúdos chegam antes da ideia.

Reitero que não devem prestar atenção seja ao que for que se passe nas notícias.

— Não vos vai acontecer nada.

Isto contradiz diretamente o que eu disse na minha conversa com Rory na outra noite, quando frisei que era perigoso sair de casa a meio da noite, mas não é o Rory que anda a bater em miúdos com pedras. É Jenna.

Ainda assim, ele repara. Revira-me os olhos. Não temos falado muito, desde a outra noite no jardim. Não sei muito bem se está zangado, porque foi apanhado a sair da casa, ou porque lhe perguntei se usava drogas. Provavelmente, as duas coisas.

Quando mais ninguém tem nada a acrescentar sobre Owen, a conversa vira-se para sábado. Rory vai jogar golfe. Jenna tem uma partida de futebol, e é a vez de Millicent ir com ela. Eu estou a trabalhar. Vamos encontrar-nos todos ao almoço.

Owen só é mencionado muito mais tarde, depois de o jantar terminar, e a loiça estar tratada, e os miúdos terem ido para a cama. Millicent está na nossa casa de banho, a preparar-se para se ir deitar, enquanto vejo as notícias e espero por ela. Vejo-a sair da casa de banho com uma das minhas *T-shirts* do clube e um par de calças de fato de treino, o rosto brilhante da loção hidratante. Ela esfrega-a também nas mãos, enquanto olha para a televisão.

Josh está em frente ao hotel Lancaster, onde Jennifer Riley está hospedada. Fala sobre a conferência de imprensa, depois, passa para o vídeo.

— Não tinha visto isto — diz Millicent.

— Não?

— Não. Vi a notícia na Internet.

Aumento o volume. Mostram excertos da conferência de imprensa, incluindo todas as vezes em que alguém diz a palavra *morto*. Ninguém disse que Owen tinha falecido, nem sequer a sua irmã.

Quando Denise aparece no ecrã, olho para Millicent.

Ela inclina a cabeça para o lado.

Espero.

Quando o segmento termina, ela diz:

— Que estranho.

— O quê?

— Conheço aquela mulher. É uma cliente.

— A sério?

— Ela tem uma charcutaria. Bastante bem-sucedida, até. Anda à procura de uma casa.

Millicent volta a entrar na casa de banho.

Respiro fundo. Denise é uma cliente. Nunca me tinha ocorrido que pudesse ter dinheiro suficiente para comprar uma casa — pelo menos do tipo de casas que Millicent vende —, no entanto, tem.

Sou tão estúpido.

Embora esteja aliviado por saber que tudo isto foi só uma estranha coincidência causada por eu andar a espiá-la, o nosso problema não desapareceu. É pior. O Owen está morto, e a polícia anda à procura do verdadeiro assassino.

O chefe da polícia disse que iam ter um novo detetive à frente do caso. O detetive vinha de outra esquadra e ia rever o caso com um novo olhar. Eu devia ter olhado para Denise com um novo olhar.

Quando Millicent regressa da casa de banho, a televisão e as luzes estão apagadas. Ela deita-se, e viro-me para o seu lado, embora esteja demasiado escuro para ver seja o que for.

— Não quero mudar-me daqui — diz a minha mulher.

— Eu sei.

Ela põe a mão dentro da minha.

— Estou preocupada.

— Com a Jenna? Ou com a polícia?

— As duas coisas.

— E se sairmos da cidade? — pergunto.

— Mas eu acabei de dizer...

— Referia-me a fazermos umas férias.

Ela fica calada. Na minha mente, percorro todas as razões para não podermos ir. Os miúdos faltariam à escola. Não temos dinheiro. Ela tem vários negócios pendentes. Eu não devia voltar a cancelar aulas. As mesmas razões devem estar a percorrer a mente da minha mulher.

— Vou pensar nisso — concede. — Vamos ver como correm as coisas.

— Está bem.

— Ótimo.

— O *pho* de galinha estava ótimo — digo.

— Tonto.

— Mesmo que não possamos ir de férias agora, devíamos ir quando tudo isto acabasse.

— Vamos, sim.

— Promete-me.

— Prometo — diz Millicent. — Agora, dorme.

Cinquenta e quatro

O novo detetive é afinal uma detetive. Chama-se Claire Wellington, um nome que soa como se a família remontasse ao *Mayflower*, mas aposto que não. Não que isso interesse.

Claire é uma mulher de aspeto severo com cabelo castanho curto, pele pálida e batom castanho. Usa calças de fato simples, tudo em cores escuras, e nunca sorri. Sei que é ela, porque está sempre na televisão. A sua ideia de trabalho de detetive é pedir ajuda ao público.

«Sei que alguém nesta comunidade viu alguma coisa, mesmo que não tenha noção disso. Talvez tenha sido na noite em que a Naomi desapareceu. Toda a gente estava atenta nessa noite, e toda a gente sabia que alguma coisa ia acontecer. Ou talvez quando o corpo de Naomi George foi atirado para dentro de um contentor, atrás do hotel Lancaster. Por favor, tentem recordar-se dessa noite, pensem no que estavam a fazer, com quem estavam, e no que viram. Podem ter visto alguma coisa sem se aperceberem.»

Foi criado um sítio para as pessoas enviarem informações. Ou, então, podem manter-se no anonimato e ligar para uma linha especial com pistas de qualquer coisa que tenha que ver com Lindsay e Naomi.

Não gosto deste desenvolvimento. As novas informações de todo o tipo podem vir à tona por causa de Claire e deste périplo de relações públicas na televisão. Josh já está a reportar que a polícia tem dezenas de novas pistas.

«A polícia está também a usar um inovador programa informático, desenvolvido na Universidade de Sarasota, onde os alunos escreveram um algoritmo que consegue reunir as pistas e combinar palavras usadas repetidamente. As pistas são depois organizadas por ordem de utilidade.»

Tudo isto acontece numa questão de dias, desde a chegada de Claire. Já é suficientemente mau que tenha de a ver na televisão. O. Tempo. Todo. Agora tenho também de ouvir como é inovadora e eficiente. Até em casa,

ela se torna uma inevitabilidade. Millicent tem insistido que não vejamos televisão à noite, porque Claire aparece sempre durante os intervalos da publicidade. As estações locais começaram a fazer anúncios de serviço público sobre a linha de atendimento para as pistas.

Em vez de ver televisão, jogamos jogos juntos. Millicent encontra um baralho de cartas e um tabuleiro de fichas de plástico, e ensinamos os miúdos a jogar póquer, porque isso é preferível a ter de ver Claire.

Rory já sabe jogar. Tem uma aplicação de póquer no telefone.

Jenna aprende depressa, porque ela aprende tudo depressa. Também é a melhor a fazer *bluff*. Acho que é ainda melhor do que Millicent.

Eu sou péssimo, e perco todas as mãos.

Enquanto estamos a jogar, Rory menciona que vai haver uma assembleia na escola amanhã. Millicent franze a testa e depois alisa-a. Está a tentar franzi-la menos por causa das rugas.

— Não recebi nenhuma informação sobre uma assembleia — estranha.

— Aquela detetive vai lá à escola — informa Jenna.

— A gaja — diz Rory.

Millicent franze outra vez o sobrolho.

— Porque é que *essa detetive* vai à vossa escola? — pergunto.

Rory encolhe os ombros.

— Provavelmente para nos perguntar se vimos alguma coisa. Tal como tem feito na televisão. O Daniel diz que ela vai a todas as escolas.

Jenna acena com a cabeça, como se tivesse ouvido o mesmo.

— Ela é irritante — continua Rory. — Mas, pelo menos, safamo-nos de uma aula.

Millicent faz-lhe uma expressão de repreensão. Ele finge não ver e estuda as suas cartas.

— Bem, eu gosto dela — diz Jenna.

— Gostas da detetive? — pergunto.

Ela anui.

— Tem um ar forte. Como se fosse mesmo apanhá-lo.

— Ah, com isso concordo totalmente — diz Rory. — Parece obcecada, ou coisa do género.

Parece que a mulher que nos poderá apanhar também faz Jenna sentir-se melhor.

— Toda a gente tem muita confiança nela — comento.

— Espero conseguir falar com ela — diz Jenna.

- De certeza que estará muito ocupada.
- Obviamente. Estou só a dizer.

A escola de Jenna e Rory não faz as reuniões no ginásio. Tem um auditório especial, que recebeu o nome do patrocinador que o pagou. Quando chego, o espaço está cheio com os miúdos, o corpo docente e os pais. Com tanto tempo nas notícias, Claire é quase uma celebridade.

É mais alta do que eu esperava, e, mesmo numa sala apinhada, é intimidante. Claire não quer falar de si, do seu passado, nem da sua experiência. Começa por dizer aos miúdos que estão todos em segurança.

— Quem quer que tenha matado estas mulheres não anda atrás de vocês. Procura mulheres mais velhas do que todos vocês. O mais provável é que nunca se cruzem com a pessoa que matou a Naomi e a Lindsay.

Jenna está sentada com as amigas à direita do auditório. Mesmo do fundo, consigo vê-la a inclinar-se para a frente, a tentar ouvir e ver tudo.

Rory está no meio, sentado com a namorada, e pode ou não estar a prestar atenção. É difícil de perceber.

— No entanto — prossegue Claire —, se se cruzaram com este assassino, podem nem sequer o saber. Podem ter visto alguma coisa que não sabem ser importante. Tudo o que julgarem invulgar, ou que se destaque, pode ser importante.

Diz as mesmas coisas que disse na televisão, mas com palavras mais simples e frases mais curtas. Acaba por dizer que vai estar disponível a seguir, se alguém quiser falar. É para isso que aqui estou. Primeiro, para garantir que Jenna tem a oportunidade de conhecer Claire. Segundo, para eu mesmo a conhecer pessoalmente.

As amigas da Jenna estão próximo, por isso, ela não me dá um abraço. Juntos, esperamos para falar com Claire. Uma desorganizada fila de pessoas formou-se à sua frente, e, quando chega a nossa vez, aproximo-me de Claire e apresento-me. Ela é suficientemente alta para nos olharmos de frente. Na televisão, os seus olhos parecem castanhos. De perto, vejo reflexos dourados.

— Esta é a minha filha Jenna — digo.

Em vez de perguntar a Jenna que idade tem e em que ano anda, Claire pergunta-lhe se quer ser detetive.

— Eu adorava! — diz Jenna.

— Então, a primeira coisa que precisas de saber é que tudo é importante. Até as pequenas coisas que parecem não ser nada.

Jenna faz um aceno concordante. Os seus olhos brilham.

— Consigo fazer isso.

— Tenho a certeza que sim. — Claire vira-se para mim. — A sua filha vai ser uma boa detetive.

— Já é, acho eu.

Sorrimos um para o outro.

Ela passa para a próxima pessoa, virando-nos as costas.

Jenna saltita sobre os dedos dos pés.

— Achas mesmo que posso ser detetive?

— Podes ser tudo o que quiseres.

Ela pára de saltitar.

— Pai, estás a falar como numa publicidade.

— Desculpa, mas é verdade. E acho que darias uma ótima detetive.

Ela suspira e vira-se para as amigas, que lhe acenam. Afasta-me quando tento dar-lhe um abraço.

— Tenho de ir.

Vejo-a correr para as amigas, que reagem à sua novidade com mais entusiasmo do que eu.

Fracasso parental número 79 402, e ela só tem treze anos.

Estou grato a Claire, que tem tanto cuidado para fazer os miúdos sentirem-se seguros. Deixou Jenna mais feliz do que alguma vez a vi nos últimos tempos.

Isso continua a não me fazer gostar dela. Na verdade, agora que a conheço, detesto-a.

Cinquenta e cinco

Antes de ter oportunidade de investigar a nossa nova inspetora, Jenna fá-lo. Ao jantar, somos presenteados com a história de vida de Claire Wellington, graças à Internet. Nasceu em Chicago, estudou em Nova Iorque e o primeiro emprego que teve foi na polícia dessa cidade. Mudou-se para o Midwest rural, onde se tornou detetive e fez parte de uma equipa de trabalho de luta antidroga. Depois, trocou as cidades pequenas por uma grande, acabando por ser promovida a detetive de homicídios. Fez parte de uma equipa que investigou um conjunto de homicídios, que ficou conhecido como Crimes de River Park. Prenderam o assassino dois meses depois de começarem a investigação.

Claire tornou-se uma das mais bem-sucedidas detetives de homicídios da sua esquadra. A sua taxa de sucesso era cinco por cento superior à de todos os restantes elementos.

É tão formidável como parece.

Os miúdos e eu não somos os únicos que conhecemos Claire. Millicent também. Claire teve de arrendar uma casa, porque ficar num hotel é demasiado caro para o orçamento da polícia, por isso, ligou para a imobiliária. Um sítio simples, pequeno e mobilado, com uma renda mensal. Millicent não trata dos arrendamentos, mas estava no escritório quando Claire por lá passou.

Num domingo de manhã bem cedo, quando estávamos sozinhos na cozinha e os miúdos ainda dormiam, pergunto a Millicent o que pensa de Claire Wellington.

— É muito alta.

— E esperta — replico.

— E nós não somos?

Trocamos sorrisos.

Millicent acabou de regressar de uma corrida. Está junto ao lavatório com a sua roupa de licra, e admiro-a. Ela apanha-me e ergue uma sobancelha.

— Queres voltar para a cama? — sugiro.

— Queres mostrar-me como és esperto?

— Quero.

— Mas preciso de um duche.

— Queres companhia?

Ela quer.

Começamos no chuveiro e passamos para a cama. O nosso sexo é confortável e familiar, não apaixonado, nem furtivo. Não é uma coisa má.

Quando Rory acorda, ainda estamos na cama. Sei que é Rory, porque ele não consegue fechar uma porta sem a bater, e os seus passos são pesados, enquanto se move pela cozinha. Não muito depois, Jenna levanta-se e segue a mesma rotina — casa de banho e depois cozinha —, mas é tudo mais suave.

Millicent está aninhada ao meu lado. Está nua e quente.

— Deixei a cafeteira ligada — lembra-se. — Devem estar a pensar onde nos metemos.

— Esquece. — Não tenho intenção nenhuma de sair da cama até ter de o fazer. Espreguiço-me e fecho os olhos.

A televisão acende-se, com o volume alto. Os miúdos devem estar contentes por não estarmos lá em baixo. Normalmente, não vemos televisão nas manhãs de domingo, por isso, para eles, isto é um bónus. Vão passando entre os desenhos animados e um filme com explosões.

— Aposto que estão a comer cereais — diz Millicent.

— Temos cereais?

— Biológicos. Sem açúcar.

— Temos leite?

— De soja.

Não digo «iac» em voz alta, mas penso-o.

— Então, não faz mal.

— Suponho que não.

Ela aninha-se mais em mim.

A vida era assim antes de Holly. Tudo decorria de forma um pouco mais lenta, menos frenética, sem muita excitação.

Os dias fundiam-se, pontuados apenas por grandes acontecimentos. A nossa primeira casa era minúscula, mas parecia enorme, pelo menos, até a família crescer — seguida pela primeira grande venda de Millicent, o primeiro dia de escola de Jenna ou a nossa casa maior e a hipoteca mais pesada. O corte de papel na mão de Rory.

Quando Jenna tinha quatro anos, apanhou uma constipação que se transformou em bronquite. Só conseguia dormir cerca de uma hora antes de a tosse a acordar. Millicent e eu passámos três noites a dormir no seu quarto, eu no chão e Millicent na pequena cama de Jenna. Entre os dois, ajudávamos Jenna a dormir mais do que nós.

Ensinei Rory a andar de bicicleta. Ele nunca o admitiria, mas usou as rodinhas de apoio durante muito tempo. O equilíbrio não era o seu ponto forte. Ainda não é.

Nada disto era excitante, naquela altura. Eram rotinas e responsabilidades, com um ocasional sorriso ou até uma gargalhada. Momentos de felicidade seguidos por longas extensões de dias repetitivos, que se confundiam uns com os outros.

Agora, quero tudo aquilo de volta. Talvez tivesse tido demasiada excitação, ou talvez isto seja demasiado excitante, seja como for, não é o que quero.

— Ei — chama-me Millicent. Senta-se na cama, coberta pelo lençol. O seu cabelo ruivo está emaranhado. — Estás a ouvir isto?

No andar de baixo, a musiquinha das notícias de última hora grita na televisão. Desaparece quando um dos miúdos muda de canal para um desenho animado.

Reviro os olhos.

— Notícias de última hora, de cinco em cinco minutos. — Puxo Millicent de volta para a cama, para os meus braços, sem intenção de me mexer a não ser que a polícia apareça à nossa porta. — Provavelmente, alguma celebridade que foi presa.

— Ou morreu.

— Ou um político apanhado a mentir — digo.

— Isso nem vale tempo nenhum de noticiário.

Rio-me e enterro-me mais fundo debaixo das cobertas.

A minha esperança é que tenham prendido alguém pelos homicídios. Não o assassino de Naomi e Lindsay, mas alguém que tivesse feito outras coisas más. Alguém que merecesse ficar trancado antes que fizesse mal a outra pessoa. Imagino um homem desganhado e sujo de olhar alucinado.

— Pronto, já chega — diz Millicent. — Vou-me levantar. — Atira com todas as cobertas ao mesmo tempo, como o velho truque do penso rápido. Funciona. Sem ela, a cama já não parece nada acolhedora.

Enfia um robe e desce as escadas. Sou o primeiro a meter-me no duche.

Os miúdos estão no sofá, a ver uma série para adolescentes sobre extraterrestres. As suas tigelas de cereais vazias estão em cima da mesa de centro, e fico espantado por Millicent as ter deixado lá ficar. Encontro-a na cozinha, ao lado da máquina de café. A chávena está tombada para o lado, e o café escorre para a bancada e depois para o chão. Ela nem está a olhar para o café. Os seus olhos estão focados no pequeno aparelho de televisão que tem na cozinha.

Josh está no ecrã. Encontra-se diante de uma zona de mata, com arbustos tão densos que não vejo o edifício por detrás dele, apenas o campanário acima das árvores. Não conheço o sítio, nem sei onde fica. O letreiro de madeira na frente da igreja está desgastado pelo tempo. A boca de Josh move-se, mas não sai nenhum som. O volume está demasiado baixo.

Também não preciso de ouvir. A notícia está plasmada no fundo do ecrã, a vermelho.

CASA DE DEUS OU CASA DE HORRORES?

MASMORRA SUBTERRÂNEA ENCONTRADA EM IGREJA ABANDONADA

Cinquenta e seis

Num instante, acreditei que Millicent estava perturbada por a notícia ser horrível, por ser chocante, porque não tinha nada que ver connosco. Ou agrada-me pensar que acreditei nisso.

No instante seguinte, soube que era ela. A igreja era o local para onde ela tinha levado Lindsay e Naomi.

— Uma *igreja*?

Estamos de novo no andar de cima, no nosso quarto, mas o ambiente não podia ser mais diferente. Não há nada de sensual numa masmorra dentro de uma igreja.

A nossa família não vai à igreja, nem nunca foi. Millicent foi criada como agnóstica; eu, como católico, mas cedo deixei de ir à missa. A igreja é onde vamos a casamentos, funerais e vendas de bolos. E até eu penso que este local é uma das escolhas mais perturbadoras que Millicent podia ter feito. O único sítio pior teria sido um infantário.

Millicent já não está chocada com a descoberta, nem assustada. Agora, está na defensiva.

— Precisava de um sítio. Qualquer um onde nem lhes ocorresse procurar.

— Fala baixo. — Os miúdos estão no andar de baixo a ver televisão, mas ainda tenho medo que a ouçam.

— Ninguém o encontrou, pois não? Quando elas estavam vivas.

— Não. Ninguém encontrou a igreja até Claire chegar à cidade. — Segundo Josh, tinham dado com a igreja graças a uma pista. Alguém tinha visto um carro no que costumava ser um parque de estacionamento, mas era agora um matagal.

Millicent estava à minha frente, com mãos nas ancas. Ainda de roupão.

Atrás dela, a televisão do nosso quarto estava acesa. A imprensa não teve autorização para entrar na igreja, nem há fotos a sair, por isso, Josh

limita-se a repetir o que estas fontes não nomeadas lhe disseram.

«Um cenário grotesco... correntes pregadas às paredes... algemas de ferro ensopadas em sangue... até um polícia em fim de carreira ficou lavado em lágrimas... parecia uma coisa saída de um filme.»

Millicent agitou a mão num gesto de desprezo.

— Não está nada ensopado em sangue. Aquela sala não é uma cripta. É uma cave. E a igreja deve ter uns cem anos. Quem sabe o que já lá se passou?

— Mas limpaste tudo?

Os olhos dela semicerraram-se.

— Estás mesmo a perguntar-me isso?

Ergo as mãos em resposta.

Millicent dirige-se para mim, deixando o seu rosto mais perto do meu do que quando estávamos na cama, mas nele não há nada de acolhedor nem quente.

— Nem te atrevas a duvidar de mim. Não agora.

— Eu não estou...

— Estás. Pára.

O seu roupão agita-se quando ela se vira e desaparece na casa de banho.

Compreendo a sua fúria. Está zangada por a igreja ter sido descoberta, e por eu estar a questioná-la. Mas eu não teria deixado aquela cave com uma gota de sangue. Tudo teria sido regado com amoníaco, ou lixívia, ou seja lá o que for que destrói sangue e fluidos e ADN de qualquer tipo. Talvez tivesse atirado um cigarro aceso lá para dentro para deixar tudo arder, fazendo com que parecesse um acidente.

Nunca tive oportunidade de fazer nada disso, porque nunca soube da igreja. Nunca consegui forçar-me a perguntar-lhe.

*

Millicent decide que devíamos ir todos ao cinema esta tarde. Dadas as circunstâncias, a sugestão é absurda, mas digo a mim mesmo que tem de ser melhor do que ficar a ver noticiários o dia todo. Sim, é uma boa ideia sair de casa. Sair da minha cabeça. Afastar-me de Josh. Repito isto, enquanto me visto, tentando afastar da ideia aquela igreja e aquela cave. Quase resulta.

— Não estou a sentir-me muito bem. — Para dar ênfase, levo a mão à barriga.

Millicent faz-me aquele olhar.

— Talvez umas pipocas ajudem.

— Não, não, pessoal, vão vocês. Divirtam-se.

Saem sem mim.

Não acendo a televisão. Em vez disso, vou de carro até à igreja.

A televisão não chega. Quero ver por mim próprio esse lugar onde Millicent manteve Lindsay e Naomi com vida.

Fica numa estrada isolada, entre nada e nenhures. Os únicos edifícios que se vê até lá são um bar entaipado, uma bomba de gasolina decrepita e um rancho vazio ao fundo de um caminho particular. Foi por isso que nunca detetei a igreja no GPS. O rancho está à venda, e a morada apareceu várias vezes no localizador. Ela podia ter ido a pé da porta das traseiras até à igreja, numa questão de minutos. Ninguém a veria da estrada.

Aquela zona foi invadida por carros, carrinhas das televisões e mirones. Enfio um blusão e um boné de basebol e tento fundir-me com a multidão.

Há repórteres espalhados junto à fachada da igreja, e o campanário ergue-se atrás de todos eles. Estão posicionados mesmo em frente à fita amarela, protegida por polícias fardados. Alguns têm cara de bebé, enquanto outros estão inchados e à beira da reforma.

Nunca tinha estado tão perto de Josh, nunca o tinha visto noutra local que não na televisão. É mais baixo e magro do que parece no ecrã.

Uma mulher mais velha está ao meu lado, e os seus olhos vão alternando entre os três jornalistas.

— Desculpe, sabe se disseram alguma coisa de novo? — pergunto-lhe.

— Desde quando? — A voz dela tem uma rouquidão de fumador. Os cabelos são brancos e fartos, os olhos amarelados.

— De há cerca de meia hora.

— Não, não perdeu nada.

Por entre um denso renque de árvores, é visível o topo de uma tenda branca. Parece a mesma usada em casamentos e festas infantis.

— O que é aquilo?

— A polícia montou-a assim que chegou. Chamam-lhe a «base».

— A chefe está ali atrás — diz um homem nas minhas costas. É grande em tudo, erguendo-se uns bons dez centímetros acima de mim, e, pelo menos, trinta centímetros mais largo.

— Querem verificar — diz.

— Verificar o quê?

— Verificar se foram só aquelas duas mulheres — explica. — Se não mais.

— Deus me livre — diz a mulher.

Houve outras duas, claro — Holly e Robin —, mas nenhuma delas esteve naquela cave.

Que eu saiba, pelo menos.

Uma luz forte acende-se quando Josh entra em direto. Mais uma vez, menciona as suas fontes, nenhuma das quais tem nome.

Deram-lhe mais informação sobre a sala subterrânea instalada por baixo da igreja, e ele diz que encontraram qualquer coisa. Na parede, escondida a um canto, parece que alguém que ali esteve escondido tentou deixar uma mensagem.

Cinquenta e sete

Durante um segundo, penso em perguntar a Josh se tem mais alguma informação. Nunca falámos, nunca comuniquei com ele fora das cartas, mas este rumor sobre uma mensagem escondida quase me deixa em pânico.

Em vez de fazer alguma coisa estúpida, como fiz tantas vezes no passado, recuo. Considero. Avalio. E chego a uma conclusão: Disparate. Toda esta história não passa de um disparate.

As fontes de Josh estão erradas. Se a polícia levou menos de um dia a descobrir esta alegada mensagem, não há qualquer hipótese de Millicent a ter deixado escapar. Ela pode não saber que o filho anda a sair de casa à noite, mas consegue detetar pó a duas divisões de distância. Não deixaria escapar uma mensagem na parede.

E que espécie de mensagem iriam Naomi ou Lindsay deixar? Socorro? Estou presa?

É inconcebível que Millicent lhes tivesse dito o seu verdadeiro nome, por isso, não podiam ter deixado a identidade da sua raptora.

A mensagem escondida deve ser uma mentira lançada por Claire, sem dúvida, para tentar fazer-nos sair da toca. Qualquer um que veja televisão sabe que a polícia mente. Isto é suficientemente plausível para me fazer ir embora. Ir para casa. Falar com Millicent.

Quando chego, a casa está vazia. Acendo a televisão e faço *zapping* pelos canais de notícias. Josh ainda está a falar sobre aquela possível mensagem, mas sem adiantar pormenores. Um jornalista de outro canal repete o que Josh disse. O terceiro fala da igreja.

A Igreja Cristã Pão da Vida começou com uma única família e cresceu até se tornar uma congregação de cerca de cinquenta pessoas. Fotografias antigas mostram um grupo com ar severo, rostos exaustos e roupas esfarrapadas. Em anos posteriores, o grupo parecia ter prosperado, com muito mais pão; eram mais pesados, e alguns até sorriam. Viveram o seu

auge na década de 1950, depois, o declínio até à extinção, nos anos de 1980. Tanto quanto se sabe, o edifício estava vazio há pelo menos vinte anos. Por ser domingo, as plantas do gabinete de urbanismo do município não estão disponíveis, mas historiadores locais calculam que a cave fizesse parte do edifício original. Podia ter sido um espaço de armazenamento.

Mudo de canal, aguardando que aconteça algo de novo. Millicent e os miúdos só chegam por volta das cinco. Passaram a tarde no cinema e no centro comercial, onde Jenna comprou mais um par de sapatos e Rory uma nova camisola com capuz. Ambos correm pelas escadas acima, deixando-me sozinho com Millicent.

— Sentes-te melhor? — pergunta-me. Soa sarcástica.

— Nem por isso.

Ela arqueia uma sobrancelha.

A televisão está desligada. Não faço ideia de quanto das notícias ela terá ouvido.

— Estão a falar de uma mensagem — anuncio.

— De quê? — Millicent dirige-se para a cozinha para começar a fazer o jantar. Sigo-a.

— Uma mensagem na parede. Deixada por alguém que ali esteve preso.

— É impossível.

Fico a olhar para ela, enquanto escolhe a alface para fazer uma salada.

— Sim, foi o que calculei — anuo.

— Toma, termina isto. — Passa-me a taça e a alface. — Estava a pensar em tostas de atum para o jantar.

— Comi o atum ao almoço.

— Todo?

— Quase.

Atrás de mim, a porta do frigorífico abre-se com força. Ela não diz nada, mas consigo ouvir a sua fúria.

A porta bate com estrondo.

— Então, acho que posso fazer umas beringelas no forno, ou uma coisa assim — prossegue.

— Parece-me perfeito.

Trabalhamos lado a lado; ela corta a beringela, e eu ralo queijo para gratinar. Quando finalmente entra no forno, Millicent vira-se para mim. As olheiras no seu rosto são mais escuras do que nunca.

— Desculpa — diz.

— Tudo bem. Estamos ambos nervosos, com a Claire e esta coisa da igreja, e tudo.

— Estás com medo?

— Não.

— A sério? — Ela parece surpreendida.

— Tu estás?

— Não.

— Então, estamos bem, não estamos?

Ela envolve-me o pescoço com um braço.

— Estamos ótimos.

E sinto que é verdade.

Subo para desejar boa noite aos miúdos. Rory tem a luz apagada, mas está acordado e a usar o telefone.

Antes de conseguir dizer uma palavra, ele adianta-se:

— Sim, estou a falar com a Faith. E com o Daniel. E também estou a jogar.

— E consegues fazer alguma dessas coisas bem?

Ele baixa o telefone e dirige-me aquele olhar. É o mesmo de Millicent.

— E não estou a fumar erva.

Como esperava, continua zangado.

— Então, como está a namorada? — pergunto.

— Faith.

— Como está a Faith?

Ele suspira.

— Ainda é minha namorada.

— Não te andas a escapulir à noite, pois não?

— Só se tu não andares.

— Rory.

— Sim, pai? — A sua voz soa trocista. — Que lição me queres ensinar esta noite?

— Boa noite.

Fecho a porta antes de conseguir responder-me. Não o quero ouvir. Não esta noite.

Jenna está a deitar-se, e sento-me para conversar com ela. Os dois miúdos já sabem da igreja e da cave por baixo, como sabem tudo mais

rápido do que a velocidade da luz. Gostava que houvesse uma maneira de o impedir, porque ela é muito nova. Não o suficiente para ainda dormir com bonecos de peluche, mas suficientemente nova para os manter por perto. Contudo, sabe demasiado disto que está a acontecer. Que há raparigas que são raptadas e trancadas, tanto nos livros, nos filmes e séries, como na vida real. Seria impossível isso ter-lhe escapado.

— Elas estiveram acorrentadas ali em baixo, não foi? — pergunta-me.

Abano a cabeça.

— Ainda não sabemos.

— Não mintas.

— Provavelmente, estiveram.

Ela acena com a cabeça e vira-se para o outro lado, para a mesa de cabeceira. O candeeiro por cima tem um abajur em forma de flor. Cor de laranja, claro.

— Como está a tua barriga? — pergunto.

— Bem.

— Ótimo.

— Porque é que alguém faria mal às pessoas dessa maneira?

Encolho os ombros.

— Há pessoas que estão programadas da maneira errada. Acham que o mal é bom.

— Aposto que a Claire o apanha.

— Aposto que tens razão.

Ela sorri um pouco.

Espero que ela esteja enganada.

Cinquenta e oito

As primeiras imagens da cave são surpreendentes. Não parece, de facto, a masmorra medieval que construí na minha cabeça.

Em vez disso, parece a cave inacabada de um edifício velho. Chão sujo, prateleiras de madeira na parede, uma escada velha. Apenas a parede mais distante das escadas é diferente, porque é a única que indica o que pode ter acontecido naquela cave. A parede foi coberta de estuque. Um aglomerado de correntes e algemas jaz no chão, em baixo.

Claire apresenta as fotografias numa conferência de imprensa noturna, a que assisto no bar onde me encontro, o mesmo em que estava quando o corpo de Lindsay foi encontrado.

Vou bebendo uma cerveja sentado no lugar de onde posso olhar pela montra da frente. Do outro lado da rua, fica o First Street Bar & Grill, onde fazem hambúrgueres gigantes que se come acompanhados de gigantescas cervejas artesanais, e tudo é mais barato do que parece. Millicent não é fã de hambúrgueres, nem de cerveja, por isso, só lá vamos para nos encontrarmos com clientes ou para irmos a alguma festa.

Claire vai percorrendo cada fotografia e descrevendo os pormenores. Há planos fechados de manchas na parede e no chão de terra. Parecem de ferrugem, mas ela diz que são de sangue.

O empregado do bar abana a cabeça. Ninguém emite um único som. Estão demasiado ocupados a beber e a assistir.

Não consigo imaginar Millicent a deixar tanto sangue por limpar, se é isso o que aquilo é. Claire podia estar a mentir. Os seus olhos fixam a câmara de frente, portanto, parece que está a olhar diretamente para mim. Ou para o tipo ao meu lado. Ou para o empregado do bar. É enervante.

Detesto os fatos de Claire. O desta noite é azul-escuro, combinado com uma blusa cinzenta. Ela parece sempre que vai a um funeral.

Claire encontra-se em cima de um pódio, instalado perto da igreja, embora não tão perto que se veja mais do que as árvores. Nem o campanário é visível. O chefe da polícia e o presidente do município estão num lado, tendo sido montado um cavalete no outro. Em cima, estão grandes cópias das fotografias, estando dois polícias fardados a passar cada uma, enquanto Claire fala.

— *Já estamos a analisar o sangue, a compará-lo com o de Naomi e Lindsay. Também descobrimos vestígios de saliva, que estão igualmente a ser analisados.*

Ela não responde a perguntas. Toda a conferência de imprensa dura cerca de vinte minutos, o que dá tempo aos jornalistas e especialistas para a dissecarem. Claire não diz nada sobre uma mensagem deixada na parede, nem mostra nenhuma fotografia disso.

O empregado muda para um canal de desporto. Peço outra cerveja, mas mal lhe toco.

Quarenta minutos depois, vejo-o. Do outro lado da rua, Josh entra no First Street Bar & Grill. É o seu restaurante preferido.

Obtive esta informação por acaso, enquanto passava de carro na First Street há umas noites. Parado num semáforo, vi Josh sair do carro e entrar no restaurante. Na noite seguinte, passei por lá novamente e vi o seu carro estacionado à porta. Na terceira noite, o mesmo. Passei na rua e vi-o sentado no bar, sozinho, a beber uma cerveja, enquanto olhava para a televisão.

Atravesso a rua e sento-me a alguns bancos de distância de Josh. Uma vez que já jantei, peço um *shot* e uma cerveja. O mesmo que ele.

Olho para ele e desvio o olhar. Depois, olho de novo, como se o tivesse reconhecido.

Mesmo sem se virar na minha direção, ele diz:

— Sim. Sou aquele gajo das notícias.

— Bem me parecia. Vejo-o na televisão quase todas as noites — digo. Josh parece um pouco diferente, pessoalmente. O rosto não parece tão liso. A textura da sua pele é irregular. O nariz é vermelho, tal como os olhos. É uma pena que não tenha trazido as gotas oftalmológicas.

Ele suspira e vira-se finalmente para mim.

— Obrigado por ver.

— Não, eu é que agradeço pelo seu trabalho. Tem sido a pessoa que está mais em cima desse grande caso, não é? As mulheres que foram mortas?

— Tenho.

— Ainda é. Parece ser sempre o primeiro a saber tudo.

Josh bebe um terço da cerveja de um só gole.

— Você é um desses tarados pelos programas sobre crimes reais?

— Nada disso. Apenas alguém que quer que esse sacana seja apanhado.

— Fixe.

Faço um sinal ao empregado para pedir mais um *shot*.

— Ei, meu — digo ao Josh. — Eu pago-lhe um copo.

— Sem ofensa, mas não sou *gay*.

— Não ofende nada. Eu também não.

Josh aceita o *shot*. O empregado traz mais duas cervejas a acompanhá-los.

Juntos, vemos o canal de desporto, comentando esta ou aquela equipa. Pago-lhe mais uns *shots*, mas despejo o meu numa taça de amendoins quando ele não está a olhar. Josh bebe o dele e pede mais dois.

Quando começa um jogo de futebol, acena com a cabeça para a televisão.

— Aposto nos Blazers. E tu?

— Também — minto.

— Jogas? Tens ar de quem joga.

Encolho os ombros.

— Não.

Ele bebe o resto da cerveja e faz sinal para mais duas.

— Joguei futebol numa equipa, chamada Marauders. Éramos péssimos, mas as pessoas ainda têm medo de nós. Até era fixe.

— Imagino.

Durante um intervalo publicitário, surge um excerto da conferência de imprensa de hoje. Claire Wellington está mais uma vez no ecrã.

Josh abana a cabeça e olha para mim. Os seus olhos não estão tão límpidos como quando entrei.

— Queres uma informação privilegiada? — pergunta-me.

— Pode ser.

Ele aponta para a televisão.

— Ela é uma cabra.

— A sério?

— Não é por ser mulher. Mesmo, não tem nada que ver. Mas o problema de ter uma mulher a mandar é que elas têm de mudar tudo. Têm

de provar qualquer coisa, estás a ver? E não é por culpa delas, percebo. Só queria que depois não lixassem tudo.

— Isso é verdade?

— Um milhão por cento verdade.

O jovem e entusiástico jornalista que tenho visto na televisão não é a pessoa que tenho visto na televisão. Não sei porque esperava que fosse.

Peço mais dois *shots*. Josh bebe o dele e bate com o copo no balcão.

— Aqui há uns dias, numa peça falei de uma coisa que uma fonte me contou. No dia a seguir, a fonte liga e diz que já não posso falar disso. Tecnicamente, um polícia pode ser despedido por falar com a imprensa. E ela decidiu fazer valer a regra. — Ergue as mãos, como se isto fosse uma abominação. — Mesmo que falem *comigo*. E eu *trabalhei com a polícia* quando recebi aquelas cartas do Owen. Ou de quem quer que as tenha enviado. Não precisava de fazer isso. Podia ter-me limitado a lê-las no ar sem dizer nada à polícia.

— O que é que isso significa? — pergunto. — As tuas fontes não te vão dizer nada?

— Ah, elas dizem-me as coisas. Só não estou autorizado a falar delas em direto. Bem, até podia, mas sou um bom tipo. Não quero que ninguém seja despedido, em especial, alguém de quem preciso. Aquela cabra não vai ficar por cá para sempre.

Antes de eu conseguir responder, o seu telefone toca. Olha para ele de relance e revira os olhos.

— Vês, é disto que estou a falar. Recebo uma dica de uma fonte, a segunda vez que vejo esta informação, mas não posso fazer nada com ela. EC, diz. «Estritamente Confidencial». — Solta um grande e ruidoso suspiro. — Pior acrónimo de sempre.

— Que chato.

— Nem me digas nada.

Aguardo. Olho para a televisão sem dizer uma palavra, esperando dar a ideia de que nada daquilo me interessa. Porque quanto menos me interessar, maior a hipótese de ele me contar.

Só é preciso mais um *shot*.

— Pronto, tenho de contar a alguém — diz com a voz arrastada. — Mas, se contares a alguém, eu nego que te mostrei isto. Pelo menos até o tornarem público.

— Achas que o vão fazer?

— Não têm outra opção.

Josh desliza o telefone sobre o balcão. A mensagem está no ecrã, enviada por uma pessoa chamada J. Tudo aquilo me recorda um pouco o Tobias.

Até ler a mensagem.

EC:

Há corpos enterrados debaixo da igreja.

Cinquenta e nove

Pensei que a mensagem seria sobre a suposta mensagem na parede. Em vez disso, é sobre corpos enterrados.

— E então? — pergunto.

— E então? — admira-se Josh.

— Aquela igreja tem mais de cem anos. Provavelmente, há todo um cemitério com gente ali enterrada.

— Claro que sim. Mas não é disso que ele está a falar. — Josh inclina-se para mim e baixa um pouco a voz. O cheiro de todo aquele álcool atinge-me na face. — Já lá foste?

Quase digo que sim, mas lembro-me que não sou um tarado por programas de crimes reais.

— Não.

— Eles têm lá uma grande tenda montada, mas está atrás de um monte de árvores. É daí que estão a retirar os corpos.

— Outra vez a mesma coisa. Quais corpos?

— Os corpos na cave não são de há uma centena de anos — declara. — São mulheres que foram mortas recentemente.

— Não.

— Sim. E não posso ir para o ar com isto.

Josh continua o seu monólogo de queixas sobre Claire e as suas fontes. Já não estou a ouvi-lo.

Naomi e Lindsay foram já encontradas, o que deixa Holly e Robin. Holly foi morta no meio do nada, na floresta, e enterrámo-la ali.

Robin morreu na nossa cozinha. O seu carro e cadáver encontram-se no fundo de um lago próximo.

Interrompo Josh.

— Sabes quando vai ser divulgada essa informação?

— Em pouco tempo, de certeza. Não podem esconder aqueles corpos para sempre.

Continua a falar, mas só penso em Claire Wellington. Só vai precisar de um minuto para aparecer à nossa porta, a perguntar pela irmã de Millicent. Holly.

E porque nunca foi dada como desaparecida.

Porque pensámos que se tinha ido embora.

Porque não quisemos saber.

Porque ela torturava a minha mulher.

Porque era louca.

Envio uma mensagem a Millicent.

Precisamos de uma noite a dois.

Ela recusa.

Não. Estou no hospital.

Leio-a três vezes antes de atirar dinheiro para o balcão e sair do First Street Bar & Grill sem dizer mais nada ao Josh. Ou talvez tenha dito que tinha de ir. Não sei ao certo.

Millicent liga-me quando estou a tentar ligar-lhe. Ela está a falar muito depressa, e eu estive a beber, por isso, só capto os pontos principais.

Rory. Urgências. Caiu da janela.

Não me preocupo com o carro, porque estou suficientemente perto para ir a correr. O hospital fica a três quarteirões de distância, e, quando chego, dou com Millicent a andar de um lado para o outro no corredor.

Assim que a vejo, percebo.

Rory está bem. Ou vai ficar.

Millicent tem os punhos cerrados, os lábios franzidos e parece que emite uma corrente elétrica. Se Rory estivesse seriamente ferido, ela estaria preocupada, a chorar, ou em choque. Mas não está. Está a rebentar de fúria.

Agarra-me e abraça-me. É rápido e violento, depois, recua para cheirar o meu hálito.

— Cerveja — digo. — O que aconteceu?

— O nosso filho saiu de casa às escondidas para ir ter com a namorada. Caiu quando estava a subir pela janela dela.

— Mas ele está bem?

— Está. Pensámos que tinha partido o pulso, mas é só uma entorse. Vai ter de andar com ele ao peito...

— Porque não me ligaste quando aconteceu? — perguntei.

— Liguei. Ou enviei mensagem.

Pego no telefone. Ali está, mesmo na racha do ecrã. Dependendo do ângulo, pode ser difícil ver.

— Oh, céus, desculpa...

— Esquece. Já cá estás. O importante é que ele está bem. — A fúria de Millicent regressa, se alguma vez chegou a abandoná-la. — Só está de castigo durante um século.

Ouçó rir baixinho.

Jenna está sentada na sala de espera ao lado. Acena-me. Eu aceno-lhe. Millicent leva-me para junto de uma máquina de café. É amargo e queima-me a língua, mas é exatamente do que preciso. Acalma-me, em vez do contrário, porque o meu coração bate demasiado depressa, pela corrida, pelo álcool e por ter o meu filho no hospital.

Millicent desaparece na sala de observação para ir ter com Rory. Quando saem, ele tem o pulso ligado e o braço ao peito. A fúria de Millicent abrandou, pelo menos, por enquanto.

Ele não me olha nos olhos. Talvez ainda esteja zangado comigo, ou talvez saiba que está metido em sarilhos. É difícil dizer, porque, neste momento, estou dividido entre dar-lhe um tabefe e abraçá-lo. Despenteio-lhe o cabelo.

— Se não querias jogar golfe, só precisavas de dizer — brinco.

Ele não sorri. Adora jogar golfe.

Chegamos a casa depois da meia-noite. Vou ver Rory alguns minutos depois de se deitar. Até ele adormece de imediato.

Sento-me na minha cama, exausto.

O meu carro continua no First Street Bar & Grill.

E há corpos enterrados debaixo da igreja.

— Millicent — começo por lhe dizer.

Ela sai da casa de banho, a meio da sua rotina da hora de deitar.

— Diz.

— Estive a beber cerveja com o Josh, esta noite. O jornalista.

— Porque é que...

— Ele disse-me que há corpos enterrados debaixo da cave daquela igreja.

— Corpos?

Aceno com a cabeça, observando-a. A sua surpresa parece genuína.

— Ele disse de quem eram esses corpos? — pergunta-me.

— Presumo que os da Holly e da Robin.

— Elas nem estão perto daquela igreja. Como sabes. — E regressa à casa de banho.

Sigo-a.

— Não sabes mesmo nada sobre os corpos que estão enterrados ali?

— Absolutamente nada.

— É só uma pilha de uns corpos quaisquer numa cave de igreja.

— Caramba, eu sei lá. Esse é o mesmo repórter que disse haver uma mensagem na parede. Onde é que isso está?

Ela tem razão.

Talvez o Josh esteja enganado. Ou talvez alguém lhe ande a dizer mentiras para o afastar da verdade.

Na ficção, os polícias fazem isso constantemente. E Claire pode ser tão esperta como eles.

Sessenta

Agora que descobriu que Rory tem uma namorada e andou com frequência a escapar-se de casa para ir ter com ela, Millicent quer encontrar-se com os pais de Faith para discutir a situação. Os Hammond são clientes dela, e concordam prontamente que devíamos encontrar-nos todos para jantar. Nem Rory nem Faith são convidados.

Estamos a caminho do restaurante, um espaço tradicional com toalhas de mesa brancas e uma ementa com pratos de conforto. Escolha deles, não de Millicent.

— Eles são pessoas razoáveis — diz Millicent.

— Claro que são — respondo.

Quando chegamos, os Hammond já estão à nossa espera à mesa. Hank Hammond é baixo e louro, como a filha. Corinne Hammond não é baixa nem uma loura natural. Ambos exibem roupas clássicas e sorrisos educados. Passamos diretamente para a refeição. Ninguém pede vinho.

A voz de Hank tem o dobro do seu tamanho.

— A Faith é uma boa miúda. Ela nunca saiu de casa às escondidas até ter conhecido o vosso filho — declara.

Quase consigo ver a bola a ser passada para o nosso lado. Millicent sorri, educada e melosa.

— Eu podia dizer o mesmo da vossa filha, mas a culpa não nos vai levar a lado nenhum.

— Não estou a falar de culpa. Estou a falar de os mantermos longe um do outro.

— Quer impedir que o Rory e a Faith se vejam?

— A Faith já está proibida de ver o vosso filho fora da escola — declara Hank. — Já que na escola, isso é impossível de evitar.

— Podiam dar-lhe aulas em casa — diz Millicent. — Assim eles nunca se viam.

Ponho a mão no braço de Millicent. Ela afasta-o.

— Se calhar, o vosso filho é que precisa de ter aulas em casa — contrapõe Hank.

Corinne faz um aceno afirmativo.

— Acham seriamente que proibi-los de se verem vai mesmo... impedi-los de se verem? — ironiza Millicent.

— A nossa filha vai fazer o que lhe mandarem — diz Hank.

Sinto Millicent morder a língua, porque estou a fazer o mesmo.

Corinne quebra a tensão. A sua voz é mais forte do que esperava.

— É pelo melhor — diz.

Millicent desvia os olhos para Corinne e faz uma pausa antes de dizer:

— Eu não tenho o hábito de proibir simplesmente os meus filhos de fazerem alguma coisa.

Mentira.

— Suponho que é aí que somos diferentes — replica Hank.

— Talvez devêssemos voltar ao assunto em questão — digo. — Não me parece que precisemos de entrar pelas nossas filosofias de educação.

— Muito bem — anui Hank. — Mantenham o vosso filho longe da minha filha, e ponto final.

A conta chega, e Millicent agarra nela antes de Hank conseguir fazê-lo. Passa-ma e diz:

— Nós pagamos.

O jantar termina com uma despedida tensa.

Millicent fica em silêncio no caminho para casa.

Rory está à espera à porta quando entramos em casa. Tem o pulso aberto, não pode jogar golfe e está de castigo. Faith é a única coisa que tem, ou julgava que tinha. Não estou ansioso por lhe dizer que também a perdeu.

Só que não o fazemos. Millicent dirige-se para Rory e põe-lhe uma mão na face.

— Tudo bem — diz.

— Tudo bem? A sério?

— Só não voltes a sair às escondidas.

— Prometo.

Rory vai-se embora com o seu telefone para ligar a Faith, que vai receber uma mensagem diferente dos pais.

Millicent pisca-me o olho.

Pergunto-me se será assim que algumas raparigas aprendem a ser dissimuladas. Com a mãe de outros.

No dia seguinte, recebemos uma chamada da escola. Jenna, não Rory. Desta vez, não é por causa de nenhuma arma nem da sua barriga. Agora, são as notas.

Sempre foi aluna de quadro de honra, mas as suas notas caíram no último mês. Hoje, não entregou um trabalho que devia ter entregado. Jenna nem sequer deu uma desculpa à professora.

Nem Millicent nem eu fazíamos ideia. Jenna sempre foi uma boa aluna, e nem sequer verifico os relatórios semanais que são colocados *online*. Depois de uma troca de mensagens e chamadas, decidimos falar com ela a seguir ao jantar.

Millicent começa por lhe dizer que a escola ligou.

— Conta lá o que se passa — pede.

Jenna não tem nenhuma resposta concreta para além de alguns *hum* e *oh* e de abanar a cabeça.

— Não compreendo — continua Millicent. — Sempre foste uma excelente aluna.

— De que serve isso? — Jenna levanta-se da cama e atravessa o quarto. — Se alguém pode trancar-me numa cave e torturar-me, de que é que isso serve?

— Ninguém te vai fazer isso — digo.

— Aposto que aquelas mulheres mortas acreditavam no mesmo.

Outro murro no estômago. Este parece um picador de gelo.

Millicent respira fundo.

Desde que conheceu Claire, Jenna parecia melhor. Falava o tempo todo em se tornar detetive. Mas tudo parou, desde que se soube da igreja.

Andamos em círculos com ela, tentando usar a lógica para acabar com o seu medo. Nada funciona. A única coisa que conseguimos arrancar-lhe é uma promessa de não chumbar a nenhuma das disciplinas.

Quando saímos do quarto de Jenna, vejo um caderno aberto em cima da sua cama. Tem estado a pesquisar quantas mulheres são raptadas e assassinadas todos os anos.

Millicent pega no telefone e tenta encontrar outro terapeuta.

Isto passa-se no terceiro dia sem novas informações sobre a igreja. Claire dá uma conferência de imprensa todas as noites para repetir o que já sabemos.

O quarto dia começa com um cão a ladrar. Temos vários na rua, portanto não sei qual deles me acorda às cinco da manhã, mas não pára de ladrar.

Sento-me na cama, perguntando-me porque nunca me ocorreu aquilo.

Um cão.

Um cão suficientemente grande para fazer Jenna sentir-se segura e suficientemente protetor para ladrar quando alguém está lá fora. Bem como quando Rory tenta sair ou entrar à socapa.

Estava capaz de me bater por não ter pensado nisso há mais tempo. Um cão resolveria tantos dos nossos problemas.

Para variar, levanto-me antes de Millicent. Quando ela desce as escadas, vestida para correr, já estou a beber café e a pesquisar cães na Internet. Ela estaca quando me vê.

— Não sei se quero saber porque é que...

— Olha — digo-lhe, apontando para o monitor. — Está no canil, um cruzado de *rottweiler* e *boxer*.

Millicent tira-me o café da mão e bebe um gole.

— Queres um cão.

— Para os miúdos. Para proteger a Jenna e impedir que o Rory saia de casa.

Ela olha para mim e acena com a cabeça.

— Isso é brilhante.

— Tenho os meus momentos.

— E tomas tu conta do cão?

— Os miúdos tomam.

Ela sorri.

— Se tu o dizes.

Presumo que isto seja um «sim».

Num intervalo entre as aulas, passo pelo canil. Uma mulher simpática faz-me uma visita guiada, enquanto lhe explico o que procuramos. Ela recomenda vários cães, e um deles é o cruzado de *rottweiler* e *boxer*. Chama-se *Digger*. Ela verifica a documentação e diz que ele daria um bom

cão de família, mas os miúdos têm de ir ao abrigo conhecê-lo, antes de nos deixarem adotá-lo. Prometo à mulher que voltarei.

O cão faz-me sentir um pouco otimista.

Passo num *drive-through* para comprar um café gelado e um *Panini*. Enquanto estou parado no postigo à espera do meu almoço, vejo a televisão no interior. Claire Wellington está a dar outra conferência de imprensa. As palavras em rodapé no ecrã fazem o meu coração dar um pulo.

MAIS CORPOS DESCOBERTOS NA IGREJA

Quando a empregada abre o postigo para me passar a comida, ouço a voz de Claire.

«...foram encontrados os corpos de três mulheres jovens enterrados na cave.»

Escuto o resto da conferência de imprensa no parque de estacionamento, pelo rádio do meu carro.

Três mulheres. Todas assassinadas recentemente.

A polícia tem de estar enganada a respeito disto. Não havia possibilidade de alguém enterrar ali corpos, enquanto Lindsay estava...

«Pelo menos duas delas eram suficientemente recentes para os investigadores identificarem a maneira como foram assassinadas. Tal como as outras, foram estranguladas. Há também sinais de tortura.»

Não consigo recuperar o fôlego, porque Claire não pára de falar.

«Também encontrámos palavras escritas na parede da cave, atrás de uma prateleira. Embora não tenhamos ainda os testes de ADN, o tipo de sangue corresponde ao de Naomi.»

Quando Claire diz as palavras que estavam na parede, o meu coração pára.

Tobias.

Surdo.

Sessenta e um

Naomi não podia ter escrito o nome de Tobias. Nunca o conheceu.

Ando com isto às voltas na cabeça, a tentar perceber como pode ter acontecido. A Lindsay conhecia o Tobias. Sabia que era surdo.

Mas o seu corpo foi encontrado antes de Naomi desaparecer. Elas não podiam ter falado, não podiam ter trocado uma informação dessas.

Millicent era a única.

Não faz sentido. Nada disto faz sentido.

Quando recebo o meu almoço e me vou embora, ligo o rádio para ouvir o final da conferência de imprensa. Quando termina, os locutores continuam a falar. Repetem aquelas palavras na parede até à exaustão.

Tobias.

Surdo.

Naomi não sabia do Tobias.

A Lindsay sim.

E Millicent.

Encosto na berma da estrada. A minha mente está tão baralhada que não consigo pensar e conduzir ao mesmo tempo.

Tobias.

Surdo.

Desligo o rádio e fecho os olhos. Só consigo ver Naomi na cave da igreja, acorrentada àquela parede. Tento expulsá-la da minha mente, tento pensar com clareza. No entanto, continuo a vê-la, enrolada a um canto, suja e coberta de sangue.

Isso deixa-me maldisposto. A bília sobe-me pela garganta; sinto o sabor na minha boca. Saio do carro, sentindo-me nauseado, e o telefone toca.

Millicent.

Já está a falar quando atendo.

— Pneu furado? — pergunta.

— Como?

— Estás sentado na berma da estrada.

Ergo o olhar, como se um drone ou uma câmara estivesse a apontar para mim, mas o céu está limpo. Nem um pássaro.

— Como é que sabes onde estou?

Ela suspira. Um grande suspiro exasperado; detesto quando ela faz isto.

— Olha para debaixo do carro — diz.

— O quê?

— Debaixo. Do. Carro.

Ajoelho-me e olho. Um localizador. Igual ao que pus no seu carro.

Foi por isso que nunca soube da igreja.

Ela sabia que eu andava a segui-la.

A compreensão do que está a acontecer explode como uma bomba na minha cabeça.

Só há uma pessoa que pode ter escrito aquela mensagem, usando o sangue de Naomi. Soube-o assim que o ouvi — só andava à procura de outra explicação.

Ela não existe.

— Incriminaste-me — digo. — Por todas elas. A Lindsay, a Naomi...

— E as outras três. Não te esqueças delas.

A minha mente inunda-se de imagens de Millicent a matar mulheres sozinha e a incriminar-me pelos homicídios.

Agora sei o que a minha mulher andou a fazer, enquanto fiquei em casa com Jenna todos aqueles dias e noites em que ela esteve doente.

O futuro desenrola-se à minha frente como um sangrento tapete vermelho.

Encosto na berma da estrada. Fecho os olhos, inclino a cabeça para trás e penso em todas as maneiras como Millicent pode incriminar-me. Todo o ADN a que tem acesso. Tudo o que podia plantar, entregar à polícia. Isto nem tão-pouco inclui as pessoas que me conheceram como um surdo, chamado Tobias.

Annabelle. Petra. Até os empregados de bar.

Eles vão-se lembrar.

Tudo vai apontar para mim.

A minha mente combate esta ideia. Ando em círculos, a mapear uma ideia, a segui-la até ao fim, percebendo que nunca vai resultar. Todos os caminhos estão bloqueados, todas as ideias já foram previstas por Millicent. Parece um labirinto gigantesco sem saída. Não sou um planificador, afinal, não como a minha mulher.

Ando de um lado para o outro junto ao carro. A minha cabeça parece estar a sofrer um choque atrás do outro.

— Millicent, porque estás a fazer isto?

Ela ri-se. Sinto-o como uma dentada.

— Abre o porta-bagagem.

— O quê?

— O porta-bagagem — repete. — Abre-o.

Hesito, imaginando o que pode estar lá dentro, perguntando-me se é possível ser algo ainda pior.

— Vá — insiste.

Abro o porta-bagagem.

Nada lá dentro, exceto o meu equipamento de ténis. Nem uma única raqueta fora do lugar.

— O que é que...

— O pneu sobressalente — declara.

O meu telefone, o descartável. O que tem mensagens de Lindsay e Annabelle. Procuro no interior do pneu, mas não o encontro. Em vez disso, encontro outra coisa.

Pixy Stix.

Lindsay.

A primeira com quem dormi.

Aconteceu depois daquela primeira caminhada.

És giro. Foi isso o que a Lindsay disse.

Não, tu és que és.

A voz de Millicent trouxe-me de volta ao presente.

— Sabes, é extraordinário o que as pessoas te contam quando estão trancadas durante um ano.

— O que é que...

— Ela viu-te na noite em que a apanhámos. A Lindsay estava a acordar antes de saíres. Ficou muito espantada quando percebeu que não eras mesmo surdo.

Sou atingido por uma náusea avassaladora. Por causa do que fiz. Por causa do que a minha mulher fez.

— O mais engraçado — continua ela — é que a Lindsay pensou que eu estava a torturá-la por ter dormido contigo. Tentei dizer-lhe que não era isso, pelo menos no princípio, mas acho que ela nunca acreditou.

— Millicent, o que é que fizeste?

— *Eu* não fiz nada — diz Millicent. — Tu é que fizeste. Foste tu que fizeste isto tudo.

— Não sei o que achas que aconteceu...

— Não me subestimes pondo-te a negar.

Mordo a língua até provar o sangue.

— Há quanto tempo andas a planear isto?

— Isso interessa?

Não. Já não interessa.

— Posso explicar? — pergunto.

— Não.

— Millicent...

— O quê? Queres pedir desculpa, porque foi uma coisa que aconteceu, e não significou nada?

Mordo a língua. Literalmente.

— Então, o que é que vais fazer? — provoca-me. — Fugir e esconder-te ou ficar e lutar?

Nenhuma das coisas. Ambas.

— Por favor, não faças isto.

— Vês, é este o teu problema.

— O quê?

— Concentras-te sempre nas coisas erradas.

Começo a perguntar-lhe quais são as coisas erradas, mas interrompo-me. Estou a ter provas de que tem razão.

Ela ri-se.

A chamada é cortada.

Sessenta e dois

Eu devia vomitar. Devia livrar-me de tudo o que tenho no estômago, porque quando a mulher com quem sou casado há quinze anos me incrimina pela morte de múltiplas mulheres, isso devia deixar-me doente. Em vez disso, parece que todo o meu corpo foi injetado com novocaína.

Não é mau, porque consigo pensar, em vez de sentir.

Fugir e esconder-me. Ficar e lutar.

Nenhuma das opções é apelativa. Nem a prisão, nem a sentença de morte, nem a injeção letal.

Fugir.

Primeiro, faço um balanço do que tenho. Carro, meio depósito de combustível, *Panini*, parte de um café gelado e cerca de duzentos dólares em dinheiro. Os cartões de crédito não posso usar, porque a Millicent vai estar atenta.

Pergunto-me se haverá tempo para fazer um levantamento no banco.

Para além disso, as minhas opções são consideravelmente reduzidas. Não posso ficar com o carro, a não ser que me livre da matrícula, e depois há a questão do sítio para onde vou. O Canadá é demasiado longe. Quando lá chegar, a minha fotografia vai estar em todos os noticiários.

O México é a única hipótese que tenho para ir de carro, e até isso será uma sorte. Depende da rapidez com que tudo se desenrolar. O meu nome e fotografia podem ser publicados numa questão de horas.

Podia voar para fora do país, mas, nesse caso, precisaria definitivamente de usar o passaporte. Ficariam a saber onde tinha aterrado. E, em momento nenhum, me tinha preparado para este tipo de fuga.

Millicent sabia-o.

Fugir vai fazer com que seja apanhado.

Também significa deixar os meus filhos. Com Millicent.

Agora, vomito mesmo. Na berma da estrada, atrás do carro, esvazio o estômago. Não paro até não haver nada lá dentro.

Fugir e esconder-me. Ficar e lutar.

Começo a considerar uma terceira opção. E se entrar simplesmente numa esquadra da polícia e lhes contar tudo?

Não. Millicent pode ser presa, mas eu também o seria. Alegar inocência não é opção, porque não é verdade.

Mas tem de haver uma maneira de a implicar a ela e não a mim, porque eu nunca matei ninguém. Podia fazer um acordo com o advogado certo, o procurador certo, a prova certa. Só que não tenho prova nenhuma. Ao contrário de Millicent, não tenho andado a arranjar maneira de incriminar a minha mulher.

Concentras-te sempre nas coisas erradas.

Talvez ela tenha razão; talvez o motivo não interesse. Mas vai interessar. O motivo é o que me vai perseguir, aquilo em que vou pensar à noite quando estiver deitado na cama. Se estiver numa cama. Posso estar no catre de uma prisão. Ela tem razão em relação aos porquês. É a coisa errada em que se pode pensar.

Fugir e esconder. Ficar e lutar.

As opções repetem-se uma e outra vez, como aquelas palavras escritas na parede da cave. Millicent declarou aquelas opções como se fossem as únicas que existissem. Como se fosse uma questão de escolher entre uma e a outra.

Está enganada. Estas opções estão erradas.

Primeiro, vou ficar. Deixar os meus filhos não é uma opção.

E, se ficar, vou ter de me esconder. Pelo menos até encontrar uma maneira de fazer com que a polícia acredite em mim sobre a Millicent.

O que significa que tenho de lutar.

Ficar, esconder, lutar. A primeira é fácil. Não fugir.

A polícia. Podia ir à polícia e contar-lhes tudo, contar-lhes...

Não. Não posso fazer isso. Tenho sangue nas mãos, e até um novato perceberá isso. Então, se não posso ir à polícia, tenho de a evitar.

Dinheiro. Tenho duzentos dólares na carteira, o que não vai durar muito. Dirijo-me ao banco e levanto todo o dinheiro que consigo sem desencadear um alerta nas Finanças. Millicent vai saber disto, porque o localizador continua no meu carro.

Millicent. Há quanto tempo saberia? Há quanto tempo andaria a seguir-me? Quando começou ela a planear isto? As perguntas são intermináveis e impossíveis de responder.

Com tudo aquilo por que temos passado, com tudo o que fizemos juntos, não consigo conceber que ela não tivesse falado comigo, não me tivesse questionado, não me tivesse dado sequer o benefício da dúvida. Em vez disso, não tive a menor hipótese, oportunidade nenhuma de explicar.

Parece um bocado louco.

E desolador.

Mas não tenho tempo para pensar em nada disto. Em menos de uma hora, a minha vida foi reduzida ao seu nível mais básico: sobrevivência.

Até agora, não me estou a sair muito bem. Millicent sabe onde me encontro, e eu não faço ideia do que devo fazer a seguir.

Casa. Ainda é para onde vou sempre.

Agarro no que posso — roupas, artigos de higiene, o meu portátil. O que usávamos para procurar as mulheres desapareceu, provavelmente destruído, mas encontro o *tablet* de Millicent, e levo-o. E fotografias. Tiro duas fotografias dos miúdos das paredes. E envio-lhes uma mensagem.

Não acredites em tudo o que ouvires. Adoro-te.

Antes de sair, desligo o localizador de GPS, mas fico com ele. Durante algum tempo, ela vai ficar a perguntar-se se estou em nossa casa. Talvez. Mas isso é presumir que conheço a minha mulher.

Arranco com o carro e desço a rua sem fazer ideia para onde devo ir a seguir.

Um edifício vazio, um motel na beira da estrada, um parque de estacionamento? O pântano, a floresta, os trilhos de caminhada? Não faço ideia, mas não me parece inteligente ir para um sítio que não conheça. Preciso de um local calmo, qualquer um onde consiga pensar. Um sítio onde ninguém me incomode durante umas horas.

A mais completa falta de opções e originalidade faz-me ir para o *Country Club*.

Como funcionário, tenho uma chave dos escritórios, que nunca uso, bem como das salas dos equipamentos e dos *courts*. Faço uma breve

paragem na loja para comprar um saco de comida, porcarias, na maioria, e mantenho-me fora da vista até depois das nove. É nessa altura que as luzes se apagam nos *courts* de ténis, e os seguranças trancam tudo para a noite que se avizinha.

É para aí que vou. O clube tem câmaras dentro do edifício. Não há câmaras nos *courts*.

Sessenta e três

Tudo nos *courts* de ténis me é familiar. Cresci aqui. Foi aqui que aprendi a jogar ténis, mas não foi só isso que aqui fiz. O meu treinador fez-me correr em volta deste espaço vezes intermináveis para me pôr em forma. Ganhei aqui troféus, mas também levei grandes tareias, por vezes, ambos no mesmo dia.

Este era o meu refúgio; era para aqui que vinha para fugir dos meus amigos, da escola e, sobretudo, dos meus pais. No princípio, vinha para ver se eles andariam à minha procura. Como nunca o fizeram, usava isto como esconderijo. Dei aqui o meu primeiro beijo.

Lily. Era um ano mais velha do que eu e bem mais experiente, ou, pelo menos, assim parecia. Numa noite de Halloween, há cerca de um milhão de anos, eu e os meus amigos vestimo-nos de piratas. Ela e as amigas vestiram-se de bonecas. Encontrámo-nos todos algures em Oaks, enquanto andávamos no doçura-ou-travessura, e Lily disse-me que eu era fofo. Presumi que isso significava que ela me amava, e acho que era verdade.

Um comentário levou a outro, e não demorou muito a perguntar-lhe se queria ir a um sítio fixe. Ela disse que sim.

«Fixe» podia ter sido um exagero, mas, aos treze anos, achava fixe estar fora de casa, à noite, com uma rapariga. Lily também não achou assim tão mau, porque me beijou. Sabia a chocolate e alcaçuz, e adorei.

Por um segundo, estou tão embrenhado nesta memória que tudo me parece estar bem. Não está. Estou neste *court* de ténis, porque a polícia anda atrás de mim e não posso ir para casa.

No entanto, pensar em Lily, faz-me pensar que tenho, de facto, um sítio para onde ir.

O despertador do meu telefone acorda-me às cinco da manhã. Levanto-me com um pulo, junto as minhas coisas, e volto para o carro. Tentar dormir num banco de um *court* de ténis deu-me tempo suficiente para elaborar um plano. A Internet no meu telefone ajudou-me. Descobri que existem dezenas de sítios que explicam como desaparecer, como sair da rede, como escapar à polícia, ao patrão, à nossa mulher zangada. Toda a gente quer fugir de alguma coisa.

Saio da cidade, apanho a interestadual e não paro durante, pelo menos, uma hora. Por fim, entro numa bomba de gasolina, ligo o localizador e colo-o debaixo de um semirreboque. Depois de tirar a bateria do meu telemóvel, paro numa loja de conveniência e compro um descartável barato.

Em seguida, volto para Hidden Oaks.

A Internet não recomenda esta parte, mas ela não tem filhos. Se eu não tivesse filhos, continuaria a conduzir, trocaria a matrícula do meu carro, ou livrava-me dele. Apanhava um autocarro de estado para estado, e acabava no México.

Não é uma opção. Não quando o Rory e a Jenna ainda estão com a minha mulher.

A meio do caminho de regresso, paro num supermercado e compro o suficiente para encher a bagageira. Verifico todos os jornais à procura da minha cara, mas não a vejo em lado nenhum. Os títulos mostram apenas aquelas duas palavras.

TOBIAS SURDO

Enquanto conduzo na direção de casa, pergunto-me se estou a ser estúpido outra vez.

*

Há dois portões em Oaks. O principal é onde estão os guardas; é preciso passar por eles para se entrar.

Todavia, Hidden Oaks é bastante grande, dado que tem todo um campo de golfe e centenas de casas, por isso, há um portão na parte de trás. Ou

antes, dois portões. Um exige um código; o segundo, um comando como o que se usa nas garagens, mas ali não há guardas. É por aqui que entro.

Uma vez lá dentro, passo pelas casas menos caras, pela urbanização média, e chego a uma casa com o dobro do tamanho da minha. Tem seis quartos, pelo menos, o mesmo número de casas de banho e uma piscina atrás. A casa de Kekona está vazia, porque ela continua no Havai.

Esta é a parte mais brilhante do meu plano. Ou a mais estúpida. Só saberei quando tentar lá entrar.

Era aqui que Lily vivia. Naquela noite de Halloween, tornou-se a minha primeira namorada. Saí muitas noites de casa para ir ter com ela ali, como o meu filho faz agora com a namorada dele.

Já passaram muitos anos, desde que o fiz, e a casa foi pintada, remodelada e atualizada. As fechaduras provavelmente mudaram muitas vezes. Contudo, o imobiliário tem destas coisas. As pessoas mudam sempre as fechaduras das portas principais e das traseiras. Aposto que a fechadura das portas de vidro atrás, ou a do terraço no último andar, nunca foram mudadas. A fechadura dessas portas nunca fechou como devia ser. Não precisava de chave.

Subir com a minha idade não é tão fácil como era naquela altura, mas não tenho medo de ser visto. A casa de Kekona fica bem no meio de Oaks, na área exclusiva onde toda a gente tem mais terreno do que necessita. Os vizinhos que estão mais próximo mal se veem da frente, quanto mais das traseiras.

Sem saber como, consigo chegar ao topo sem cair, e, de facto, percebo-o antes mesmo de experimentar. As portas foram pintadas, talvez até isoladas, mas a fechadura é a mesma. Sorrio, pela primeira vez, em vinte e quatro horas.

Minutos mais tarde, estou lá dentro e volto a sair pela garagem. Kekona tem um carro, um SUV, o que deixa ainda espaço na sua garagem para o meu.

Levo os sacos de compras para dentro, tomo um duche e instalo-me. Pela primeira vez, sinto que tenho uma hipótese. Não sei muito bem hipótese de quê, mas, pelo menos, já não estou a dormir num *court* de ténis.

Quando abro o meu portátil, sou assaltado pelo problema número um: a palavra-chave do *wireless*.

Kekona descolou o autocolante com o código do fundo do *modem*, por isso, não é fácil descobrir a palavra-passe. Levo demasiado tempo a

perceber que o autocolante está colado na porta do frigorífico.

Uma vez em linha, procuro uma forma de entrar no *tablet* de Millicent. Isso exige a inserção de um PIN de quatro dígitos. Sei, sem precisar de tentar, que ela nunca usaria uma data de nascimento genérica. Preciso de uma forma melhor.

Nos noticiários, não param de falar da conferência de imprensa de Tobias e das três mulheres na cave.

Tento perceber quem são, quem poderá Millicent ter escolhido. Mulheres da nossa lista? Mulheres que rejeitei, como Annabelle ou Petra? Espero que não seja Annabelle. Ela não fez nada para merecer aquilo de Millicent.

Não, isso não faria sentido. Alguém tem de estar vivo para identificar um homem surdo, chamado Tobias. Ela não podia ter matado toda a gente que o viu.

Talvez Millicent tivesse escolhido desconhecidas, mulheres que eu nunca vi ou com quem nunca falei. Ou talvez isso fosse demasiado aleatório para ela.

Digo a mim mesmo para parar. A minha mente anda em círculos, sem chegar a lado nenhum.

Continuo a trabalhar no *tablet*, esperando encontrar respostas. Quando o Sol se põe, não estou mais perto de conseguir entrar numa sessão.

São seis da tarde, e devia estar em casa a jantar. Esta é noite de cinema, e não estou presente. Se a minha mensagem não fez com que Rory e Jenna percebessem que alguma coisa de errado se passa, a minha ausência vai fazê-los perceber.

Acordo a julgar que estou em casa. Ouço Millicent no andar de baixo, a voltar da sua corrida, a preparar o pequeno-almoço. O calendário de hoje percorre-me a mente; a minha primeira aula é às nove. Viro-me e caio no chão com estrondo.

Não estou em casa. Dormi no sofá do salão de Kekona. O seu sofá modular verde é enorme, mesmo assim, caio quando me viro. A realidade atinge-me com o duro soalho de madeira.

A televisão está acesa, a máquina de café está ligada, tal como o computador. Passei a noite a fazer listas. O que sei, o que não sei, o que preciso de saber. Como obter a informação de que necessito. A última lista

é um pouco curta, porque não sou nenhum pirata informático nem detetive. O que sei é que há duas maneiras de enfrentar isto: provar que ela matou aquelas mulheres, ou provar que eu não as matei. Em termos ideais, as duas coisas.

Na noite em que a Naomi desapareceu, fui para casa e fiquei com os miúdos, deixando Millicent sozinha com ela. O mesmo aconteceu com a Lindsay; estava com Jenna, que estava doente. Os miúdos são o meu álibi, mas não são um bom álibi. Quando estão a dormir não podem garantir nada.

Mas posso provar que foi Millicent? Não mais do que posso provar que não fui eu.

O *tablet* de Millicent é um problema maior do que tinha pensado. Embora exista *software* que faz o *reset* de um PIN, isso só pode ser feito se estiver ligado ao *email* do *tablet*. Outra palavra-passe que não tenho e não consigo adivinhar. A meio da noite, recorri à leitura de fóruns de piratas informáticos, povoados de adolescentes em busca da mesma coisa que eu.

Podia haver outra forma. Talvez. Mas só se conseguisse convencer alguém a ajudar-me.

Passo metade da noite a pensar se será melhor pedir agora, antes de ter a minha cara nos noticiários, ou depois de ser um homem procurado. Tento imaginar alguém a vir ter comigo para me ajudar, alguém que pode ou não ser um psicopata. Ajudá-lo-ia ou bater-lhe-ia com a porta na cara e chamaria a polícia?

A resposta é a mesma. Depende.

E as minhas opções são limitadas. Os meus amigos são os amigos de Millicent; partilhamo-los. Tenho muitos clientes, mas a maioria não passa disso. Apenas uma possibilidade me ocorre — a única pessoa que pode, ao mesmo tempo, estar disposta e ser capaz de me ajudar.

Se Andy concordar.

Sessenta e quatro

O Golden Wok é um restaurante chinês que fica a trinta minutos de Hidden Oaks. Já lá estive uma vez a caminho de outro sítio qualquer, e é como qualquer outro bufete chinês. Chego cedo e encho o meu prato com vaca mongol, porco agri-doce, *chao min* de galinha e crepes. A meio da refeição, Andy Preston chega e vem ter comigo.

Levanto-me e estendo-lhe a mão. Ele afasta-a e dá-me um abraço.

Andy não é o mesmo homem que conheci antes de Trista se suicidar, nem é o mesmo homem que vi no seu funeral. O peso a mais desapareceu; agora está quase demasiado magro. Não saudável. Digo-lhe para pegar num prato.

O bufete chinês foi escolha dele. Saiu de Hidden Oaks depois de Trista morrer, e Kekona disse-me que o meu amigo deixou o emprego e passa os dias na Internet a encorajar desconhecidos a não se matarem. Acredito nisso.

Andy senta-se à mesa e mostra-me um sorriso. Parece vazio.

— Então, como vão as coisas? — pergunto. — Como estás?

— Não estão ótimas, mas podiam estar piores. Pode-se sempre estar pior.

Anuo, impressionado por ele conseguir dizer uma coisa assim depois do que lhe aconteceu.

— Tens razão.

— E tu? Como está a Millicent?

Pigarreio.

— Oh, oh! — exclama.

— Preciso de ajuda.

Ele acena com a cabeça. Não faz uma única pergunta — porque continua a ser meu amigo, mesmo que eu não tenha sido um grande amigo para ele.

Durante toda a manhã, andei a pesar o que devia contar ao Andy sobre a minha situação. Primeiro, o *tablet*. Tiro-o do meu saco de desporto e passo-lho sobre a mesa laminada.

— Consegues ajudar-me a entrar nisto? Tem um PIN, e não faço ideia de qual é.

Andy olha para o *tablet* e depois para mim. Os seus olhos parecem um pouco mais alerta.

— Qualquer criança de oito anos consegue entrar nesta coisa.

— Não posso pedir aos meus filhos.

— Então, é da Millicent.

Anuo.

— Mas não é o que pensas.

— Não?

— Não. — Aceno para o seu prato. — Acaba lá de comer. Depois, conto-te tudo.

Digo «tudo», mas não é verdade.

Quando terminamos a refeição, vamos sentar-nos na carrinha dele. É uma carrinha de caixa aberta antiga, e nada como o carro desportivo que ele costumava conduzir.

— O que foi que fizeste? — pergunta-me.

— O que te faz pensar que eu fiz alguma coisa?

Olha-me de lado.

— Estás com um ar péssimo, tens um novo número de telefone e queres entrar no computador da tua mulher.

Por mais que queira contar tudo a alguém, não posso fazê-lo. Não importa há quanto tempo somos amigos, há limites para a amizade. O homicídio é um deles. Tal como esconder segredos sobre a mulher de um amigo.

— Traí a Millicent — digo.

Ele não parece surpreendido.

— Não foi uma boa ideia, pelo que estou a ver.

— Isso é um eufemismo.

— Então, ela pôs-te na rua e quer ficar com tudo? A casa, a poupança-reforma, o fundo para a universidade dos miúdos?

Quem me dera que fosse isso o que ela queria.

— Não, propriamente — respondo. — A Millicent quer mais do que isso.

— Não posso dizer que esteja espantado. — Faz uma pausa por um segundo, abanando a cabeça. — Agora que já lixaste tudo, posso dizer-te a verdade.

— Qual verdade?

— Nunca gostei da Millicent. Sempre me pareceu um pouco fria. Sinto vontade de rir, mas isso parece desadequado.

— Está a incriminar-me por coisas que eu não fiz. Coisas muito más.

— Coisas ilegais? — pergunta.

— Sim. Bastante.

Ele ergue uma mão, como que para me impedir de dizer mais.

— Então, eu tinha razão. É fria, mesmo.

— Tens razão.

Ele não diz nada durante uns minutos. Passa a mão pelo volante, o tipo de coisa que uma pessoa faz sem pensar, porque está demasiado ocupada a pensar. Exige um grande esforço manter-me de boca fechada, deixá-lo decidir até que ponto sou louco.

— Se só querias entrar nesse *tablet*, porquê contar-me o resto? — quer saber.

— Porque somos amigos há muito tempo. Devo-te a verdade.

— E?

— E porque provavelmente vou andar nos noticiários daqui a pouco.

— Nos noticiários? O que raio é que ela te está a fazer?

— És a primeira pessoa que me vê desde ontem — digo. — Por favor, não contes a ninguém.

Ele olha pela janela para o anúncio em néon do Golden Wok.

— Não vou querer saber mais, pois não?

Abano a cabeça.

— É esse um verdadeiro favor, então — diz. — Ficar calado.

— Mais ou menos. Sim. Mas preciso mesmo de entrar nisso — explico, apontando para o *tablet* de Millicent. Está pousado no painel de instrumentos de Andy. — Ajudas-me?

Mais uma vez, ele fica em silêncio.

Andy vai fazê-lo. Pode ainda não o saber, mas já decidiu ajudar. Caso contrário, não estaria aqui. E, olhando para ele, penso que pode precisar disto tanto quanto eu.

— Sempre foste um chato — diz. — E, para que saibas, as tuas aulas de ténis eram demasiado caras.

Sorrio um pouco.

— Fica registado. Mas acusaste-me de ir para a cama com a tua mulher. Deves-me uma.

Ele anui.

— Dá-me lá isso.

Passo-lhe o *tablet*.

O pior é a espera. É como saber que uma bomba vai detonar, mas não quando, nem onde. Nem quem. Passo o dia seguinte na sala de multimédia de Kekona. Tem um ecrã tão largo como a parede, e sofás reclináveis de pele. Vejo Josh falar sem parar de Tobias. Até fala com especialistas sobre como é ser-se surdo.

Tenho de admitir que alguma da informação é interessante. Teria sido útil possuí-la quando precisei dela.

A música das notícias de última hora interrompe os meus devaneios. A fotografia no ecrã faz o meu coração dar um pulo.

Annabelle.

A doce Annabelle, a fiscal da empresa de estacionamento, cujo namorado foi morto por um condutor embriagado.

Ela está viva.

E ainda é tão gira como dantes, com o cabelo curto e as feições delicadas, mas não está a sorrir. Não parece nada feliz quando Josh a apresenta como uma «mulher que conheceu o homem surdo de nome Tobias».

Não é de admirar que seja a primeira a dar a cara. Não conseguiu salvar o namorado, por isso, quer salvar todos os outros.

Annabelle conta a sua história como a conhece, começando pelo momento em que quase multou o carro que eu dizia ser meu. Explica como nos encontrámos por acaso na rua e eu a convidei para me fazer companhia num copo. Até diz o nome do bar. Se Eric, o empregado, não foi já falar, fá-lo-á em breve.

Annabelle não omite nada, nem as mensagens que me enviou. A polícia tem agora aquele número de telefone.

Pergunto-me se Millicent vai atender quando ligarem.

Por fim, Annabelle diz que passou a manhã com um desenhador. O esboço surge logo após o final da entrevista.

Parece-se exatamente comigo, mas, ao mesmo tempo, não se parece nada.

Imagino Millicent a ver isto e a criticar o desenho, dizendo que o nariz é demasiado grande e talvez os olhos demasiado pequenos. Diria que falta o sinal junto à orelha, ou que o tom da minha pele é diferente. Ela veria tudo, porque é o que faz sempre.

Não demorará muito até eu ser identificado, embora as pessoas já devam andar à minha procura. O meu empregador, por exemplo. A Millicent deve estar a fingir-se frenética, a fingir que eu desapareci sem qualquer razão.

Jenna e Rory... Quem sabe o que estarão a pensar.

Passo o resto do dia dentro de casa, com medo de sair enquanto há luz.

Isso faz-me recordar o dia em que casei com Millicent, em casa dos seus pais, no meio do nada. Ainda a vejo com aquele vestido simples, o cabelo apanhado e salpicado de flores minúsculas, como se fosse uma espécie de fada ou ninfa que veio de outro mundo. Ela era assim, tudo nela era de outro mundo. Ainda é, suponho.

Também penso no que ela me disse nesse dia, porque é agora tão apropriado.

Vamos a isto.

As notícias começam a surgir mais depressa, o que não é de admirar. O público recebeu informação suficiente para poder fornecer mais ainda.

A segunda pessoa que diz conhecer Tobias é um empregado de bar, mas não é o Eric. Este jovem trabalha no bar onde conheci Petra. Josh, ainda que excitado com todas estas notícias, parece algo desiludido com este rapaz, que não se lembra do dia preciso, nem da hora, em que conheceu Tobias. Lembra-se de tão pouca coisa que é quase embaraçoso, pelo menos, para ele. Ainda por cima, engana-se na bebida. Tobias nunca beberia vodka com água tônica.

Fico quase ofendido com aquilo. Quase acreditei que Tobias era mais memorável do que isto.

Ou talvez este empregado seja um idiota.

Quando não acontece nada de novo, tudo é repetido. Vejo a entrevista de Annabelle vezes sem conta; repetem as melhores partes até eu as

decorar. Durante os intervalos para a publicidade, pergunto-me se os meus filhos estarão a ver os mesmos canais.

Sei que Millicent está. Consigo imaginá-la sentada no sofá, a ver Annabelle na nossa grande televisão. Na minha mente, Millicent sorri. Ou está de sobrolho franzido. As duas coisas.

No noticiário da noite, Eric aparece, mas noutro canal. Não é Josh que faz esta entrevista. Quem fala com ele é uma jornalista de meia-idade, uma das nossas mais famosas personalidades locais. Até agora, não a tenho visto cobrir nada neste caso — nem quando Owen tinha regressado, nem quando se descobriu que afinal já tinha morrido. O facto de se ter envolvido agora preocupa-me. Uma verdadeira caça ao homem está prestes a começar, ou já começou, e andam todos à minha procura.

Eric lembra-se de mais coisas do que o último empregado de bar, começando pela bebida: gim tónico. Descreve o meu fato, ao ponto de mencionar o tipo de gravata que usava. Lembra-se da cor dos meus olhos, do meu bronzado, até do comprimento do meu cabelo.

Cada nova revelação faz com que o meu estômago se revire. Consegui, não sei como, encontrar o único empregado de bar na cidade com memória fotográfica.

Numa questão de minutos, as outras estações repetem o que Eric disse. Deixa-me um pouco nauseado ouvir Josh repetir todas aquelas coisas pessoais a meu respeito. Quem me dera ter sabido a pessoa horrível que ele é realmente. Se soubesse, nunca lhe teria enviado aquelas cartas.

Mas suponho que não sou pessoa para julgar quem é horrível ou não.

Passam horas seguidas, até bem tarde, antes de começarem os filmes antigos e as televendas. Abro o meu portátil e pesquiso os sítios de crimes reais. O esboço do assassino está por todo o lado, bem como as entrevistas que acabei de ver, e percorro todos os fóruns. O meu nome não está ali, nem devia estar. Pelo menos, por enquanto.

Sessenta e cinco

Não durmo durante muito tempo. Uma hora depois de acordar, os canais noticiosos anunciaram uma conferência de imprensa de Claire Wellington. O café anda às voltas na minha barriga, enquanto espero que comece. Claire ainda não disse nada de bom, e sei que não o fará esta manhã.

É montado um palanque na esquadra da polícia. Está flanqueado pelas bandeiras dos EUA e do estado e rodeado de microfones, câmaras e luzes. Dez minutos depois da hora marcada, Claire sobe ao palanque. Não está de fato de calça-casaco. Hoje, traz uma saia azul-marinho e um casaco a condizer, que é do tipo dos fatos que Millicent usa, mas não tão justo. De alguma forma, sei que isto é um mau sinal.

Claire começa com o esboço do assassino que já foi publicado, e pede à comunidade que o cole nas lojas, escolas e edifícios públicos, bem como em sítios comunitários. Embora qualquer pessoa que ainda não o tenha visto por esta altura não deva ter televisão nem Internet. Ou esteja em coma.

Mas não é por isto que Claire está a dar uma conferência de imprensa. Este é só o seu número de abertura. O evento principal vem a seguir.

«Agora, tenho uma atualização a respeito das três mulheres que encontrámos na cave da igreja. Tentar identificá-las foi um processo demorado, tendo em conta os diferentes graus de decomposição. As impressões digitais também tinham sido removidas.»

Ela faz uma pausa e respira fundo. «Apesar das dificuldades, o médico legista de Woodview e os investigadores forenses fizeram um trabalho extraordinário. A primeira destas mulheres foi identificada, e a sua família foi contactada. Graças ao trabalho árduo de muitas pessoas, esta mulher jovem pode finalmente ser sepultada.»

Antes de dizer o nome da mulher, aparece uma foto no ecrã.

Eu conheço-a.

É Jessica.

A empregada do EZ-Go onde compro o meu café. Foi-se embora não há muito tempo. O tipo que a substituiu disse que ela tinha ido estudar para outro estado. Fico chocado por Millicent a conhecer. Millicent não compra café, nem outra coisa qualquer no EZ-Go.

Devia andar a seguir-me há muito mais tempo do que eu tinha percebido. Talvez Millicent sempre tivesse sabido o que eu fazia. E com quem falava.

Esta ideia faz com que o meu coração bata demasiado depressa. Pouso o café.

Na televisão, um ecrã dividido ao meio tem Jessica num lado e Claire no outro. A detetive ainda está a falar, a explicar que as outras mulheres ainda não foram identificadas.

Agora, sei o que Millicent fez. Matou mulheres que conheço, que podem estar relacionadas comigo. Talvez isto fizesse parte do plano para me incriminar.

Ou talvez ela pense que eu andava a dormir com todas elas.

Talvez tenha entrado em modo terra-queimada, destruindo todas as que podiam ser uma ameaça.

A minha mente anda às voltas com as outras duas. Nenhuma das minhas clientes. Nenhuma delas desapareceu recentemente, e, se tivessem desaparecido, eu havia de saber. As pessoas ricas não se desvanecem no ar sem que ninguém as procure.

Percorro todas as mulheres que conheço, em particular, mulheres jovens que se adequem ao perfil de Owen. Há algumas a trabalhar no clube como empregadas de bar, de mesa, vendedoras de loja. Conheço-as a todas de vista e cumprimentei a maioria. Algumas estiveram lá mais tempo do que outras. A maior parte *ainda* lá está; não estão mortas numa cave de igreja.

Exceto uma.

Beth.

A animada Beth, do Alabama, uma empregada de mesa do clube. Nunca tivemos um caso; era só uma mulher jovem simpática, e conversámos algumas vezes quando eu comia no clube. Mais nada.

Não há muito tempo, foi-se embora por causa de uma emergência familiar em Mobile. Foi o gerente do restaurante que mo contou. Ninguém questionou isto. Ninguém desconfiou que lhe tivesse acontecido alguma coisa. Ninguém apareceu à sua procura.

Se mais tempo tivesse passado, talvez a família tivesse dito alguma coisa.

Levanto-me e começo a andar de um lado para o outro — primeiro, em volta da sala de multimédia, depois, por toda a casa. Para cima, para baixo, entrando em todas as divisões, e recomeçando.

Mais uma.

Millicent matou uma terceira mulher. Mais ninguém desapareceu — pelo menos que eu saiba —, por isso, pergunto-me se podia ter sido Petra. Com Annabelle e os empregados para reconhecerem Tobias, porque não livrar-se dela?

Um telefone a tocar irrompe pelo meu pânico. O único que sabe o meu número é Andy.

— És tu — diz. Não menciona o esboço da polícia, nem precisa de o fazer.

Aceno para o telefone, como se ele me pudesse ver.

— Era isto que te estava a dizer — anuo. — Ela está a incriminar-me.

— Pois, percebi essa parte. Agora, não me transmitiste foi a magnitude da raiva dela.

— Eu disse-te que não ias querer saber. Eu disse-te.

— Como é que ela está a fazer isto?

Mais uma vez, quero contar-lhe, mas não consigo. Também não tenho nenhuma boa resposta.

— Se eu soubesse, contava à polícia.

Ele suspira mesmo antes de desligar.

— Raios — diz.

E ainda tem o *tablet* de Millicent.

Durante todo o dia, vejo as notícias, faço pesquisas no meu computador, procuro os meus filhos na Internet. A minha busca não revela nada de novo — apenas uns artigos antigos no jornal local da equipa de futebol de Jenna ou um torneio de golfe de Rory.

Olho para as fotografias que levei de casa. Parecem ser de há uma centena de anos, dos tempos em que eu tinha uma vida que agora me parece um sonho.

Noite. Estou junto à piscina a andar às voltas. Se Kekona tivesse vizinhos, pensariam que sou um louco, coisa que posso ser, mas não há ninguém suficientemente perto. Por isso, salto para dentro da piscina, vestido e tudo, e fico debaixo de água até não aguentar mais. O ar provoca-me um choque quando volto à superfície. Acorda-me e acalma-me ao mesmo tempo.

Saio da água e deito-me no pátio a olhar o céu, a tentar não pensar em como as coisas podem ainda piorar.

A minha vida foi ao ar, e devia sentir-me zangado. Penso que a fúria existe, a borbulhar sob a superfície, toda misturada com a tristeza e desolação, a culpa, a vergonha e o horror. Há de chegar, e vou ser sufocado por ela, mas ainda não. Não enquanto não descobrir como me livrar desta confusão.

E recuperar os meus filhos. Adormeço a pensar neles. Apenas em nós, não em Millicent.

O sol e as aves acordam-me. É tão pacífica, a casa de Kekona, tão fácil de fingir que o resto do mundo não existe. Compreendo porque raramente sai de Oaks. Porque haveria alguém, de livre vontade, de sair daqui para a realidade? Eu não sairia, se não fosse obrigado.

Com o tempo, volto a entrar e acendo a televisão.

Eu.

Eu estou naquela parede, a olhar para mim. A minha fotografia enche o ecrã, e o meu nome aparece ao fundo, juntamente com uma legenda.

PESSOA DE INTERESSE

Embora já esteja à espera, sinto os joelhos fracos.

Tão rápido. Toda a minha vida se desfez em menos de uma semana. Se não me estivesse a acontecer, não acreditaria que fosse possível.

A voz de Josh faz-me erguer o olhar. Ele está a falar, sempre a falar, mas hoje não como jornalista. Porque nos conhecemos no First Street Bar & Grill, é ele o entrevistado. A estrela.

A maior parte do que diz é mentira, e ainda por cima de forma abreviada. Eu abordei-o. Fiz-lhe perguntas sobre o caso. Supliquei-lhe que me desse os nomes das suas fontes. Salta a parte de ter ficado bêbado, de

chamar cabra a Claire Wellington, de se ter queixado da informação que tinha, mas não podia divulgar.

«Compreendo que a polícia esteja a chamar a este homem uma pessoa de interesse, e talvez não passe disso. Só posso dizer o que senti. Sabe aquela sensação de que alguma coisa está errada? Como um pequeno alarme que dispara na nossa cabeça, a dizer-nos para fugir? Foi o que este tipo me fez sentir.»

Esta observação é suficientemente sinistra para me fazer parecer culpado, embora Josh não estivesse em condições de sentir fosse o que fosse quando o conheci.

Quero voltar a pôr a bateria no meu telefone. Ver se os miúdos me enviaram alguma mensagem, se estão preocupados, se acreditam no que está a ser dito sobre mim. Ou quantas vezes a polícia ligou.

Em vez disso, estou sozinho, encurralado na linda casa de Kekona, sem ninguém com quem falar.

Até o telefone tocar. Andy.

Atendo, mas não digo uma palavra. Ele já está a falar.

— Aqueles assassínios deixaram a Trista mesmo perturbada. Quase fico contente por ela não poder saber quantos foram.

Se Trista estivesse viva, saberia que Owen não matou estas mulheres. E não teria razão para se matar. Não menciono isto.

— Eu lembro-me — digo. — Ela falou disso no clube.

— Mas não foste tu.

— Eu não matei aquelas mulheres. — É verdade. Só matei Holly, e ninguém a descobriu.

— Se eu descobrir o contrário...

— Chama a polícia — digo. — Entrega-me.

— Eu ia dizer que te mato pessoalmente.

Respiro fundo.

— Combinado.

— Entrei no *tablet*. Podes dizer-me onde estás?

— Para teu próprio bem, não...

— Não quero saber — interrompe. — Percebido.

Encontramo-nos noutro parque de estacionamento, não no do Golden Wok. O meu disfarce é um boné de basebol e óculos escuros, e não faço a

barba há dois dias. Não é grande coisa, mas ninguém está à minha procura dentro do SUV de Kekona. Saio pelo portão das traseiras de Hidden Oaks, para evitar os guardas.

Já está escuro, porque não quero sair durante o dia. Também não vou deixar que Andy veja o carro ou a matrícula, por isso, estacionei-o a dois quarteirões de distância e sigo a pé para o parque. Ele está fora da carrinha, com o *tablet* de Millicent na mão. Não há outros carros em volta, nenhuma luzes acesas. O parque pertence a uma loja de componentes automóveis falida.

Andy está um pouco mais direito do que na última vez que o vi. Tem o queixo levantado.

— Tens o raio do país inteiro à tua procura — observa.

— Sim, já percebi.

Andy vira-se e pousa o *tablet* no tejadilho, mantendo-o levantado com uma mão.

— Se me disseres que falhaste vou deixar de acreditar que és um génio — digo-lhe.

— Eu nunca falho. Mas não sei se te vai ser de grande utilidade. — Passa o dedo no ecrã, que se acende com um teclado. — Novo código. Seis, três, sete, quatro. Primeiro, as más notícias. Ela devia saber que tinhas levado isto, porque apagou tudo da nuvem.

— Claro.

— Não te preocupes... há algumas boas notícias. Ela tinha alguma informação guardada na *drive*. Não conseguiu lá chegar.

Mostrou-me algumas fotografias. Umas dos miúdos, outras de casas postas à venda e uma de uma lista de compras.

Abano a cabeça. É tudo demasiado corriqueiro para ser útil.

— Ela gostava de jogos — diz Andy. Abre alguns jogos de Match 3 e palavras cruzadas.

Qualquer esperança que tive desvanece-se como uma folha morta. Claro que não havia nada no *tablet*. Millicent nunca seria tão estúpida.

— Também encontrei umas receitas — diz, abrindo alguns PDF.

— Cogumelos recheados, não?

— O húmus de espinafres até me pareceu bom.

Suspiro.

— És um idiota.

— Ei, a mulher é tua — retorque. — Por fim, as buscas na Internet e os sítios que ela visitou. Ela limpou o histórico, mas recuperei a maior parte das coisas, pelo menos.

Não era muito. Mais receitas, sítios médicos sobre pulsos abertos e problemas de estômago, o calendário da escola e um monte de sítios de imobiliárias.

— Nada de interesse — digo.

— Não me parece.

Suspiro.

— A culpa não é tua. Obrigado por tentares.

— Estás em dívida para comigo para sempre, sabes? — diz ele.

— Se não passar o resto da vida na prisão.

Ele dá-me um abraço antes de se ir embora na sua velha carrinha.

Estou novamente sozinho, sem pressa para voltar para a casa de Kekona. Até uma casa grande pode ser sufocante.

Em vez disso, volto ao *tablet*, entrando em todos aqueles sítios de imobiliário que ela visitou. Ninguém é perfeito, digo a mim mesmo. Nem Millicent. De alguma maneira, nalgum lado, ela cometeu um erro.

Os meus olhos estão quase a sangrar quando o encontro.

Sessenta e seis

O sítio que Millicent mais visitou é uma base de dados de propriedades. Entrou nele todos os dias, pesquisando registos de vendas e transferências de bens imobiliários, os quais são informação pública. O seu *browser* registou as moradas que ela pesquisou.

Uma delas é um edifício comercial no número 1121 da Brownfield Avenue. Há seis meses, um homem chamado Donald J. Kendrick vendeu o edifício por cento e sessenta e dois mil dólares. O edifício existe há mais de vinte anos e teve um único habitante.

A charcutaria Joe's.

Donald vendeu o edifício a uma LLC³, pertencente a outra LLC e a uma terceira. Na verdade, o edifício pertence agora às R. J. Enterprises, LLC

Rory. Jenna.

Isto é Millicent a ser esperta, porque ela não o veria como um erro. Os nossos filhos nunca são um erro. Isto foi de propósito.

Recuo para seis meses antes, percebendo que foi logo depois de ela ter vendido três casas de seguida. Muito dinheiro para poder usar.

A Denise nunca foi cliente da Millicent.

É uma inquilina. Uma inquilina que conhece a irmã de Owen.

Conhecendo Millicent como a conheço, ela passou horas a pesquisar a história de Owen — a sua família, onde viviam e a escola onde andaram. Investigou até descobrir que Owen tinha morrido, depois, encontrou alguém que podia prová-lo. Como a irmã. Só precisava de a fazer voltar ao país.

Quem melhor do que uma velha amiga? Especialmente uma velha amiga com uma senhoria exigente. Alguém que contactou Jennifer Riley e lhe suplicou que falasse da morte de Owen.

Millicent. Sempre Millicent. E tudo nos últimos seis meses.

Agora, compreendo a sua reação sobre as Jane Does nas notícias. Millicent estava convencida de que mentiam; insistia que o verdadeiro

Owen não tinha regressado. Ela já sabia que ele tinha morrido.

A sua dedicação à minha destruição seria admirável se não fosse tão doentia.

Ainda assim, continuo sem qualquer prova. Apenas uma LLC e um edifício comercial, que até um mau advogado argumentaria ser um investimento, não uma conspiração para incriminar alguém por homicídio.

Volto para Hidden Oaks e entro pelo portão das traseiras, usando o comando de Kekona para o abrir. Uma vez lá dentro, sinto vontade de passar pela minha casa. O Sol está a nascer, e pergunto-me se os miúdos estarão a dormir. Se conseguem dormir. Se vivêssemos em qualquer outro sítio, estariam cercados por jornalistas. Não aqui. O público não teria acesso.

Mas não passo por lá. Isso seria estúpido.

Em vez disso, volto para a casa de Kekona e ligo o seu ecrã gigante.

Eu. É tudo sobre mim.

Agora que fui identificado, toda a gente tem alguma coisa a dizer sobre mim, e todos o dizem para a câmara. Antigos clientes, colegas, conhecidos — todos têm uma palavra a dizer sobre o facto de eu ser uma pessoa de interesse. Uma pessoa de interesse desaparecida.

«Bom tipo. Um pouco simpático demais, talvez, mas o que seria de esperar de um treinador de ténis?»

«A minha filha teve aulas com ele, e agora só dou graças por ela estar viva.»

«Costumava vê-lo no clube. Sempre a tentar angariar clientes.»

«Eu e a minha mulher conhecemo-lo há anos. Nunca teria imaginado. Nunca.»

«Aqui em Hidden Oaks? Isto é inacreditável. Mesmo.»

«Aterrador.»

Josh está agora a ser entrevistado por outros jornalistas, porque ter falado comigo torna-o parte da história.

O meu patrão diz que fui o melhor professor de ténis que alguma vez contratou, e que é uma pena que seja psicopata.

E Millicent. Não aparece em frente às câmaras, nem mostram uma fotografia dela, mas a minha mulher emite uma declaração:

Os meus filhos e eu pedimos que respeitem a nossa privacidade durante este tempo inimaginavelmente difícil. Estou a cooperar totalmente com a polícia e não tenho mais nada a declarar, neste momento.

Curto, doce e escrito por Millicent. Provavelmente ditado por um advogado, talvez algum dos seus clientes. Alguém que já foi meu amigo.

Agora, só tenho o Andy, embora ele me matasse se soubesse a verdade.

Penso em Kekona, pergunto-me se será minha amiga, se acreditaria em mim se estivesse aqui. Conhecemo-nos há pelo menos cinco anos, e conversávamos descontraidamente nas nossas aulas. Mesmo quando falta a uma aula não deixa de pagar, e, quando dá uma festa, convida-nos sempre. Isto fará dela uma amiga? Já não sei.

Não estou habituado a estar tão sozinho. Durante dezassete anos, Millicent esteve sempre comigo, e, grande parte desse tempo, os miúdos também. Tenho tido uma família com que me preocupar, uma família que se preocupa comigo. Depois dos primeiros anos de volta a Hidden Oaks, os meus velhos amigos começaram a casar-se, a mudar-se, a iniciar as suas próprias famílias. Não parecia importar que eles não estivessem presentes. Eu estava suficientemente ocupado sem eles.

Agora, vejo o meu erro. Concentrar-me apenas na minha família deixou-me isolado e sozinho, tirando aquele único amigo que nunca pode saber a verdade.

*

O meu festim de autopiedade é interrompido por Claire Wellington, que aposto odeia festins. Deve ser das que olham para o relógio, bebericam um copo de água e procuram uma maneira qualquer de se escapulir. Não faço ideia se estou certo, mas acredito nisto, de algum modo.

Ela dá outra conferência de imprensa às cinco da tarde, mesmo a tempo do noticiário da noite. Hoje, o seu fato é de um feio tom de cinzento, que lembra a flanela, só que não é flanela, porque estamos na Florida e isso seria ridículo. O seu cabelo está baço, tal como a sua pele. Claire não deve dormir muito e, provavelmente, devia parar de trabalhar tanto.

«Como toda a gente sabe, temos uma equipa de pessoas a trabalhar para identificar as mulheres encontradas na cave da igreja. Jessica Sharpe, de vinte e três anos, foi a primeira a ser identificada. Agora, conseguimos identificar as outras duas.»

Respira fundo, e eu também.

Há cavaletes erguidos em cada um dos lados do palanque. As duas fotografias estão cobertas, e um polícia fardado revela a primeira.

Tinha razão. É Beth.

Está sem maquilhagem na foto, e tem o cabelo preso num rabo-de-cavalo. Isto fá-la parecer ter uns doze anos.

«Beth Randall tinha vinte e quatro anos, era natural do Alabama e trabalhou recentemente como empregada de mesa no *Country Club* de Hidden Oaks. Não há muito tempo, os pais receberam uma carta que julgavam ser dela. Quem quer que a escreveu dizia que Beth se ia mudar para o Montana para trabalhar numa quinta.»

Claire faz uma pausa, enquanto as câmaras se concentram na fotografia de Beth. Depois, vira-se para o outro cavalete. Ainda penso que deve ser Petra. Não consigo pensar noutra pessoa que tenha desaparecido ou saído da região. E há muito tempo que não procuro notícias de Petra. Se pudesse sair de casa, talvez o tivesse feito.

O agente destapa a foto.

Desta vez, estou enganado. Não é Petra.

É Crystal.

A mulher que trabalhou para nós.

A que me beijou.

Nem sequer tinha pensado nela. Agora que penso nisto, devia ter percebido, mas não via Crystal há mais de um ano. Não temos tido qualquer contacto desde que ela deixou de trabalhar para nós.

Saberia Millicent do beijo? Foi por isso que matou Crystal? Ou não passaria de um dano colateral, parte do grande plano de Millicent?

Posso nunca vir a sabê-lo. De todas as perguntas que faria a Millicent, esta não estaria nas primeiras dez.

Mas talvez Crystal lhe tivesse contado. Ao ser torturada.

Não quero pensar nisso.

A conferência de imprensa prossegue, e Claire apresenta um homem cujo nome reconheço de um documentário sobre Owen. É um conhecido avaliador de perfis, agora reformado, que trabalha como consultor independente e escreveu vários livros sobre criminalidade real. Este homem — alto, magro, decrépito — sobe ao palanque e diz que nunca conheceu um assassino como eu.

«Ele mata mulheres que conhece de uma forma periférica, como a empregada da caixa, e também criou uma personagem autónoma, um homem surdo, chamado Tobias, que usa para encontrar mais vítimas. A variedade dos métodos usados pode ser o que fez com que tivesse passado tanto tempo sem ser descoberto.»

Ou talvez seja tudo uma mentira. Mas ninguém diz isto.

Peça a peça, toda a minha vida é destruída, como se nunca tivesse sido real. Era apenas uma linha de dominós erguida por Millicent. Quanto mais depressa caem, menos provável é conseguir livrar-me disto.

Mas continuo a assistir.

Continuo a fazê-lo até os meus olhos perderem o foco e a minha cabeça parecer desfazer-se dentro do pescoço.

Prova definitiva. É disso que preciso. Qualquer coisa como uma prova de ADN numa arma do crime, ou um vídeo de Millicent a matar uma daquelas mulheres.

Só que não tenho nada disso.

O telefone acorda-me. Adormeci, enquanto assistia ao meu próprio apocalipse. Os assentos da sala de multimédia de Kekona são demasiado confortáveis.

Pego no telefone e ouço a voz de Andy.

— Ainda respiras?

— Pouco.

— Não acredito que ainda não te apanharam.

— Subestimas a minha inteligência. — Na televisão, estão a mostrar uma fotografia minha no baile de finalistas do secundário.

— Eu chamo-lhe a sorte dos tolos — responde.

Acima de tudo está a culpa. Andy acredita em mim, porque não sabe nem metade da história.

Está outro avaliador de perfis na televisão. Tem um sotaque nasalado cerrado que me dá vontade de mudar de canal, mas não mudo.

«O nível de tortura pode estar diretamente relacionado com o nível de fúria que o assassino sente para com a vítima. Por exemplo, as queimaduras na Naomi indicam que o assassino estava furioso com ela por alguma razão. É impossível saber se a raiva veio de alguma coisa que ela fez ou de alguém

que ela lhe tivesse recordado. Muito provavelmente, não o saberemos, enquanto ele não for apanhado.»

Agora, mudo de canal, e vejo um fantasma. O meu fantasma.
Petra.

³ Limited Liability Company, ou Sociedade de Responsabilidade Limitada. (*N. da T.*)

Sessenta e sete

Não só está viva, como parece diferente. Com menos maquilhagem e menos vistosa. Mais refinada, como se tivesse passado os dois últimos dias por toda uma mudança de visual. Os seus olhos azuis são argutos e focados, e o cabelo, dantes desengraçado, agora, está brilhante e bem cortado.

Lembro-me do seu apartamento, da sua cama. Do gato, chamado *Lionel*. Ela gosta de verde-lima e de gelado de baunilha e não podia acreditar que eu gostasse de fiambre na piza. Não gosto.

Também me lembro do som da sua voz quando me perguntou se era mesmo surdo. A mesma voz que ouço agora, na televisão. Desconfiada. Acusatória. Ligeiramente magoada.

— *Conheci o Tobias num bar.*

Quando o jornalista lhe pergunta porque esperou dias para falar, Petra hesita antes de responder.

— *Porque dormi com ele.*

— *Dormiu com ele?*

Ela faz um aceno afirmativo, baixa a cabeça de vergonha. Por ter tido sexo ou por me ter escolhido, não sei. Talvez as duas coisas.

No princípio, os *media* descreveram-me como um assassino em série doentio e psicopata. Agora, sou um assassino em série doentio e psicopata que *engana a mulher*.

Como se as pessoas precisassem de mais uma razão para me odiar.

Se soubessem onde eu estava, estariam a armar-se com forquilhas. Mas não sabem, por isso, posso continuar aqui sentado, a ver televisão, a comer porcarias e à espera que me descubram ou que Kekona regresse a casa. Seja o que for que aconteça primeiro.

Petra passa a estar em todo o lado. Mente sobre algumas coisas, diz a verdade a propósito de outras. A cada entrevista, a história vai-se tornando

um pouco mais detalhada, e a minha depressão aprofunda-se um pouco mais.

Ainda tenho momentos em que penso que posso fazer alguma coisa, por isso, passo horas naquele estúpido *tablet* como se alguma coisa de novo fosse aparecer. Talvez um vídeo de Millicent naquela cave ou uma lista de mulheres a matar.

Quando não estou a fazer alguma coisa inútil, sou inútil. Uma pilha de autoaversão e autocomiseração, a perguntar-me porque me casei. A desejar nunca ter posto os olhos em cima de Millicent, nunca me ter sentado ao seu lado naquele avião. Nunca me teria tornado quem sou agora, se não fosse ela.

E quando não estou a afogar-me nas areias movediças da depressão, estou de olhos fixos na televisão. Finjo que tudo isto é um problema de outra pessoa.

Pergunto-me quanto me odiarão os meus filhos. O que estará o doutor Bege a dizer sobre mim. Aposto que está a dizer à Jenna que sou a fonte de todos os seus problemas. Nunca foi Millicent, nunca foi Owen, fui sempre eu. Porque não podia ser ela.

Andy volta a ligar.

— Vi a tua mulher — conta-me.

— O quê?

— Fui a vossa casa e vi-a — diz.

— Porquê?

— Ouve, estou a tentar ajudar-te. Não é que quisesse estar na mesma sala com aquela mulher — explica. — Por isso, liguei-lhe. Eu e a Millicent temos muito em comum. Ambos perdemos os nossos companheiros.

Só que eu não estou morto.

— Os miúdos estavam lá?

— Sim, eu vi-os. Estão bem. Talvez a dar um pouco em malucos, porque não saem de casa. Os *media*, e isso.

— Disseram alguma coisa sobre mim?

Uma pausa.

— Não.

Esta é provavelmente uma boa notícia, mas não deixa de me magoar.

— Ouve, seja o que for que queiras fazer, é melhor que o faças depressa — avisa-me Andy. — A Millicent diz que quer levar os miúdos para fora e sair daqui por algum tempo.

Isto seria razoável para uma esposa que acabou de descobrir que o marido é um assassino em série. Também seria razoável para uma assassina em série que tinha acabado de incriminar o marido.

— Não disse para aonde, pois não?

— Não.

— Bem me parecia.

— Só mais uma coisa — prossegue.

— Sim?

— Se não tivesse falado contigo antes de tudo isto acontecer, não sei se teria acreditado em ti. Não depois de ver a Millicent daquela maneira.

— Que maneira?

— Como se estivesse devastada.

A última parte é que me preocupa. Ninguém vai acreditar numa palavra do que eu disser. Se não tiver provas.

Com o passar das horas, vou-me afundando mais na poltrona de Kekona. As imagens na televisão vão flutuando diante dos meus olhos: Lindsay, Naomi, eu, Petra, Josh. Ele está a falar, sempre a falar, e repete tudo. *Autópsia. Estrangulada. Torturada.* Deve ter dito esta última um milhão de vezes.

No milhão e um, endireito-me no assento.

Levanto-me, corro pela casa de Kekona, atiro com as roupas e o lixo para o lado até o encontrar.

O *tablet* de Millicent.

Ela tinha feito pesquisas em sítios médicos em busca de informação sobre problemas de saúde infanto-juvenis, mas talvez houvesse mais. Talvez me tivesse escapado.

Se quisesse torturar uma pessoa, mas sem a matar, teria de pesquisar sobre o assunto. E teria de começar por procurar vários tipos de ferimentos em sítios médicos.

Improvável. Muito, muito improvável.

Por mais estúpido que me sinta por pensar que este tipo de prova estaria no *tablet*, o que me faz continuar é imaginar quão estúpido me sentiria se não procurasse... e ela estivesse ali o tempo todo.

Encontrei o *tablet* na sala de jantar de Kekona, numa mesa suficientemente grande para sentar dezasseis pessoas. Parece um sítio

perfeito para me sentar e voltar a revistar aquele *tablet*. Abro cada sítio, à procura de qualquer coisa sobre tortura e estrangulamento. Procuro queimaduras com água quente e óleo, hemorragias internas e cortes nas pálpebras. Procuro até queimaduras de cigarros, o que é absurdo, porque Millicent se recusa a estar perto de cigarros.

Não encontro nada.

Ela procurou quanto tempo demora um pulso aberto a sarar. Também procurou uma variedade de informação sobre problemas de estômago — o que os causa e o que fazer para os debelar.

Mais nada.

Nada sobre tortura, nada útil. Devia ter calculado.

Atiro com o *tablet* para longe, e ele desliza pela mesa fora. A minha reação imediata é ir ver se a risquei. Como se isso interessasse, mas faço-o na mesma. Levanto-me para olhar para a mesa de Kekona, passando um dedo pela madeira, quando qualquer coisa no ecrã chama a minha atenção.

Ainda está na página sobre os problemas de estômago. No lado direito do ecrã, há uma lista de possíveis causas. Uma delas está púrpura em vez de azul, porque o *link* foi clicado.

Colírio oftalmológico.

Sessenta e oito

Tetrahidrozoína é o princípio ativo das gotas oftalmológicas para tratar a vermelhidão dos olhos. Engolir uma grande quantidade pode causar problemas graves. As gotas baixam a tensão arterial e podem deixar uma pessoa em coma. Ou matá-la.

Mas engolir uma pequena quantidade causa problemas de estômago e vômitos. Sem febre.

As gotas são de Millicent.

Ela tem-nas dado à Jenna.

Não.

Impossível.

A ideia deixa-me fisicamente doente. Jenna é a nossa filha. Não é Lindsay nem Naomi. Não é alguém que se torture.

Ou talvez seja. Talvez Jenna não seja diferente. Para Millicent.

A minha filha não tem um problema de estômago recorrente.

Tem uma mãe que tem estado a envenená-la.

Quero matar Millicent. Quero ir a minha casa, matar a minha mulher e acabar com aquele assunto. Estou tão zangado como isto.

Este sentimento é diferente. Dantes, nunca tinha pensado efetivamente «Quero matar uma mulher», ou mesmo: «Quero matar esta mulher, em particular.» O meu desejo não era assim tão claro, tão sucinto. Tinha que ver com Millicent, com nós os dois, e o que eu desejava retirar daquilo era mais complexo.

Agora é simples. Quero que a minha mulher morra.

Dirijo-me para a porta da frente sem um chapéu, nem um disfarce, nem uma arma de tipo nenhum. Estou zangado e enojado, e não me interessa que

não tenha nenhum plano. Pus a mão na porta quando percebo como sou estúpido. Como sempre, fui estúpido.

Provavelmente, conseguiria atravessar Hidden Oaks sem ser visto. A maior parte das pessoas julga que estou em fuga, não escondido no meu próprio bairro. E, chegando a minha casa, poderia entrar, porque tenho a chave. Presumindo que não estou a ser vigiado.

Por outro lado, a minha mulher. Que sei agora que é um monstro.

Tal como o verdadeiro Owen.

Os meus filhos, também. Estão dentro de casa, e ambos acreditam que sou eu, não ela. Eu é que sou o monstro. E, agora, a única coisa que consigo ver é a sua reação quando eu matar a sua mãe.

Não abro a porta.

Não necessito apenas de um plano, preciso de provas. Porque, na televisão, provas contra mim estão em todo o lado.

O meu ADN. Embora não devesse ser uma surpresa, Millicent continua a deixar-me atónito. Tenho dito isto desde que a conheci.

Conseguiu espalhar o meu ADN por toda a Igreja Cristã do Pão da Vida. O meu suor é encontrado na maçaneta da porta principal, na fechadura da porta para a cave, até no corrimão das escadas. É como se ela tivesse uma ampola do meu suor e o borrifasse por todo o lado.

Uma gota do meu sangue é encontrada nas prateleiras junto à parede.

Mais suor nas algemas.

Sangue nas manchas e no chão.

Ela faz com que pareça que limpei tudo, mas falhei alguns pontos.

Claire dá uma conferência de imprensa a meio do dia para anunciar tudo isto. Sou oficialmente promovido de pessoa de interesse a suspeito. O único suspeito.

Ela diz até que estou «possivelmente armado e sou definitivamente perigoso».

Depois de passar várias horas a ver os especialistas, jornalistas e antigos amigos crucificarem-me, saio finalmente de casa. Saio de Hidden Oaks para o mundo, onde alguém pode, ou não, reconhecer-me.

Do outro lado da cidade, passo pelo EZ-Go onde costumava ir buscar café. Em vez de parar, viajo quinze quilómetros pela interestadual para ir a outro EZ-Go, que tem a mesma máquina *self-service*. Com o boné de basebol e quase uma semana de barba crescida, entro e compro um café.

O rapaz ao balcão mal levanta os olhos do telefone. É quase anticlimático.

Também me confere alguma ousadia. Nem todas as pessoas do mundo andam à minha procura. Provavelmente, podia comer num restaurante, fazer compras num centro comercial e ver um filme antes de alguém me reconhecer. Só não quero fazer nenhuma dessas coisas.

Quando chego a Hidden Oaks, alguma coisa me faz passar por minha casa. O relvado está limpo de brinquedos, e o letreiro de boas-vindas na porta desapareceu. As persianas estão corridas, e as cortinas fechadas.

Pergunto-me se Millicent comprou outro frasco de gotas oftalmológicas, ou se procurou sequer o antigo.

Também me pergunto se Jenna terá sido a única a ser envenenada.

Também estive doente algumas vezes. Se Millicent é capaz de fazer adoecer a própria filha, é capaz de o fazer com qualquer pessoa.

Mas não entro em casa. Ainda não. Volto para a casa de Kekona. A polícia não está à minha espera, nem fui seguido. Tudo lá dentro parece igual.

Quase deixo a televisão desligada, para ter um intervalo, mas não consigo.

Toda a gente está a falar de ADN, e a única exceção é o Josh. Voltou a ser jornalista, e está a entrevistar um patologista. A voz deste homem não é tão irritante, mas é um pouco aborrecida, como a de um professor, pelo menos, até ele chegar aos cortes com papel sofridos por Naomi.

«A localização dos cortes com papel é importante para determinar o que os causou. Dizemos «papel» pelo tipo de corte, mas também há diferentes tipos de papel. Por exemplo, a Naomi tinha cortes de papel superficiais na pele mais rija, como a planta dos pés, e cortes mais profundos em áreas mais macias, como o interior do braço. Isto indica que foi usado o mesmo artigo, mas não pode ter sido um papel vulgar. Tinha de ser qualquer coisa capaz de cortar um calcanhar.»

Salto do sofá como se tivesse levado um choque. E, de certa forma, levei. Sei o que Millicent usou para fazer aqueles cortes.

Sessenta e nove

Millicent raramente faz seja o que for por acaso. Tem uma razão para tudo, mesmo que seja para se divertir.

Esta é uma dessas vezes.

Começou há muitos anos, quando me perguntou se a protegeria de idiotas em aviões que tentassem engatá-la.

Obrigava-os a ficar no assento do meio, baixava os apoios dos braços e fazia-lhes cortes nas mãos com a brochura informativa dos procedimentos de emergência.

A brochura informativa dos procedimentos de emergência. A que lhe dei no primeiro Natal que passámos juntos. Ela sempre a guardou.

No seu velho apartamento, tinha-a colado no espelho da casa de banho.

O primeiro sítio onde morámos era uma pequena casa arrendada, e a brochura foi fixa ao frigorífico com um íman de uma cara com olhos esbugalhados.

Quando comprámos a nossa primeira casa, ela enfiou-a na moldura do nosso espelho de corpo inteiro.

E, na nossa casa maior e mais cara, temos dois miúdos que não apreciam a piada da brochura informativa dos procedimentos de emergência. Acham-na pirosa. Millicent anda com ela enfiada no interior da viseira no seu carro. Quando o sol lhe bate nos olhos, e ela a baixa, a brochura fá-la rir.

Foi essa brochura que ela usou para fazer todos aqueles cortes de papel. Tenho mais certeza disso do que alguma vez tive de qualquer outra coisa.

*

Hidden Oaks não é um sítio fácil para alguém se esconder. As pessoas reparam em carros novos, em especial, os que aparecem e estacionam. Não

reparam em pessoas a correr ou a caminhar. As pessoas estão sempre a começar e a interromper programas de exercício físico, portanto, a qualquer momento, podem estar dez pessoas na rua ou nenhuma. Algumas estão sempre na rua, como Millicent, mas a maior parte entra e sai.

Com o mesmo boné de baseball, mais pelo facial, calças de fato de treino largas e uma grande *T-shirt* — graças a Kekona, que é dona de uma extraordinária quantidade de roupa demasiado grande —, saio pela porta das traseiras da sua casa, salto a vedação e corro para a estrada.

Só passou uma semana desde que desapareci, e a imprensa continua em todo o lado. Seria impossível para Millicent e os miúdos viverem vidas normais, neste momento. Ela não pode ir trabalhar, nem os miúdos podem ir à escola, mas quero saber se Millicent alguma vez sai de casa. Seria muito mais fácil conseguir aquela brochura informativa dos procedimentos de emergência se ela tirasse o carro da garagem e o estacionasse nalgum sítio aonde eu pudesse chegar.

Qualquer coisa pode correr mal com esta ideia. Talvez ela tenha limpado cuidadosamente aquele cartão, e não exista nele ADN nenhum — nem dela nem de nenhuma das mulheres. Ou talvez se tenha livrado dele, deitando-o fora ou queimando-o.

Para meu bem, espero que não.

Posso não saber tudo o que ela faz, nem tudo o que tem feito, mas sei quem é no fundo. Ela guarda aquela brochura para se lembrar de nós. E para se lembrar do que fez àquelas mulheres. Millicent gosta disso. Sei-o agora.

Irá a polícia acreditar em mim quando lhes levar aquela brochura? Se tiver o ADN de uma ou mais mulheres mortas e de Millicent, mas não meu? Provavelmente, não.

Acreditarão em mim se lhes falar também do edifício que Millicent comprou com três LLC, se lhes falar de Denise e da irmã de Owen, se lhes mostrar a minha agenda de quando todas essas mulheres desapareceram? Estive sempre em casa. E não faço ideia do que os miúdos vão dizer sobre essas noites.

Não, não acreditariam em mim. Com o meu ADN na cave, e diversas pessoas a identificarem-me como Tobias, para não falar do comportamento de Millicent, não acreditarão por um segundo que sou inocente. Mas podem acreditar que Millicent e eu matámos aquelas mulheres juntos, o que manteria os meus filhos em segurança.

É a única hipótese que tenho. Não para me salvar, mas para pô-la onde ela deve estar. Na cadeia ou no inferno — qualquer coisa me serve, desde que seja longe dos meus filhos.

Corro ao longo do bloco paralelo à minha casa, à procura do carro de Millicent nos caminhos entre as casas. Na minha segunda passagem, corro pela rua em que ela viraria para ir para a escola.

Como estava à espera, não vejo o seu carro.

Ao longo do dia, vou passando de novo, mas nunca a vejo sair. Só não consigo ter a certeza. Seria tão mais fácil se tivesse deixado o localizador no seu carro. Ainda assim, tento, porque tenho de o fazer. Correr e caminhar tornaram-se o meu novo passatempo. É pena não ter podido adotar aquele cão no canil. Teria dado jeito agora.

Ligo a Andy. Ele parece espantado por me ouvir. Talvez espantado por eu estar vivo.

— Tenho só uma pergunta — começo por lhe dizer.

— Força.

Pergunto se Millicent alguma vez sai de casa.

— Calculo que nem sequer esteja a ir trabalhar — digo.

Ele hesita antes de responder.

— Não me parece. Os vizinhos têm-lhe levado comida todos os dias. Já há comida por todo o lado. Acho que estão resguardados, para evitar os *media*.

— Foi o que calculei.

— Porquê?

— Não interessa. Obrigado de novo. Não fazes ideia de como te estou agradecido.

Ele pigarreia.

— O que foi? — pergunto.

— Tenho de te pedir para não voltares a ligar. — Quando não digo nada, ele continua. — É o ADN. Isto tudo tornou-se muito maior do que...

— Compreendo. Não te preocupes.

— Eu acredito em ti — afirma. — Só não posso continuar...

— Eu sei. Não vou voltar a ligar.

Ele desliga.

A única surpresa é que Andy tenha continuado do meu lado tanto tempo. Eu não merecia a sua amizade, depois de Trista.

O Sol começou a pôr-se, e decido fazer uma última passagem pela casa, antes de tentar entrar. Só preciso de chegar à garagem e ao seu carro, mas tem de ser depois de Millicent adormecer.

E tenho as chaves.

Quinze minutos depois, passo pela rua paralela e procuro qualquer coisa de invulgar. Como um carro da polícia descaracterizado, porque estão à espera que eu faça justamente o que estou prestes a fazer. Nada. Nenhum carro estranho, nenhuma carrinha de trabalho. Não há nada que não reconheça lá da rua. Exceto eu, o barbudo que corre demasiado. É estranho que ainda ninguém me tenha interpelado.

Volto para a casa de Kekona usando ruas diferentes. É o caminho mais longo, mas dantes usei o caminho mais curto. Quando chego à entrada da rua para a sua casa, estaco.

Está um carro em frente.

A condutora retira uma mala da bagageira.

Ouçõ a sua voz. Kekona voltou.

Setenta

Ela vai perceber. Todos vão perceber.

Kekona vai levar alguns segundos a perceber que alguém tem estado em sua casa. A polícia vai levar alguns segundos a perceber que era eu. O meu carro está na garagem. As minhas impressões digitais estão por todo o lado. Tal como o meu ADN, e o *tablet* de Millicent está mesmo na mesa da cozinha.

Oh, e a minha carteira. Não a levei comigo quando saí para correr. Também está na mesa da cozinha.

Volto pelo caminho por onde vim e corro até às casas menos caras de Oaks. Ali há um pequeno espaço verde, à saída do parque infantil, onde paro ao lado de um renque de árvores, fingindo fazer estiramentos.

Não tenho para onde ir. Não posso ligar ao Andy, nem tenho telefone para o fazer. Não tenho dinheiro, nem amigos e a falta de esperança é quase total. Mas tenho umas chaves. São a única coisa que tenho no bolso.

Esta ia ser a noite, de qualquer maneira, em que entraria na garagem para ir buscar a brochura informativa de emergência. Nesse aspeto, nada mudou. O que mudou foi que preciso de um sítio para me esconder até Millicent adormecer.

A primeira coisa que me ocorre é o clube. Bastantes salas pequenas e armários onde me posso esconder até bem depois do anoitecer. Entrar e sair é que será o problema. Demasiadas câmaras.

O campo de golfe está vazio à noite, mas cheio de espaços abertos, visíveis da estrada.

Nunca encontrarei um carro destrancado, não em Hidden Oaks. Aqui, toda a gente tem carros modernos e caros, daqueles com computadores que fazem tudo, incluindo trancar as portas.

Por um momento, pondero esconder-me debaixo de um carro. Só tenho medo que alguém entre nele e o ligue.

Ao longe, sirenes. Vêm nesta direção, mas não para aqui. Para a casa de Kekona.

As minhas opções continuam a reduzir-se, e preciso de agir. Só não posso ficar neste pequeno espaço verde para sempre. A não ser que me enterre.

Até considero esconder-me no meu próprio jardim das traseiras. Depois, faço-o mesmo.

Tudo parece diferente do alto. A rua, os carros, o céu. A minha casa. A minha cozinha, onde a luz está acesa.

Millicent.

Foi ela que me convenceu a subir a uma árvore. Não é algo que pensei que voltaria a fazer, mas aqui estou eu, escondido no grande carvalho ao fundo do nosso jardim. Suficientemente longe da casa para ninguém ouvir as folhas a agitar-se quando o trepo.

Millicent está a arrumar a cozinha. Demasiado longe para distinguir quaisquer pormenores para além do cabelo ruivo e da roupa preta. Aposto que se veste sempre de preto ultimamente, em especial, quando a polícia aparece. De luto por aquelas mulheres, o seu marido, a destruição da sua família.

Estou impressionado e enojado, ao mesmo tempo.

Rory entra na cozinha e vai direto ao frigorífico. Não move o braço direito, suponho que ainda o tenha ao peito. Escolhe qualquer coisa e continua ali por uns minutos, a falar com Millicent.

Jenna nunca vai à cozinha, mas tenho de acreditar que ela está bem. Não está doente. Millicent não tem qualquer razão para a envenenar hoje.

Começo a ficar com câibras nas pernas, e ajusto-as um pouco, embora não tenha para onde ir. A luz da cozinha apaga-se, mas as do quarto estão acesas. Ainda é demasiado cedo para irem dormir.

À minha volta, o bairro aquieta-se à medida que toda a gente se instala em casa. Há muito poucos carros na estrada. É uma noite de terça-feira, não uma noite popular para grandes saídas. Encosto a cabeça ao tronco da árvore e espero.

Pelas dez da noite, toda a gente devia estar na cama. Às onze, quase desço, mas depois deixo passar outros trinta minutos. Às onze e meia, salto

dali e caminho ao longo de toda a extensão do jardim, junto à cerca, até à casa.

Quando me dirijo para a porta lateral que dá acesso à garagem, ergo o olhar.

A luz de Rory está apagada e a janela fechada.

Quase nunca usamos a porta lateral para a garagem. Deixa-me um pouco exposto, porque fica em frente ao portão das traseiras. Insiro a chave na fechadura e abro-a. O ruído soa muito mais alto do que provavelmente é, e imobilizo-me por um segundo antes de entrar.

Paro no interior ao lado da porta e espero que os meus olhos se adaptem, para não ter de acender nenhuma luz.

Começo a distinguir os contornos do carro de Millicent. O seu utilitário desportivo de luxo está parado no meio da garagem. Já não há necessidade de deixar espaço para mim. Passo para o lado do condutor, grato por a janela ter ficado aberta. Nem sequer tenho de abrir a porta. Limito-me a baixar a viseira. Qualquer coisa cai no assento.

Apalpo o estofo, mas não encontro nenhuma brochura, nem coisa parecida. Abro a porta do carro. De imediato, a luz acende-se e vejo qualquer coisa no assento de pele bege.

Um brinco de vidro azul.

Petra.

Ela sabia. Millicent sabia das duas mulheres com quem dormi.

Rory nunca contou a Jenna. Contou à mãe.

Caio de joelhos. A palavra derrota não chega para descrever o que sinto. Estou feito. Feito, simplesmente.

Acabo deitado no chão de cimento, enrolado na posição fetal. Sem força de vontade para me levantar, quanto mais para fugir. É mais fácil ficar ali e esperar que me encontrem.

Fecho os olhos. O chão está tão fresco, quase frio, e o ar é uma combinação de pó, óleo e um pouco de cheiro a tubo de escape. Não reconfortante, não agradável. Mesmo assim, não me mexo.

Passa uma hora, ou duas. Não faço ideia. Talvez sejam apenas cinco minutos.

São os meus filhos que me fazem levantar.

E o que Millicent lhes pode fazer.

Setenta e um

A casa não está na mais completa escuridão. A luz dos candeeiros da rua e da lua filtra-se pelas janelas, permitindo-me ver o suficiente para não tropeçar. Para não fazer qualquer ruído. Embora saiba que vou ser apanhado, e, muito em breve, isso ainda não pode acontecer.

Ao fundo das escadas, paro e escuto. Ninguém se move no andar de cima. Subo as escadas.

O quinto degrau range um pouco. Talvez o soubesse, ou talvez nunca tivesse prestado atenção.

Continuo a subir.

O quarto de Jenna fica à esquerda, seguido do quarto de Rory, e, ao fundo do corredor, está o quarto principal.

Começo pela minha filha.

Está deitada de lado, virada para a janela, e a sua respiração é regular. Pacífica. O seu grande edredão branco está enrolado à sua volta, como se ela estivesse dentro de uma nuvem. Quero tocar-lhe, mas sei que é má ideia. Observo-a, memorizando tudo. Se me puserem na prisão para sempre, é assim que quero recordar a minha menina. Segura. Confortável. Saudável.

Passados vários minutos, saio e fecho a porta atrás de mim.

Rory está esparramado na cama, com os membros por todo o lado. A maior parte deles, pelo menos. O braço doente é o único que está junto ao corpo. Ele dorme de boca aberta, mas não ressona; é tão estranho. Observo-o da mesma forma que observei Jenna, a guardar tudo. Esperando que o meu rapaz se transforme num homem melhor do que o seu pai. Esperando que nunca conheça uma mulher como Millicent.

Não o posso culpar por ter contado tudo à mãe. Culpo-me a mim mesmo. Por Petra, por ter trazido os brincos. Por tudo aquilo.

Saio da sala, fecho a porta sem fazer ruído e avanço pelo corredor. Imagino Millicent na cama, enroscada debaixo das cobertas, o cabelo ruivo

espalhado na almofada branca. Consigo ouvir a sua respiração demorada quando está profundamente adormecida. E consigo ver o olhar chocado nos seus olhos quando acordar e sentir as minhas mãos em volta da sua garganta.

Porque vou matar a minha mulher.

Quando Millicent descobriu que a tinha traído, deu com o seu ponto de rutura.

Esta noite, dei com o meu.

Chego à porta fechada do quarto e encosto-me a ela, a ouvir. Nem um som. Quando abro a porta, a primeira coisa que vejo é a cama.

Vazia.

O meu primeiro instinto é verificar atrás da porta. Talvez porque sei que Millicent me apunhalaria pelas costas.

Nada.

— Até que enfim.

A voz vem do outro lado do quarto. Vejo uma sombra, a silhueta dela. Millicent está sentada junto à janela, no escuro. À minha espera.

— Eu sabia que virias — diz.

Dou um passo em frente. Não muito grande.

— Sim?

— Claro. É o que costumias fazer.

— Vir para casa?

— Não tens mais para aonde ir.

A verdade atinge-me como uma bofetada. A parte pior é que consigo ouvi-la a sorrir.

Está demasiado escuro para ver alguma coisa até ela acender a luz e se levantar. Millicent está com a sua camisa de dormir comprida. É branca e ondula em volta dos seus pés. Não estava preparado para a encontrar acordada. Nem sequer trouxe uma arma.

Mas ela sim.

A arma na sua mão está virada para o chão, o braço caído ao lado do corpo. Ela não está a apontar para mim. Também não a esconde.

— É esse o teu plano? — pergunto, apontando para a pistola. — Matar-me em autodefesa?

— Não foi isso o que vieste aqui fazer? Matar-me?

Ergo as duas mãos. Vazias.

— Não me parece.

— Estás a mentir.

— Estou? Talvez só queira conversar.

Ela ri-se.

— Não podes ser assim tão estúpido. Se fosses, não tinha casado contigo.

A cama está entre nós. É do tamanho maior, e pergunto-me se consigo saltar por cima dela antes de a minha mulher levantar a arma e disparar.

Provavelmente, não.

— Não encontre aquela brochura de emergência, pois não? — troça.

Não respondo.

— O Rory deu-me aquele brinco barato — diz. — Pensou que andavas a trair-me, mas agora percebeu que andavas a sair para matar mulheres. Claro, não lhe disse que estava certo da primeira vez.

Abano a cabeça, tentando perceber.

— Porque...

— Deixei aquela mulher viva para toda a gente descobrir o filho da mãe traidor que tu és — diz.

Petra.

Petra ainda está viva, porque foi para a cama comigo. E nunca o saberá.

— Fazes ideia — continua Millicent — da quantidade de terapia que o nosso filho vai precisar?

Não consigo assimilar a loucura do que ela fez. A estonteante dose de paciência. De disciplina.

— Porque é que não te limitaste a deixar-me? — pergunto. — Porquê fazer tudo isto?

— Fazer o quê? Tratar da nossa casa, cuidar dos miúdos, garantir que tudo corre tranquilamente? Tratar das nossas finanças e fazer o jantar? Ou estás a referir-te ao Owen? Porque o plano original era trazê-lo de volta. Por nós. — Ela dá mais um passo em direção à cama, mas não para a contornar.

— Não...

— E tu estás tão disposto a isso. Mal tive de fazer alguma coisa. Foste tu que mataste a Holly, não eu.

— Ela ameaçou-te. Ameaçou a nossa família.

Millicent atira a cabeça para trás a rir. De mim.

Fico a olhar para ela, lembrando-me de todas as histórias que me contou sobre Holly. Os ferimentos, os acidentes, as ameaças. O corte na sua mão,

entre o polegar e o indicador. As peças reorganizam-se na minha cabeça, como um *puzzle* que tivesse sido mal montado.

Fora Millicent que fizera tudo aquilo a si própria. Holly apenas apanhara com as culpas.

— Credo! — exclamo. — A Holly nunca foi uma ameaça, pois não?

— A minha irmã não passava de uma fraca choramingas, que mereceu tudo o que lhe fiz.

— Ela bateu com o carro, porque estavas a torturá-la — percebo. — Não o contrário.

Millicent sorri.

Tudo me atinge ao mesmo tempo. O embate é suficientemente violento para me deixar tonto. Millicent incriminou a irmã da mesma maneira que me incriminou a mim.

Ela sempre torturou pessoas. A irmã. Lindsay. Naomi.

Jenna. Talvez não tenha envenenado Jenna só para me deixar fora do seu caminho.

E a mim. Talvez todas aquelas vezes em que estive doente tenha sido ela a causadora.

Porque Millicent gosta de fazer mal às pessoas.

— És um monstro.

— Que engraçado, porque a polícia disse o mesmo a teu respeito.

O olhar é de triunfo, e, pela primeira vez, vejo como é feia. Não consigo acreditar que alguma vez a achei linda.

— Encontrei as gotas oftalmológicas — digo. — As que estavam na despensa.

Os seus olhos chispam.

— Tens estado a envenenar a nossa filha.

Ela não estava à espera disto. Não pensou que eu ia descobri-lo.

— Estás mesmo louco — responde. De forma um pouco menos convincente, agora.

— Tenho razão. Estiveste a pô-la doente, este tempo todo.

Ela abana a cabeça. Pelo canto do olho, vejo qualquer coisa a mover-se. Olho para a porta.

Jenna.

Setenta e dois

Está parada à porta com o seu pijama laranja e branco. Acordada. A olhar para a mãe.

— Puseste-me doente? — pergunta. A sua voz é tão pequena que a faz soar como um bebé. Um bebé de coração destrozado.

— Claro que não — diz Millicent. — Se alguém te envenenou, foi o teu pai.

Jenna vira-se para mim. Os seus olhos estão marejados de lágrimas.

— Papá?

— Querida, não. Não fui eu.

— Ele está a mentir — acusa-me Millicent. — Ele envenenou-te. E matou aquelas mulheres.

Fico a olhar para Millicent, sem saber quem é a pessoa com quem casei. Ela devolve-me o olhar. Viro-me para a minha filha.

— Ela pôs gotas para os olhos na tua comida para te deixar doente.

— És maluco — diz Millicent.

— Pensa bem — peço a Jenna. — De todas as vezes que estiveste doente, quem é que fez a tua comida? Eu alguma vez cozinho, de todo?

Jenna olha para mim, depois, os seus olhos desviam-se para a sua mãe.

— Querida, não o ouças — diz Millicent.

— O que é que se passa?

Somos todos sobressaltados pela nova voz.

Rory.

Ele aparece atrás de Jenna. Tem os olhos sonolentos e esfrega-os, enquanto vai olhando para mim, para a mãe e para a irmã, parecendo confuso com tudo. Os meus filhos viram as suas vidas implodir na última

semana. O pai foi acusado de ser um assassino em série; a mãe, provavelmente, disse-lhes que é verdade. Não sei se acreditaram.

— Pai? O que estás aqui a fazer?

— Eu não fiz o que andam a dizer, Rory. Tens de acreditar em mim.

— Pára de mentir — diz Millicent. — A única coisa que ele faz é mentir.

Rory olha para a mãe e pergunta:

— Já chamaste a polícia?

Ela abana a cabeça.

— Ainda não consegui. Ele acabou de entrar no quarto.

— E, só por acaso, estavas com essa arma na mão? — interpelo-a.

Os olhos de Rory abrem-se quando vê a pistola. Ela ainda não levantou a mão.

— Ela estava à espera que eu aparecesse — digo. — Para poder matar-me e alegar que eu a ataquei.

— Cala-te! — ordena Millicent.

— Mãe? — diz Jenna. — Isso é verdade?

— O vosso pai veio aqui para me matar.

Abano a cabeça.

— Isso não é verdade. Vim aqui para vos levar para longe da vossa mãe — replico. E vou ainda mais longe, porque eles têm de saber. — A vossa mãe incriminou-me. Eu não matei aquelas mulheres.

— Espera um minuto — diz Rory. — Não estou a...

— O que é que se está a passar? — grita Jenna.

— Basta — diz Millicent. A sua voz é baixa e dura.

Todos nos calamos, como fazemos sempre que ela diz isto. No silêncio, ouve-se a respiração de toda a gente.

— Meninos, saiam daqui — ordena Millicent. — Vão lá para baixo.

— O que vais fazer? — quer saber Jenna.

— Vão.

— O pai não tem uma arma — diz Rory.

Mais uma vez, ergo as minhas mãos vazias.

— Nem sequer tenho um telefone.

Rory e Jenna viram-se para a mãe.

Millicent faz-me um olhar furioso quando dá um passo em frente e ergue a mão. Aponta-me a arma.

— Mãe! — grita Jenna.

— Espera. — Rory dá um salto em frente, colocando-se entre mim e a arma. Atira com o lenço que lhe prende o pulso ao peito e levanta os dois braços.

Millicent não baixa a mão. Ergue a outra e segura a pistola com as duas mãos. A arma está apontada ao nosso filho.

— Sai da frente.

Ele abana a cabeça.

— Rory, tens de te desviar — digo.

— Não. Baixa a arma.

Millicent dá um passo em frente.

— Rory.

— Não.

Consigo ver a fúria nos olhos dela, até no rosto. Está a ficar de um tom de vermelho pouco natural.

— Rory — vocifera. — Sai.

A sua voz é um rugido. Vejo Jenna dar um pequeno pulo.

Rory não se mexe. Estendo a mão, tencionando agarrar-lhe o braço e desviá-lo da minha frente. Nesse momento, Millicent desvia a arma e dispara um tiro. A bala vai direita à nossa cama.

Jenna grita.

Rory gela.

Millicent dá um passo para ele.

Perdeu o controlo. Vejo-o nos seus olhos negros como breu. Vai disparar sobre Rory, se for preciso.

Vai matar-nos a todos.

Salto para a frente e atiro Rory ao chão, cobrindo o seu corpo com o meu. Quando atingimos o soalho, vejo uma mancha laranja com pintas brancas. E um reflexo metálico.

Jenna. Tem a faca que estava debaixo da cama. Nunca a tinha visto nas suas mãos.

Precipita-se sobre Millicent, com a faca erguida, e choca contra ela. Ambas caem para trás sobre a cama.

A arma dispara uma segunda vez.

Outro grito.

Levanto-me de um pulo. Rory está mesmo atrás de mim. Agarra na arma, que caiu da mão de Millicent. Eu pego em Jenna e puxo-a para mim. A faca vem consigo, saindo de Millicent.

Sangue.

Tanto sangue.

Millicent está agora no chão, com as mãos agarradas ao abdómen. O sangue é dela.

Atrás de mim, Jenna grita, e viro-me para ver se está magoada. Rory faz-me um aceno negativo e aponta para a parede. A segunda bala está ali alojada, não dentro da minha filha.

— Leva-a daqui — digo-lhe.

Rory arrasta Jenna para fora do quarto. Está histérica e grita todo o caminho ao longo do corredor, deixando cair a faca ensanguentada.

Viro-me para Millicent.

Está deitada no chão, a olhar para mim. A camisa de dormir branca tinge-se de vermelho, mesmo diante dos meus olhos. Parece-se exatamente com a minha mulher, mas, ao mesmo tempo, não é nada como ela.

Abre a boca e tenta falar. Sai apenas sangue. Millicent olha para mim, com um olhar enlouquecido. Não tem muito tempo de vida. Alguns minutos, alguns segundos, e ela sabe-o. Continua a tentar dizer qualquer coisa.

Pego na faca e enterro-a com força, mergulho-a fundo no seu peito.

Millicent não terá a última palavra.

Epílogo

Três anos depois

O mapa na parede mostrava o mundo inteiro, da Austrália às Américas, passando pelo Polo Norte e o Polo Sul. Não usávamos dardos, porque todos temos aversão a objetos de metal com pontas aguçadas. Em vez disso, desencantámos um velho jogo de Prende a Cauda no Burro e pusemos novos adesivos nas pontas de fita. Vendados, cada um foi pela sua vez. Jenna foi a primeira, seguida de Rory. Eu fui o último.

Suspirei de alívio quando duas das três primeiras caudas aterraram na Europa. Nem o Ártico nem a Antártida soavam muito convidativos.

Colámos um mapa da Europa e jogámos de novo — lavar, enxaguar, repetir — até encontrarmos um novo sítio para viver: Aberdeen, Escócia.

A nossa escolha estava feita.

Isto foi há dois anos e meio, logo depois de eu ser finalmente ilibado pela polícia. Não julguei que o seria. De facto, pensei que Millicent seria considerada outra das minhas vítimas. Ninguém soube que foi Jenna que a esfaqueou, depois de eu ter limpado a faca e garantido que as únicas impressões digitais visíveis nela eram as minhas. E também confessei. Disse à polícia que matei a minha mulher em autodefesa, porque era ela a verdadeira assassina. Nunca me ocorreu que alguém fosse acreditar.

E não teriam acreditado se não fosse o Andy, que disse que não podia ter sido eu. Eu nem sequer conseguia usar um *tablet*, disse-lhes, como raio ia conseguir matar tantas mulheres sem ser apanhado? Mas mencionou que eu era um ótimo treinador de ténis.

E os meus filhos. Jenna contou à polícia que ouviu a nossa discussão, e que a mãe admitiu ter-me incriminado. Rory disse-lhes que foi em autodefesa, porque a mãe ia disparar sobre ele. Nenhum contou à polícia o que aconteceu realmente. Esses pormenores não interessam.

Gosto de pensar que a polícia acreditou em toda a gente que me defendeu, que percebeu que eu não podia ser um assassino. Mas também havia o ADN. Todas as provas na cave da igreja foram submetidas a rigorosos testes no laboratório do FBI, em Quantico. O resultado confirmou o que já sabiam: o ADN era meu.

As amostras vinham de duas fontes: suor e sangue. E salvaram-me. Ou melhor, foi a falta de conhecimento de Millicent que me salvou. Os testes do FBI revelaram que todas as amostras de sangue e suor tinham a mesma dose exata de decomposição química. Parecia que Millicent tinha recolhido os meus fluidos uma única vez para depois andar a salpicá-los em volta na mesma altura. O relatório declarava que eu devia ter estado naquela cave apenas uma única vez, porque o ADN tinha sido deixado no mesmo dia. Uma impossibilidade, se eu tivesse matado todas aquelas mulheres em diferentes alturas.

É uma pena que Millicent nunca tivesse sabido o grau das asneiras que fez.

Assim que fui ilibado, vendemos a casa e saímos de Hidden Oaks. A primeira coisa a que tive de me habituar foi ao frio. E à neve.

Nunca tínhamos vivido num sítio com neve, mas agora ela rodeia-nos. No princípio é leve e fofa, como algodão doce. Quando cobre a cidade, tudo fica em silêncio. E é como se Aberdeen tivesse sido erguida no meio das nuvens.

No dia seguinte, fica mole e suja, e toda a cidade parece coberta de fuligem.

O nosso terceiro Inverno está a chegar, e já nos habituámos mais um pouco. Rory ainda não. Ontem à noite, mostrou-me o sítio de uma universidade na Geórgia.

— Demasiado longe — protestei.

— Estamos na Escócia. Tudo é longe.

Ele tinha uma certa razão. E era essa a questão, ficarmos longe da nossa antiga vida. Estávamos bem. Não posso dizer isto sem cruzar os dedos.

A Jenna tem um novo terapeuta e alguma medicação. Acho extraordinário que ela funcione de todo, tendo em conta o que Millicent lhe fez. Rory tem também o seu terapeuta, tal como eu. De vez em quando, fazemos uma sessão de grupo, e ainda não nos magoámos uns aos outros.

Eu não lhes conto que sinto a falta dela. Às vezes. Sinto a falta da família que ela construiu, da estrutura, da maneira como ela nos mantinha

organizados. Embora não fosse sempre. Agora, não temos tantas regras, mas ainda temos algumas. Sou eu que decido, posso formular uma regra ou não. Quebrá-la ou não. Não está ninguém por perto para me dizer se estou certo ou errado.

Hoje, estou em Edimburgo, uma cidade maior do que Aberdeen. Vim falar com o meu advogado fiscal. Mudar de país é complicado. É preciso pagar impostos em múltiplos lugares, dependendo de onde fica o dinheiro. A nossa casa de Hidden Oaks foi vendida por uma boa quantia; estamos mais do que confortáveis, por enquanto. Também dou aulas de ténis. É um desporto importante na Escócia, embora na maior parte do tempo joguemos em espaços interiores.

Quando acabo de falar com o advogado, vejo que ainda tenho algum tempo antes do próximo comboio para Aberdeen. Paro num bar perto da estação e faço sinal ao empregado para me dar uma imperial. Ele enche uma caneca com um líquido escuro e xaroposo, diferente de qualquer cerveja que eu costumava beber na América.

A mulher ao meu lado tem cabelo escuro e pele pálida. Está vestida como alguém que acabou de sair do emprego e foi beber um copo antes de voltar para casa. Sinto o seu alívio por o dia estar quase terminado.

Após meia bebida, olha-me de relance e sorri.

Devolvo-lhe o sorriso.

Ela desvia o olhar, depois, olha de novo.

Pego no telefone, escrevo uma mensagem e passo-lho sobre o tampo do bar.

Olá. Chamo-me Quentin.

Agradecimentos

Quando me sentei para escrever isto, não sabia por onde começar. Nunca tinha escrito uma página de agradecimentos, mas o que sei é que muitas, muitas pessoas trabalharam muito para levar este livro às mãos dos leitores. Nunca lhes poderei agradecer devidamente, mas vou tentar.

À minha agente, Barbara Poelle. Sem ela, *A Minha Adorável Esposa* não seria um livro publicado. Suponho que seja tão perturbada como eu (talvez ainda mais), e suficientemente louca para arriscar numa desconhecida como eu.

À minha editora, Jen Monroe, tornou este livro melhor, detetou todos os meus erros e recusou-se a deixar-me escapar com qualquer coisa. O meu coração dá um pulo sempre que vejo o nome dela na caixa de entrada do meu correio eletrónico, mas isso é bom.

A toda a gente na Berkley. Estou muito grata por terem decidido publicar este livro e por todo o tempo e recursos que a ele dedicaram.

Aos meus amigos, companheiros críticos, colegas escritores, sem os quais não estaria aqui. A começar por Rebecca Vonier, que não me deixou desistir deste livro. Nunca o teria terminado sem ela, nunca o teria publicado. Marti Dumas, que anota todos os problemas da história e das personagens, e tem sempre razão. Laura Cherry, que repara em todas as pequenas coisas e me fala delas. E Hoy Hughes, que deu início ao grupo de escritores onde conheci todas estas pessoas maravilhosas.

Há muitos, muitos outros que gastaram tempo a ler e a dar a sua opinião sobre a minha escrita (a maior parte das quais era má). Nem vou tentar nomear todas as pessoas, porque me vou esquecer de alguém, mas vocês sabem quem são.

A todos os *bloggers*, escritores, críticos e a toda a gente que está com este livro nas mãos. Sou, em primeiro lugar e acima de tudo, uma leitora.

Estou grata pela alegria que os livros me proporcionam e por todos os que querem ler as minhas palavras.

Não posso esquecer a minha chefe do meu trabalho diurno e velha amiga, Andrea, que sempre me apoiou.

Por último, mas, definitivamente, não menos importante, a minha família. A minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, sem se importar com quão louca era a aventura em que me encontrava. E o meu irmão, que me tornou uma pessoa forte.

Sobre este livro

UM *THRILLER* SELVAGEM SOBRE UM CASAL
CUJO CASAMENTO DE QUINZE ANOS
SE TORNA, FINALMENTE, INTERESSANTE...

A nossa história de amor é simples. Conheci uma mulher extraordinária. Apaixonámo-nos. Tivemos filhos. Mudámo-nos para os subúrbios. Contámos um ao outro os nossos grandes sonhos e os nossos segredos mais sombrios. E depois começámos a ficar aborrecidos.

Parecemos um casal normal. Tal como os seus vizinhos, os pais do melhor amigo do seu filho, os conhecidos com quem janta de vez em quando.

Todos nós temos os nossos pequenos segredos para manter vivo um casamento. Só que o nosso envolve assassinato.

«Formidável, viciante.»
Publishers Weekly

Sobre Samantha Downing

É a autora do *bestseller* *A minha adorável esposa*, nomeado para os prémios Edgar, ITW e Macavity nos EUA, o prémio CWA no Reino Unido, e vencedor do prémio Prix des Lectrices em França.